



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SAMIRA ABDEL JALIL**

**LÍNGUAS, IDENTIDADES CULTURAIS, MIGRAÇÕES E  
NARRATIVAS: UM ESTUDO SOBRE FALANTES DE ÁRABE  
EM FOZ DO IGUAÇU**

**CAMPINAS  
2018**

**SAMIRA ABDEL JALIL**

**LÍNGUAS, IDENTIDADES CULTURAIS, MIGRAÇÕES E  
NARRATIVAS: UM ESTUDO SOBRE FALANTES DE ÁRABE  
EM FOZ DO IGUAÇU**

Tese de doutorado apresentada para defesa ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, na área de Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue.

**Orientadora: Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher**

**Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Samira Abdel Jalil e orientada pela Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher.**

**CAMPINAS  
2018**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2335-3269>

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Ana Aparecida Granzotto Llagostera - CRB 8/3672

J216L Jalil, Samira Abdel, 1978-  
Línguas, identidades culturais, migrações e narrativas : um estudo sobre falantes de árabe em Foz do Iguaçu / Samira Abdel Jalil. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Terezinha de Jesus Machado Maher.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Identidade cultural. 2. Língua árabe - Árabe falado - Foz do Iguaçu. 3. Narrativas. 4. Migração. I. Maher, Terezinha de Jesus Machado. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

#### Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Languages, cultural identities, migrations and narratives : a study about Arabic speakers in Foz do Iguaçu

**Palavras-chave em inglês:**

Cultural identity

Arabic language - Spoken Arabic - Foz do Iguaçu

Narratives

Migration

**Área de concentração:** Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilingue

**Titulação:** Doutora em Linguística Aplicada

**Banca examinadora:**

Terezinha de Jesus Machado Maher [Orientador]

Ana Cecília Cossi Bizon

Marcelo el Khouri Buzato

Samira Adel Osman

Paulo Daniel Elias Farah

**Data de defesa:** 17-12-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística Aplicada



## **BANCA EXAMINADORA**

**Terezinha de Jesus Machado Maher**

**Ana Cecilia Cossi Bizon**

**Marcelo El Khouri Buzato**

**Samira Adel Osman**

**Paulo Daniel Elias Farah**

**IEL/UNICAMP  
2018**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL**

## EPIGRAFE

---

*É essa habilidade de viver com a diferença entre nós que vai nos sustentar no longo prazo. Precisamos ser capazes de abrir nossas mentes para entender com quem co-habitamos no mundo, não para subordiná-los a uma forma de viver, mas para aceitar modos de vida no plural, a complexidade de que somos feitos.*

(Trecho de entrevista concedida por Judith Butler à M. Fernanda Rodrigues e publicada em *O Estado de São Paulo* em 06/11/2017).

## DEDICATÓRIA

---

*Aos meus “sidos” Abdel Majid e Fakhri (in memoriam),  
minhas “sítas” Hamama e Halima (in memoriam), meu  
bába Marouf e minha máma Munira – meus primeiros  
contadores de histórias em árabe.*

*A todos os migrantes – oriundos de países de língua  
árabe ou não – que deixaram seus países de origem  
em condições adversas, em busca de uma nova vida,  
e que tanto nos ensinam sobre resiliência e humildade  
nas suas narrativas cotidianas.*

## AGRADECIMENTOS

---

A TECA MAHER, pela confiança em mim depositada, pela orientação, pelos ensinamentos, pela sua infinita paciência e, principalmente, pela coragem ao me incentivar a ir por “novos” caminhos que acabaram me conduzindo e ressignificando meu próprio *background*.

Aos meus pais, MAROUF e MUNIRA, por serem meus primeiros professores, meus maiores e mais incansáveis incentivadores. Se não fosse pelo apoio incondicional de vocês, eu não teria trilhado um caminho diferenciado, nem vivenciado tantas coisas tão ricas, nem extrapolado todos os limites que poderiam ter sido a mim impostos pelas tradições de meu entorno. Obrigada por me ensinarem o quanto a liberdade e a responsabilidade individual na tomada de decisões são fatores cruciais para nossa própria felicidade.

Aos meus AVÓS (*in memoriam*), por terem sido meu elo principal com minhas origens e herança cultural, assim como meus pais. Foram tantas histórias, tantos ensinamentos... Hoje, o que fica são a alegria dos momentos vividos e uma saudade tão grande que não cabe no peito.

Aos meus irmãos, SAMI e SAMIA, minha cunhada, ROSAMARIA, meus sobrinhos, TAREK, AMANI e RIAD, pelos momentos compartilhados, pelas lições mutuamente aprendidas, e por serem fonte inesgotável e absoluta de amor e carinho.

Ao tio HASSAN EMLEH (*in memoriam*) e família, por terem me recebido em seu lar na primeira vez em que saí de casa para estudar, ainda adolescente; os primeiros passos de minha vida acadêmica foram dados ali.

Ao meu tio, TALAT, e tia REGINA (*in memoriam*), por terem aberto as portas de sua casa e investido em meus estudos. Sem vocês, nada do que aconteceu na minha vida depois teria sido possível.

A KATIA MARIA SANTOS MOTA, MARCELO EL KHOURI BUZATO, e ANA CECÍLIA COSSI BIZON, pelas valiosas sugestões nos momentos de qualificação deste trabalho.

A ANA CECÍLIA COSSI BIZON, MARCELO EL KHOURI BUZATO, PAULO DANIEL ELIAS FARAH e SAMIRA ADEL OSMAN, por terem prontamente aceitado participar na banca de avaliação desta tese; suas contribuições certamente farão muita diferença no texto final.

A MARILDA COUTO CAVALCANTI, SILVANA STREMEL e ELI GOMES CASTANHO, pela disponibilidade em acompanhar a finalização deste trabalho.

A MARILYN MARTIN-JONES, pela generosidade com que se dispôs a contribuir com a pesquisa que empreendi; pelas muitas horas de fundamentais trocas de ideias e encaminhamentos; pela simplicidade e sinceridade com que soube me motivar a seguir adiante; pelos contatos que me ajudou a fazer; pela amabilidade com que sempre conduziu esses momentos, indo além do merecido por mim.

Ao ADRIAN BLACKLEDGE, pela generosidade com que compartilhou seus conhecimentos e contribuiu com minha formação acadêmica.

A *University of Birmingham* e ao MOSAIC (*Centre for Research on Multilingualism*), pela receptividade e pela oportunidade de crescimento acadêmico durante minha estadia na Inglaterra.

A MARIA ODETE RODRIGUES, amiga-irmã e grande responsável por eu ser professora, por ter me apresentado a profissão quando eu ainda tinha recém-completado 16 anos, ao me convidar para participar de um treinamento na escola onde eu estudava – fui “picada” pelo bichinho da sala de aula ali.

A GIL, LEONILDA e LILI, amigas-irmãs que o universo tão generosamente me presenteou, por tudo que já fizeram por mim nesta vida.

Ao LEANDRO DINIZ, pelo companheirismo em tantos aspectos – acadêmico, profissional e pessoal; pela solicitude e atenção devotados a todas as minhas questões; pelos questionamentos compartilhados e por todo o apoio nos momentos em que mais precisei.

A MÁRCIA GARCIA, de quem conheci a amabilidade, a resiliência e o acolhimento com sua presença singular na ocasião da retomada de minha vida acadêmica; suas contribuições para que o *backyard* fosse devidamente amparado, nutrido, realocado e rearranjado jamais serão esquecidas.

Ao JORGE ANTHONIO, pela humildade, benevolência e genuíno empenho em ajudar; sua solidariedade e empatia para com aqueles que cruzam teu caminho são fonte de inspiração para todos nós que temos a sorte de cruzá-lo.

Ao NADER AMER, primo de coração, por sempre me ensinar tanto sobre Direito e direitos, e por me apoiar em todos os momentos em que se fez necessário.

A FLAVIA B., NADIA, PAULINHA e SIL, pela amizade sincera e pela presença e suporte constantes na reta final deste trabalho.

A ANSELMO, DIANA, FRANCIELE, GILCELIA, GISELE, JOYLAN, LAURA, LEANDRO, RENATA e SAMIA, por terem feito com que minha passagem por Foz durante a escrita desta tese fosse mais leve, divertida, rica e, muitas vezes, saborosa, com nossas celebrações à vida.

Aos colegas da UTFPR, em particular, às “MENINAS DO PFOL”, pelo acolhimento e por toda aprendizagem em conjunto.

A ANDREA, ALVARO, MAJD, MARIA LAURA, MAROUF e TELMA, pelas “contribuições linguísticas” e incentivo.

A CLAUDIO PLATERO, MIGUEL SANTOS e ROSEMEIRE MARCELIN, pela prontidão, cordialidade e competência no tratamento das questões administrativas do IEL.

A todos os participantes desta pesquisa por compartilharem suas narrativas; ajudaram-me a (re) pensar e (re)construir minha própria trajetória.

As demais pessoas que colaboraram de algum modo com a realização desse trabalho.



## RESUMO

---

Considerando o contexto de migrações transnacionais e suas implicações socioculturais, esta tese tem por objetivo apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa desenvolvida com o intuito de analisar discursos sobre identidades construídos por falantes de árabe em Foz do Iguaçu, bem como a maneira que essa língua é evocada em suas narrativas. Participaram do estudo dez brasileiros (natos ou não) residentes na cidade e que pelo menos um de seus progenitores era oriundo de país de língua árabe. Inserida na vertente crítica da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006), a pesquisa em pauta, de natureza qualitativa-interpretativista, orientou-se pelos preceitos da etnografia crítica (MARTIN-JONES; MARTIN, 2017). O arcabouço teórico de referência para este trabalho incluiu contribuições de estudiosos da área das Ciências Sociais (BHABHA, 1998; HALL, 1997, 2000) e dos Estudos de Narrativas (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012; NIC CRAITH, 2012). A análise de dados, conduzida a partir dos posicionamentos interacionais dos participantes (DAVIES; HARRÉ, 1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) e das pistas contextualizadoras de Wortham (2001) e Bizon (2013), foi realizada a partir de três eixos temáticos: (i) a história familiar de migração dos participantes; (ii) as suas construções identitárias e (iii) as representações por eles construídas acerca da língua árabe. Com relação às histórias e percepções sobre o movimento migratório, os posicionamentos dos participantes indicaram consonância com as condições de reterritorialização do universo de falantes de árabe no Brasil. Apesar da existência de uma rede de apoio local consolidada, notou-se a representação de uma imagem geralmente negativa do empreendimento migratório no estabelecimento no Brasil. Porém, pode-se perceber que a resiliência em meio a esse processo foi pedra fundamental da reconstrução da vida e das identidades desses migrantes, mesmo daqueles que se identificaram como vivendo um *entrelugar* (BHABHA, 1998). Ademais, os participantes apontaram as relações com o entorno como sendo frutíferas e marcadas pela gratidão pelo acolhimento recebido, com exceção de alguns casos de discriminação, que reforçaram o tom de desvalia e preconceito que alguns afirmaram terem experimentado ao longo da reterritorialização das famílias. Sobre a maneira como os participantes evocam a língua árabe, esta foi representada como uma das marcas valorosas de sua herança cultural, o que é corroborado pelas políticas linguísticas comunitárias para a preservação da língua árabe na cidade. Diante do exposto, as narrativas indicaram que a preservação das memórias do movimento migratório e da língua árabe, reiteradas pela grande visibilidade das manifestações linguísticas e culturais em Foz do Iguaçu, foram e têm sido essenciais na construção e no fortalecimento deste grupo, bem como no sentimento de pertença desses migrantes e seus descendentes na Foz do Iguaçu diversa, plural e intercultural em que vivem. Contudo, recomenda-se aos educadores, cômicos da função preponderante que exercem na formação e no empoderamento dos indivíduos, que conheçam tanto o macrodiscurso hegemônico depreciativo de grupos minoritarizados (SAID, 2007) quanto as representações e posicionamentos referentes às construções identitárias de migrantes, para que assim possam ser multiplicadores de práticas discursivas e ações de fomento ao respeito à diversidade linguística e cultural constitutiva da sociedade brasileira.

**Palavras-Chave:** Identidade Cultural; Língua árabe – Árabe falado – Foz do Iguaçu; Narrativas; Migração.

## ABSTRACT

---

Considering the context of transnational migration and their sociocultural implications, this dissertation aims to present and discuss the results of a research made with the purpose of reviewing identity discourses constructed by Arabic speakers in Foz do Iguaçu as well as how this language is evoked in their narratives. Ten Brazilian citizens (whether born in Brazil or not) living in town with at least one parent coming from an Arabic language speaking country participated in this study. Inserted in the critical Applied Linguistic branch (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006), this research – of a qualitative-interpretative nature – was guided by the precepts of critical ethnography (MARTIN-JONES; MARTIN, 2017). The theoretical axis of reference for this work included contributions by scholars from the field of Social Sciences (BHABHA, 1998; HALL, 1997, 2006) and Studies in Narratives (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012; NIC CRAITH, 2012). The data analysis – based on the participants' interactional positioning (DAVIES; HARRÉ, 1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999) and the contextual cues by Wortham (2001) and Bizon (2013), was stemmed from three thematic axes: (i) the participants' migration family history; (ii) their identity constructions; and (iii) their representations of the Arabic language. Regarding the stories and perceptions about the migration movement, the participants' views displayed consonance with the conditions of reterritorialization of the universe of Arabic speakers in Brazil. Albeit the existence of a consolidated local support network, we noticed the representation of an overall negative image of the migratory enterprise upon their establishment in Brazil. Nevertheless, it can be perceived that the resilience throughout this process was a foundation stone in life reconstruction and in the identities of these migrants – even of those ones who identified themselves as living in *in-between spaces* (BHABHA, 1998). Furthermore, the participants indicated their relations with the surroundings as fruitful and marked by their gratitude for the receptiveness they experienced, except for some cases of discrimination – which reinforced the tone of worthlessness and prejudice some said to have suffered during the reterritorialization of their families. As for the manner the participants evoke the Arabic language, it was represented as one of the invaluable brands of their cultural heritage, which is corroborated by the community linguistic policies for the preservation of the Arabic language in the city. Given the above, the narratives indicated that the preservation of the memories of migration and the Arabic language, emphasized by the great visibility of the linguistic and cultural movements in Foz do Iguaçu, were and have been paramount to the construction and empowerment of this group, as well as to the feeling of “belonging into a community” by these migrants and their descendants in the diverse, plural and intercultural Foz do Iguaçu they live in. However, the educators – aware of their preponderant role in the education and empowerment of individuals – should get to know both the depreciative hegemonic macro-discourse of minoritized groups (SAID, 2007) and the representations and positions concerning the migrants' identity constructions so that they can be multipliers of discursive practices and foment actions towards the respect to the linguistic and cultural diversity constituting Brazilian society.

**Key words:** Cultural identity; Arabic language – Spoken Arabic – Foz do Iguaçu; Narratives; Migration.

## نبذة أكاديمية

نظرا لسياق الهجرات العابرة للحدود و آثارها الاجتماعية الثقافية، تهدف هذه الرسالة (رسالة الدكتوراة) إلى عرض و مناقشة نتائج بحث تم تطويره بهدف تحليل الخطابات حول الهويات المبنية من قبل الناطقين باللغة العربية في فوز دو إغواسو، و أيضا الطريقة التي يتم بها إثارة هذه اللغة في رواياتها.

شارك في الدراسة عشرة برازيليين (مولودين أم غير مولودين في البرازيل) مقيمين في المدينة، و إنه أحد والديهم على الأقل جاء من بلد ناطق باللغة العربية.

مندرج في منحدر نقد اللغويات التطبيقية (مويتا لوبيز، ٢٠٠٦، بيني كوك، ٢٠٠٦

، نوطبيعة تفسيرية نوعية، استرشد البحث في جدول الأعمال، بمبادئ الأثنوغرافيا النقدية (مارتين \_ جونيز، ٢٠١٧). اشتمل الإطار المرجعي النظري لهذا العمل على مساهمات الدارسين في مجال العلوم الاجتماعية (بهايا، ١٩٩٨؛ هال، ١٩٩٧، ٢٠٠٦) و دراسة الروايات (دي فينا؛ جورجاكوبولو، ٢٠١٢؛ نيك كريث، ٢٠١٢). تحليل البيانات، استنادا إلى المواقف التفاعلية للمتعاونين (دافيز؛ هاري، ١٩٩٠؛ لانجينوفي؛ هاري، ١٩٩٩) و الإشارات السياقية لورثام (٢٠٠١) و بيزون (٢٠١٣)، تم تنفيذها من ثلاثة محاور موضوعية: (أ) التاريخ العائلي لهجرة المشاركين (ب) بناء هوياتهم (ج)

التمثيلات التي قاموا بها حول اللغة العربية. فيما يتعلق بالقصص و الإدراكات حول الشتات، فإن مواقف المساهمين تتوافق مع شروط إعادة توظيف عالم الناطقين باللغة العربية في البرازيل. على الرغم من وجود شبكة دعم محلية موحدة، فقد لوحظ تمثيل صورة سلبية بشكل عام لمشروع الهجرة في التأسيس في البرازيل. و مع ذلك يمكن ملاحظة أن المرونة في خضم هذه العملية هي حجر الأساس في إعادة بناء حياة و هويات هؤلاء المهاجرين، حتى أولئك الذين عرفوا أنفسهم على أنهم يعيشون في مكان (بهايا، ١٩٩٨). بالإضافة إلى ذلك، أشار المساهمون إلى أن العلاقة مع المحيط كانت مثمرة و مليئة بالإمتنان للإحتضان المتلقى، باستثناء بعض حالات التمييز، التي عززت نبرة عدم التقدير و التحامل التي قال البعض أنهم قد مروا بها على إمتداد إعادة توطين الأسر.

أما بالنسبة للطريقة التي يستحضر بها المساهمون اللغة العربية، فقد تم تمثيلها كواحدة من العلاقات المميزة لثقافتهم الثقافي، و التي تدعمها السياسات اللغوية المجتمعية للمحافظة على اللغة العربية في المدينة. حسب ما سبق، أشارت الروايات إلى أن الحفاظ على ذكريات حركة الهجرة و اللغة العربية، و التي أعيد تأكيدها من خلال البروز الكبير للمظاهر اللغوية و الثقافية في فوز دو إغواسو، كانا أساسيين في بناء و تعزيز هذه المجموعة، و كذلك في الشعور بالإنتماء لهؤلاء المهاجرين و أحفادهم في فوز دو إغواسو المتنوعة و الجماعية و المتعددة الثقافات التي يعيشون فيها. و مع ذلك، ينصح اختصاصيو التوعية، الذين يدركون الدور الكبير الذي يلعبونه في تكوين الأفراد و تمكينهم، بمعرفة كل من الخطاب الكلي المهيمن المسيطر الخاص بمجموعات الأقليات (سعيد، ٢٠٠٧) و التمثيلات و المواقف المتعلقة ببناء الهوية للمهاجرين، فهكذا يمكنهم أن يكونوا مضاعفين للممارسات الخطابية والإجراءات التي تحفز على إحترام التنوع اللغوي و الثقافي التأسيسي للمجتمع البرازيلي.

### الكلمات الأساسية:

الناطقين بالعربية، الهويات، الهويات الثقافية، الروايات، الهجرة.

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1	Mapa: Localização do Estado do Paraná e do Município de Foz do Iguaçu	p. 24
Figura 2	Foto: Cartão de visita	p. 63
Figura 3	Foto: Super Ghada (supermercado especializado em produtos oriundos de países de língua árabe)	p. 64
Figura 4	Foto: Super Ghada (supermercado especializado em produtos oriundos de países de língua árabe)	p. 64
Figura 5	Foto: Antiga Doceria Almanara	p. 64
Figura 6	Foto: Close no recado sobre a faixa do nome da antiga Doceria Almanara	p. 65
Figura 7	Foto: Placa indicativa do Clube União Árabe	p. 66
Figura 8	Foto: Entrada do Clube União Árabe	p. 66
Figura 9	Foto: Fachada do Lar Druso-Brasileiro	p. 68
Figura 10	Foto: Mesquita Sunita Omar Ibn Khattab	p. 68
Figura 11	Foto: Sociedade Beneficente Islâmica	p. 69
Figura 12	Convite: Evento comemorativo – Dia das Mulheres e Dia das Mães no Líbano	p. 71
Figura 13	Foto: Evento comemorativo – oitavo aniversário do Grupo Escoteiro Líbano-Brasileiro de Foz do Iguaçu	p. 72
Figura 14	Captura de tela – close na troca de mensagens em árabe, português e inglês	p. 73
Figura 15	Foto: Recado em árabe aos condôminos de um edifício com grande presença de falantes dessa língua	p. 74

## LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1	História das línguas do Brasil no Período Colonial	p. 44
Quadro 2	Imigração árabe para o Brasil (1884-1938)	p. 51
Quadro 3	Primeiro ciclo da imigração árabe para o Brasil (1860-1900)	p. 55
Quadro 4	Segundo ciclo da imigração árabe para o Brasil (1945-1985)	p. 56
Quadro 5	Instrumentos para geração de dados e suas finalidades	p. 117
Quadro 6	Convenções utilizadas nas transcrições das entrevistas	p. 119
Quadro 7	Informações gerais sobre os participantes de pesquisa	p. 120
Quadro 8	Pistas indexalizadoras de Wortham (2001) e pistas indexalizadoras complementares construídas a partir da análise do corpus de Bizon (2013)	p. 132

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

---

LMCI	Língua Materna do Cônjuge Imigrante
FEARAB	Federação das Entidades Árabe-Brasileiras
FEPAL	Federação Árabe-Palestina do Brasil
SIDs	Social Identities (Identidades Sociais)
FARTAL	Feira de Artesanato e Alimentos de Foz do Iguaçu
FENARTEC	Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura de Foz do Iguaçu
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PBL	<i>Problem-Based Learning</i>
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## LISTA DE ANEXOS

---

Anexo 1	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	p. 244
Anexo 2	Notícia: <i>Muçulmanas querem manter véu para fotos de documentos no Sul</i>	p. 246
Anexo 3	Notícia: <i>Muçulmanos da fronteira celebram o fim do mês sagrado do Ramadã</i>	p. 247
Anexo 4	Carta-convite para o evento em celebração da irmandade Foz do Iguaçu – Jericó.	p. 248
Anexo 5	Cartaz de divulgação: Encontro de culturas Foz e Jericó	p. 249
Anexo 6	Notícia: <i>Uso do véu islâmico em documento de identidade é liberado no Paraná</i>	p. 250
Anexo 7	Notícia: <i>Comunidade árabe Iguaçuense ganha dia Municipal do Povo Muçulmano, que será celebrado em 12 de Maio</i>	p. 252
Anexo 8	Notícia: <i>Damas libanesas visitam pacientes da pediatria do HMMI</i>	p. 254
Anexo 9	Capa: VEJA, São Paulo, ano 44, n. 14, ed. 2211, 6 abr. 2011.	p. 255
Anexo 10	Cartaz de divulgação: Palestina Vive: I Ciclo de Debates e Mostra de Filmes sobre a Palestina	p. 256
Anexo 11	Transcrição de trechos do filme <i>O Tempero da Vida</i> .	p. 257
Anexo 12	Transcrição de trecho do filme <i>Casamento Grego</i>	p. 259
Anexo 13	Materiais visuais usados na geração dos dados	p. 261
Anexo 14	Questionário geral para geração de dados	p. 265

## SUMÁRIO

---

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	p. 18
<b>CAPÍTULO 1: Os contornos da pesquisa</b>	p.23
1.1 Situando brevemente o contexto do estudo	p. 23
1.2 Natureza, escopo e objetivos da investigação	p. 25
1.3 Justificativa da pesquisa	p. 28
1.4 A organização da tese	p. 35
<b>CAPÍTULO 2: Políticas linguísticas e políticas de imigração: o que os imigrantes falantes de árabe encontraram no Brasil</b>	p. 38
2.1 Políticas linguísticas brasileiras e línguas minoritárias	p. 38
2.1.1 As políticas linguísticas brasileiras no Período Colonial	p. 38
2.1.2 Violência linguística: a perseguição às línguas de imigrantes na Era Vargas	p. 44
2.2 Políticas de imigração: identidade nacional, etnicidade e a imigração no Brasil	p. 48
2.2.1 A imigração de falantes de árabe para o Brasil	p. 50
2.2.2 A imigração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu: história e inserção na sociedade local	p. 57
2.2.3 Os falantes de árabe em Foz do Iguaçu: sua inserção na paisagem linguística da cidade e suas práticas sociais	p. 63
<b>CAPITULO 3: Conceitos fundantes</b>	p. 76
3.1 Identidades e representações	p. 77
3.2 Identidades e narrativas	p. 83
3.3 Identidades e posicionamentos	p. 90
3.4 O sujeito bi/multilíngue e as línguas de seu repertório verbal	p. 97
3.5 Políticas linguísticas familiares e educativas em contextos plurilíngues	p. 99



<b>CAPÍTULO 4: Princípios epistemológicos e procedimentos metodológicos de investigação</b>	p. 103
4.1 Algumas considerações epistemológicas	p. 104
4.1.1 Uma perspectiva de investigação em Linguística Aplicada	p. 104
4.1.2 A pesquisa qualitativa	p. 106
4.1.3 A pesquisa qualitativa de base etnográfica	p. 107
4.2 O processo de geração de dados	p. 110
4.2.1 Os primeiros contatos no processo investigativo	p. 110
4.2.2 Encolhendo a distância: a geração de dados	p. 111
4.2.3 Métodos de geração de dados	p. 112
4.2.4 Os participantes da pesquisa	p. 119
4.2.5 Procedimentos éticos observados	p. 119
4.3 Aparato metodológico para indexar os posicionamentos interacionais em narrativas	p. 121
<b>CAPÍTULO 5: A análise dos dados</b>	p. 137
5.1 Deslocando-se: história familiar de migração	p. 138
5.2 Sendo falante de árabe em Foz do Iguaçu: Quem sou para mim mesmo? Quem sou para o Outro?	p. 163
5.3 Refletindo sobre a língua árabe: plurilinguismo e representações	p. 195
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	p. 216
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	p. 230
<b>ANEXOS</b>	p. 244

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

---

As questões de pesquisa não saem do nada. Em muitos casos, originam-se na biografia pessoal do pesquisador e em seu contexto social (FLICK, 2009, p. 103).

Para introduzir a presente tese, convido os seus leitores a se inteirarem da passagem a seguir, que relata o ocorrido em uma sala de aula de Pré-1<sup>1</sup> em algum momento de 1982:

**Mostrando o desenho de um avião, a professora disse para seus alunos:**

**– Vamos lá, crianças? A letra “A” é de...**

**– Avião!– respondeu a classe, quase em coro. Uma das crianças, uma menina, discordou:**

**– Não. *Taīyara!* – disse ela, usando a palavra em árabe correspondente ao que via no desenho.**

Cenas semelhantes à descrita acima ocorriam recorrentemente naquela sala de aula: elefante, igreja, ovo, uva<sup>2</sup> eram apenas algumas das palavras que compunham o leque de vocábulos iniciados por vogais a serem repetidos em português, mas que eram insistentemente lembrados em árabe por essa menininha. Incomodada diante de tal situação – afinal, lidar com uma criança bilíngue de três anos não fazia parte do planejamento de políticas linguísticas e educativas daquele ambiente escolar, tampouco da formação docente da época –, a professora repreendeu a aluna (no caso, eu mesma) diante da turma e chamou minha mãe para uma conversa, durante a qual lhe comunicou que eu falava “muito árabe em sala de aula” e geralmente me recusava a usar as palavras ensinadas em português. Minha mãe contestou; afirmou que eu falava ambas as línguas – árabe e português – em casa, e não havia apresentado problemas dessa natureza anteriormente. A professora, por sua vez, pediu a ela que colaborasse com o processo escolar, diminuindo a quantidade de árabe falado no ambiente familiar,

<sup>1</sup>Na escola em que se passou a cena, o Pré-1 correspondia ao segundo dos quatro anos da Educação Infantil.

<sup>2</sup> Transcrição fonética das palavras correspondentes em árabe: *taīyara* /ta 'tja ra/ (avião), *fil* /'fi/ (elefante), *kanisa* /ka 'ni sa/ (igreja), *beiḍa* /'bej ḍa/ (ovo), *ʒanab* /'ʒæ nab/ (uva).

numa tentativa de me convencer a repetir e/ou empregar as palavras conforme orientação fornecida em aula, ou seja, em português. O incidente instigou algumas questões que me acompanharam em vários momentos de minha trajetória quando relembra o episódio depois de adulta. Será que essa situação era comum em outras escolas? Ou será que foi um fato isolado? Será que outros filhos de imigrantes passaram ou passam pelo mesmo tipo de situação?

Depois desses episódios constrangedores vividos na escola, sublimei, por um bom tempo, as lembranças relativas ao meu processo de alfabetização em língua portuguesa e as memórias da minha vivência da língua árabe na primeira metade da infância. As primeiras “novas memórias” sobre a aprendizagem de línguas que consigo recuperar com facilidade se referem ao momento em que comecei a estudar uma língua adicional, o inglês, aos oito anos, enquanto cursava a 2ª série (atual 3º ano do Ensino Fundamental). É como se o estudo da língua inglesa tivesse despertado a relevância de “ser bilíngue” dormente em mim, o que fez surgir meu interesse por questões relativas à aprendizagem e ao uso de línguas adicionais, tanto é que fiz do ensino de línguas a minha profissão.<sup>3</sup>

Quando completei nove anos, meus pais contrataram uma professora particular de árabe, com quem aprendi o alfabeto da modalidade escrita dessa língua. Assim, comecei a ler e escrever em minha língua de herança. Mas é preciso observar que a minha relação com a língua árabe nem sempre foi tranquila, tendo se caracterizado por um movimento pendular de aproximação e distanciamento, nos moldes descritos por Revuz (1998, p. 213-230), já que ela estava diretamente relacionada à constante tentativa de compreender melhor minhas origens e, ao mesmo tempo, de progredir na aprendizagem de uma língua que não é a língua de comunicação da maioria. Foram muitas as alternativas por mim empregadas para aumentar o meu nível de “competência” na língua árabe: professor particular, cursos de línguas, grupos de estudo com amigos e até mesmo aventuras esporádicas pelo autodidatismo – todas elas experiências que se revelaram decepcionantes em certo grau. Atingi um nível apenas elementar de proficiência em árabe que não conseguia de forma alguma transpor, nem mesmo quando tentei aplicar à minha própria aprendizagem o conhecimento acerca do processo de aprendizagem de línguas, construído ao longo de minha formação acadêmica e profissional como professora

---

<sup>3</sup>Além de ser professora de inglês, atuei também como professora de língua espanhola e portuguesa como línguas adicionais/estrangeiras.

de línguas adicionais. Seja pela pouca oportunidade de uso do árabe devido ao convívio limitado com a família, seja por insegurança, o fato é que, enquanto eu hoje compreendo, falo, leio e escrevo em minha língua de herança em nível elementar, meus irmãos e primos, por exemplo, apesar de não terem se dedicado ao estudo da língua como eu fiz, conseguem compreender e falar essa língua com mais fluência e desenvoltura.

Tal situação sempre me incomodou por dois motivos específicos. O primeiro, mais óbvio, deve-se ao fato de eu, como já mencionado, ser professora de línguas adicionais. Seja em meu diálogo interior ou na interação com outras pessoas, escutei repetidamente, de outros e de mim mesma, a pergunta sobre como uma conhecedora do processo de ensino e aprendizagem de outras línguas não era capaz de atingir, no uso de sua própria língua de herança, um nível de proficiência no mínimo intermediário. Quanto ao segundo motivo por trás do sentimento de inadequação que me acompanhou em diversas situações da vida, ele gira em torno da relação entre meu conhecimento limitado da língua árabe e minha identidade cultural. Sempre acreditei ser menos “árabe”<sup>4</sup> do que outros membros da comunidade por não ter “domínio” da língua – percepção que reflete a crença equivocada que me acompanhou durante muito tempo de que o uso da língua de uma comunidade é fator determinante na construção da identidade cultural de seus integrantes.<sup>5</sup>

Nas vezes que esses sentimentos conflitantes (“não pertencer”, não conhecer “como deveria” aspectos da minha língua e cultura familiares) vinham à tona, eu costumava me irritar comigo mesma; sentia-me incompleta, “em crise”. Afinal, sou só brasileira ou sou também “árabe”? Posso ser ambas as coisas, ainda que não seja fluente na língua dos meus ancestrais? Era um tanto frustrante não ter respostas para essas indagações, mesmo que parciais. Entretanto, como lembra Maher (1996, p. 11-12), frustrações:

---

<sup>4</sup>Esclareço que, neste trabalho, faço uso, por vezes, do termo *árabe*, entre aspas, para referir, genericamente, a membros de comunidade de imigrantes de diferentes países de fala árabe no Brasil, já que, como apontado por Osman (2011, p. 24) e Silva (2018) e discutido no próximo capítulo, tais comunidades são compostas por indivíduos de diferentes nacionalidades, isto é, por sujeitos árabes egípcios, iraquianos, jordanianos, libaneses, palestinos, sauditas, sírios, etc. e/ou por seus descendentes. Fiz essa opção já que o termo “árabe” é comumente utilizado na sociedade e, algumas vezes, na própria literatura especializada para, equivocadamente, fazer referência a indivíduos oriundos de diferentes países de língua árabe no Oriente Médio.

<sup>5</sup> Essa questão será retomada na análise dos dados gerados para a pesquisa aqui descrita.

[...] são, na maior parte das vezes, resultado de nossa incapacidade de compreender as situações vividas, testemunhadas. E, por isso mesmo, frustrações não são sempre ruins porque, no esforço de darmos sentidos coerentes aos fatos, frequentemente nos tornamos menos ingênuos, menos arrogantes, um pouquinho mais sabidos.

É nítida a dimensão pessoal do estudo descrito nesta tese, já que foram, portanto, as “dores e as delícias”, como nos lembra Caetano Veloso, derivadas de minhas próprias vivências que me incitaram a buscar uma melhor compreensão do que a teoria nos diz sobre políticas linguísticas familiares e a construção de identidades culturais em contextos de imigração e a propor uma pesquisa que pudesse aumentar nossa compreensão acerca dos modos como essas questões são colocadas por alguns dos membros de uma comunidade específica de fala árabe em Foz do Iguaçu. Nesse empreendimento, trago a perspectiva de uma, simultaneamente, *insider* e *outsider*, já que, de uma maneira ou de outra, faço parte dessa comunidade desde que nasci.

Como já mencionado, minha relação com a língua árabe – e, por extensão, com minha identidade “árabe”<sup>6</sup> foi sempre marcada por uma inquietação, por um desejo simultâneo e ambivalente de me acercar e me afastar tanto do idioma quanto dessa minha “faceta identitária”. Hoje percebo que boa parte de minhas escolhas acadêmicas, profissionais e pessoais sempre tiveram por base a necessidade de me compreender melhor – e também compreender melhor o outro do meu entorno – em meio à diversidade linguística e cultural que me sempre me cercou. Essa busca culminou na definição da pesquisa que compõe esta tese de doutoramento, filiada à Linguística Aplicada, uma vez que pretendo contribuir, ainda que minimamente, com a compreensão sobre a vida social do grupo com o qual convivi e convivo. Vale ressaltar que embora a pesquisa em questão tenha no presente trabalho de tese a sua conclusão formal, as reflexões que formam sua base se constituem, na verdade, em um projeto pessoal inacabado e em construção, influenciado pelo movimento das fronteiras fluídas das nossas identidades (BAUMAN, 2005). Afinal, como bem escreveu o referido pesquisador:

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no ‘tempo real’, mas que serão presumivelmente

---

<sup>6</sup> Ressalte-se que sou filha de palestinos. Minha mãe migrou para o Brasil em 1968, e meu pai, em 1970.

realizadas na plenitude do tempo – na infinitude... (BAUMAN, 2005, p. 16).

# CAPÍTULO 1

## OS CONTORNOS DA PESQUISA

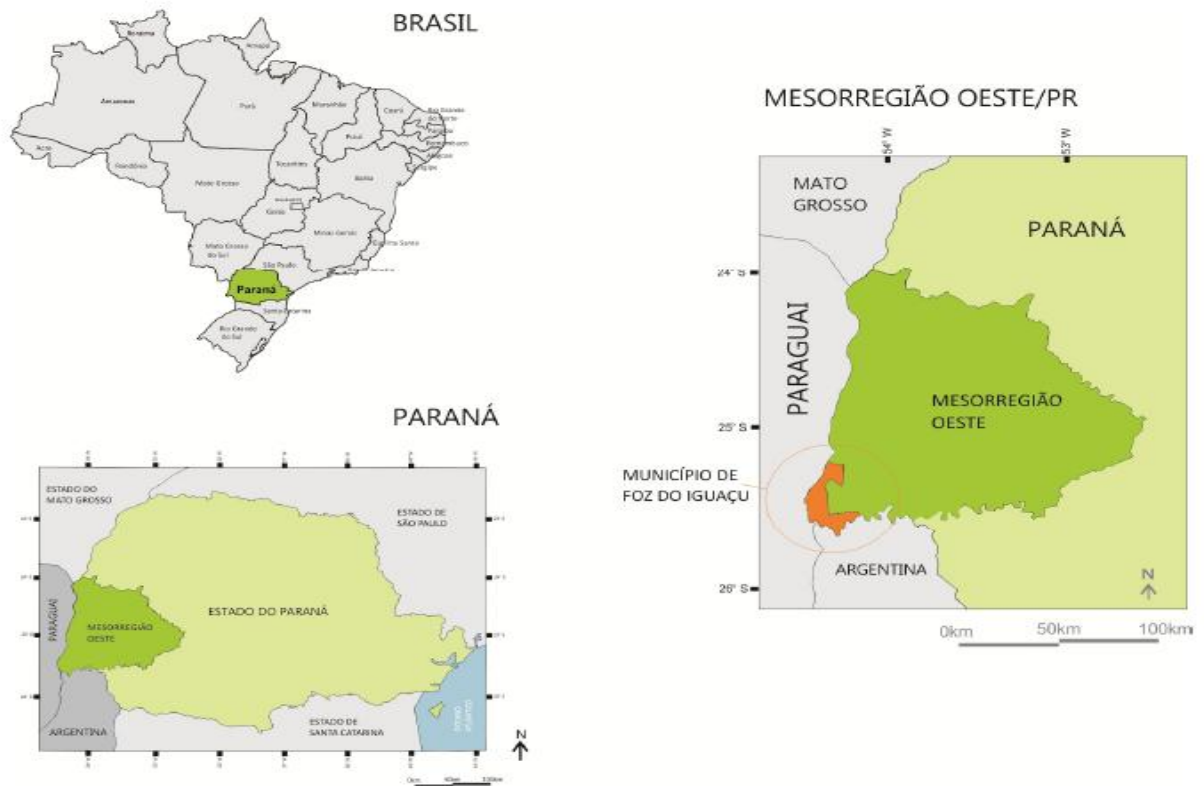
---

Nesta tese, proponho-me a descrever um estudo qualitativo de base etnográfica, realizado com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão acerca dos discursos sobre identidades culturais construídos por membros da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, e do modo como a língua árabe é invocada por esses indivíduos como símbolo de identidade. Neste primeiro capítulo, circunscrevo brevemente o contexto em que a pesquisa ocorreu, as perguntas que nortearam sua condução, e também procuro justificá-la.

### 1.1 Situando brevemente o contexto do estudo

Na Tríplice Fronteira, pessoas comuns promovem impessoalidades e intimidades, preservam sentidos tradicionais e descobrem novos rumos, somam e subtraem sociabilidades, produzem, inventam e reproduzem representações na tentativa de conciliar múltiplos mundos e pertencimentos. Em meio ao todo da cidade, residências, estabelecimentos comerciais, de lazer, religiosos e de saúde rompem com a uniformidade estética dominante, perpetuando sistemas simbólicos cultivados em outros territórios. A alteridade das gentes, que configuram a paisagem humana e urbana do lugar e os variados modos de construir suas vidas e de se relacionarem, parece ser a face mais sedutora e misteriosa da “Foz do Iguaçu Intercultural” (OLIVEIRA, 2012a, contracapa).

A pesquisa aqui relatada foi realizada com indivíduos falantes de árabe que, à época do processo de geração de dados, residiam em Foz do Iguaçu, cidade brasileira localizada no sudoeste do Estado do Paraná, na fronteira com Puerto Iguazú, na Argentina, e Ciudad Del Este, no Paraguai – uma região trinacional de grande circulação de pessoas e bens.



Base cartográfica: DER/PR  
Elaboração: Pinto, 2011.

**Figura 1: Localização do Estado do Paraná e do Município de Foz do Iguaçu**

Fonte: Pinto, 2011

Conhecido por sua riqueza e diversidade linguística e cultural, o município de Foz do Iguaçu é chamariz de um grande contingente de imigrantes provenientes de todo o país e do mundo. Cenário de grande complexidade, a região trinacional na qual a cidade está localizada é um importante pólo de migração e referência em multietnicidade. Montenegro (2013, p. 10) enfatiza que essa multiplicidade é particular dos tempos atuais, em que as migrações assumem traços mais complexos, peculiares, característicos de migrações transnacionais, e “com formas de territorialização em espaços econômicos compartilhados”. A pesquisadora segue, afirmando que:

A paisagem dos fluxos migratórios da região assume uma forma complexa, não apenas por se tratar de um espaço trinacional de fronteiras, mas também pela presença de diversas migrações internas e internacionais que foram se consolidando ao longo das últimas quatro décadas (MONTENEGRO, 2013, p. 10).



É sabido que, em 2006, a cidade congregava quase 20% dos imigrantes de todo o Estado do Paraná (ZAMBERLAN; CORSO, 2006, p. 20), e que, segundo dados fornecidos pela Coordenação Geral da Polícia de Imigração (VIEIRA, 2018, p. 478), os imigrantes nesse município são, atualmente, provenientes de 90 países diferentes. De acordo com o pesquisador, dos mais de 40 mil indivíduos ali registrados como estrangeiros, em torno de 9 mil são libaneses. Apesar de não se ter dados empíricos comprobatórios, estima-se que vivem em Foz do Iguaçu entre 15 e 20 mil pessoas oriundas ou descendentes de países de língua árabe, tais como Egito, Líbano, Palestina e Síria (SILVA, 2018, p. 160). Oliveira (2018, p. 771) explica que a imprecisão de dados referente a grupos de imigrantes em Foz do Iguaçu é decorrente da ausência de registros mantidos em arquivos públicos locais e da dificuldade de se recensear a população, dada a grande circulação de pessoas e a mobilidade temporária característica desta fronteira trinacional. De qualquer maneira, considere-se que os falantes de língua árabe compõem o maior e mais antigo grupo de imigrantes na cidade de Foz do Iguaçu (SILVA, 2018, p. 157).

Além dos variados países de origem, os falantes de língua árabe de Foz do Iguaçu, também segundo Silva (2008, 2018), diferem bastante entre si em diversos aspectos: história de vida, trajetória de migração, filiação e grau de filiação religiosa, vínculos com o país de origem e o país acolhedor, atividades profissionais, relação com a língua de herança, tipo de casamento (endogâmico ou exogâmico),<sup>7</sup> estilo de vida, repertório linguístico, entre outros. Toda essa heterogeneidade, porém, não é capturada pela forma com que os falantes da língua árabe são referidos em Foz do Iguaçu: ali, como já dito, todos aqueles oriundos de um país de língua árabe, bem como seus descendentes, são, indistintamente, denominados “árabes” (SILVA, 2008, 2018).

## 1.2 Natureza, escopo e objetivos da investigação

A pesquisa é uma curiosidade formalizada. É como cutucar e bisbilhotar com um propósito (HURSTON, 2006, p. 143).

---

<sup>7</sup> O termo “endogâmico” está sendo utilizado neste trabalho para referir a casamentos em que ambos os cônjuges pertencem a um grupo etnolinguístico, isto é, ambos se percebem e são percebidos como de origem árabe, e “exogâmico”, para fazer referência a casamentos mistos ou interétnicos, isto é, a casamentos em que um dos cônjuges se considera e é considerado árabe, e o outro não (COELHO, 2009).

Conforme menção anterior, o estudo aqui relatado é de cunho etnográfico (MARTIN-JONES; MARTIN, 2017) e teve como objetivo contribuir para uma melhor compreensão, tanto dos discursos sobre identidades construídos por membros da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, quanto sobre o modo como a língua árabe é invocada por esses indivíduos como símbolo de identidade. Para atingir este objetivo geral, optei por usar as *narrativas* de dez imigrantes e/ou descendentes de imigrantes como material de análise e de referência a questões identitárias linguísticas e culturais, pois “assim como a migração, contar histórias sempre foi componente essencial da condição humana” (NIC CRAITH, 2012, p. 26).<sup>8</sup>

Dessa maneira, segui a opção feita por muitos estudiosos da área das Ciências Humanas, que tanto valorizaram as narrativas, seu caráter político, sua relação intrínseca com as construções identitárias (BROCKMEIER e CARBAUGH, 2001; THREADGOLD, 2005; DE FINA, 2011; DE FINA e GEORGAKOPOLOU, 2012; NIC CRAITH, 2012 e BIZON, 2013, dentre outros), quanto à importância do narrar no estudo de representações e/ou posicionamentos interacionais (DAVIES; HARRÉ, 1990; LANGENHOVE; HARRÉ, 1999; BAYNHAM, 2005, 2006; MOITA LOPES, 2006b; e BIZON, 2013).

Contrariamente ao que acreditam alguns, o estudo de narrativas não se restringe, única e tão somente, ao campo das produções literárias. As narrativas perpassam a vida das pessoas e compõem suas interações sociais nos mais diversos níveis, que vão desde as conversas informais em família, até discursos proferidos em contextos altamente protocolares. É por meio de narrativas e histórias autobiográficas que “nos apresentamos aos outros (e a nós mesmos) como típico ou característico ou ‘confirmação cultural’ de alguma forma” (McKINNEY, 2013, p. 16-17)<sup>9</sup>. Assim, é ao narrar que damos, frequentemente, sentido às nossas próprias experiências. As narrativas são, portanto, centrais na construção e na reconstrução de quem somos e de nossa história, já que ao contá-las, estamos descrevendo ou indicando quem somos, nossos grupos de pertencimento, nossas práticas interacionais; enfim, nosso lugar no mundo social, pois “é através de nossas

---

<sup>8</sup> No original: “Like migration, telling stories has always been an essential component of the human condition.” Observe-se que todas as traduções incluídas neste trabalho de tese são de minha responsabilidade.

<sup>9</sup> No original: “[...] to present ourselves to others (and to ourselves) as typical or characteristic or ‘culture confirming’ in some way”.

histórias que nos construímos como parte de nosso mundo” (BROCKMEIER; CARBAUGH, 2001, p. 61).<sup>10</sup>

Importa aqui enfatizar que, longe de serem politicamente neutras, narrativas são ‘instrumentos’ políticos poderosos por meio dos quais os discursos de grupos minoritarizados,<sup>11</sup> cujas histórias de vida são, quase sempre, apagadas, ou, na melhor das hipóteses, são mostradas de forma parcial considerando os interesses de grupos dominantes, podem ganhar voz e visibilidade.

Partindo da relação intrínseca entre narrativas e identidades e considerando que o processo de análise e interpretação de narrativas pode servir para a compreensão empírica da realidade vivida por membros de diferentes grupos sociais (THREADGOLD, 2005; NIC CRAITH, 2012), esclareço que o estudo que compõe este trabalho de tese foi norteado pela seguinte pergunta de pesquisa:

**Como os falantes de árabe de Foz do Iguaçu participantes da pesquisa narram a si mesmos e à língua árabe?**

De modo a responder a essa pergunta, procurei entender as representações que esses indivíduos construíram sobre suas origens, suas histórias familiares, os traços das identidades culturais que os constituem, os usos da língua árabe que fazem em suas práticas comunicativas, e sua relação com o país que acolheu suas famílias. Dessa forma e a partir dos dados gerados, a pergunta central inicialmente pensada para orientar a análise desses dados foi desdobrada em duas outras:

**Que construções identitárias emergem dessas narrativas?**

**Como os participantes da pesquisa se posicionam e são posicionados em suas narrativas?**

<sup>10</sup> No original: “It is through our stories that we construct ourselves as part of our world.”

<sup>11</sup> Reforço que darei preferência ao termo minoritarizado, ao invés de minoritário, e informo que, apesar de considerar os termos “majoritário” e “minoritário” um tanto quanto questionáveis, estes também serão usados neste estudo, na esteira do que argumentam vários autores, como, por exemplo, Cavalcanti (1999, 2006), para demonstrar relações de poder e/ou privilégios, e não referir, necessariamente, ao número de pessoas que compõem determinado grupo social.

Tais subperguntas não apenas evidenciaram as questões identitárias relatadas pelos participantes, mas também as formas por meio das quais os indivíduos se localizavam e localizavam seus interlocutores nas interações das quais participavam. Dessa maneira, o conceito de posicionamento, aqui entendido como “o processo discursivo pelo qual os *se/ves* são localizados na conversação” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 48), foi fundamental na análise dos dados gerados, uma vez que deram indicativos do lugar social que os indivíduos ocupavam, com relação a si e com relação aos outros, nas narrativas. Consequentemente, os posicionamentos revelam uma construção individual e agentiva na interação, o que é relevante quando se olha para as representações que permeiam as histórias de vida de cada um.<sup>12</sup>

Sendo descendente de imigrantes palestinos para o Brasil e sabendo que o processo migratório é sempre situado, tenho clara a existência de diferenças que caracterizam a particularidade de cada contexto de imigração, como, por exemplo, o momento histórico e social dos locais de origem e de destino. Mesmo tendo isso em mente, para efeito do estudo aqui descrito, considereei apenas três critérios no processo de seleção do grupo de dez indivíduos que atuaram como participantes de minha pesquisa: (i) serem, à época da geração de dados, residentes de Foz do Iguaçu; (ii) terem algum vínculo familiar direto, através de pelo menos um de seus progenitores, com algum país de língua árabe e (iii) utilizarem o árabe, em qualquer uma de suas variedades e modalidades (falada e/ou escrita),<sup>13</sup> como parte de seu repertório linguístico. Na composição desse grupo,<sup>14</sup> portanto, as diferenças culturais, de nacionalidade ou de crenças religiosas entre eles, embora marcantes, não foram consideradas.

### 1.3 Justificativa da pesquisa

Estudos conduzidos com o intuito de aumentar nossa compreensão sobre questões identitárias que permeiam diferentes comunidades de imigrantes no Brasil vêm, felizmente, ganhando espaço no cenário acadêmico brasileiro. No que segue, elenco, a guisa de exemplo, apenas algumas das publicações que atestam o esforço

<sup>12</sup>Embora haja uma distinção entre *narrativas* e *histórias de vida*, por não considerar essa distinção relevante para efeito deste trabalho específico, ambas as expressões serão aqui utilizadas de forma intercambiável.

<sup>13</sup> Como é sabido, a variedade linguística da língua árabe falada difere em cada um dos países em que ela é utilizada como língua nacional.

<sup>14</sup> Sublinhe-se que todos os membros desse grupo são brasileiros natos ou naturalizados.

de pesquisadores de nosso país interessados em produzir conhecimento sobre essas questões em alguns desses contextos:

- contexto de imigração alemã: Jung (2003), Fritzen (2007), Fritzen e Ewald (2013), Martiny (2015);
- contexto de imigração italiana: Ribeiro (2005), Pinheiro (2008), Lorenzi (2014);
- contexto de imigração ucraniana: Mezavila (2007), Semechechem (2010 e 2016);
- contexto de imigração japonesa: Doi (2006), Neto (2015), Sakamoto e Morales (2015);
- contexto de imigração coreana: Yang (2011), Gabas (2016);
- contexto de imigração paraguaia: Mondardo (2013), Castanho (2016);
- contexto de imigração boliviana: Gonçalves (2014);
- contexto de imigração haitiana: Torquato (2014), Bulla *et al* (2017), Soares *et al* (2017).

Nota-se, além disso, um crescente interesse, tanto em nível nacional, quanto mundial, pela condução de pesquisas que focalizam as construções identitárias de falantes da língua árabe em situações de migração. No que segue, descrevo, brevemente, alguns dos estudos realizados por pesquisadores estrangeiros que têm alguma conexão com o que é abordado nesta tese.

Clyne (1999) investigou falantes de árabe na Austrália como parte do projeto de pesquisa *Community Languages in Multicultural Australia*. Além de descrever a comunidade dos falantes de língua árabe na Austrália, Clyne examinou suas trajetórias e histórias de migração e o contexto em que ela está inserida, dando ênfase às políticas de transmissão e manutenção da língua árabe naquele grupo social.

A partir de um estudo desenvolvido em comunidades cristãs e muçulmanas no Líbano, Joseph (2004) explora conceitos-chave nas construções identitárias de seus membros, tais como nacionalidades e identidades étnicas e religiosas. Utilizando como referência os princípios teóricos discutidos na primeira parte de seu livro, o autor estabelece princípios que norteiam a relação entre língua e identidades em meio à multiplicidade constituinte da sociedade libanesa à época.

Baynham (2005, 2006) pesquisou as narrativas de marroquinos que migraram para Londres nas décadas de 1960 e 1970. Usando os conceitos de posicionamento e performance para analisar as narrativas, o pesquisador mostra a importância das histórias de vida nos processos discursivos de construções identitárias desses imigrantes na sociedade londrina.

Soriano Miras (2006, 2008, 2013) focou sua carreira nos estudos da migração de mulheres marroquinas para a Espanha. A pesquisadora relata como se deu o acolhimento e inserção dessas mulheres na sociedade espanhola, bem como questões identitárias construídas ao longo do tempo de sua investigação.

O pesquisador Almubayei (2007) estudou uma comunidade composta por árabes-americanos nos Estados Unidos, procurando estabelecer uma relação entre o uso da língua árabe e as diversas facetas das construções identitárias dos participantes de sua pesquisa a partir da forma que esses indivíduos evocaram, em suas narrativas, a língua árabe e o papel desta em suas vidas.

Já Sehlaoui (2008) descreve o avanço no acolhimento da língua árabe como língua de herança nos Estados Unidos, bem como o papel da cultura e do letramento em árabe na transmissão e na manutenção da língua na sociedade estadunidense.

Asker e Martin-Jones (2013) relatam, em seu artigo, um estudo etnográfico conduzido por Asker na Líbia. A pesquisa teve como objetivo averiguar a relação entre crenças e ideologias com as práticas de uso das línguas do repertório linguístico dos participantes da pesquisa (árabe, berbere e inglês) nas aulas de língua inglesa.

No que se refere às construções identitárias de grupos de imigrantes oriundos de países falantes da língua árabe residentes no Brasil, é digno de nota que também essa questão vem, paulatinamente, recebendo maior atenção da academia. Em sua obra publicada em 2009, por exemplo, Karam, um antropólogo norte-americano de ascendência libanesa que aportou no Brasil aos 17 anos, focaliza a complexa diáspora árabe nas Américas, e, particularmente, em nosso país, abordando, especificamente, o impacto do que ele denomina “arabidade” de imigrantes sírio-libaneses na cultura brasileira.

Osman (2011) retrata a trajetória de migração e o estabelecimento de imigrantes libaneses muçulmanos e cristãos, bem como de seus descendentes, no Brasil, a partir da análise de suas histórias de vida, focalizando temas como vida no

país de origem, família, processo migratório, assimilação cultural, identidades de gênero, religião e trabalho. Na análise das narrativas de dezessete participantes de pesquisa residentes na cidade de São Paulo, a pesquisadora deu destaque especial ao protagonismo das mulheres nessa comunidade, que muitas vezes têm seus papéis na sociedade secundarizados.

Em sua dissertação de mestrado, Soares (2012) descreve o movimento diaspórico dos palestinos que se deslocaram para o Brasil e, mais especificamente, para Santa Catarina. Além de apresentar um panorama histórico no qual analisa a inserção social, cultural e econômica deste grupo de imigrantes, o pesquisador discute o sentido de pertença e os aspectos que contribuem com ele, bem como as construções identitárias que permeiam as memórias dos indivíduos na nova morada. Soares (2012) destaca que a família, a coletividade e a ligação com a Questão Palestina assumem papel determinante no estabelecimento dos palestinos e seus descendentes na sociedade catarinense.

A partir de entrevistas, histórias de vida e trajetórias migratórias, Montenegro (2013) reflete sobre o conjunto de processos de identificação produzidos por imigrantes “árabes-muçulmanos” e seus descendentes nas três cidades que compõem a Tríplice Fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai – Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad Del Este. A autora analisa o modo como discursos sobre questões relativas ao trabalho, à adscrição religiosa e às expectativas sobre o futuro informam e constituem tais processos de identificação.

Importa destacar que a quantidade de estudos que focalizam, de uma maneira ou de outra, residentes exclusivamente de Foz do Iguaçu cujas famílias são de origem “árabe” já é relativamente significativa. Ykegaya (2006), por exemplo, investigou a construção das representações dos “árabes” libaneses de Foz do Iguaçu sobre si mesmos e em suas relações com o Outro, com particular destaque para aspectos relacionados ao local de origem, ao trabalho no comércio e à religião. A pesquisadora discute, a partir da análise de seis entrevistas semiestruturadas, o movimento diaspórico desse grupo e sua (re)organização enquanto coletivo inserido na diversidade do município. Nesse percurso, ela apresenta, em caráter ilustrativo, uma comparação entre o processo migratório dos libaneses que se deslocaram para o Brasil e daqueles que reconstruíram suas vidas nos Estados Unidos.

Seguindo o mesmo objetivo de discutir questões identitárias no interior da comunidade “árabe” de Foz do Iguaçu, Arruda (2007) buscou descrever, em sua

dissertação de mestrado, o perfil identitário dos libaneses de Foz do Iguaçu e de Ciudad Del Este, sob a ótica da estereotipificação do diferente, contrapondo, em seus termos, ações “de transmissão e (re) construção de tradições do país de origem” com as percepções e os estereótipos gerais a respeito desse grupo de imigrantes.

Rabossi (2007) escreveu um artigo em que descreve a imigração libanesa para a região a partir dos registros históricos e das narrativas de membros desse grupo. O autor discorreu sobre a presença da comunidade árabe e sua importância para a economia local, colocando em xeque a visão estereotipada do imigrante libanês ao destacar trajetórias individuais e articulações políticas e sociais.

Em 2008, Silva,<sup>15</sup> antropóloga e pesquisadora da UNIOESTE, publicou artigo no qual demonstra a reordenação da identidade dos “árabes” de Foz, descrevendo-a em suas dimensões macro (cultural e política) e micro (práticas locais – educacionais e religiosas, particularmente). Nesse texto, a autora ressaltou o deslocamento das identidades (heterogêneas, diga-se de passagem) na interação com o outro, o que remete aos contextos de inclusão e exclusão desse grupo na comunidade local e também às fronteiras móveis de suas demarcações identitárias.

Tendo por participantes de pesquisa pessoas de uma ampla gama de nacionalidades– e incluindo entre elas uma família de imigrantes libaneses –, Oliveira (2012a, 2012b), por exemplo, faz uso de narrativas para melhor compreender os imigrantes e suas práticas culturais em interação com a urbanidade da “Foz do Iguaçu Intercultural”. Oliveira utiliza em seus estudos as histórias de vida de seus sujeitos para conhecê-los, e conhecer também o cotidiano intercultural de parte dos imigrantes que constituem a Foz “poliédrica” e diversa que busca delinear.

Cardozo (2013) entrevistou 24 descendentes de libaneses em Foz do Iguaçu com o intuito de examinar as identidades culturais de seus participantes à luz das teorias da diáspora contemporânea. A pesquisadora constatou, pelas narrativas dos jovens, a natureza plural de suas construções identitárias, que oscilam entre uma lealdade às origens, ao mesmo tempo em que se busca inserir na sociedade acolhedora. A autora enfatiza, também, que o investimento nas instituições representativas de preservação das tradições culturais e memórias facilita a reterritorialização dos membros dessa comunidade, mas que esses seguem em

---

<sup>15</sup> A pesquisadora seguiu com sua pesquisa e publicou um capítulo de livro em 2018 que será descrito mais adiante.



conflito permanente entre a provisoriedade do movimento diaspórico e a permanência em uma cidade conhecida como receptora de imigrantes e que possibilita a vivência das manifestações culturais de origem.

Em sua monografia na área de Psicologia, Sleiman (2013) relacionou aspectos culturais valorizados pelos imigrantes falantes de árabe e o processo de resiliência. Considerando a cultura como um fator baseado nas vivências sociais, a pesquisadora procurou analisar se os aspectos e tradições culturais mencionados por seus participantes de pesquisa nas narrativas por eles contadas influenciaram positiva ou negativamente o processo de resiliência perante as dificuldades de estabelecimento na nova morada.

Seguindo com o grupo de imigrantes libaneses e descendentes em Foz do Iguaçu, Cardozo, em seu texto de 2016, analisa o movimento diaspórico deste grupo e suas construções em quatro níveis: individual, comunitário, nacional e transnacional, todos relacionados à visibilidade de seus marcos culturais, de seus membros e da própria comunidade no município. Com isso, a pesquisadora assinala que o deslocamento e o estabelecimento deste grupo como característico das diásporas, já que, nesse sentido, é possível observar a existência de, por exemplo, “múltiplas pertencas; base solidária entre os membros de uma comunidade; organizações/instituições no país anfitrião; contato contínuo com o país de origem; lealdade; redes sociais transnacionais; e um número de pessoas para sustentar as instituições” (CARDOZO, 2016, p. 56-57).

Importa destacar, no entanto, que, muito embora já seja possível encontrar vários estudos conduzidos por pesquisadores brasileiros que focalizam questões identitárias referentes a comunidades de imigrantes oriundos de países falantes da língua árabe no país, quando o que está em jogo são os perfis sociolinguísticos desses falantes e a questão da língua de herança nessa comunidade, ainda que já existam estudos realizados por pesquisadores estrangeiros sobre esse tema, no Brasil, **apenas um trabalho, o de Silva (2018), foi encontrado**. Nesse seu artigo, baseado numa pesquisa etnográfica iniciada em 2006, a autora descreve, inicialmente, os processos migratórios para a cidade de Foz do Iguaçu, assim como o estabelecimento dos imigrantes oriundos de países de língua árabe na cidade. Silva conecta o desenvolvimento da comunidade de falantes de árabe às condições econômicas locais no momento da migração e da reterritorialização dos indivíduos. A pesquisadora ressalta a pluralidade de trajetórias

de migração e perfis sociolinguísticos que compõem esse grupo, afirmando que tal diversidade pode ser percebida no cotidiano local, em termos de utilização de repertórios linguísticos específicos, país de origem, filiação religiosa, entre tantos outros aspectos que os diferenciam entre si, apesar de esses imigrantes serem considerados, equivocadamente, como um grupo único e homogêneo pela sociedade local. Essa antropóloga também relata os movimentos de criação e fortalecimento de instituições locais que auxiliam na preservação e na valorização dos traços culturais e linguísticos dessa comunidade.

E foi com o intuito de complementar, expandir, aprofundar o conhecimento produzido por Silva (2008, 2018) em sua pesquisa, que me propus a também investigar as identidades linguísticas de membros da comunidade de falantes de árabe residentes em Foz do Iguaçu, com o intuito de minimizar a escassez de estudos sobre essa questão, o que, espero, contribua para justificar a presente tese.

Juntamente com as questões sobre a identidade linguística e a relação com a língua árabe, nas narrativas dos participantes, surgiram diversos outros apontamentos sobre os aspectos culturais dessa comunidade de falantes de árabe, principalmente naquilo que concerne seus posicionamentos e suas relações com o outro em seu entorno. Sobre a relação dos falantes de árabe com a comunidade local, um dos pontos enfatizados pelos participantes do estudo refere-se às visões que se têm do modo preconceituoso como os imigrantes oriundos de países de fala árabe, especialmente aqueles que professam a fé islâmica, são, por vezes, avaliados, o que lhes causa temor, ansiedade e preocupação. É sabido que, nos discursos que circulam na sociedade, o que inclui o discurso midiático, ao mesmo tempo em que se validam determinadas identidades sociais, rejeitam-se outras por influência dos fatores históricos, políticos e sociais que são referência dominante no momento. Dado o mais recente cenário de prevalência da demonização do Oriente descrito por Said (2007), impera uma associação indevida do migrante de países do que ele denomina mundo árabe com o terrorismo, gerando, assim, *islamofobia*.<sup>16</sup> Creio que tematizar essa questão neste trabalho pode contribuir, ainda que minimamente, para que representações estereotipadas acerca dos imigrantes

---

<sup>16</sup> Segundo Said (2007), há uma tendência do mundo ocidental em criar representações sobre o "Oriente", o que o autor denomina como *orientalismo*; algo que, ao mesmo tempo em que exerce um poder de fascínio pelo seu aspecto exótico, é considerado, pela cultura ocidental, como perigoso e ameaçador.

oriundos de países de fala árabe no Brasil, bem como de seus descendentes, possam ser revistas. Nesse sentido, esta tese poderia se justificar, já que, como aponta Hajjar em entrevista a Mirhan (2012, p. 237), há necessidade de condução de mais pesquisas que abordem, de uma perspectiva não tendenciosa, a questão árabe. Isso me parece particularmente importante no que tange aos profissionais da área da educação, de um modo geral, já que tenho como aspiração pessoal que o conhecimento produzido pela pesquisa aqui descrita possa, primeiramente, contribuir para uma melhor compreensão, por parte de educadores, do modo como eles podem e devem ajudar a combater, em suas práticas em sala de aula, a imagem distorcida e equivocada, construída principalmente pela mídia, de que ser oriundo de país de língua árabe e/ou ser muçulmano é ser necessariamente terrorista, retrógado, primitivo, entre tantas outras qualificações que reforçam o sentimento de *islamofobia* disseminado no momento. Por outro lado, é também minha expectativa de que este trabalho, ao dar voz a um grupo de falantes de árabe em Foz do Iguaçu, tornando conhecidas as histórias de imigração de suas famílias, bem como algumas de suas particularidades culturais, possa contribuir para que professores que lidam com membros desse setor populacional da cidade em suas salas de aula, (i) tenham, eles mesmos, melhores condições de acolher esses seus alunos, de forma respeitosa, na escola e (ii) possam promover, junto a todo o seu alunado, o respeito à diversidade linguística e cultural que caracteriza o nosso país na contemporaneidade.

Por último, como forma de também tentar justificar este trabalho de tese, creio que ele pode beneficiar aqueles que investigam outros contextos de imigração transnacional no Brasil, uma vez que as histórias da imigração do mundo de fala árabe para o Brasil se assemelham às histórias de imigração de outros povos: pessoas que acabam saindo de seus países em busca de melhores condições de vida.

#### **1.4 A organização da tese**

Este trabalho de tese está organizado da seguinte forma:

- Capítulo 1: Neste primeiro capítulo, busquei situar o leitor no que se refere ao contexto investigado e à natureza, o escopo e os objetivos da pesquisa empreendida, além de justificá-la.

- Capítulo 2: O segundo capítulo oferece um panorama histórico das políticas linguísticas que circulam ou estiveram em circulação no país. Em seguida, teço algumas considerações gerais sobre os processos migratórios para o Brasil, para, então, descrever mais detalhadamente, o processo de imigração “árabe” para o país e, mais particularmente, para Foz do Iguaçu, onde o estudo em pauta foi conduzido. Indícios da forte presença da língua árabe na paisagem linguística da cidade são, nesse percurso, apresentados e discutidos.
- Capítulo 3: Embora todos os capítulos desta tese sejam, em alguma medida, informados teoricamente, no seu terceiro capítulo discorro sobre alguns dos principais conceitos teóricos que fundamentaram e direcionaram a análise dos dados, detendo-me, especificamente, (1) em narrativas e na sua relação com os conceitos de identidades, representações e posicionamentos interacionais; (2) no comportamento de sujeitos bi/multilíngues e (3) em políticas linguísticas familiares de transmissão e manutenção das línguas de herança.
- Capítulo 4: No quarto capítulo, trato dos princípios epistemológicos que orientaram este estudo e referencio minha filiação a uma das vertentes da Linguística Aplicada Contemporânea. Reitero a relevância das narrativas como fontes de dados que revelam o processo de construção identitária e suas nuances. Descrevo os participantes da pesquisa, o processo de geração dos dados e os critérios utilizados na sua análise.
- Capítulo 5: Este capítulo, no qual analiso e discuto os dados selecionados, está dividido em três partes, tendo em mente as perguntas eleitas para nortear a investigação em pauta e a organização temática ali proposta.
- A tese se encerra com algumas considerações finais, após as quais listo as referências bibliográficas aqui utilizadas.

No próximo capítulo, como já dito, discuto as políticas migratórias e linguísticas brasileiras, de um modo geral, focalizando, mais especificamente, o processo de imigração de falantes de árabe para o Brasil e, especificamente, para Foz do Iguaçu. É importante considerar, além disso, que a presença expressiva de falantes da língua árabe é fortemente sentida na paisagem linguística da cidade. Entende-se, aqui, por paisagem linguística a “presença, representação, sentidos e interpretação da língua expostas em lugares públicos (...), algumas vezes por razões

funcionais, outras por motivos simbólicos”<sup>17</sup> (SHOHAMY, 2012, p. 538). Em sendo assim, discorro também sobre essa questão, já que ela que contribui para atestar a existência de um movimento de resistência às políticas de silenciamento das línguas de imigrantes no país.

---

<sup>17</sup>No original: “(...) presence, representation, meanings and interpretation of language displayed in public places (...) at times for functional reasons, at other times for symbolic purposes”.

## CAPÍTULO 2

### **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E POLÍTICAS DE IMIGRAÇÃO: O QUE OS IMIGRANTES FALANTES DE ÁRABE ENCONTRARAM NO BRASIL**

---

No capítulo anterior, procurei definir, em linhas gerais, o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa aqui focalizada. A seguir, de modo a poder descrever mais pormenorizadamente o contexto em que esse estudo se desenvolveu, discorro sobre as políticas linguísticas brasileiras relativas às línguas em circulação no Brasil. Em seguida, discorro sobre as políticas de imigração brasileiras e as especificidades da imigração proveniente de países de língua árabe para Brasil e, em particular, para a cidade de Foz do Iguaçu.

#### **2.1 Políticas linguísticas brasileiras e línguas minoritárias**

Esta seção está dividida em duas partes. Na primeira, descrevo as políticas linguísticas articuladas pelo Estado brasileiro para configurar o português como língua nacional e instaurar a noção de “brasilidade” durante o Brasil Colônia. Na segunda, ocupo-me em discorrer sobre os efeitos da política linguística empreendida durante o governo de Getúlio Vargas no que concerne, especificamente, às línguas dos imigrantes que para cá vieram.

##### **2.1.1 As políticas linguísticas brasileiras no Período Colonial**

Centralizando o foco da discussão no modo como são significadas as línguas existentes no território colonizado, a própria denominação das línguas faladas, a história dessas línguas, os estudos linguísticos realizados, enfim, toda uma discursivização engendrada em torno da questão linguística e dos efeitos da língua do colonizador mostra a necessidade de se teorizar e reterritorializar esses sentidos já dados, cujos efeitos ainda reverberam nas discussões sobre a língua falada no Brasil (MARIANI, 2004, p. 25).

Apesar da existência, em território brasileiro, de diversas línguas nativas, de línguas africanas e de línguas de imigração que, ao longo da história, circularam em distintos espaços de comunicação em nosso país, é sabido que as políticas linguísticas brasileiras nunca favoreceram, nem as línguas dos nossos povos originários, nem as línguas trazidas do continente africano por escravos, nem tampouco as línguas dos imigrantes do Brasil, em detrimento da língua da colônia portuguesa. Assim como indicado por Mariani (2004) na citação de abertura desta

seção, conhecer os discursos e as ações empreendidas pelo Estado, em termos de políticas linguísticas, auxilia na significação e na melhor compreensão sobre os seus efeitos na população como um todo – e contribui para uma melhor compreensão do contexto de circulação das línguas de imigração no Brasil.

A história da língua portuguesa no Brasil pode ser dividida em quatro períodos principais, aqui elencados a partir das políticas linguísticas<sup>18</sup> adotadas por Portugal e que estabeleceram a relação da língua portuguesa com as demais línguas da colônia. Tal critério foi estabelecido por Guimarães (2005) em seu artigo *A língua portuguesa no Brasil*.

### **Primeiro período da história da língua portuguesa no Brasil (1500-1654)**

A conjuntura linguística local no período inicial da história das línguas do/no Brasil, correspondente aos primeiros 150 anos da colonização (1500-1650, aproximadamente), contemplava diversas línguas além do português, tais como línguas indígenas, línguas africanas, crioulos de base portuguesa e o *nheengatu* (Língua Geral da região Norte), entre outras. Naquele momento, o país tinha, além das cerca de 1,3 mil línguas indígenas faladas (BERENBLUM, 2003; OLIVEIRA, 2003), uma língua de Estado – o português, usado principalmente em contextos específicos da administração da colônia de Portugal. Considerando os interesses religiosos da colônia, a diversidade linguística brasileira não era nada interessante à Igreja, e os jesuítas se viram obrigados a começar “um estudo sistemático das línguas indígenas, perseguindo principalmente o interesse de conquistar os índios para a religião cristã” (BERENBLUM, 2003, p. 63), ditando assim os primeiros passos do processo de colonização linguística do Brasil. Os estudos em questão abriram caminho para a construção da Língua Geral a partir da sistematização gramatical e escrita do que se acreditava ser, á época, a ‘língua tupi’. Era falada, originalmente, pelos responsáveis pela expansão – bandeirantes e jesuítas –, com vistas a conter possíveis impedimentos na concretização do projeto de evangelização da população indígena. Essa língua passou, posteriormente, a ser usada pela maioria da população (índios, negros e portugueses), com o desbravamento do país conduzido pelos colonizadores. Com o tempo, a Língua

---

<sup>18</sup> Adoto aqui o sentido de *políticas linguísticas* atribuído por Maher (2013, p. 119), que diz que essas “se referem a objetivos e intervenções que visam afetar, de uma maneira ou de outra, os modos como as línguas se constituem – no que diz respeito a suas gramáticas, suas ortografias, etc. – ou os modos como elas são utilizadas ou, ainda, transmitidas”.

Geral passou a funcionar como *língua franca* da Colônia (BERENBLUM, 2003; MARIANI, 2004; GUIMARÃES, 2005).<sup>19</sup>

Além do processo histórico de catequização dos povos originários e consequente consolidação do português como língua oficial no Brasil Colônia, destaca-se, a partir do Renascimento europeu, a criação de uma gama de dicionários e gramáticas monolíngues para descrever as línguas neolatinas – dentre elas, o português. Esse processo incentivou a descrição linguística da Língua Geral, ou *nheengatu*, realizada no final do século XVI pelo Padre José de Anchieta, como consequência “tanto da necessidade de evangelização, quanto desta nova tradição tecnológica [que circulava] no pensamento europeu” (MARIANI, 2004, p. 23).

É crucial enfatizar, portanto, que, inicialmente, a diversidade linguística brasileira foi fator determinante na impossibilidade de se estabelecer o português como língua nacional, o que ia de encontro aos interesses políticos da colônia portuguesa. Tanto as línguas dos povos originários, quanto a Língua Geral eram tidas como entraves ao projeto de estabelecimento do português como a língua nacional do Brasil Colônia. E é justamente a perda da heterogeneidade de línguas que está em evidência no processo de colonização linguística entre os séculos XVI e XVIII, até a subsequente institucionalização do português como língua oficial do Brasil em 1757, no segundo período da história da língua portuguesa no Estado Brasileiro.<sup>20</sup>

### **Segundo período da história da língua portuguesa no Brasil (1654-1808)**

Juntamente com os dois processos históricos anteriormente mencionados, a saída dos holandeses do Brasil, em 1654, foi relevante para a configuração do percurso da colonização linguística brasileira por marcar o início do segundo momento da história das línguas na Colônia (GUIMARÃES, 2005). Entre a saída dos holandeses e o ano de 1808, quando a família real portuguesa chegou ao país, a língua holandesa perdeu espaço naturalmente na região nordeste e o português se consolidou como língua oficial a partir de 1757, quando o Marquês de Pombal publicou o *Diretório dos Índios*, que foi um “documento no qual se proibia o

---

<sup>19</sup> Destaque-se que o *nheengatu* é ainda utilizado por um número considerável de falantes no norte do país, sendo, atualmente, ao lado do *baniwa*, do *tukano* e do português, uma das quatro línguas oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, Estado do Amazonas (MAHER, 2013).

<sup>20</sup> Vale mencionar que, em alguns pontos do país, falava-se também o holandês, cujo uso decorreu da presença de colonizadores holandeses no território brasileiro. Tal língua, apesar de não ser oficial, gozava de certo prestígio por ser, juntamente com o português, uma língua europeia, “de colonizador”.



ensino de línguas indígenas, particularmente do nheengatu” (MAHER, 2013, p. 122). Em 1759, o Diretório foi complementado por uma ordem que instituiu o português como única língua oficial do Brasil. Como resultado dessa política linguística, a Língua Geral e as línguas indígenas foram perdendo força no território nacional nas décadas seguintes, ao mesmo tempo em que a língua portuguesa passou, paulatinamente, a ser a mais falada pela população dos municípios mais importantes do Brasil Colônia. A trajetória linguística brasileira caminhou, portanto, lado a lado com a política colonizadora portuguesa, que almejava promover o monolinguismo e diluir a diversidade linguística aqui existente, num ato claro de motivação política de imposição da língua da metrópole a sua colônia. Mariani (2004, p. 95) afirma que “a situação linguística no território brasileiro traz à tona a tensão constitutiva do processo colonizador (...): para fazer frente à diversidade de línguas e culturas existentes, era necessário impor uma unidade”.

Percebe-se, então, que o espaço social de contato entre as diversas línguas e culturas aqui presentes estava seguramente influenciado por encontros e conflitos de relações de poder naturalmente assimétricas e impositivas. De um lado, tinha-se a imposição da língua pela metrópole colonizadora, enraizada na ideologia do eurocentrismo; de outro, o colonizado, que podia apenas exaltar sua língua de origem ou lamentar seu desaparecimento. Como resultado da política eurocêntrica dizimadora da diversidade linguística brasileira, houve, portanto, um silenciamento dos povos originários a partir do entrelaçamento de língua e nação no imaginário coletivo, com o intuito de manter a hegemonia do colonizador português sobre o colonizado ‘brasileiro’.

A postura repressora de apagamento de grupos minoritarizados contribuiu para o fortalecimento do mito da unidade linguística no Brasil, mito esse presente até os dias de hoje no imaginário coletivo do povo brasileiro (BAGNO, 2001). Para Massini-Cagliari (2004), a proibição do uso das outras línguas aqui faladas abriu espaço para uma política opressora dos direitos linguísticos da maioria da população, que possibilitou a exclusão social embasada no preconceito linguístico, ainda tão evidente em nossa sociedade, já que a imposição de uma única língua oficial também abriu espaço para o controle do uso das línguas a partir da variação predominante nas classes de prestígio.

### **Terceiro período da história da língua portuguesa no Brasil (1808-1826)**

Esse período da história do Português no Brasil começou a partir da vinda da família real ao país, no início do século XIX, e se estendeu até 1826 (GUIMARÃES, 2005). Dadas a importância e a valorização da presença de um monarca português no próprio território colonizado, a criação da imprensa e da Biblioteca Nacional, e a Independência do país em 1822, o uso da língua portuguesa em contextos de relevância social ganhou amplitude e destaque e foi considerado um dos fatores “unificadores” da Colônia. “Esses fatos produzem certo efeito de unidade do português para o Brasil, enquanto língua do rei e da corte” (GUIMARÃES, 2005, p. 26).

É importante ressaltar que a expansão da imprensa em português fez parte de uma política estatal para legitimar o domínio da metrópole sobre a colônia e, assim, alimentar a ideologia do *déficit linguístico*, segundo a qual as línguas indígenas não possuiriam, conforme especifica Mariani (2004, p. 26), as “três instituições nucleares do aparelho de Estado – religião, realeza e direito”. Essa crença se deve, particularmente, à ausência dos fonemas /f/, /R/ e /l/ – correspondentes aos grafemas "F", "R" e "L" – nas línguas indígenas. Com base nessa ausência, Mariani afirma que se construiu uma imagem do indígena como um ser inferior, não civilizado, que não conhece nem o poder religioso (a **Fé**), nem o poder real central (o **Rei**), nem uma administração jurídica (a **Lei**).

### **Quarto período da história da língua portuguesa no Brasil (a partir de 1826)**

Por fim, o quarto e último período da história da relação da língua portuguesa com as outras línguas do Brasil abriu a discussão a respeito da sobreposição da *língua oficial* e da *língua nacional* quando, em 1826, conforme relatado por Guimarães (2005, p. 26), José Clemente, então deputado, colocou em evidência a necessidade de que os diplomas de médicos deveriam estar escritos no que ele nomeou, à época, de “língua brasileira”. Tal proposta suscitou extenso debate nas diversas esferas envolvidas com o uso da língua portuguesa, que passou a ser, não somente o idioma oficial, mas também a língua da *nação* brasileira.

Esse momento da história linguística do Brasil é marcado pelas primeiras discussões metalinguísticas sobre a chamada *língua brasileira*. Foi nesse período

que se iniciou o processo de descrição e elaboração de instrumentos tecnológicos da língua (tais como dicionários e gramáticas). Essa gramatização do português brasileiro consistiu, então, na eleição e na padronização da língua; na sua ortografização e dotação de léxicos eruditos, técnicos e científicos; na seleção de um padrão de língua acima das suas variações, entre outras ações, com vistas ao fortalecimento da variação da Língua Portuguesa usada no Brasil, processo esse consolidado algumas décadas depois (BERENBLUM, 2003; ZOPPI-FONTANA, 2009). Além dos acontecimentos linguísticos já mencionados do terceiro período, que foram altamente influentes no período subsequente – a criação da Imprensa e da Biblioteca Nacional –, enfatizou-se também o início de “debates entre brasileiros e portugueses a propósito das construções consideradas inadequadas por escritores e gramáticos portugueses” (ZOPPI-FONTANA, 2009, p. 17). Mais especificamente, pode-se dizer que esse é um período caracterizado por:

disputas em torno da gramática, da ortografia e mesmo em relação à denominação da língua nacional no Brasil. Essas disputas fazem parte do processo de afirmação de uma incipiente nação, cuja cultura ainda mantinha traços profundos de oralidade e um sistema escolar insatisfatório, taxas altíssimas de analfabetismo e escassas bibliotecas (BERENBLUM, 2003, p. 69).

Além dessas discussões acerca da *língua brasileira* e de seus usos, esse período foi marcado pelo primeiro contato entre a língua portuguesa e as línguas de imigrantes, que passaram a entrar no país de forma modesta no início dessa época, mas aumentaram significativamente após a Abolição da Escravatura, em 1888.

A seguir, apresento um quadro-resumo, elaborado com base nos períodos da história das línguas do Brasil conforme Guimarães (2005).

HISTÓRIA DAS LÍNGUAS DO BRASIL NO PERÍODO COLONIAL		
Períodos	Anos de duração (aprox.)	Fatos relevantes
1º	1500 – 1654	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diversidade linguística local</li> <li>- Evangelização dos povos originários</li> <li>- Língua geral como língua franca</li> <li>- Perda da diversidade linguística</li> </ul>
2º	1654 – 1808	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Expulsão dos holandeses</li> <li>- Diretório dos Índios (1757) e consequente proibição do uso de outras línguas além do Português</li> <li>- Português como língua oficial e mais falada da colônia</li> </ul>
3º	1808 – 1826	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Declínio no uso da língua geral com a criação da imprensa e da Biblioteca Nacional e a consequente ampliação do uso do português como principal língua de circulação na colônia</li> <li>- Consolidação do Português como língua oficial e de unificação da colônia</li> </ul>
4º	A partir de 1826	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Português como língua oficial e nacional do Brasil (“língua brasileira”)</li> <li>- Início da interação entre o português e as línguas de imigrantes, particularmente após a Abolição da Escravatura (1888)</li> </ul>

**Quadro 1: História das línguas do Brasil no Período Colonial**

Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora

### 2.1.2 Violência linguística: a perseguição às línguas de imigrantes na Era Vargas

Violência, no sentido estrito (do latim *violentia*), significa “força que se usa contra o direito e a lei”, usada genericamente como sinônimo de agressão, constrangimento, violação de direitos, violação de propriedade, ação nociva contra o corpo, opressão física ou psicológica (PEREIRA; FLORENZANO; BRITTO, 2005, p. 235).

A despeito desses processos de silenciamento, sabe-se que, de diferentes modos, as línguas dos imigrantes continuam sendo praticadas atualmente em determinados contextos, sobretudo em pequenas comunidades e no espaço privado, paralelamente ao português (PAYER, 1999, p. 115).

O período correspondente ao fim do século XIX e o começo do século XX, com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889) como referenciais históricos, foi de suma importância para a configuração do Estado Brasileiro. Foi uma época de grande investimento na intelectualidade, com o objetivo

de encontrar, de materializar uma ‘identidade brasileira’ por meio de obras diversas, desde gramáticas e dicionários, no fim do século XIX, até as obras literárias e artísticas das primeiras décadas do século XX, marcadas pela ênfase na brasilidade (BERENBLUM, 2003, p. 71-73).

Com a propagação da ideia de nacionalização do ensino, em voga nos anos 1930/1940, difundiram-se medidas repressivas que visavam à interdição das línguas de imigrantes em circulação no país, medidas essas pautadas pela ideologia da unidade nacional. O então dirigente ditatorial do Brasil, Getúlio Vargas, buscando implementar seu Projeto de Nacionalização, abriu a “segunda forte investida na consolidação da língua portuguesa como língua nacional do país” (COELHO, 2009, p. 9) ao assinar um decreto-lei que dispunha sobre a obrigatoriedade de adaptação, de todos os cidadãos descendentes de estrangeiros no Brasil, ao contexto brasileiro, obrigando-os a abrir mão de suas línguas e culturas, de forma a contribuir para o imaginário coletivo de identidade e unidade nacionais. Assim, com o estabelecimento do conceito jurídico de *crime idiomático*, houve uma repressão às línguas de imigrantes e interdito-se, portanto, o caminho delas no país (OLIVEIRA, 2003, p.87-88), a partir da violência e do silenciamento dessas comunidades, conforme também apontado por Pereira, Florenzano e Britto (2005) e Payer (1999) nas citações que abrem esta subseção.

A implementação dessa política linguística repressora de imposição do português ocorreu de forma violenta, conforme descreve Oliveira (2009, p. 22):

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas.

As unidades federativas que mais sofreram com essa política massacrante foram Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dado o grande número de imigrantes italianos e alemães – oriundos de dois dos três países integrantes do Eixo inimigo na 2ª Guerra Mundial – que ali se estabeleceram (OLIVEIRA, 2003, p. 10; 87-88; MASSINI-CAGLIARI, 2004, p. 13). E o movimento de não acomodação das línguas minoritárias em uso, o que endossa o mito do monolinguismo, no Brasil, acaba sendo “eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, **as**

**comunidades de imigrantes** e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias” (CAVALCANTI, 1999, p. 387 – grifos meus).

Não é possível precisar, atualmente, o número de línguas faladas no país, além do português, idioma considerado língua nacional. O Censo de 2010, divulgado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, estimou o número de línguas indígenas, ou línguas autóctones, em 274, muito embora linguistas venham argumentando, segundo Cesar e Maher (2018), que esses dados podem estar superestimados, já que uma cifra mais realista seria 188.<sup>21</sup> E, segundo Morello (2016), há mais de 50 línguas de imigração, também chamadas de línguas alóctones, em uso no país. E quando se soma a esses dados, a existência de duas línguas de sinais – a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e a Língua de Sinais Kaapor Brasileira<sup>22</sup>– e de línguas afro-brasileiras também em circulação em contextos religiosos no país–, temos, então que o Brasil se coloca como um dos países mais multilíngues do mundo (MORELLO, 2016).

Apesar das inúmeras evidências da heterogeneidade linguística no Brasil, não é essa a visão que tem imperado por aqui. A percepção geral é a de que o português é a única língua de comunicação, imagem compartilhada e alimentada por diversos setores da sociedade e que endossa a ideologia do português como língua hegemônica, dominante, no imaginário coletivo nacional. Assim como em outras nações do mundo, a ideologia do monolinguismo nacional é a norma reinante. Essa ideologia é uma construção cultural de amplitude, incrustada nas relações sociais e que reflete um descompasso entre a ideologia do monolinguismo (dominante) e as práticas plurilíngues da população como um todo. Em consonância com essa ideia, Martin-Jones, Blackledge e Creese (2012, p. 3) afirmam que:

Embora a associação ideológica entre monolinguismo e nacionalidade ter sido criticada nas ciências sociais na atualidade, a crença de que cidadãos de um Estado-nação devem compartilhar somente uma língua tem se mostrado particularmente persistente no discurso público e político, assim como em algumas áreas da pesquisa em Linguística.

---

<sup>21</sup> É preciso, no entanto, também considerar que há cerca de 50 povos indígenas ainda não contatados em território nacional, o que pode fazer com que o número de línguas indígenas brasileiras seja, de fato, maior do que 188 (Maher, 2006).

<sup>22</sup>A Língua de Sinais Kaapor Brasileira é uma língua de sinais utilizada pelo povo indígena Urubu-Caapores, que habita o sul do Estado do Maranhão (MAHER, 2006).

Em contextos plurilíngues, a opção por determinada língua ou variedade revela o momento histórico e as ideologias de valorização ou desvalorização dessas línguas, que são diretamente afetadas pelos câmbios sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, acaba influenciando o sentido de identidade para os indivíduos. É importante notar que nesse contexto, “as escolhas linguísticas e as atitudes são inseparáveis dos arranjos políticos, das relações de poder, das ideologias linguísticas e das visões que os indivíduos têm das suas próprias identidades e a dos Outros” (PAVLENKO; BLACKLEDGE, 2004, p. 1). Por isso, o estudo dos discursos sobre línguas e identidades nos permite, não somente compreender o grupo dominante, mas também os grupos minoritários e a maneira como se posicionam e são posicionados.

A manutenção da hegemonia de certas línguas e/ou variantes e a consequente inexistência de uma política linguística de acolhimento e manutenção de outras línguas, além do português, confirma o caráter excludente das escolhas políticas feitas pelas esferas dominantes – afinal, a ausência de um aparato legal de políticas linguísticas e ações oficiais planejadas nesse sentido implica um silêncio que diz muito sobre as verdadeiras preocupações do Estado com respeito à diversidade constituinte de nossa sociedade (MAHER, 2013). Uniformizar acaba sendo a palavra de ordem. O que reforço aqui é que as ações (ou a falta delas) voltadas para a manutenção de uma desigualdade linguística e cultural claramente refletem os interesses políticos e ideológicos do Estado. Para Cavalcanti (1999, p. 397), a “política linguística de monolingüismo no Brasil é uma questão naturalizada, tornada natural”, vista como algo invisível, velado, que muitas vezes passa despercebida pela sociedade, a qual costuma ignorar o discurso científico sobre língua e linguagem. O desconhecimento da população em geral, aliado à visão homogeneizante de língua, tem servido como pano de fundo para a perpetuação de políticas linguísticas que se opõem ao caráter dinâmico e plural da interação no mundo pós-moderno do século XXI.

O que venho afirmando acerca das políticas de homogeneização linguística engendradas pelo Estado brasileiro é relevante para a pesquisa aqui descrita porque, a despeito de tais políticas, Foz do Iguaçu, local onde residem os membros da comunidade de fala árabe investigada, se caracteriza por um *multilingüismo de resistência* (MAHER, 2013), já que existem algumas ações locais de transmissão e manutenção da língua árabe na sociedade iguaçuense; ações que

passam por aulas de árabe, claro, mas também de intervenções abertas na cidade a partir placas de trânsito e direções, banners e outdoors, material de divulgação de eventos e comércios da e para a comunidade de falantes de árabe, entre outras iniciativas de valorização da língua árabe na paisagem linguística da cidade. Nessa comunidade, percebe-se que a língua árabe, além de ser uma “marca” de identidade, é também local “de resistência, empoderamento, solidariedade ou discriminação” (PAVLENKO; BLACKLEDGE, 2004, p. 4). Na última seção deste capítulo, ilustrarei a paisagem linguística de Foz do Iguaçu, demonstrando a presença da língua árabe na cidade.

## **2.2 Políticas de imigração: identidade nacional, etnicidade e a imigração para o Brasil**

Ao final de uma escada rolante que apenas sobe, tenho um panorama do mundo étnico brasileiro. A escada rolante fica num prédio comum, no tradicional bairro de imigrantes de São Paulo, o Bom Retiro. No térreo, há lojas minúsculas, uma após a outra, vendendo roupas, tecidos, bolsas e cintos. Atravessando com dificuldade a galeria congestionada, chego à escada rolante. Ao sair dela, encontro uma multidão negociando suas identidades brasileiras. À minha frente, está a pequena lanchonete que serve as comidas ‘típicas’ dos botequins brasileiros, como esfiha e quibe, que talvez fossem reconhecidos no Oriente Médio, e o sanduíche sugestivamente chamado de Beirute, que decerto não o seria. À minha direita fica o Malcha’s, um restaurante de comida árabe de propriedade de uma mulher que deixou o lêmen para se estabelecer primeiro em Israel e depois no Brasil. Seu cardápio revela sua clientela: escrito em português, hebreu e coreano. À esquerda, encontra-se um grupo de minúsculos restaurantes coreanos, que compartilham o restante do pavimento com lojas de balas, que consigo entrever pelas frestas nas tábuas. Uma rápida olhada em seu interior sugere que a maioria dos empregados é boliviana e a maioria dos proprietários, coreana. A língua franca é o português, e o país é um Brasil onde a cultura em comum centra-se nas oportunidades econômicas e sociais (LESSER, 2001, p. 17-18).

A citação acima, retirada do livro *A negociação da identidade nacional*, escrito por Lesser, em 2001, retrata a realidade brasileira naquilo que concerne à presença de diferentes grupos étnicos no país e à negociação de uma “identidade brasileira”. Tal questão pode ser percebida não somente na análise da formação do país, com a presença dos povos originários, dos escravos e dos colonizadores europeus, mas também quanto ao que diz respeito à grande entrada de imigrantes a partir das últimas décadas do século XIX. De acordo com os dados apresentados



pelo pesquisador (2001, p. 26), foram 4,55 milhões de imigrantes entre 1872 e 1949. Por isso, pode-se afirmar, sem margem para dúvidas, que, igualmente ao que se encontra na grande maioria dos países do mundo: o Brasil é (e sempre foi) um país plurilíngue e multicultural.

Com a vinda de imigrantes para o Brasil para suprir a mão-de-obra após a abolição da escravatura, a negociação da identidade nacional passou a ser permeada pelo questionamento do conceito de brasilidade por aqueles que aqui se estabeleceram. A pergunta central daquele momento era: o que é ser brasileiro, afinal?

O discurso vigente no período, corroborado pela elite dominante, considerava a questão da nacionalidade, com base no que afirma Lesser (2001), na proposição eugênica lamarquiana, segundo a qual é possível ter uma “única raça” correspondente a cada país. No caso específico do Brasil, e de acordo com os interesses da elite brasileira, a ‘raça’ privilegiada deveria ser a branca. Por isso, pode-se dizer que os imigrantes brancos de origem europeia tiveram caminhos abertos para o trabalho nas lavouras brasileiras de 150 anos atrás.

Segundo Lesser (2001, p. 21-23), essa “brancura” almejada como marca de brasilidade passou a ser questionada com a chegada dos imigrantes não europeus, originários do Oriente Médio e da Ásia, com destaque especial para os sírios, libaneses e japoneses. Esses imigrantes colocaram em xeque, além do conceito limitador, simplista e de certa forma preconceituoso de “raça”, a própria relação entre identidade nacional e etnicidade. Dessa maneira, suspendeu-se, a partir da “criação de uma multiplicidade de brasileiros hifenizados, e não de um grupo único e uniforme” (LESSER, 2001, p. 22), a tentativa feita à época de se homogeneizar a identidade nacional.<sup>23</sup>

Na sequência, apresento uma breve descrição do processo migratório de indivíduos de origem em países de língua árabe para o Brasil e, a seguir, mais especificamente, para Foz do Iguaçu. Procuro focalizar o contexto de partida do país de origem, buscando identificar os elementos que impulsionaram inicialmente o deslocamento desse grupo e o contexto de chegada, buscando entender o que atraiu a vinda desses imigrantes e influenciou sua inserção na cidade hospedeira.

---

<sup>23</sup>Em sua obra publicada em 2015, Lesser retoma e atualiza suas reflexões sobre essas questões.

### 2.2.1 A imigração de falantes de árabe para o Brasil

A conquista da Península Ibérica pelos mouros, a emoção da reconquista europeia, os excessos da Inquisição e a clara influência árabe na língua portuguesa colocavam as pessoas oriundas do Oriente Médio num lugar especial, tanto de amigo quanto de inimigo, como exoticamente diferente e, no entanto, de algum modo familiar (LESSER, 2001, p. 87).

Sabe-se que a formação de qualquer sociedade – e não somente a brasileira – costuma se caracterizar por correntes migratórias. Pesquisar movimentos migratórios, diaspóricos ou não, engloba tanto o estudo do deslocamento espacial dos indivíduos, quanto à análise das implicações desse deslocamento sobre o meio social, o que inclui, prioritariamente, as condições que levaram ao deslocamento, a descrição do contexto de partida e de chegada, e a inserção dos migrantes na nova sociedade, entre outros fatores.

Considerando a grave crise política e econômica nos países sob domínio do Império Turco-Otomano no fim o século XIX e a opressão social e religiosa decorrente dessa ocupação, muitos indivíduos originários de regiões que hoje correspondem principalmente à Síria, Líbano e Palestina saíram em busca de melhores condições de vida. Esses indivíduos encontraram um paradeiro perfeito no Brasil pós-Abolição da Escravatura – um país aberto para a vinda de migrantes dispostos a trabalhar nas lavouras no lugar dos escravos. Foi nesse contexto que os primeiros árabes do *mahjar*<sup>24</sup> começaram a se estabelecer no Brasil.

Apesar de o Brasil ser considerado, a partir dos anos 1880, um dos países de imigração da diáspora árabe, Jardim (1999) afirma que a imigração desse grupo para cá “foi, em termos estatísticos, bastante pequena se comparada ao universo de migrantes e a outras minorias nacionais que ingressaram na mesma época. Os ‘turco-árabes’ constam como 2,5% do total de migrantes – segundo dados de 1884 até junho de 1943, são 106.088 em um universo de 4.195.832 migrantes”.

Reproduzo a seguir a adaptação de uma tabela com os números de imigrantes “árabes” que entraram no país do fim do século XIX até 1939,

---

<sup>24</sup>Lesser (2001, p. 137) ressalta que o termo para a diáspora árabe, *mahjar*, é usado para designar a diáspora dos diversos países árabes, com exceção da Palestina, dada a ocupação de seu território por Israel e consequente emigração forçada.

originalmente publicada na Revista de Imigração e Colonização<sup>25</sup> e citada em Lesser (2001, p. 97):

	Total no período	1884 / 1893	1894 / 1903	1904 / 1913	1914 / 1923	1924 / 1933	1934 / 1939
Argelinos	1	*	*	*	*	1	0
Armênios	826	*	*	*	1	821	4
Egípcios	645	*	51	42	190	335	27
Iranianos	129	*	*	*	12	107	10
Iraquianos	10	*	*	*	*	10	0
Libaneses	5.174	*	*	*	*	3.853	1.321
Marroquinos	328	*	192	31	35	47	23
Palestinos	677	*	*	*	*	611	66
Persas	383	*	*	*	*	374	9
Sírios	20.507	93	602	3.826	1.145	14.264	577
Turcos	78.455	3	6.522	42.177	19.255	10.227	271
Totais por origem	107.135	96	7.367	46.076	20.638	30.650	2.308

**Quadro 2: Imigração árabe para o Brasil (1884-1939).**

\*Dados não disponíveis.

Truzzi (1993, p. 22) lembra que os dados sobre a imigração árabe para o nosso país são incompletos e podem apresentar incorreções: nos registros imigratórios brasileiros, em dado momento, os árabes fizeram parte do grupo “outras nacionalidades”, tendo sido também alternadamente categorizados como turcos, sírios e libaneses. Knowlton (1961, p. 37, apud JARDIM, 1999) explica que:

todos os imigrantes do Oriente Próximo foram classificados como turcos até 1892, quando os sírios passaram a ser inscritos separadamente. Como o Líbano era considerado parte da Síria até a primeira Guerra Mundial, todos os libaneses foram incluídos entre os sírios. Os libaneses foram alistados à parte pela primeira vez em 1926. Todavia, tanto antes como depois de 1892, a grande maioria dos imigrantes registrados como turcos eram de fato sírios e libaneses, com um pequeno grupo de armênios.

O primeiro grupo de imigrantes “árabes” chegou ao Brasil em 1871, pelo Porto de Santos, no Estado de São Paulo. Eram, em sua maioria, sírios e libaneses cristãos que fugiam da ocupação de seus países pelo Império Turco-Otomano (TRUZZI, 1992). Conforme mencionado anteriormente, esse primeiro movimento

<sup>25</sup>Revista de Imigração e Colonização, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 617-38, 1940.

migratório de diversos grupos encontrou um contexto favorável devido à recém-outorgada liberdade dos escravos, que abriu espaço para a substituição da mão de obra escrava no campo pelos imigrantes. Vale ressaltar que, diferentemente dos outros grupos, esses primeiros imigrantes oriundos de países de língua árabe vieram sem destino certo, com seus próprios recursos, a partir do incentivo das companhias de navegação e sem acordos bilaterais entre os países (MIRHAN, 2012). Desde então,

os imigrantes do Oriente Médio e seus descendentes engajaram-se de forma ativa numa negociação ampla sobre como a etnicidade 'árabe' poderia transformar a identidade cultural, econômica e social do Brasil (LESSER, 2001, p. 88).

Muitos desses imigrantes vieram para essas terras em caráter provisório, atraídos pela riqueza das lavouras de café então em ascensão, e que compuseram as primeiras oportunidades de trabalhos para o grupo (TRUZZI, 1993). Eles acreditavam que encontrariam uma estrutura agrícola semelhante àquela em que viviam em suas terras de origem, onde a agricultura era familiar e os agricultores eram os proprietários das terras. Ao se depararem com grandes lavouras e impossibilitados de se tornarem proprietários rurais em virtude da escassez de recursos, a grande maioria desistiu de ser colono e passou a investir em uma maneira alternativa de se sustentar, e que se estabeleceu como parte do perfil característico do grupo: a mascateação.

A figura do mascate,<sup>26</sup> tão importante para o estabelecimento da comunidade "árabe" no Brasil, deslocou as aspirações iniciais desse grupo para a aquisição do seu próprio negócio, negócio este que possibilitou um retorno financeiro imediato. O investimento no comércio como fonte de renda impulsionou o desbravamento de áreas pouco povoadas no Brasil, ao mesmo tempo em que proporcionou uma experiência difícil, mas posteriormente recompensadora para aqueles que se aventuraram em busca de melhores condições para si mesmos e para suas famílias. Por sinal, muitas dessas famílias optaram por ficar no Oriente Médio, e somente eram trazidas, se fosse o caso, quando o mascate estava mais bem estabelecido ou tinha seu próprio negócio.

---

<sup>26</sup> O mascate, ou caixeiro-viajante, era o responsável pelo transporte e venda de mercadorias em regiões de difícil acesso e geralmente afastadas dos grandes centros.

A figura do mascate, segundo Lesser (2001, p. 98-99), representa a integração econômica dos imigrantes oriundos de países de língua árabe no Brasil não somente porque o país “era um solo fértil para os caixeiros-viajantes”, mas também porque os “árabes” souberam, a sua maneira, explorar os recursos disponíveis (poucas estradas de ferro, apesar do grande potencial do mercado consumidor interiorano, entre outros fatores) em seu próprio benefício.

A retribuição veio com o desenvolvimento econômico de algumas localidades em que se inseriram e foi decorrente, em especial, da criação de economias de escala por meio das relações estabelecidas entre eles e o comércio em geral. Ao receber crédito dos fornecedores, os “árabes” o repassavam a seus clientes: embora aceitassem pagamento em espécie, em alguns casos permitiam que o pagamento fosse feito nas safras, por meio de produtos alimentícios – daí os mascates serem também chamados de “turcos de prestação”. Tal abertura promovia, nos lugares em que atuavam, o giro da economia local. A partir do crédito concedido e retorno financeiro, os imigrantes “árabes” puderam, aos poucos, abrir estabelecimentos comerciais de pequeno porte. Assim, o mascate pode, então, ser considerado o “protótipo da integração econômica dos árabes no Brasil” (LESSER, 2001, p. 98).

Truzzi (1993) enfatiza a importância dos ganhos obtidos com a mascateação para o sustento do imigrante e de seus parentes. O envio de dinheiro para o país de origem era algo tão significativo que assumia um duplo sentido para esse grupo de migrantes: por um lado, sentiam-se realizados por cumprir suas obrigações familiares e, conseqüentemente, ganhar visibilidade e prestígio em suas aldeias de origem; por outro, viam-se capazes de suprir também suas próprias necessidades materiais e financeiras. Assim, o mascate projeta uma imagem positiva, tanto para a sociedade que os recebeu, em termos de ética e de trabalho, assim como para o país originário, tornando-se uma referência de valorização do cuidado com a família, valor fundamental nos países de língua árabe.

A partir das informações acima descritas, pode-se concluir que as atividades comerciais são um elemento de peso na composição do perfil do grupo, que assume para si a imagem do comerciante, do negociador, do mascate, “do ofício como uma aquisição da migração” (JARDIM, 2007, p. 7). É como uma representação coletiva, um ponto comum que pode caracterizar muitos imigrantes oriundos de países de língua árabe e suas famílias no Brasil, e que caracteriza

também a presença destes em Foz do Iguaçu, conforme descrito mais à frente neste capítulo, já que facilmente nota-se a presença desses imigrantes lidando com atividades comerciais na cidade.

Para concluir esta seção, esboço a seguir um quadro por mim elaborado que contempla os dois grandes ciclos da imigração árabe para o Brasil e uma descrição do contexto de deslocamento. A compilação dos dados foi feita a partir das pesquisas realizadas por Truzzi (1992, 1993, 1997, 2001a, 2001b), Lesser (2001) e Ykegaya (2006).

PRIMEIRO CICLO DA IMIGRAÇÃO ARABE PARA O BRASIL (1860 a 1938)	
Momento 1 (1860 - 1900)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Instabilidade política e econômica, além de opressão social e religiosa, ambas decorrentes do domínio do Império Turco-Otomano.</li> <li>• Busca por melhores condições de vida, em caráter geralmente provisório.</li> <li>• Predomínio de árabes cristãos entre os imigrantes para o Brasil.</li> </ul> <p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expansão econômica e necessidade de trabalhadores na lavoura e na mineração.</li> <li>• Inicialmente, trabalho nas lavouras, seguido da mascateação. Em certas localidades, surgiram os primeiros empreendimentos próprios desse grupo.</li> <li>• Criação das primeiras associações/sociedades beneficentes.</li> <li>• Adoção de nomes brasileiros ou aporuguesados para evitar perseguições em solo brasileiro.</li> </ul>
Momento 2 (1900-1914)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Revolução Constitucional e movimentos nacionalistas aflorando.</li> <li>• Fuga de seus países, dada a onda de violência local e a possibilidade de ter que lutar pelo Império Turco-Otomano.</li> <li>• Em alguns casos, indivíduos bem qualificados.</li> <li>• Predomínio de árabes cristãos.</li> </ul> <p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desejo de acúmulo de capital e surgimento dos primeiros atacadistas, principalmente em São Paulo.</li> <li>• Início da estratificação social na chamada "colônia" árabe em elite, mascates e colono.</li> <li>• Com a segunda geração (os filhos de brasileiros da primeira geração de migrantes), fortalecimento das associações entre árabes e brasileiros.</li> <li>• Adoção de nomes brasileiros ou aporuguesados para evitar perseguições em solo brasileiro.</li> </ul>
Momento 3 (1918-1938)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Deterioração das condições de vida locais com a divisão dos países árabes entre o protetorado inglês (Palestina, Jordânia, Iraque, Egito e Países do Golfo), franceses (Líbano, Argélia, Marrocos, Tunísia e Síria) e italiano (Líbia) ao fim da Primeira Guerra Mundial.</li> </ul> <p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Investimentos em propriedades e negócios próprios.</li> <li>• Desejo de permanência no Brasil.</li> <li>• Criação de novas associações, clubes, escolas e órgãos de imprensa<sup>1</sup>.</li> <li>• Despontamento dos primeiros pensadores e literatos<sup>2</sup> árabes contemporâneos no Brasil.</li> <li>• Adoção de nomes brasileiros ou aporuguesados para evitar perseguições em solo brasileiro.</li> </ul>

<sup>1</sup> Com a instituição do crime idiomático por Getúlio Vargas, que proibiu o uso de qualquer língua que não o português, as diversas tipografias, livrarias e jornais árabes, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, foram fechados nesse período.

<sup>2</sup> "Literatura do *Mshjar*", em entrevista com Claude Hajjar, em Mirhan (2012, p. 239).



Entre os momentos 1 e 2 do primeiro ciclo e entre o primeiro e o segundo ciclos, houve hiato no deslocamento de indivíduos devido às duas Grandes Guerras (1914-1918 e 1939-1945). A seguir, apresento o quadro referente ao segundo ciclo da imigração “árabe” para o Brasil, até então documentado, por mim elaborado.

SEGUNDO CICLO DA IMIGRAÇÃO ARABE PARA O BRASIL (1945 a 1985)		
Momento 1. (1945 - 1955)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Instabilidade política decorrente da criação do Estado de Israel e consequente violência contra os palestinos; independência do Líbano.</li> <li>• Movimento “arabismo” e criação da Liga dos Estados Arabes.</li> <li>• Pobreza geral e busca por melhores condições de vida.</li> </ul>	<p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Colônia árabe” estabelecida no país; incentivo e acolhimento no deslocamento de familiares e conterrâneos.</li> <li>• Aumento do número de imigrantes árabes muçulmanos.</li> </ul>
Momento 2. (1956-1970)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Revolução Liberal de 1958; Guerra dos Seis Dias de 1967; Nasserismo.</li> <li>• Partida mais comedida de imigrantes (muitos, com baixa qualificação e em busca de acúmulo rápido de dinheiro).</li> </ul>	<p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desejo de acúmulo rápido de capital por meio do comércio, com forte penetração no interior do país.</li> </ul>
Momento 3. (1970-1985)	<p><b>Países Arabes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Instabilidade política e econômica decorrente da questão palestino-israelense e das diversas guerras em solos palestino e libanês.</li> <li>• Aumento significativo do número de árabes muçulmanos que deixaram seus países de origem.</li> </ul>	<p><b>Brasil:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiros discursos sobre “terrorismo árabe”.</li> <li>• Criação de associações culturais, educacionais e políticas como a Federação de Entidades Árabe-Brasileiras (FEARAB), em 1974, a Sociedade Árabe-Palestina do Brasil (hoje Federação Árabe-Palestina do Brasil), em 1980, e a Sanaud – Associação de Jovens Palestinos, em 1982, entre outras.</li> <li>• Deslocamento para o interior, particularmente em regiões de fronteira e/ou onde já havia familiares e conterrâneos pré-estabelecidos, com destaque para os Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.</li> </ul>



## 2.2.2 A imigração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu: história e inserção na sociedade local

Nosso capital era uma cama, uma mala e a vontade de trabalhar, o maior de todos...

(Trecho de entrevista de Mohamad Toufic Abou Jokh, para OSMAN, 2011, p. 56).

A região de Foz do Iguaçu foi descoberta em 1542 pelo conquistador espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca. Contornada pelos rios Iguaçu e Paraná, sua ocupação se deu de forma irregular e precária por mais de três séculos. Houve momentos em que boa parte de sua extensão (inicialmente, de 8.132 km<sup>2</sup>) pertenceu ao Paraguai. Tal conjuntura foi reconfigurada quando D. Pedro II, em 1876, decidiu enviar uma expedição à região das Cataratas do Iguaçu com o intuito de reincorporá-la ao território brasileiro (LIMA, 2001, p. 18).

O estabelecimento da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, em 1888, teve como objetivo tomar posse da região e, desse modo, segurar o avanço dos países vizinhos e manter um controle estratégico sobre a fronteira. Porém, foi somente a partir da expedição conduzida pelo tenente José Joaquim Firmino, em julho de 1889<sup>27</sup>, que se instalou o processo de ocupação regular e definitiva. Assim, pode-se afirmar que a fundação da Colônia Militar marcou o início da ocupação da região por brasileiros e, conseqüentemente, do estabelecimento da cidade de Foz do Iguaçu *per se* (PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010, 2011).

Em 1910, a Colônia Militar adquiriu *status* de Vila Militar, sendo um distrito do município paranaense de Guarapuava, na região central do Estado. Em 1912, a Colônia da Villa Iguassu, como também era chamada, foi emancipada e passou a ser cuidada pelo Governo do Estado do Paraná. Em 10 de junho de 1914, a atual Foz do Iguaçu deixou de ser uma colônia militar para se tornar o município de Vila do Iguassu, demarcando o território nacional na fronteira com a Argentina e o Paraguai. Vale mencionar que a cidade passou a se chamar Foz do Iguaçu somente quatro anos depois da sua fundação, em 1918 (LIMA, 2001; PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010, 2011).

---

<sup>27</sup>De acordo com os dados históricos da cidade, nessa época Foz do Iguaçu contava com 324 habitantes, em sua maioria de origem paraguaia e argentina, além de alguns poucos espanhóis e ingleses (PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010).

Para promover o desenvolvimento econômico do Oeste do Paraná (a “Marcha para o Oeste”, na era Vargas), o governo brasileiro desapropriou as terras da região das quedas do Rio Iguaçu na década de 1930. Com isso, pretendia-se fortalecer o vínculo com a Argentina, além de contribuir para o povoamento local. Todavia, entre a fundação do município, em 1914, e a década de 1960 o povoamento da cidade “oscilou entre o marasmo e incipientes períodos de crescimento” (LIMA, 2001, p. 49).

Paes (2004) demarca a existência de três grandes *ciclos econômicos* locais que impulsionaram o crescimento da cidade a partir da década de 1940, cada qual com um enfoque peculiar, porém fundamental. O primeiro, ocorrido entre 1940 e 1969, deu-se a partir da exploração do potencial turístico local por meio da promoção de visitas às Cataratas do Iguaçu. Ensejou o aparecimento das primeiras obras e estabelecimentos que dariam acesso e suporte ao turismo na região. Para ligar Foz do Iguaçu às demais localidades do Estado por via terrestre (como, por exemplo, a capital do estado, Curitiba, e Paranaguá, no litoral), houve a reconstrução da BR-277, finalizada em 1969. Para estabelecer a ligação com a região da Tríplice Fronteira, construiu-se a Ponte da Amizade, inaugurada em 1965, conectando Foz a Puerto Presidente Stroessner, hoje Ciudad Del Este (ARRUDA, 2007; PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010, 2011). Merece destaque também a construção do Aeroporto Internacional das Cataratas do Iguaçu, outro fator contribuinte para o crescimento regional. Portanto, pode-se perceber que o governo passou a incentivar grandemente o desenvolvimento da região, investindo em infraestrutura para conectar a cidade a outras localidades.

Ainda com relação a esse primeiro ciclo, Lima (2001, p. 62) situa na década de 1950 o início da industrialização da cidade, com a implantação de madeireiras, olarias e alambiques. De acordo com o autor, foi nesse momento que os primeiros mascates de origem árabe chegaram a Foz do Iguaçu “com suas malas, expondo suas mercadorias nas varandas das casas da cidade (...). Essas malas seriam o prenúncio das grandes lojas que viriam mais tarde”(LIMA, 2001, p. 64).

De acordo com Paes (2004), o segundo ciclo econômico regional se iniciou com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na década de 1970. Enquanto as obras estavam a pleno vapor, houve uma explosão populacional na cidade, com o número de habitantes passando de 28.080, em 1960, para 136.320

duas décadas depois – um aumento populacional de 401,3% (PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010), sendo que 40% desses indivíduos eram trabalhadores envolvidos com a construção de Itaipu. Por causa desse grande projeto e do conseqüente aumento populacional, o governo seguiu investindo na melhoria da infraestrutura da cidade e de seus meios de acesso, disseminando o impacto positivo da construção da hidrelétrica por toda a economia e sociedade locais e transformando permanentemente o quadro urbano do município.

Por fim, o terceiro ciclo, entre 1980 e 1995, voltou-se para o turismo de compras (principalmente em Ciudad Del Este, no Paraguai) e acarretou o desenvolvimento de uma estrutura adaptada ao perfil dos turistas que passaram a visitar a região (PAES, 2004). O grande desenvolvimento do comércio na fronteira serviu como fator de atração para uma gama de migrantes, com destaque para os de origem asiática e “árabe”. Motivou-os a possibilidade de ganho alto e certo com o comércio de exportação – especialmente do lado paraguaio da fronteira, já que a mobilidade entre as cidades era (e ainda é) diária. Então, do lado brasileiro da fronteira, já no fim dos anos 1970, os bairros Jardim Jupira e Vila Portes, respectivamente nas margens direita e esquerda da rodovia para Ciudad Del Este (Paraguai), despontaram como regiões de grande concentração de pessoas oriundas de países de língua árabe na cidade. Com a construção da mesquita muçulmana sunita em 1983, o bairro Jardim Pólo Centro, bem próximo a esses bairros, também passou a acolher muitos desses imigrantes e seus descendentes.

Apesar de não se haver dados comprobatórios referentes à presença dos imigrantes de países da língua árabe na região com relação aos ciclos econômicos da cidade após 1995, posso afirmar, como moradora de Foz do Iguaçu entre 1992-1996 e visitante recorrente à cidade entre 1996 e 2010, que o momento logo após a criação do Plano Real, em 1994, pelo então Presidente Itamar Franco, marcou um movimento de deslocamento dos falantes de árabe de Foz do Iguaçu tanto para o Paraguai quanto para outros países. Isso decorreu da equalização da moeda brasileira ao dólar o que, como consequência, afetou imensamente a saúde financeira das exportadoras de imigrantes de falantes de árabe que estavam localizadas no lado brasileiro da fronteira, uma vez que a mercadoria brasileira se tornou muito cara para seus costumeiros consumidores do Paraguai e da Argentina. Com isso, de acordo com aquilo que presenciei e ouvi em conversas informais com

familiares e amigos,<sup>28</sup> centenas de pequenas exportadoras não suportaram o revés econômico e foram fechadas:<sup>29</sup> minha própria família nuclear e extensiva, inclusive, foi diretamente afetada, assim como centenas de outras famílias que tiveram que fechar seus negócios entre 1995 e 2000, principalmente. Recordo-me que os bairros do Jardim Jupira e da Vila Portes, que antes eram os centros das exportadoras brasileiras iguaçuenses na época, se tornaram bairros fantasmas e de baixíssima circulação de pessoas, quando comparados com o período de auge das vendas desses estabelecimentos comerciais – em que as ruas paralelas à rodovia que levava à Ponte da Amizade pareciam verdadeiros formigueiros humanos, assim como o era em Ciudad Del Este no terceiro ciclo econômico de Foz do Iguaçu, entre 1980 e 1985 (PAES, 2004). Somente aqueles que construíram uma estrutura financeira mais sólida ao longo dos anos conseguiram sobreviver a essa época de instabilidade econômica no ramo de exportação de mercadorias brasileiras. Em virtude do forte desaceleramento da economia local, muitos libaneses e palestinos, proprietários de exportadoras e pequenos empreendimentos do lado brasileiro da fronteira, se viram obrigados a deixar a cidade e retornar a seus países de origem ou se mudar para outras cidades brasileiras e até mesmo para o Paraguai. Isso porque, além de as mercadorias paraguaias terem passado a ter um valor mais acessível que os produtos brasileiros, a taxa de impostos era mínima ou nula naquele país – diferentemente do que ocorria no Brasil naquele momento –, o que proporcionava lucros maiores e um pouco mais de estabilidade àqueles que se aventuraram a recomeçar suas vidas no país vizinho.

Após esse período, foi possível notar um movimento da primeira geração de descendentes de imigrantes de países de língua árabe nascidos no Brasil em direção a um investimento em profissões liberais, e assim foram conquistando seu espaço em outras áreas de atuação diferentemente do comércio.

Após essa breve descrição do local de chegada dos imigrantes oriundos de países de língua árabe que se deslocaram para Foz do Iguaçu, passo à descrição populacional da cidade e do estabelecimento desse grupo e das entidades que representam sua inserção social ali.

---

<sup>28</sup> Dados do diário retrospectivo.

<sup>29</sup> De acordo com um dos participantes da parte de contextualização deste estudo, havia mais de 400 exportadoras e pequenos empreendimentos de imigrantes “árabes” nos bairros referidos, e no período após a criação do Plano Real, eles foram reduzidos a pouco mais de 70.

O último Censo do IBGE estimou a população de Foz do Iguaçu em 256.088 habitantes, em 2010. Segundo dados socioeconômicos fornecidos pela prefeitura do município, a população iguaçuense, em 2011, era basicamente constituída por pessoas que haviam sido atraídas pelo segundo e terceiro ciclos econômicos da cidade (construção de Itaipu e turismo de compras, respectivamente). O perfil populacional variava entre uma quantidade expressiva de indivíduos com baixa renda e escolaridade e uma minoria altamente qualificada, lotada nos setores de turismo, produção de energia e no setor educacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010)<sup>30</sup>.

O município de Foz do Iguaçu é conhecido pela diversidade de culturas e línguas ali em circulação: a cidade congregava, em 2006, quase 20% dos imigrantes do Estado do Paraná (ZAMBERLAN; CORSO, 2006). Embora não se tenha dados empíricos comprobatórios, é comumente divulgado na mídia local que aproximadamente 22 mil indivíduos oriundos de países de língua árabe (em sua maioria, libaneses) residam na região.<sup>31</sup> Eles são considerados o grupo com maior número de habitantes na cidade, fato também mencionado em diversas reportagens e também especificado pela carta-convite<sup>32</sup> para o evento de assinatura do protocolo de irmandade entre as cidades de Jericó, na Palestina, e Foz do Iguaçu, no Brasil, ocorrido em 24 de abril de 2012.<sup>33</sup>

Assim como a chegada dos primeiros “patrícios” em São Paulo no fim do século XIX, conforme descrita por Truzzi (1993, 1997), a vinda dos primeiros imigrantes “árabes” para Foz do Iguaçu tinha caráter temporário e aconteceu geralmente de forma individual, a partir da década de 1950. Eles entravam pelo Porto de Santos e passavam um período em São Paulo, para depois desbravarem a região Sul do país como mascates, fazendo de Foz do Iguaçu, neste caso, um de seus destinos finais (SILVA, 2008).

---

<sup>30</sup>Percebe-se, nos últimos trinta anos, um investimento maior em educação, tanto na iniciativa privada quanto na esfera pública. Além da abertura de sete instituições particulares de ensino superior, foram abertos novos cursos de graduação e pós-graduação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e, em 2010, o governo federal criou a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA no município. Na Educação Básica, a cidade se destacou em nível nacional em 2013, por ter conquistado nota 7,3 em desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) – uma das médias mais altas do país, e que se mantém similar até o presente momento (QUADRA, 2018, s/ p.)

<sup>31</sup>Conferir, por exemplo, as reportagens “Muçulmanas querem manter o véu para fotos de documentos no Sul” (Anexo 2) e “Muçulmanos da fronteira celebram o fim do mês sagrado do Ramadã” (Anexo 3), referenciadas ao final desta tese.

<sup>32</sup>Ver Anexo 4.

<sup>33</sup>Ver Anexo 5.

Sendo o comércio um elemento característico do perfil do grupo, os três ciclos principais do crescimento econômico de Foz do Iguaçu atraíram imigrantes oriundos de países de língua árabe em virtude das numerosas possibilidades de trabalho, principalmente entre 1970 e 1995 (ARRUDA, 2007). A instabilidade política e econômica de seus países de origem<sup>34</sup>, aliada ao potencial turístico e comercial de Foz do Iguaçu, impulsionou uma migração em massa para a cidade, o que abriu espaço para a realização do aspecto pelo qual o falante de árabe é mais conhecido: envolver-se com o comércio local para provimento de seu sustento. Essa imagem do “árabe comerciante” é reforçada localmente pelos não árabes:

Atribuir às atividades comerciais as motivações para o deslocamento parece ser reconhecido como um dos grandes impulsos integradores que unificam a ‘ilusão’ da imigração frente aos moradores da cidade, pois identificam a comunidade de grupos árabes como comerciantes. (SILVA, 2008, p. 361).

Atualmente, tem-se destacado a vinda de imigrantes sírios, em virtude da guerra que assola o país desde 2011.<sup>35</sup> De acordo com o documento elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA – LIMA, 2017) para esclarecer a atual situação de refúgio no Brasil, das 5.898 solicitações de refúgio no Brasil em 2013, sendo os solicitantes oriundos de 78 países diferentes – dentre eles, a Síria – 204 desses pedidos foram para Foz do Iguaçu. Em 2015, foram feitas duas reportagens sobre a vinda de refugiados sírios para a cidade. Naquela realizada pela RIC-TV (2015), afirmou-se que havia 153 sírios residentes em Foz do Iguaçu, e destes, 53 tinham o *status* de refugiados. Na mesma época, a RPC (2015) realizou reportagem similar, informando que a Polícia Federal de Foz do Iguaçu havia recebido 49 solicitações de refúgio de cidadãos sírios entre janeiro e setembro de 2015. Em similar situação de deslocamento forçado em virtude de guerra estiveram os libaneses em 2006, que se mudaram para o Brasil em decorrência de um atrito majoritário com Israel naquele ano.

Concluo aqui a descrição histórica da imigração de indivíduos oriundos de países de língua árabe para o Brasil e, especificamente, para Foz do Iguaçu. A seguir, passo à ilustração, em termos sociais e linguísticos, da inserção dos imigrantes provenientes de países de língua árabe no panorama social local.

---

<sup>34</sup> Em particular, a Guerra Civil no Líbano (1975 a 1991) e o conflito palestino-israelense.

<sup>35</sup> Dados do diário de campo.

### 2.2.3 Os falantes de árabe em Foz do Iguaçu: sua inserção na paisagem linguística da cidade e suas práticas sociais.

Nesses mais de 60 anos de migração dos países de língua árabe para Foz do Iguaçu, esse grupo construiu uma estrutura social interessante e variada. E dada a representatividade da colônia “árabe-iguaçuense”, tornou-se comum encontrar pela cidade ambientes e materiais em que a língua árabe escrita ou falada esteja em uso – principalmente em cartazes, materiais de imprensa, convites e *outdoors*. Como ilustração de tal fato, apresentarei uma breve seleção de imagens que atestam a presença da língua árabe escrita na paisagem linguística da cidade. Maher (2013, p. 128), tendo por base o postulado por Shohamy (2012), afirma que:

o estudo de Paisagens Linguísticas (*Linguistic Landscapes*), um campo de pesquisa que vem se desenvolvendo na última década, busca compreender de que forma línguas são, por motivos funcionais ou simbólicos, disponibilizadas e representadas em lugares e espaços públicos, seja por meio da presença de palavras isoladas com sentidos muito marcados, de textos completos (impressos – em placas, grafites, outdoors, por exemplo – ou disponíveis virtualmente), de imagens (fixas ou em movimento), de sons etc.

Vejamos alguns exemplos da presença da língua árabe em espaços públicos de Foz do Iguaçu.<sup>36</sup>



Figura 2: Cartão de visita, 2011.<sup>37</sup>

<sup>36</sup>As fotos aqui incluídas foram tiradas pela pesquisadora, salvo aquelas em que a fonte é explicitada. Informações pessoais foram protegidas para evitar a identificação de indivíduos.





**Figura 3: Super Ghada, 2010**<sup>38</sup>  
(Supermercado especializado em produtos oriundos de países de língua árabe).



**Figura 4: Super Ghada, 2010**<sup>39</sup>  
(Supermercado especializado em produtos oriundos de países de língua árabe).



**Figura 5: Antiga Doceria Almanara, 2013.**<sup>40</sup>

<sup>37</sup>Tradução: “Salão de beleza exclusivo para mulheres”.

<sup>38</sup>Tradução: “Supermercado Árabe”.

<sup>39</sup>Tradução: “Mercado Árabe”.

<sup>40</sup>Tradução: “Doceria Almanara”.





Figura 6: Close no recado sobre a faixa com o nome da antiga Doceria Almanara.<sup>41</sup>

O comércio como um dos fatores unificadores da comunidade de falantes de árabe em Foz do Iguaçu é apenas um dos marcadores pelos quais esse grupo pode ser identificado em meio à diversidade da cidade. Há outros marcadores que são primordiais na construção identitária desses indivíduos na cidade. O estabelecimento de redes de contato se materializa nos espaços de interação social da comunidade de falantes de árabe entre si e com seu entorno. Os imigrantes lograram preservar consideravelmente suas práticas culturais e discursivas por meio de redes de contato sólidas e extensas, que têm papel fundamental na formação de subjetividades e práticas de uso da língua árabe ali.

Um desses pontos de encontro é o Clube União Árabe. Fundado em 1962, originalmente se situava no centro da cidade,<sup>42</sup> em um espaço limitado. Há aproximadamente três décadas, porém, mudou-se para a Rodovia das Cataratas e

<sup>41</sup> Tradução: "Canais árabes por Internet. Mais de 600 canais árabes. Para maiores informações, favor entrar em contato com Fulano\* pelo telefone X\*". O nome e o telefone de contato do emissor do recado foram velados com tarja azul em respeito à sua privacidade.

<sup>42</sup> Dados do diário de campo.

se tornou, para a colônia, um amplo espaço de lazer onde são promovidos encontros periódicos de diversas naturezas.



Figura7: Placa indicativa do Clube União Árabe, 2009.<sup>43</sup>



Figura 8: Entrada do Clube União Árabe, 2009.<sup>44</sup>

<sup>43</sup>Tradução: “Clube União Árabe”.

<sup>44</sup> Tradução: “Clube União Árabe”.

É sabido que a maior parte dos imigrantes falantes de árabe e seus descendentes em Foz do Iguaçu é de religião ou tradição muçulmana<sup>45</sup>, traço marcante pelo qual esse grupo é reconhecido na cidade, agindo também como fator unificador da imagem desta em seu entorno. É importante ressaltar que este é um traço peculiar da migração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu, uma vez que a migração de falantes de árabe para o Brasil é reconhecidamente maior de indivíduos que professam a fé cristã.

Na cidade de Foz do Iguaçu, há representantes das vertentes sunita, xiita e drusa do islamismo, que contam com o apoio de centros locais de prática religiosa, onde encontram espaço para a celebração dos rituais que caracterizam seu sistema de crenças. Há, inclusive, um cemitério muçulmano na cidade, no bairro Jardim São Paulo, anexo ao Cemitério Municipal. A área é exclusiva para o enterro de indivíduos que professam a fé islâmica na região.

Naturalmente, esses locais, alguns dos quais são apresentados nas imagens a seguir, são importantes pontos de encontro da comunidade de falantes de árabe, além de centros de ensino da língua de herança e da religião islâmica. Periodicamente, são oferecidos cursos de língua árabe à comunidade iguaçuense em diversos locais. São promovidos também encontros semanais de ensinamentos sobre a religião islâmica e recitação dos versículos do Alcorão.<sup>46</sup> Os muçulmanos da cidade também observam datas e períodos festivos e religiosos, como o Ramadã (mês sagrado de purificação por meio do jejum diurno para os muçulmanos sunitas) e a Ashura (lembrança do martírio de Hussein, neto de Maomé, pelos muçulmanos xiitas). No período do Ramadã, alguns estabelecimentos locais de alimentação sentem o impacto da redução do consumo de alimentos pelos falantes de árabe em seus comércios nessa época, já que este é um momento de reclusão dos fiéis<sup>47</sup>.

A seguir, apresento imagens dos locais de profissão da fé islâmica em Foz do Iguaçu.

---

<sup>45</sup> Informação proveniente de matéria escrita por Jackson Lima e citada em Rabossi (2007, p. 302). Nesse artigo, especifica-se que, em 1996, aproximadamente 95% dos árabes de Foz do Iguaçu eram muçulmanos, dois quais 5% eram drusos, 40% sunitas e 50% xiitas. Essa informação também foi declarada por um participante da pesquisa da dissertação escrita por Arruda (2007).

<sup>46</sup> Dados do diário de campo.

<sup>47</sup> Dados do diário de campo.





Figura 9: Fachada do Lar Druso-Brasileiro, 2010.<sup>48</sup>



Figura 10: Mesquita sunita Omar Ibn Khattab, 2014.

<sup>48</sup>Tradução: "Lar Druso-Brasileiro".



**Figura 11: Sociedade Beneficente Islâmica, local de encontro da comunidade muçulmana xiita, 2010.**<sup>49</sup>

A religião islâmica é tão presente na cidade que, em 9 de maio de 2013, a Câmara Municipal de Foz do Iguaçu aprovou, a partir da proposta da vereadora Anice Ghazzaoui, a liberação do uso do véu islâmico em fotografias para documentos de identidade de mulheres em todo o Estado do Paraná (WURMEISTER, 2013).<sup>50</sup> A liberação se estende a outras mulheres religiosas e, futuramente, espera-se que seja ampliada para todo o país.

Poucos dias depois, em 12 de maio de 2013, foi instituído pela Lei nº 4.109/2013, o Dia do Povo Muçulmano. A data, nascida de um projeto de lei dessa mesma vereadora, é comemorada somente em Foz do Iguaçu e em São Paulo/SP (CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2013).<sup>51</sup>

Em paralelo aos centros religiosos, surgiram entidades beneficentes que se tornaram responsáveis não somente pela formação de redes de contato em meio à comunidade, mas também por ações de integração desta com o seu entorno. Entre as diversas entidades fundadas pelos árabe-brasileiros de Foz do Iguaçu, destacam-se o Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, que publica

<sup>49</sup>Tradução: "Sociedade Beneficente Islâmica".

<sup>50</sup> Ver Anexo 6.

<sup>51</sup> Ver Anexo 7.

um jornal periódico sobre as ações comunitárias desta associação há 35 anos<sup>52</sup> e a Sociedade Islâmica Beneficente de Foz do Iguaçu.<sup>53</sup> Essas entidades, vinculadas às vertentes muçulmanas sunita e xiita, respectivamente, apoiam três outras que têm papel ativo na execução de atividades sociais em prol da cidade: A União das Damas Libanesas de Foz do Iguaçu, a Associação Nossa Senhora de Fátima e o Grupo Escoteiro Líbano-Brasileiro (SABEN, 2016).

A União das Damas Libanesas de Foz do Iguaçu é um grupo de voluntárias de ascendência árabe que desenvolve trabalhos sociais na cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, 2010)<sup>54</sup> e promove encontros visando ao fortalecimento das redes sociais da comunidade local.<sup>55</sup> Entre os diversos encontros por elas organizados, destaca-se o Dia das Mães, celebrado em março, segundo o calendário libanês. No convite para uma dessas festas, apresentado a seguir, pode-se notar a presença da língua árabe, ao lado da portuguesa.

---

<sup>52</sup> Para a versão on-line do periódico *O Islam*, conferir <http://www.islam.com.br/>. No anexo 13, um dos cartazes usados para geração dos dados apresenta a capa da versão impressa do jornal.

<sup>53</sup> Cf. <http://www.islamfoz.com.br/sbi/>.

<sup>54</sup> Ver Anexo 8.

<sup>55</sup> Sociedade Árabe de Beneficência – SABEN, 2016. Dados do diário de campo.





الأم مدرسة إذا أعدتها أعددت شعباً طيب الأعراق

يتشرف إتحاد السيدات اللبنانيات بدعوتكن للمشاركة بالإحتفال التكريمي الذي سيقام بمناسبة عيد الأم ويوم المرأة العالمي

المكان : GRESFI – Av. JK, 1872

الزمان : Quarta-feira 21/03/2012 às 10:00 hs

سعر البطاقة : R\$ 55,00

الرجاء إصطحاب الدعوة



Figura12: Evento comemorativo: Dia das Mulheres e Dia das Mães no Líbano, 2012.<sup>56</sup>

As senhoras da comunidade também se reúnem para promover ações para arrecadação de doações para a Associação Nossa Senhora de Fátima, no Jardim Central (SABEN, 2016)<sup>57</sup>.

<sup>56</sup> No original: “A mãe é uma escola. Se prepará-la bem, terá como alicerce um povo de boas origens. A União das Damas Libanesas tem a honra de convidá-las para participar das homenagens pelo Dia das Mães (no Líbano) e pelo Dia Internacional das Mulheres. Local: GRESFI – Av. JK, 1972. Horário: Quarta-feira, 21/03/2012. Preço do ingresso: R\$ 55,00. Favor apresentar o convite”.

Já o Grupo Escoteiro Líbano-Brasileiro, fundado em setembro de 2005, é uma entidade que busca estar sempre presente e atuante, seja em eventos cívicos ou em iniciativas que trazem qualidade de vida para os cidadãos iguaçuenses.



**Figura 13: Evento comemorativo: Oitavo aniversário do Grupo Escoteiro Líbano-Brasileiro de Foz do Iguaçu. SBI..., 2013.**

Além das entidades mencionadas anteriormente, existem outras três, a saber: Sociedade Árabe-Palestino-Brasileira de Foz do Iguaçu, Associação Cultural Sírio-Brasileira e Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu.<sup>58</sup>

Em ambiente virtual, a interação entre os membros da comunidade e entre a comunidade e o entorno tem acontecido frequentemente via rede social. No Facebook, foram criados perfis, páginas e grupos que remetem à presença de falantes de árabe em Foz do Iguaçu. Estavam ativos no momento da escrita deste capítulo: Afronteira, Centro Cultural Islâmico Ahlul Bayt, Clube União Árabe, Colégio Árabe-Brasileiro Foz do Iguaçu, Escola Libanesa Brasileira, Grupo Zaffeh Afra, Islam Foz, Juventude Islâmica de Foz do Iguaçu, Mesquita Omar Ibn Al-Khattab – Foz do Iguaçu, Mundo Árabe (Nasser), Palestina Vive, Rádio Árabe Brasil, Shabakat Alhudud, Sociedade Árabe Palestina Brasileira de Foz do Iguaçu, União das Damas Libanesas, União Jovem Árabe Brasileira – Foz do Iguaçu. Alguns possuem *sites* correspondentes.

Nas redes sociais, a comunicação entre os membros da comunidade de falantes de árabe e, algumas vezes, entre eles e a comunidade iguaçuense

<sup>57</sup> Dados de diário de campo.

<sup>58</sup> Dados do diário de campo.



acontece frequentemente em ambas as línguas (português e árabe).<sup>59</sup> Em alguns casos, percebe-se a utilização de línguas estrangeiras presentes no repertório linguístico do grupo, tais como o espanhol, o francês e o inglês. A língua árabe é frequentemente representada por meio do alfabeto latino. No caso da transliteração de fonemas inexistentes nesse alfabeto, estes são substituídos por outras letras, letras combinadas, sinais ou números, como se pode observar na captura de tela a seguir:



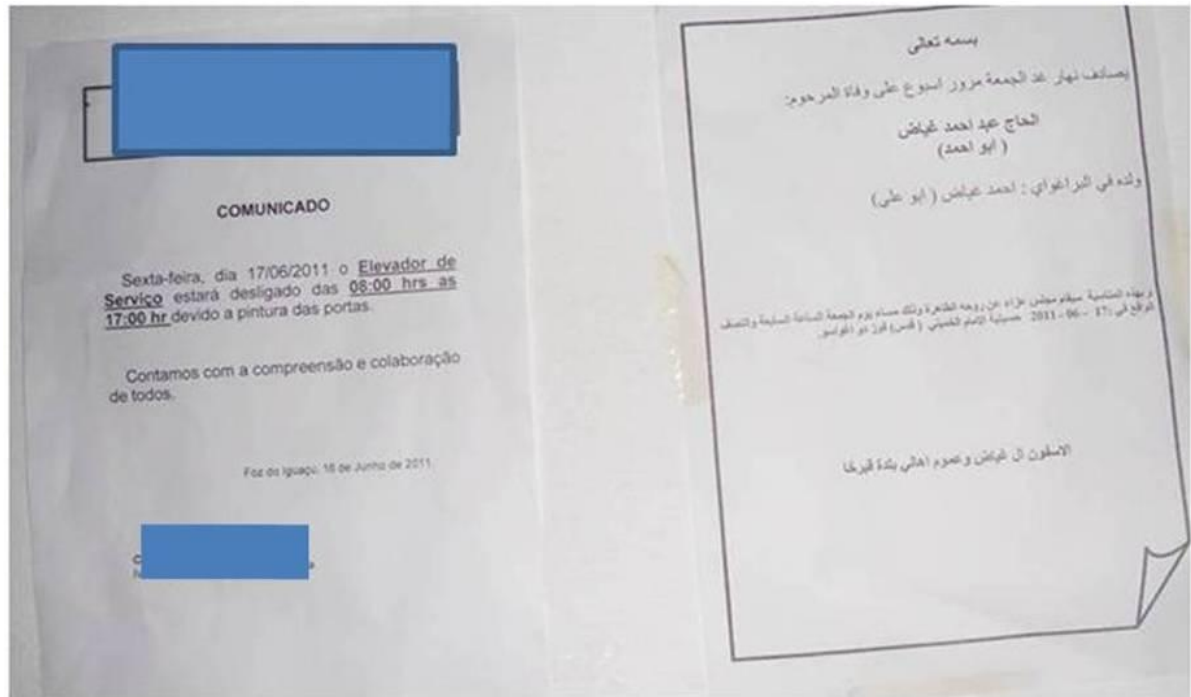
Figura 14: Close na troca de mensagens em árabe, português e inglês, Centro Islâmico de Foz, 2012.<sup>6061</sup>

<sup>59</sup>Dada a intensa e prolongada convivência com a comunidade de falantes de língua árabe, muitos membros da população de Foz do Iguaçu já incorporaram à variedade do português que utilizam empréstimos do árabe, tais como, por exemplo, *habibi*, *inshAllah*, *Allah*, *yalla*, dentre outros.

<sup>60</sup>No original – postagem: FATTAYE = salgado assado típico, feito com massa de batata e tradicionalmente recheado com carne moída. Lembra uma esfiha.

<sup>61</sup>No original – comentários: 3AL 3AFYE = Saúde! / BIG LIKE SABAIA W ALLAH YA3TEEKUM ALF 3AFYE = Super curti, moças, que Deus lhes dê muita saúde. / EU QUERO QUERO QUERO, FATTAYE!!!! HMMMM TUDO DE BOM! ALHAMDOLILLAH. = Eu quero quero quero, *fattaye*!!! Hmmm Tudo de bom! Graças a Deus! / ALLAH Y3ATEKON EL 3AFYE YA SABAIA = Que Deus lhes dê saúde, moçada!

Em ambientes privados, recados em árabe também são comuns:



**Figura 15: Recado em árabe aos condôminos de um edifício com grande presença de falantes dessa língua, 2011.**

No âmbito educacional, merecem especial destaque a Escola Libanesa Brasileira e o Colégio Árabe-Brasileiro (antiga Escola Árabe-Brasileira Ali Bin Taleb). Ambas são regulamentadas pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil e são consideradas motivo de orgulho para a comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu.

As duas instituições oferecem um número significativo de horas-aula de língua árabe (geralmente entre duas e quatro horas-aula por semana, além de aulas de reforço). Oferecem, também, em caráter opcional, uma ou duas horas-aula semanais sobre a religião islâmica, considerando a vertente observada pela escola e o fato de que nem todos os estudantes são de famílias muçulmanas.<sup>62</sup> Sem dúvida, a oferta dessas aulas é uma iniciativa importante para oportunizar a transmissão e o uso da língua árabe pelas gerações futuras.

Por fim, é importante retomar e ressaltar o que é observado por Silva (2008, 2018) sobre a suposta homogeneidade da comunidade de falantes de árabe. Além da divisão interna em termos religiosos e linguísticos (variedades linguísticas),

<sup>62</sup> Dados do diário de campo. Sociedade Árabe de Beneficência – SABEN, 2016.

há uma separação embasada no conceito de identidade nacional, ou seja, de identidades constituídas com base na ideia de Estado-nação. Internamente, a comunidade distingue seus membros pelo país de origem ou ascendência: de acordo com a pesquisadora, no dia a dia são usados termos que indicam a nacionalidade de cada um – o Fulano Palestino, o Sicrano Libanês, o Beltrano Sírio. Porém, tal divisão não costuma ser percebida pelo Outro da comunidade não falante de árabe, uma vez que é mascarada pela visão generalizada dos “árabes” imigrantes em Foz do Iguaçu como pertencentes a uma comunidade homogênea.

A aparente homogeneidade pela qual são reconhecidos em suas práticas na construção de significações com o Outro pode ser posta em xeque ao se observar mais atentamente as representações constituídas e posicionamentos realizados por meio do discurso e das interações. É fundamental destacar que a projeção de uma identidade de grupo unificada esconde divisões internas pautadas, por vezes, naquilo que pode ser equivocadamente considerada uma marca “essencial” de uma identidade dos falantes de árabe vislumbrada como unívoca e fixa, conforme já examinado por Silva (2008, 2018), mas que não corresponde à realidade diversificada desse grupo em Foz do Iguaçu.

## CAPÍTULO 3

### CONCEITOS FUNDANTES

---

Globalização é a chamada para uma fase histórica específica (o capitalismo presente, por assim dizer) e mesmo que os processos que chamamos de globalização não sejam novos em essência, eles são novos em intensidade, escopo e escala. [...] O mundo não se tornou uma vila, mas sim uma teia complexa de vilas, cidades, vizinhanças, assentamentos conectados por laços materiais e simbólicos de formas frequentemente imprevisíveis. Essa complexidade precisa ser examinada e compreendida (BLOMMAERT, 2010, p. 1).<sup>63</sup>

Buscando privilegiar a complexa relação entre linguagem e sociedade com as implicações ideológicas que lhe são relevantes, esta tese está amparada em um arcabouço teórico-científico do socioconstrutivismo para a análise das narrativas dos participantes desta investigação. De acordo com Langenhove e Harré (1999, p. 2), dentre os princípios que regem o socioconstrutivismo, destacam-se dois principais. O primeiro refere-se à questão de os indivíduos serem um produto das interações que estabelecem em suas vidas. O segundo diz respeito ao fato de que qualquer coisa que um indivíduo faça é intencional e vai além de si mesma. A abordagem socioconstrutivista abarca a importância das práticas de uso da língua como centrais nos fenômenos sociais e, portanto, o discurso acaba sendo o local onde ocorre a construção das identidades e onde esses mesmos fenômenos sociais se realizam.

Considerando a pergunta de pesquisa central (*Como os falantes de árabe de Foz do Iguaçu participantes da pesquisa narram a si mesmos e à língua árabe?*) e suas subordinadas (*Que construções identitárias emergem dessas narrativas?* e *Como os participantes da pesquisa se posicionam e são posicionados em suas narrativas?*), a investigação aqui apresentada foi direcionada, num primeiro plano, pelos conceitos teóricos de representações e posicionamentos interacionais. Porém, em toda a tessitura do texto, procurou-se também estabelecer conexões com discursos acadêmicos e políticos sobre língua e linguagem, relacionados com os

---

<sup>63</sup> No original: "Globalization is the catchword for a particular historical phase (the capitalist present, so to speak) and even if the processes we call *globalization* are not new in substance, they are new in intensity, scope and scale. [...] The world has not become a village, but rather a tremendously complex web of villages, towns, neighbourhoods, settlements connected by material and symbolic ties in often unpredictable ways. That complexity needs to be examined and understood."

sentidos de identidade e cultura, bem como com o uso das narrativas como instrumento de análise dos dados gerados.

Para compreender a complexidade do grupo que investiguei, assim como sugere Blommaert (2010, p. 1) na citação de abertura deste capítulo se referindo à pesquisa dos fenômenos sociais do mundo pós-moderno, fez-se necessária a interlocução com outras áreas do conhecimento, tais como, por exemplo, com os Estudos Culturais (HALL, 1997, 2000; BHABHA, 1998), a Sociologia (BAUMAN, 2005), a Antropologia (NIC CRAITH, 2012), a Psicologia Social (DAVIES; HARRÉ, 1990, 1999; LANGENHOVE, HARRÉ, 1999), a Sociolinguística (GROSJEAN, 1982; GUMPERZ, 1982; MARTIN JONES; ROMAINE, 1986; ROMAINE, 1989; THREADGOLD, 2005; BLOMMAERT, 2010). O diálogo com esses e demais textos referenciados foi de suma importância na construção do arcabouço teórico desta tese, já que essa interdisciplinariedade é algo previsto nas pesquisas filiadas à Linguística Aplicada Contemporânea.

### 3.1 Identidades e representações

A identidade importa, tanto em termos de preocupações sociais e políticas no mundo contemporâneo, quanto nos discursos acadêmicos em que a identidade tem sido vista como importante conceitualmente ao oferecer explicações para as mudanças sociais e culturais (WOODWARD, 1997, p. 1).<sup>64</sup>

As mudanças com a globalização levaram a um maior interesse nas questões identitárias. Contestar nossos papéis no mundo social e em nossa vida contemporânea tem levado a diversas indagações sobre as identidades (em termos de cultura, de gênero, classes sociais, sexualidade, etnia, nacionalidade), os direitos de grupos minoritarizados e os papéis sociais dos indivíduos. A influência da mídia e das novas tecnologias colocou a discussão sobre identidades numa posição central para a compreensão dessas mudanças e para o desenvolvimento da humanidade nas últimas décadas, assim como afirmou Woodward (1997) na citação de abertura desta subseção.

Na modernidade, a identidade refletia uma visão do sujeito como uma unidade cartesiana essencializada; uma entidade integrada que podia ser definida a

---

<sup>64</sup> No original: "Identity matters, both in terms of social and political concerns within the contemporary world and within academic discourses where identity has been seen as conceptually important in offering explanations of social and cultural changes".

partir de características isoladas, que nem sempre variavam ao longo do tempo e cuja subjetividade estava racionalizada na mente. Nesse sentido, a identidade pode ser considerada “aquela parte do autoconceito do indivíduo que deriva do conhecimento de sua pertença a um grupo social (ou grupos) juntamente com o valor e o significado emocional associado àquela afiliação” (TAJFEL, 1981, p. 290).

De acordo com Burr (2002), essa perspectiva remonta à valorização do individual sobre o coletivo entre o período renascentista e o século XVII, e teve seu auge no Iluminismo, com o sujeito racional cartesiano. Essa visão, de acordo com a pesquisadora, até hoje embasa as teorias psicossociais centradas na previsão de comportamento de indivíduos a partir de suas características essenciais, a saber, comportamentalismo e cognitivismo.

Diante das complexas e velozes transformações das últimas décadas, o conceito de identidade associado ao indivíduo integrado e estável, com um núcleo essencial que o distingue dos demais, é posto em xeque na sociedade pós-moderna. A pós-modernidade trouxe consigo um abalo das estruturas rígidas, das “verdades” fixas e aparentemente imutáveis que guiaram o período anterior, no qual as certezas e o essencialismo que embasavam a compreensão do mundo social como homogêneo se tornaram obsoletas e não-representativas da realidade heterogênea, contingente e fluída, constituinte da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005, p. 15).

Para Silva (2000, p. 31), ao mesmo tempo em que essa crise epistemológica das subjetividades ressalta o caráter negativo e limitante da relação fixa e estável entre o objeto e sua significação, ela problematiza o fato de as práticas de uso da língua serem entrecortadas pelas relações de poder construídas na interação com o outro, de forma situada. Assim, a noção de identidade como algo fixo e uniformizado, como algo estável e coerente do período iluminista dá abertura, então, para um debate sobre a construção identitária a partir das interações sociais, focado na concepção do sujeito pós-moderno e que contempla a pluralidade dos indivíduos e das interações, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Nesse sentido, essa “crise de identidade”, provocada por mudanças sociais, políticas e econômicas em níveis mais amplos, revela “a” identidade como sendo “as” [variadas] identidades, situadas no momento sócio-histórico, construídas sociodiscursivamente nas interações e dependentes dos interlocutores e das situações – ou seja, do contexto.

A referida perspectiva, baseada na premissa de que as realidades sociais são construídas no interior das trocas sociais (CUCHE, 2002, p. 183) e não simplesmente dadas, posiciona o sujeito deste período como uma verdadeira “celebração móvel” (HALL, 2006, p. 13) e reflete o acesso que os indivíduos têm a uma miríade de escolhas sociais em meio a processos permanentes de identificação “no mundo sociolinguístico em que vivemos, e esse mundo – infelizmente – é confuso, complexo e um tanto quanto imprevisível” (BLOMMAERT, 2010, p. 27). Essa imprevisibilidade, tão característica deste momento da história da humanidade, é apenas uma consequência do que Bauman identificou como a passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade, decorrente da “acelerada ‘liquefação’ das estruturas e instituições sociais” (BAUMAN, 2005, p. 57).

E é justamente na tentativa de compreender essas mudanças, assim como sugere Woodward (1997) na citação de abertura deste subitem, que os estudos sobre identidades se tornam relevantes. De acordo com a pesquisadora,

as mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. [...] As identidades em conflito estão localizadas no interior das mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem (WOODWARD, 2000, p. 24-25).

Sabendo-se que a linguagem é o meio pelo qual as identidades, como práticas sociais, adquirem sentido e são representadas (WOODWARD, 2000, p. 8), pode-se afirmar que os processos de identificação têm por base múltiplos sistemas simbólicos de significação construídos por meio da linguagem, que é o local onde os indivíduos projetam suas identidades – diferentemente da lógica positivista e binária da representação dos sentidos, que tem uma falsa natureza de estabilidade e instiga a exclusão. Segundo Hall (2006, p. 41),

o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis.

Os processos de identificação, permeados por negociações, trazem à tona os discursos imaginários construídos a partir das interações na realidade social

passado-presente. Essas interações envolvem processos situados e, claro, complexos, pois posicionam o sujeito em diversas “categorias” sociais e culturais ou sistemas classificatórios (WOODWARD, 2000, p. 14), tais como gênero, idade, nacionalidades, etnias, entre outros, que demonstram a organização social e política do mundo, estimulando, assim, a polarização entre “nós” e “eles” ao se estabelecer a comparação “eu sou o que o outro não é”. Ao serem construídos e contestados, alicerçados numa construção discursiva relacional e fluída, os processos de identificação, repletos de questionamentos, são marcados simbolicamente, portanto, em relação às outras identidades, às diferenças entre o “eu” e a Alteridade (HALL, 2000, p. 106). Afinal, se algo é a norma, conforme o que é determinado pela visão dominante, tudo que está fora dela é anormal, atípico, o que acaba por provocar desigualdades e estereotipificações, naturais das relações assimétricas dos jogos de poder.

É devido a esse vínculo estreito com a diferença —, a identidade *depende* da diferença – que identidade e diferença podem, segundo Woodward (2000) e Silva (2000), ser consideradas inseparáveis e interdependentes e sujeitas a alterações. Ademais, conforme esses mesmos autores, as questões de identidade, porque são construídas a partir das relações com o Outro, têm vínculo estreito com as relações de poder. É justamente nesse contexto de jogos de poder que contestar a identidade e a diferença significa “questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2006, p. 91). Dessa maneira, como já mencionado, o processo de construção das identidades tem como característica fundamental a contestação dos sistemas simbólicos de representação, e interrogá-la denota, assim, uma abertura para o questionamento dos sistemas de representação que sustentam seu processo de construção dentro do discurso de forma não-essencialista e negociada.

Também para Hall (2000) as práticas discursivas:

emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação (HALL, 2000, p. 109).

Ao se alicerçar o conceito de identidade na conjuntura de crise epistemológica mencionada, deve-se, como vimos, considerar, impreterivelmente, o



conceito de representação, aqui compreendido sob a perspectiva da abordagem socioconstrutivista dos Estudos Culturais, segundo a qual os indivíduos constroem sentidos a partir de seus sistemas representacionais, como parte da construção do significado nas práticas de uso da língua. Nesse sentido, as representações compõem o processo de produção de sentidos a partir da linguagem, culturalmente determinadas no processo de significação, que é de cunho social, impregnado de subjetividades, pois “as coisas não significam: nós construímos o sentido usando sistemas representacionais (HALL, 1997, p. 25).

A concepção de que a produção dos significados é feita por meio do uso de sistemas de representação pautados na relação com o Outro e com a diferença é consonante com a abordagem socioconstrutivista das representações, anteriormente mencionada, segundo a qual são os atores sociais que usam seus sistemas de representação para construir significados pelo discurso, considerando assim a representação como uma prática que depende particularmente do domínio simbólico no processo de construção do significado. Destarte, essa abordagem reconhece tanto a função social da linguagem quanto a produção simbólica de sentidos dentro do discurso, reforçando a subjetividade do processo de significação. Segundo Braz (2010, p. 12), “representar é um processo elaborado na e pela linguagem, impregnado, portanto, não de objetividades, mas sim, de subjetividades. Representar alguma coisa implica em atribuir a esta uma carga semântica; falar sobre algo é também construí-lo”.

Vale ressaltar que além da perspectiva socioconstrutivista das representações, Hall (1997, p. 25) distingue duas outras concepções teóricas que definem o conceito de representação: a representação reflexiva e a representação intencional. Na representação reflexiva, como o próprio nome já indica, a linguagem reflete o significado existente no mundo. Na visão intencional, o significado é atribuído pelo indivíduo, pois “as palavras significam o que o autor quer que elas signifiquem” (HALL, 1997, p. 25). Ambas as concepções estão pautadas na visão de que o processo de representar é a percepção “real” do significado pela mente, uma reprodução unilateral do mundo, que desconsidera diversos fatores, dentre eles os aspectos dinâmicos da significação e a agência<sup>65</sup> no processo comunicativo.

---

<sup>65</sup> Do inglês, *agency* ou “o elemento ativo da ação individual” (SILVA, 2006, p. 131).

Obviamente, tais perspectivas tornaram-se anacrônicas frente à compreensão sobre espaço, tempo e identidade na era da globalização (HALL, 2005, p. 69-76).

Outro ponto importante a ser notado é que os significados são construídos e contestados de forma situada e sob influência das contingências históricas, políticas e sociais, que interagem com o tempo e o espaço, e proporcionam uma miríade de olhares para as identidades. E ao mesmo tempo em que essas identidades sociais são negociadas na interação, estas também estão sendo reconstruídas de alguma forma. Em suma, as oposições que fundamentam o debate sobre identidades – sempre referenciadas em multiplicidade – estão, portanto, nas alternativas de “olhares” sobre ela: como algo relacional e que se torna saliente a partir das interações sociais. É construída no coletivo, repleta de textualidades e subjetividades construídas na interação e, portanto, sujeitas a mutações e à transitoriedade dos usos da língua.

Para concluir a discussão a respeito da construção identitária e das representações produzidas no discurso, é importante abordar a noção de cultura, já que a relação entre cultura e significado está na base dos sistemas de representação, que devem ser entendidos como um processo cultural. Nesse sentido, entende-se cultura como práticas de significação, que acomodam “a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um mundo específico de subjetividade” (WOODWARD, 2000, p. 17-18). Essa produção de significado é dinâmica e histórica – e, como consequência, contingente.

Ao se propor um deslocamento de perspectivas em meio à crise da modernidade, percebe-se que a noção de cultura embasada na epistemologia monocultural é limitadora e rejeita a diferença (BRAZ, 2010, p. 14). Encontra suas raízes na dimensão dos jogos de poder para o estabelecimento dos significados construídos através das representações feitas a partir de um esquema de significações homogêneo, de forma a exercitar uma dominação simbólica legitimada sobre os indivíduos. Em sua introdução ao livro de Bourdieu *A economia das trocas simbólicas*, Miceli (2011, p. xvi) comenta:

Para Bourdieu, a organização do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir uma função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação. O consenso tornou-se a ilusão primeira a que condiz

qualquer sistema de regras capazes de ordenar os materiais significantes de um sistema simbólico.

Com o deslocamento para uma perspectiva fundamentada na epistemologia multicultural, a idealização intelectual dá abertura, então, para uma ênfase maior na dimensão política das atribuições de significado construídas socialmente de maneira porosa, fluída, transitória e descontinuada – mais coerente com as interações estabelecidas no momento histórico em que nos encontramos, e situa a cultura como um resultado da construção coletiva da realidade.

### 3.2 Identidades e narrativas

Narrativas funcionam como um depósito de conhecimento compartilhado e crenças das sociedades humanas, e como uma fonte essencial de aprendizado cultural (NELSON, 2004, p. 87).<sup>66</sup>

Fundamentais na construção dos significados para a vida social por operarem como “um depósito de conhecimento compartilhado e crenças das sociedades humanas” (NELSON, 2004, p. 87), as narrativas têm sido foco da atenção de uma gama de pesquisas voltadas para os fenômenos socioculturais em múltiplas áreas do conhecimento, tais como Antropologia, História, Linguística Aplicada, Psicologia, Sociologia, entre outras. Apesar do alcance em diversas áreas dos saberes, aqueles que estudam as narrativas estão longe de um consenso em sua conceitualização, dada a pluralidade de perspectivas que envolvem sua definição e propriedades. Tal multiplicidade de visões, além de ser um ativo, um ponto forte pelos assuntos não se esgotarem em si mesmos, também pode ser concebida tanto como um atributo quanto uma fonte de fragmentação teórica, e impacta diretamente a maneira que os estudos com narrativas são conduzidos nas Ciências Sociais e Humanas (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 1).

Essas pesquisadoras reconhecem como duas as principais linhas de estudo na análise de narrativas. Numa dessas vertentes, enfatiza-se a concepção de que as narrativas são um tipo textual, ou seja, há um critério textual que compõe a sua definição; na outra, elas são consideradas um modo de análise da realidade, epistemológica e metodologicamente falando.

---

<sup>66</sup> No original: “Narratives serve as a storehouse of shared knowledge and beliefs in human societies and as an essential source of cultural learning.”

A primeira linha de estudos, pautada na narratologia ou tradição investigativa das narrativas como um tipo de texto, foi a primeira tentativa de consolidar a onipresença das histórias narradas nas disciplinas tradicionais das Ciências Sociais e Humanas (KREISWIRTH, 2008, p. 377-382). Fortemente influenciada pelos estudos linguísticos orientados pelo estruturalismo, a narratologia clássica consolidou-se, teoricamente, com a busca por propriedades e estruturas comuns aplicáveis ao seu objeto de estudo, as narrativas, sob uma abordagem dedutivo-formalista e monológica dos textos analisados. Nessa perspectiva, as narrativas são, portanto, textos ordenados, cujas unidades mínimas são universais, facilmente identificáveis e constituídas numa sequência de ações que têm uma relação temporal e causal (FLUDERNIK, 2009, p. 2; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 595). À vista disso, estudar as narrativas significa descrever quais são essas unidades mínimas e conectá-las à estruturação de tipologias textuais, focando em critérios formais internos de organização da análise e desconsiderando completamente o contexto (FLUDERNIK, 2009, p. 8).

Na Sociolinguística, as pesquisas conduzidas por Labov foram, segundo Georgakopoulou (2008, p. 539-543), precursoras dos estudos canônicos das narrativas e determinaram os encaminhamentos das investigações sobre essas na Sociolinguística em um primeiro momento. Inicialmente interessados na definição do que era e o que não era narrativa, os pesquisadores determinaram seus estudos a partir da composição das narrativas por unidades mínimas sob um critério de sequência temporal. Ao se considerar a sequência temporal das experiências dos participantes de pesquisa uma propriedade central das narrativas, Labov (1972, *apud* GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 540) definiram parâmetros de referência para aquilo que poderia ser considerado uma narrativa e abriram espaço para o uso destas nas pesquisas dos Estudos da Linguagem. O pesquisador usou as narrativas como método de se recapitular experiências passadas a partir da associação de estruturas verbais a uma sequência temporal de eventos que tinham realmente ocorrido. A combinação estrutura + eventos foi tão importante que Labov definiu que uma sequência de duas ou mais orações ordenadas temporalmente deveria ser considerada como uma estrutura mínima de narrativas. Elas eram usadas como um instrumento de geração de dados sobre variação linguística com o intuito de reduzir a influência do “monitor” dos indivíduos na produção da fala quando gravando, já

que os enunciados são produzidos mais espontaneamente, dando espaço para um maior envolvimento com os pesquisados por se tratarem de experiências pessoais.

Apesar da iniciativa válida de uso das narrativas como instrumento de análise na Sociolinguística, o modelo de Labov sofreu diversas críticas ao tentar aplicar uma organização formal, sintática, estruturalista das histórias orais, reconhecidas pelo próprio pesquisador, posteriormente. A análise das narrativas não pode se restringir a uma série de orações, uma vez que esta envolve outras unidades que extrapolam meras estruturas como componentes. Labov revisou seu estudo em 1997 e propôs algumas mudanças, considerando a combinação entre a caracterização das estruturas das narrativas com as funções destas, reconhecendo que uma abordagem exclusivamente estrutural das narrativas não era suficiente para dar conta das nuances deste poderoso instrumento de comunicação.<sup>67</sup>

Ainda na narratologia, porém em seu momento pós-clássico, o enfoque dos estudos das narrativas deixa de estar nas suas unidades e propriedades estruturais em si, como em uma taxonomia do texto literário, e passa a focalizar o leitor/ouvinte e seu processo de interpretação e processamento das informações, numa abordagem psicológica cognitiva e, claro, interdisciplinar. Considerando a análise das narrativas por modelos mentais, aqui compreendidos como “representações mentais multimodais complexas” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 7),<sup>68</sup> passa-se a dar atenção ao contexto (do texto e dos indivíduos) e aos conhecimentos e experiências prévios destes, num movimento convergente entre o acolhimento de uma abordagem mais cultural na narratologia e os estudos dos processos sociais e culturais em voga na década de 1980. Nesse sentido, refuta-se a função limitadora das narrativas como um espaço para se recontar uma sequência de eventos ao mesmo tempo em que se valoriza sua função comunicativa na narração das experiências individuais, como “uma representação de um mundo possível a partir de um meio linguístico e/ou visual” (FLUDERNIK, 2009, p. 6).<sup>69</sup> Estudos diacrônicos e o aspecto relativista das circunstâncias e das narrações passam a ser considerados, libertando a análise das narrativas das restrições impostas pelo estruturalismo.

---

<sup>67</sup> Cf. Labov, 1997, p. 403.

<sup>68</sup> No original: “[...] complex multimodal mental representations”.

<sup>69</sup> No original: “[...] a representation of a possible world in a linguistic and/or visual medium.”

A segunda linha ou vertente de análise de narrativas considera-as como “um modo de pensamento, comunicação e apreensão da realidade” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 15).<sup>70</sup> Nessa ótica, as narrativas extrapolam a simples representação de eventos, adquirem uma função social, e são uma parte integral do contexto cultural, já que podem operar como instrumento para melhor compreensão do homem e da sociedade. A construção das identidades em meio às narrativas é um processo de construção de sentidos contingencial, multifacetado, que não é necessariamente atribuído a normas e referências em nível macro e/ou externas à situação narrada. E as narrativas se tornam fundamentais nos estudos sobre as construções identitárias, pois “as pessoas contam com os ‘textos’ típicos ou ‘enredos narrativos’ da cultura para se organizarem” (WORTHAM, 2001, p. 145).<sup>71</sup>

Por serem centrais à comunicação e terem papel construtivo ao invés de se restringirem a uma mera representação fixa, as narrativas podem, assim, influenciar ações e processos sociais a partir do ato de (re)contar e (re)construir sentidos a respeito do mundo e das experiências humanas (WORTHAM, 2001, p. 9). Pode-se dizer que as narrativas são, assim, um meio de articulação entre as experiências individuais e a (re)construção discursiva da realidade e do mundo social. Por isso, os posicionamentos e performances que emergem nelas são o mais claro referencial de que este processo depende muito daquilo que é representado pelos indivíduos a partir de suas próprias experiências.

Consideradas um modo de se apresentar, de maneira dialógica, esses eventos e vivências, as narrativas são, portanto, *loci* privilegiados para a compreensão dos discursos sobre identidades. Com base nas contribuições do paradigma interacionista para os estudos identitários, recentemente, tem havido uma mudança no direcionamento das pesquisas sobre discurso, identidades e narrativas para uma perspectiva que privilegia “visões de identidade que posicionam os processos interacionais na constituição do *self* no centro das atenções, e que enfatizam a natureza social da identidade, sua pluralidade e sua interdependência nos diversos níveis de contextualização” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 156). Resumindo, diferentemente dos estudos estruturalistas das narrativas, nas Ciências Sociais, estes trazem à tona os padrões e práticas que influenciam tanto as

---

<sup>70</sup> No original: “[narrative is] a mode of thought, communication and apprehension of reality [...]”.

<sup>71</sup> No original: “[...] people rely on typical ‘texts’ or ‘storylines’ from the culture to organize themselves.”

experiências individuais quanto suas interpretações do mundo social. Segundo Morrison (2008, p. 549),

as histórias que contamos e a maneira que relacionamos nossos relatos revelam crenças subjacentes e expectativas das quais podemos não estar completamente conscientes, mas que ainda assim modelam nossos comportamentos, interações e realidades. As estruturas narrativas podem ser moldadas, por sua vez, pela agência humana, como membros da sociedade redefinem e transformam práticas aceitas ao longo do tempo.<sup>72</sup>

A concepção de análise de narrativas como modalidade de comunicação e pensamento teve suas bases nos trabalhos desenvolvidos inicialmente por pesquisadores como Bruner (1987) e Ricoeur (1990), entre outros, que foram fundamentais para a valorização do uso das narrativas nas Ciências Sociais – a tal *narrative turn* ou virada narrativa. O movimento da virada narrativa mostrou que estas não precisam estar necessariamente confinadas ao mundo literário, dada a sua característica de retratar as experiências e construir sentidos sobre elas, o que as coloca como um instrumento fulcral na construção das relações, da cultura e das identidades. Para Erll (2008, p. 89),

a virada narrativa nas humanidades tem mostrado que a função cultural básica da narrativa é a construção de processos temporais significativos, seja ele no nível individual ou coletivo, e seja ele no referencial teórico dos sistemas simbólicos literário, mítico ou histórico.<sup>73</sup>

A virada narrativa caminhou lado a lado com a transição para novos referenciais de investigação da tríade discurso – sociedade – cultura em meio à crise da modernidade, anteriormente mencionada neste capítulo, e trouxeram consigo “mais do que um novo modelo linguístico, semiótico e cultural” (BRUSCHI, 2009, p. 48). Epistemologicamente falando, houve uma mudança de foco dos eventos em si para as experiências vividas e suas representações, e as narrativas, nesse sentido, são consideradas “um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico para

---

<sup>72</sup> No original: “The stories we tell, and the way we relate our accounts, reveal underlying beliefs and expectations of which we may not be fully aware, yet which shape our behaviours, interactions, and realities. Narrative structures can be shaped in turn by human agency, as members of society redefine and transform acceptable practices over time.”

<sup>73</sup> No original: “The narrative turn in the humanities has shown that the basic cultural function of narrative is the construction of meaningful temporal processes, be it on the individual or collective level, and be it in the framework of literary, mythical, or historical symbolic systems.”

nossa tentativa de explicar a natureza e as condições de nossa existência” (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p.526).

De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 18) atribuem esse movimento: (1) à visão das narrativas como aquilo que existe de melhor para se depreender a realidade, principalmente no que concerne aquilo que é subjetivo; (2) ao fato das histórias narradas permitirem e revelarem múltiplas dimensões das vivências dos indivíduos, ao invés de generalizações; e (3) à possibilidade das narrativas “imporem certa ordem em meio ao caos das experiências humanas no mundo”<sup>74</sup> (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 18).

Sob essa ótica, claramente contempla-se, também, o contexto e questões discursivas, uma vez que a descrição de quem eu sou depende da forma de como construo meu discurso. Por conseguinte, as narrativas têm caráter simbólico e “representam um ponto de interseção entre a expressão de sentimentos e representações individuais e a reflexão e construção dos processos sociais, ideologias e papéis”,<sup>75</sup> em particular às categorias sociais marginalizadas e/ou minoritizadas, servindo assim como instrumento para aqueles que são oprimidos lutarem, a partir de suas histórias, contra a hegemonia latente, e se refletindo, conseqüentemente, nas políticas de identidade (DE FINA, 2003, p. 7).

É a essa vertente que me filiei na realização desta pesquisa, porque considero que as narrativas, além de revelarem as experiências individuais e/ou coletivas de alguns membros da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, retratam fenômenos sociais vinculados ao deslocamento familiar para a cidade a partir de uma análise interpretativista e subjetiva da realidade social (RELAÑO-PASTOR; DE FINA, 2005, p. 37). Recorrer às narrativas ou, nas palavras de De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 18), “a uma maneira humana requintada de apreender a realidade baseada na emoção e na subjetividade”, contribuiu para que eu não somente conhecesse a trajetória de vida dos participantes deste estudo em termos têmporo-espaciais e pessoais, mas também para que eu aprendesse sobre as representações e posicionamentos que emergiram em seus discursos no momento da geração dos dados. Narrar, assim, constitui-se como uma forma de prática social focalizada no discurso, que coloca em evidência as crenças e as atitudes individuais

---

<sup>74</sup>No original: “[...] narrative imposes order on the chaos of human experience of the world”.

<sup>75</sup> No original: “[...] represent an intersection between the expression of feelings and individual representations and the reflection and construction of social processes, ideologies, and roles.”



e/ou coletivas, contribuindo com a negociação destes e trazendo novas compreensões sobre a realidade social.

Isso acontece porque as narrativas, em particular as autobiográficas, são um dos mais importantes instrumentos metodológicos de geração de dados nas Ciências Sociais. Elas condensam, em um único instrumento, representações socioculturais, temporais, espaciais e individuais para análise de questões identitárias, funcionando assim, nas palavras de De Fina e Georgakopolou (2012, p. 160), como uma “porta de entrada para as identidades pessoais, sociais e culturais dos narradores”.<sup>76</sup>

As narrativas autobiográficas proporcionam aos indivíduos a possibilidade de compreender quem são e sua força está justamente na relação paralela entre o conteúdo representado dos indivíduos e sua compreensão do mundo social. As narrativas são importantes por serem um meio de expressão das múltiplas identidades e representações individuais, e também por darem visibilidade, por revelarem estas mesmas construções identitárias, numa dinâmica dialógica, interacional. Atribui-se o poder de transformar e construir identidades à agência dos indivíduos em contextos de grupos minoritarizados e/ou situações adversas; ou seja, além de representar indivíduos, conjetura-se a visão do mundo social que os cerca de forma a promover transformações sociais, culturais e políticas. Percebe-se, nas palavras de Wortham (2001, p. 7-8), um redirecionamento das vidas dos indivíduos ao colocar em primeiro plano a expressão e o gerenciamento de identidades múltiplas, complexas, fluídas, de fronteiras porosas – e a possibilidade de se construir e se reconstruir em meio à pluralidade pode ser algo libertador. Assim, as narrativas – com foco nas histórias de vida – podem ir além das representações e servir como instrumento de transformação social a partir da reflexão acerca dos posicionamentos interacionais que emergem no discurso.

Ao relacionar identidades e narrativas, De Fina (2003, p. 19-21) ressalta a importância de se examinar mais a fundo como os narradores constroem e articulam os significados nas práticas de uso da língua, que assim podem revelar os múltiplos vínculos estabelecidos entre os narradores e os grupos e práticas sociais com os quais se identificam. A pesquisadora também define que a relação narrativas-identidades opera em três níveis – de reflexão, negociação e construção das

---

<sup>76</sup> No original: “[...] as a point of entry into the teller’s personal, social, and cultural identities.”

identidades –, que impactam diretamente o tratamento das narrativas quando se investigam os processos de identificação.

No primeiro nível, De Fina (2003) ressalta que há a adoção de maneiras específicas ou estilos (culturais) de se contar as histórias que demonstram filiação a um grupo específico. Esses “grupos”, geralmente correspondentes a “categorias sociais” ou sistemas classificatórios,<sup>77</sup> como etnia ou nacionalidade, por exemplo, fazem uso de determinados recursos linguísticos conhecidos e disponíveis, de forma que sejam “identificados” em meio a outros grupos, assim revelando que os processos de identificação ocorrem na relação com o Outro e com a diferença.

No segundo nível em que a relação entre narrativas e identidades operam, De Fina (2003) enfatiza que a construção identitária se dá em meio à negociação das funções sociais dos indivíduos nas comunidades a que sentem pertencer a partir das histórias contadas pelos narradores. Dessa maneira, as narrativas funcionam como um meio para que os narradores contestem o mundo social se posicionem tanto no campo da narrativa quanto em suas interações a partir das representações construídas acerca dos papéis exercidos em sociedade.

No terceiro nível, a pesquisadora destaca a relação entre narrativas para a construção identitária a partir do sentimento de pertença a uma comunidade que possui um sistema comum de crenças e valores e que ressalta determinados comportamentos que os narradores compartilham e enaltecem. Nesse sentido, as

histórias proporcionam uma ocasião poderosa para os narradores classificarem e avaliarem personagens e suas ações contra normas e valores implícitos ou explícitos. Como as histórias normalmente lidam com violações das atitudes esperadas, os narradores conseguem apresentar posições morais que confirmam ou refutam posicionamentos e valores geralmente assumidos e, por conseguinte, se avaliam e/ou aos outros como membros dos grupos que mantêm ou rejeitam valores morais e normas da sociedade (DE FINA, 2003, p. 21).

### 3.3 Identidades e posicionamentos

Uma discussão satisfatória sobre posicionamento em qualquer nível requer absolutamente a inclusão de considerações culturais<sup>78</sup> (MOGHADDAM, 1999, p. 80).

<sup>77</sup> Cf. Woodward, 2006, p. 39-48.

<sup>78</sup> No original: “[...] a satisfying discussion of positioning on any level absolutely *requires* the inclusion of cultural considerations.”

Em consonância com o que já foi comentado até aqui sobre a relação estreita entre narrativas e identidades em pesquisas, a força constitutiva do discurso<sup>79</sup> e das práticas discursivas<sup>80</sup> têm papel fundamental no direcionamento de estudos sobre a construção das identidades. Ao se reconhecer ambos, valorizam-se também os posicionamentos que fazem parte do repertório dos indivíduos e de suas percepções do mundo social, pois:

um indivíduo emerge dos processos de interação social não como um produto final relativamente completo, mas como um que se constitui e reconstitui através das variadas práticas discursivas nas quais participa. Desse modo, um indivíduo é sempre uma pergunta aberta com uma resposta cambiante que depende das posições disponíveis nas práticas discursivas, próprias e alheias; nessas práticas se encontram as histórias através das quais entendemos nossas vidas e as dos outros (DAVIES; HARRÉ, 2007, p. 244).<sup>81</sup>

Para orientar a análise sobre identidades em narrativas, diversos pesquisadores usaram e usam como referencial o conceito de posicionamento. Construto influente na análise do processo de construção de identidades, o conceito de posicionamento foi introduzido por Hollway, segundo Langenhove e Harré (1999, p. 8), quando a pesquisadora se propôs a investigar a construção das subjetividades nas relações de gênero, especificamente nas relações heterossexuais. Para ela, essa construção era elaborada a partir dos posicionamentos na interação com o outro. Nesse sentido,

posicionamento pode ser compreendido como a construção discursiva de histórias pessoais que fazem as ações individuais inteligíveis e relativamente determinadas como atos sociais e nas quais os membros da conversação têm localizações específicas (LANGENHOVE; HARRÉ, 1999, p. 17).<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Adoto a definição de discurso de Davies e Harré (1990, p. 244), como “o uso institucionalizado da linguagem e de sistemas simbólicos semelhantes ao mesmo”.

<sup>80</sup> Aqui entendidas como “todas as formas ativas de produção de realidades sociais e psicológicas” (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 244)

<sup>81</sup> No original: “Un individuo emerge de los procesos de interacción social no como un producto final relativamente completo, sino como uno que se constituye y reconstituye a través de las variadas prácticas discursivas en las cuales participa. De este modo, uno es siempre una pregunta abierta con una respuesta cambiante, que depende de las posiciones disponibles entre las prácticas discursivas propias y ajenas; en esas prácticas se encuentran las historias a través de las cuales entendemos nuestras vidas y las de otros.”

<sup>82</sup> No original: “Positioning can be understood as the discursive construction of personal stories that make a person's actions intelligible and relatively determinate as social acts and within which the members of the conversation have specific locations.”

O engajamento discursivo e os significados construídos individualmente são levados em consideração nas definições de posicionamento de Davies e Harré (1999, p. 48). Para os pesquisadores, posicionamento é:

o processo discursivo pelo qual os *selves* são localizados na conversação como participantes visível e subjetivamente coerentes em enredos narrativos produzidos conjuntamente. Pode haver posicionamento interativo, no qual uma pessoa posiciona a outra. E pode haver posicionamento reflexivo, no qual a pessoa posiciona a si mesma.<sup>83</sup>

Com base nisso, pode-se afirmar que os posicionamentos são fruto de interações e de toda uma vivência individual e coletiva (intra e interpessoal), e refletem, por meio do discurso, fenômenos socialmente construídos no fluir do cotidiano de cada um. Posicionamento, assim, refere-se à maneira que os indivíduos são localizados nas práticas discursivas, nos momentos de construção e negociação do significado nas interações.

A princípio, seguindo as tradições nas pesquisas sociológicas, o posicionamento é investigado sob duas perspectivas: macrossocial e microssocial. Numa visão macro, fundamentada em narrativas maiores, é a forma que os indivíduos se posicionam e estão agindo no mundo a partir dos discursos hegemônicos dominantes que contam. Segundo Bamberg (2008, p. 445),

de acordo com essa visão, posições são recursos que os sujeitos podem escolher, e quando praticadas por um tempo, elas se tornam parte de repertórios que podem ser aproveitadas nas construções narrativas de si mesmos e dos outros.<sup>84</sup>

Em nível micro, numa orientação mais *bottom up*, a partir dos auto-posicionamentos, reflexões e agência dos indivíduos, os posicionamentos são construídos de forma performativa e situada, na qual os indivíduos se localizam e são localizados em termos espaciais e temporais, de modo interacional e agentivo, ocupando (ou fazendo ocupar) aqueles locais que lhe são interessantes.

Como os posicionamentos podem funcionar como uma ponte entre as escolhas individuais (em nível micro) e as identidades (em nível macro), numa

<sup>83</sup> No original: “[...] the discursive process whereby selves are located in conversations as observably and subjectively coherent participants in jointly produced story lines. There can be interactive positioning in which what one person says positions another. And there can be reflexive positioning in which one positions oneself”.

<sup>84</sup> No original: “According to this view, positions are resources that subjects can choose, and when practiced for a while, they become repertoires that can be drawn on in narrative constructions of self and others.”

proposta de articulação entre ambos os aspectos, De Fina e Georgakopoulou (2012) propõem uma análise em nível intermediário, em consonância com as novas tendências da pesquisa nas Ciências Sociais (BRANDÃO, 2001, p. 158). Com isso, sai-se da polaridade reducionista e, muitas vezes, incompleta, e abre-se caminho para uma visão mais global e plena. Segundo De Fina e Georgakopoulou (2012, p.165), a perspectiva de que o posicionamento deve ser vislumbrado nessa concepção meso-analítica é “um meio de estabelecer conexões entre os relatos das histórias – e as escolhas interacionais específicas nelas – por um lado, e os processos mais amplos além do aqui-e-agora das interações, por outro”.<sup>85</sup>

Considerando o comentário sobre a agência dos indivíduos ao se posicionarem, abro parênteses aqui para tratar do conceito de agência, primordial na compreensão das teorias narrativas, particularmente em seu aspecto epistêmico, e em consonância com dois pontos centrais deste estudo: identidades e posicionamentos. Ahearn (2010, p. 28) definiu agência como “a capacidade socioculturalmente mediada de agir”.<sup>86</sup> No caso dos posicionamentos, a agência pode ser percebida tanto com relação àqueles determinados a partir dos discursos hegemônicos, que partem tanto do nível macro (social, *top down*) quanto a partir do nível micro (individual, *bottom up*). Enquanto no primeiro caso os posicionamentos são sujeitos às influências de fatores sociais e políticos, por exemplo, o segundo provém de um movimento individual de posicionamentos na construção de narrativas. Segundo Bamberg (2008, p. 10),

todas as tentativas de posicionar o sujeito (dialeticamente) em algum ponto intermediário entre esses dois pontos de partida extremos começa com alguma forma de fundamentação na qual o sujeito pode se posicionar de maneira agentiva.<sup>87</sup>

O poder das narrativas autobiográficas está justamente na possibilidade de agência na construção identitária e na maneira que os narradores se posicionam e são posicionados, indo além das características individuais representadas na fala. É um ato político de empoderamento e a oportunidade de se engajar em ações que

---

<sup>85</sup> No original, “[Positioning has been employed as a meso-analytic concept, a means of establishing linkages between the telling of stories – and specific interactional choices within them – on the one end, and larger processes beyond the here-and-now of interactions on the other end”.

<sup>86</sup> No original: “Agency refers to the socioculturally mediated capacity to act.”

<sup>87</sup> No original: “All attempts to position the subject (dialectically) in some middle-ground between these two extreme points of departure start with some form of sociocultural grounding within which the subject can agentively position itself.”

possibilitam mudanças individuais e no mundo social (WORTHAM, 2001, p. 7). Levando em conta que o processo de se posicionar se dá de forma agentiva no uso da linguagem, De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 163) afirmam que:

esses processos são mais ou menos marcados indiretamente ou indexados no discurso por estratégias específicas que podem ser subsequentemente usadas como uma plataforma analítica para a investigação das identidades dos interlocutores.<sup>88</sup>

O conceito de posicionamento, na perspectiva acima referenciada, surgiu da inquietude dos pesquisadores com relação à noção estanque de *role* ou papel para a análise da construção do *selfhood* como algo pré-determinado, incapaz de se desenvolver ou se modificar. Davies e Harré (1999, p. 52) ilustram o conceito de *role* ou papel recorrendo ao modelo dramático tradicional, equiparando-o ao papel dos indivíduos na construção do *selfhood*, em que a formação dos atores perpassa por textos “com linhas previamente escritas e seus papéis determinados pela peça específica em que eles se encontram”<sup>89</sup> (DAVIES; HARRÉ, 1999, p. 52), o que não abarcava os aspectos dinâmicos da interação e eram limitados ao sentido estático e formal de *role*.

Ao se migrar do conceito de papel (*role*) para o de posicionamento, Langenhove e Harré (1999, p. 14), afirmam que o conceito de posicionamento atendeu uma busca por um novo paradigma de referência para fenômenos sociais que seja menos estagnada e mais de acordo com a natureza fluída da interação. Na teoria de *role*, a pessoa está sempre separada dos papéis que assume, enquanto na teoria dos posicionamentos, o enfoque está na construção discursiva dos indivíduos, que negociam e contestam posições na interação. Posicionamentos são cambiantes, fluídos, e não papéis (*roles*) fixos assumidos eternamente na construção das histórias pessoais. A concepção de *role*, portanto, se mostra incompatível com as interações e práticas discursivas de construção dos significados, pois a interação é ação conjunta dos interlocutores para a construção dos significados sociais nas conversações, aqui entendidas “como um grupo estruturado de atos da fala, isto é,

---

<sup>88</sup> No original: “These processes are more or less indirectly marked or cued in discourse by specific devices that can be subsequently used as an analytical platform for the exploration of speakers’ identities”.

<sup>89</sup>No original: with lines already written and their roles determined by the particular play they find themselves in.

como ditos e feitos definidos com referência a sua força social (força ilocucionária)” (DAVIES; HARRÉ, 2007, p. 243).<sup>90</sup>

Langenhove e Harré (1999, p. 16 – 17) propõem um referencial teórico de posicionamento a partir da tríade posição – ação/ato da fala – enredo narrativo<sup>91</sup>, ao mesmo tempo em que estabelecem uma analogia entre o mundo social e as práticas de uso da língua. Segundo os pesquisadores, o conceito de posição é metafórico e especificado pelos referenciais daqueles que o emitem. Os atos de fala que determinam essas posições possuem força social e estão conectadas as enredo narrativo.

Davies e Harré (1999, p. 49) recomendam que, ao se analisar os posicionamentos reflexivos e/ou interacionais do narrador, que se considerem algumas dimensões na análise de posicionamentos. De acordo com eles, é relevante notar as imagens e as metáforas que afloram no discurso dos interlocutores. Essas caracterizações, mesmo que não sejam intencionais, podem conter indícios das construções identitárias dos indivíduos e, dependendo da situação, podem também mostrar contestações aos posicionamentos feitos. Sugerem também que o pesquisador atente não somente para as escolhas linguísticas, mas também para o contexto histórico-social e as experiências passadas dos indivíduos, uma vez que se está lidando com trechos variados de uma autobiografia em vivência. Outro ponto crucial a ser evidenciado refere-se ao fato de os posicionamentos serem gerados a partir de fragmentos de histórias de vida, que não são normalmente lineares, sequenciais e coerentes. Por isso, as posições atribuídas a si e aos outros podem ser múltiplas, contraditórias e, algumas vezes, incoerentes, assim como o são as práticas discursivas, mas essas posições são negociáveis, efêmeras, cambiantes, e passíveis de contestação. Atenção a esses fatores se mostra fundamental para uma análise mais acurada dos posicionamentos no momento da análise.

Ao apontarem as particularidades discursivas do posicionamento, Davies e Harré (1999) assumem uma abordagem não-essencializada das identidades, construída no interior discurso, nas performances discursivas. E ao considerarem os enredos narrativos como algo visível, observável, os pesquisadores enfatizam a (co)

---

<sup>90</sup> No original: “[Conversación] como un grupo estructurado de actos de habla, es decir, como dichos y hechos definidos con referencia a su fuerza social (fuerza ilocucionaria)”.

<sup>91</sup> Cf. Langenhove; Harré, 1999, p. 6. Os termos originais de referência são position – act/action – storyline.

construção do *self* nas interações, numa relação dialógica e produzida de forma conjunta e cooperativa, que pressupõe movimento. Evidencia-se, desse modo, o caráter relacional dos posicionamentos, pois para que alguém seja posicionado como inteligente, poderoso ou chato, outro indivíduo deve ser posicionado como burro, fraco ou legal, respectivamente. É “por meio das histórias que contamos, que nos posicionamos, somos posicionados ou posicionamos nossos interlocutores como determinados tipos de pessoas” (BIZON, 2013, p. 101).

Narrativas, em especial as autobiográficas, são lugares comuns de ocorrência de posicionamentos, e a análise destes contribui para situar narradores, personagens e interlocutores no processo de construção identitária, já que ao construir discursivamente suas identidades, os indivíduos se localizam e são localizados na interação, numa relação dialógica (MOITA LOPES, 2006b, p. 296). Quando um indivíduo fala a partir de sua posição, posicionando-se e posicionando os outros, traz à tona suas subjetividades e suas múltiplas visões de mundo. Essa multiplicidade de olhares e de posicionamentos em uma interação apenas reflete a pluralidade das identidades vividas pelos indivíduos em uma co-construção com seu entorno.

Por todo o exposto, é notório que o conceito de posicionamento na perspectiva interacional se mostra adequado como referência para aqueles que investigam os fenômenos sociais, já que este prevê co-construção na interação, uma vez que o significado social de um enunciado depende dos posicionamentos interacionais que emergem no discurso. E é aí que está o poder da narrativa nos “jogos discursivos”: ao narrar a própria vida, os indivíduos não somente recontam eventos; eles representam a si mesmos e ao Outro, se posicionando como agentes e conduzindo sua própria história em meio às múltiplas vozes na/da interação. Por conseguinte, os indivíduos constroem suas histórias de vida em suas interações e, como atesta Bruner (1987, p.15),

eventualmente, os processos linguísticos e cognitivos moldados culturalmente que guiam a auto-produção das narrativas de vida atingem o poder de estruturar a experiência perceptiva, de organizar a memória, de segmentar e especialmente construir os diversos “eventos” de uma vida. No final, nós nos *tornamos* as narrativas autobiográficas a partir das quais nós “contamos” nossas vidas.<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> No original: “[The heart of my argument is this:] eventually, the culturally shaped cognitive and linguistic processes that guide the self-telling of life narratives achieve the power to structure perceptual experience, to



A partir de todas as colocações anteriormente feitas, pode-se afirmar que o uso do conceito de posicionamento como construto teórico que fundamentou a análise dos dados desta tese está de acordo com os objetivos da pesquisa aqui reportada.

### **3.4 O sujeito bi/multilíngue e as línguas de seu repertório verbal**

Integrante evidente do cenário sociolinguístico mundial contemporâneo, o plurilinguismo vem, cada vez mais, sendo foco de interesse acadêmico em diferentes áreas do conhecimento, como a Antropologia Linguística, a Sociolinguística e a Linguística Aplicada. E é esse interesse que tem aumentando o nosso conhecimento acerca do comportamento discursivo dos indivíduos bi/multilíngues.

Até o início da década de 80, imperava uma compreensão idealizada e, portanto, equivocada acerca desse comportamento. Os sujeitos bi/multilíngues eram, em primeiro lugar, vistos como tendo um “domínio” de suas línguas equivalente ao “domínio” dos falantes nativos dessas línguas. Em segundo, entendia-se que eles funcionariam “plenamente” em cada uma dessas línguas em *todos* os domínios e modalidades. E, por último, acreditava-se que indivíduos bi/multilíngues manteriam, em suas práticas comunicativas, cada uma de suas línguas perfeitamente separadas umas das outras. Foi só a partir do trabalho seminal de Grosjean (1982), seguido pelas teorizações de Martin-Jones e Romaine (1986), Romaine (1989) e Baker (2001), que essas crenças começaram a ser colocadas em xeque, revistas.

Grosjean (1982) nos conclamou a olhar o fenômeno do bi/multilinguismo de uma perspectiva holística, sócio funcional. Dessa perspectiva, não caberia, sobretudo, avaliar sujeitos plurilíngues como sendo a somatória de dois, ou mais, monolíngues, até porque, para que tal pudesse ocorrer, seria necessário construir uma equalização artificial do que corresponderia ao “comportamento padrão” de um “falante nativo”. Isso posto, todas as demais premissas até então vigentes foram, aos poucos, sendo descartadas. Hoje, com as evidências empíricas de que

---

organize memory, to segment and purpose-build the very “events” of a life. In the end, we *become* the autobiographical narratives by which we “tell about” our lives.”

dispomos, temos claro que o sujeito bi/multilíngue real, diferentemente daquele idealizado,

não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (MAHER, 2007, p. 73).

Em assim sendo, qualquer avaliação do desempenho de sujeitos bi/multilíngues só será possível se, ao invés de nos pautarmos em parâmetros idealizados, focalizarmos as práticas comunicativas nas quais essas pessoas estão efetivamente engajadas. E o exame dessas práticas tem revelado, não apenas que a noção de *bilinguismo equilibrado* não se sustenta, mas também que, contrariamente ao que se supunha, sujeitos plurilíngues *transitam* entre as línguas de seus repertórios comunicativos com muita frequência, já que as fronteiras entre elas são porosas. Vai daí que García (2009, p.45) propõe que consideremos o caráter dinâmico do bi/multilinguismo, já que ele implica em práticas linguísticas e multimodais múltiplas e variadas. Essas práticas, aponta a autora, envolvem o trânsito entre línguas nos processos de construção de sentidos em ambientes multilíngues, fenômeno por ela nomeado *translinguagem*.

Na esteira dessa proposição de García (2009), Canagarajah (2011) afirma que o conceito de *translinguagem* está assentado nos pressupostos de que

para os sujeitos multilíngues, as línguas são **recursos** que compõem **os repertórios** por eles utilizados para atingirem seus fins comunicativos; as línguas não são entidades discretas e separadas, mas **formam um sistema integrado** para esses sujeitos; a **competência multilíngue** (...) não consiste de competências separadas para cada uma das línguas, mas de uma multicompetência que funciona simbioticamente para as diferentes línguas dos seus repertórios e, por esses motivos, a proficiências para os multilíngues está centrada na construção de seus repertórios – isto é, no desenvolvimento de habilidades em diferentes funções desempenhadas pelas diferentes línguas – e não no domínio total de

cada uma dessas línguas (CANAGARAJAH, 2011, p. 1) (grifos meus).<sup>93</sup>

E é também nesse sentido que Chapanski e Jalil (2009, p. 2) afirmam que, nas sociedades contemporâneas, “o desenvolvimento de uma competência plurilíngue é essencial, [pois] os indivíduos conseguem passar pelas fronteiras físicas e virtuais de diversas comunidades linguísticas e precisam transitar entre variadas práticas de uso da linguagem”.

Por fim, é preciso esclarecer, que as práticas translíngues nos quais sujeitos bi/multilíngues se engajam, envolvem, não apenas o uso de empréstimos linguísticos e de *code-switching* – uso alternado de línguas –,<sup>94</sup> mas também hibridizações linguísticas (GARCÍA, 2009; CANAGARAJAH, 2011).

### 3.5 Políticas linguísticas familiares e educativas em contextos plurilíngues

Membros de uma comunidade de fala geralmente não são neutros com relação a sua própria língua. Eles podem enxergá-la como essencial para sua comunidade e promovê-la; eles podem usá-la sem promovê-las; eles podem ter vergonha dela e, portanto, não promovê-la; ou eles podem enxergá-la como um incômodo e evitar usá-la ativamente<sup>95</sup> (UNESCO, 2003, p. 16).

A citação acima deixa claro que decisões relativas ao uso e à promoção de línguas minoritárias são sempre informadas por *ideologias linguísticas*, ou seja, pelo modo como essas línguas são avaliadas com base em sistemas de crenças naturalizadas (SPOLSKY, 2012). Dois domínios fundamentais para que se possa garantir a sobrevivências de línguas de herança em contextos plurilíngues são particularmente suscetíveis a essas ideologias: a família e a escola.

---

<sup>93</sup> No original: “for multilinguals, languages are part of a repertoire that is accessed for their communicative purposes; languages are not discrete and separated, but form an integrated system for them; multilingual competence (...) doesn’t consist of separate competencies for each language, but a multicompetence that functions symbiotically for the different languages in one’s repertoire; and, for these reasons, proficiency for multilinguals is focused on repertoire building – i.e., developing abilities in the different functions served by different languages – rather than total mastery of each and every language.”

<sup>94</sup> O *code-switching*, ou mudança de código, pode acontecer por meio da inserção de uma palavra e da alternância de línguas em segmentos maiores do discurso. No caso de adaptação fonológica, morfológica ou sintática, tem-se um empréstimo linguístico ou *borrowing*. Ambos os comportamentos são previstos nas práticas discursivas de indivíduos bilíngues e, conforme Gumperz (1982) e Romaine (1989), exercem variadas funções pragmáticas no discurso, tais como indicar solidariedade, reiteração/ênfase, especificação do interlocutor, expressão de autoridade/poder etc. A esse respeito ver também Gardner-Chloros (2009).

<sup>95</sup> No original: “Members of a speech community are not usually neutral towards their own language. They may see it as essential to their community and identity and promote it; they may use it without promoting it; they may be ashamed of it and, therefore, not promote it; or they may see it as a nuisance and actively avoid using it.”

O campo das *Políticas Linguísticas Familiares* (PLF), uma área de investigação ainda relativamente pouco explorada, alimenta-se de contribuições advindas principalmente da Antropologia, da Sociolinguística e da Psicolinguística em sua busca por examinar as crenças e ações que determinam os modos como membros de grupos familiares se posicionam em relação à transmissão intergeracional e à escolha e ao uso das línguas de seus repertórios verbais. Nessa empreitada, considera-se, não apenas a estrutura organizacional das próprias famílias, mas também o fato de que elas constituem domínios sociais fortemente influenciados por políticas linguísticas mais amplas (PAUWELS, 2005; SCHÜPBACH, 2009; NESTERUK, 2010; SPOLSKY, 2012; KING e FOGLE, 2013).

Pauwels (2005) enfatiza que o tipo de família, as estratégias de transmissão por elas utilizadas e as atitudes e representações dos pais com relação às línguas do repertório comunicativo familiar são variáveis a serem considerados se o objetivo é transmitir e usar a língua de herança. No que tange às diferentes composições familiares, a pesquisadora demonstrou, em seu estudo, que casais exogâmicos costumam passar por um processo mais acelerado de mudança linguística do que casais endogâmicos, ao mesmo tempo em que a presença de parentes falantes da língua minoritária na rede familiar extensa fortalece o uso da língua ao longo das diversas gerações. Com relação às estratégias utilizadas na transmissão da língua do imigrante, Pauwels (2005, p. 124-128) e Schüpbach (2009, p. 17) destacam a importância da opção por uma estratégia clara e persistente no processo de transmissão e uso de uma língua minoritária, como a *one parent–one language* (um progenitor – uma língua).

Três pesquisadoras brasileiras investigaram a relação entre línguas de herança em contextos de imigração e políticas linguísticas familiares: Mota (2004, 2008, 2010), Coelho (2009), Gabas (2016). Esses estudos, no entanto, foram conduzidos com outros grupos de imigrantes, não falantes de árabe.

Mota (2004, 2008, 2010) investigou questões linguísticas e identitárias tendo por participantes de pesquisa famílias brasileiras residentes em Somerville, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Em seus diversos trabalhos, a pesquisadora procurou retratar os processos sociais e culturais que permeiam a transmissão e o uso do português como língua de herança nesse grupo, fomentando a discussão acerca das narrativas em contextos migratórios e assim contribuindo para a formação de um novo olhar analítico sobre as minorias linguísticas. Mota

verificou que havia certa imposição, por parte dos progenitores, do uso do português como língua principal da comunicação familiar, com vistas a se assegurar a circulação da língua e das tradições brasileiras na família – ou seja, preservar, de alguma forma, a “identidade brasileira”. Ao mesmo tempo, esses progenitores também tentavam garantir a possibilidade de comunicação em português aos seus filhos, caso um dia a família voltasse a residir no Brasil. Para ela, “é através do uso do português que os pais vinculam a escolha linguística à necessidade de pertencimento a uma identidade nacional e, por outro lado, mantém a estabilidade na hierarquia de poder entre gerações” (MOTA, 2004, p. 155). Nessa comunidade, argumenta a autora, percebe-se que as forças contrárias à transmissão e ao uso do português na comunidade são expressivas, dado o uso frequente da língua inglesa como língua principal de comunicação pela segunda geração e a ação escolar incentivadora do monolinguismo em inglês, que promove assim o deslocamento linguístico para a língua majoritária de comunicação nos Estados Unidos. Apesar desse jogo de forças, as famílias brasileiras têm empreendido, à sua maneira, esforços para assegurar que a língua portuguesa e aspectos da cultura brasileira sejam preservados no seio familiar e na comunidade e é “exatamente esse fortalecimento da comunidade que atua como o elemento mais poderoso para que a língua portuguesa seja mantida viva no universo social das crianças e dos jovens” (MOTA, 2004, p. 161).

Coelho (2009) pesquisou, em sua dissertação de mestrado, as representações de indivíduos bilíngues (brasileiros ou não) em casamentos interétnicos sobre as políticas linguísticas familiares de transmissão e uso da Língua Materna do Cônjuge Imigrante (LMCI). A partir dos dados gerados, a autora constatou a existência de diversos fatores inter-relacionados que podem contribuir para a transmissão e o uso da LMCI, tais como o prestígio das línguas do repertório dos indivíduos e as atitudes com relação a elas, o contexto situado de imigração, a vivência em ambientes plurilíngues, e as relações de poder entre os cônjuges.

Gabas (2016), também em sua dissertação de mestrado, focalizou as políticas linguísticas implementadas por um conjunto de famílias de uma comunidade sul-coreana de trabalhadores transplantados residentes na Região Metropolitana de Campinas (RCM), por entender, assim como acredita Pauwels (2005), que o exame das estratégias linguísticas utilizadas, “o *status* que os pais conferem às línguas do seu repertório e do repertório linguístico de seus filhos têm

impacto direto sobre as línguas a serem usadas ou estudadas e determinam a manutenção, ou não, da língua de herança da família”, nesse caso específico, da língua coreana (GABAS, 2017, p. 11). Os resultados de sua pesquisa revelaram que as mães coreanas exercem um papel crucial no modo, não apenas o coreano, mas também como as demais línguas do repertório verbal dessas famílias – o português e o inglês – são gerenciados.

É importante destacar que, ainda que o insumo familiar seja fundamental para garantir a continuidade do uso da língua minoritária, ele, sozinho, não é suficiente, como insistem vários estudiosos da questão, como, por exemplo, Spolsky (2012) e King e Fogle (2013). Há que se assegurar, além disso, não apenas o estabelecimento de políticas governamentais que estimulem o desenvolvimento dessas línguas, mas, também, que haja oportunidade mais amplas de sua utilização efetiva no seio das comunidades em questão, tais como em suas práticas religiosas, sociais, laborais e educacionais.

A implementação de modelos de Educação Bi/Multilíngues capazes de fomentar *o ensino e a aprendizagem* da língua de herança de imigrantes de forma eficaz tem sido apontada como uma das principais molas propulsoras da continuidade de seu uso. É consenso entre os estudiosos que se debruçam sobre essa questão (BAKER, 2001; MAHER, 2007; GARCÍA, 2009; GARCÍA e FLORES, 2012, dentre outros) que a língua de herança deve ser, não apenas *objeto de estudo* no currículo escolar, mas, também, a *língua de instrução* para o desenvolvimento dos conteúdos programáticos ao longo de toda a escolarização. Só assim seria possível promover o aumento da competência, a nível avançado, de uso oral e escrito de línguas minoritárias junto ao alunado.<sup>96</sup>

Considerando o que foi anteriormente exposto, é importante sublinhar, em suma, que, para que o desaparecimento de línguas minoritárias não sejam processos inevitáveis, cabe aos indivíduos, às famílias e à comunidade como um todo em que elas são faladas, o desenvolvimento de estratégias com vistas a ampliar os seus usos, bem como, também, os níveis de proficiência nelas.

---

<sup>96</sup> Para uma descrição pormenorizada e análise crítica dos diferentes modelos de Educação Bi/Multilíngue existentes, ver Megale (2017).

## CAPÍTULO 4

### PRINCÍPIOS EPISTEMOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO

---

A pesquisa qualitativa é um instrumento eficaz não só para investigar o mundo, mas também como metáfora para a exploração de nós mesmos (SILVA, 2005, p. 96).

Antes de descrever os princípios epistemológicos e os procedimentos metodológicos que nortearam a investigação em pauta, vale esclarecer para o leitor minha relação com esta cidade do sudoeste do Estado do Paraná – Foz do Iguaçu<sup>97</sup>.

Meu pai imigrou para o Brasil em 1970, optando por estabelecer-se na Unidade Federativa do Paraná, por ser local em que sua família se encontrava. Inicialmente, morou em Ivaiporã, no interior do Estado. Depois, passou uma temporada em Foz do Iguaçu (entre 1971 e 1973). Na sequência, mudou-se para a cidade de São Paulo, onde nasci alguns anos depois. Foz do Iguaçu foi meu destino quase anual de férias desde meus primeiros meses de vida. Em dezembro de 1991, meus pais se mudaram para a cidade e lá permaneceram por dez anos.

Durante minha adolescência, pude vivenciar cotidianamente Foz do Iguaçu e suas nuances multi e interculturais, com destaque especial para a convivência diária com imigrantes e brasileiros falantes de árabe ali residentes. Em 1996, mudei-me de cidade, para estudar. Todavia, retornava constantemente a Foz do Iguaçu, mesmo quando minha família já não morava mais na Tríplice Fronteira. Por fim, entre 2010 e 2016, voltei a estabelecer residência em Foz.

Em minhas observações da comunidade falante de árabe local, fui (re)construindo minha relação com a coletividade ao mesmo tempo em que planejava a pesquisa, e assim como qualquer pesquisador que tem alguma relação mais direta com o grupo que está investigando, passei por momentos de “certezas absolutas” e dúvidas, as quais foram conduzindo a tessitura deste estudo.

A partir do exposto, é inegável a autorreferencialidade nesta pesquisa. Enquanto buscava compreender as representações que os participantes deste estudo constroem sobre suas identidades culturais, vi-me em constante reflexão acerca da minha relação com as diversas facetas da minha própria identidade,

---

<sup>97</sup> Dados em diário retrospectivo.

assim como “O Pesquisador Ferido”, de Romanyshyn (2013) – aquele que escreve sua pesquisa com a alma em mente, já que “a presença do outro sempre é uma ocasião para esse ato de autoapreciação crítica” (WATKINS, 2013, p. 341).

#### 4.1 Algumas considerações epistemológicas

Nesta seção, procedo, inicialmente, à descrição dos princípios da vertente da Linguística Aplicada (LA) a que me filio como pesquisadora, para, em seguida, discorrer sobre a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

##### 4.1.1 Uma perspectiva de investigação em Linguística Aplicada

O campo continua a ignorar a proposição fundamental de que a investigação em Linguística Aplicada deve ser intercultural, interlinguística e interdisciplinar (PENNYCOOK, 2001, p. 10).

Já na epígrafe que abre a Introdução desta tese,<sup>98</sup> explicito, por meio da voz de Flick (2009, p. 103), a minha crença na conexão indissociável entre a pesquisa, o contexto social no qual ela está inserida, e a história pessoal e o posicionamento ideológico do pesquisador. Como já deve ter ficado patente para o leitor, minhas próprias trajetórias foram cruciais para a opção por investigar os brasileiros falantes de árabe residentes em Foz do Iguaçu. Para tanto, determinei como norte dessa minha jornada o arcabouço teórico-epistemológico daquilo que, contemporaneamente, é denominado Linguística Aplicada Crítica (ou *Indisciplinar, Transgressiva*), um campo de investigação voltado para a condução de estudos da linguagem como prática social (MOITA LOPES, 2006a; PENNYCOOK, 2006).

A re teorização da Linguística Aplicada Crítica tal como proposta inicialmente por Cavalcanti (1986) e, posteriormente, por Pennycook (2001) e Moita Lopes (2006a, 2009), dentre outros, apregoa que essa área de estudos não se limita à aplicação pura e simples de teorias da Linguística Geral, nem se resume a investigar questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de idiomas. Conscientes da complexidade sociolinguística do século XXI e de que as práticas de uso da língua são múltiplas e multifacetadas, uma melhor compreensão da pluralidade de nossos tempos deve abranger (1) o questionamento de uma visão de

---

<sup>98</sup> “As questões de pesquisa não saem do nada. Em muitos casos, originam-se na biografia pessoal do pesquisador e em seu contexto social” (FLICK, 2009, p. 103).



sujeito social como acabado e esvaziado de suas práticas discursivas e (2) a incorporação de uma visão de sujeito social como multifacetado, fluído, fragmentado, em desconstrução e reconstrução constantes, que precisa transitar entre variadas práticas de uso da linguagem nas comunidades linguísticas de que faz parte. Isso porque,

na contramão da modernidade e de sua visão de um sujeito homogêneo, algumas pessoas são cada vez mais expostas a uma multiplicidade de projetos identitários, como também à percepção da heterogeneidade identitária coexistindo em um mesmo ser social (MOITA LOPES, 2006a, p. 94).

A vertente da Linguística Aplicada a que me filio é uma área que se preocupa em construir conhecimento sobre a vida social ao mesmo tempo em que possibilita o fortalecimento político de grupos minoritarizados, assumindo, portanto, a responsabilidade de dialogar com outras áreas e teorias das Ciências Humanas para ser condizente com sua configuração atual – mais crítica, social e politicamente engajada.

Além da necessidade de valorizar a interdisciplinaridade e repensar o sujeito pesquisado, Moita Lopes (2006a) aponta para a necessidade de fazer implodir a relação teoria-prática por meio da valorização das vozes dos sujeitos sociais. Segundo o pesquisador, deve-se questionar a racionalidade que dissocia o sujeito do objeto, assim como o conceito de neutralidade científica, principalmente quando se trata de estudos voltados para a compreensão dos atores sociais. Tais estudos devem ter uma orientação mais crítica, não apenas questionando as abordagens de pesquisa tradicionais da área (comumente de natureza apolítica e despreocupadas com o empoderamento dos grupos minoritarizados), mas também realizando pesquisas voltadas para a promoção de maior justiça social e redução das desigualdades, especialmente, como explica Tollefson (2006, p. 42), “[da] desigualdade que é invisível devido aos processos ideológicos que fazem com que ela pareça ser uma condição natural dos sistemas sociais humanos”.

A pesquisa descrita neste trabalho, portanto, mostra-se em consonância com os princípios da pesquisa em Linguística Aplicada Crítica ao traçar como objetivo produzir conhecimento que conduza a uma melhor compreensão dos discursos sobre identidade dos brasileiros de origem ou ascendência árabe em Foz

do Iguçu, dando voz a esses atores sociais e reforçando o caráter político desse tipo da investigação.

#### 4.1.2 A pesquisa qualitativa

Contra o positivismo, que para diante dos fenômenos e diz – “Há apenas fatos”, eu diria: Não, fatos é o que não há; há apenas interpretações (NIETZCHE, 1888, *apud* McCARTY, 2002, p. 86).<sup>99</sup>

Ao contrário do positivismo, que vislumbra a realidade como algo que existe objetivamente e que pode ser descoberto ou revelado empiricamente, na pesquisa qualitativa considera-se que o conhecimento é construído socialmente, demandando, portanto, uma análise do contexto sociocultural no qual se apresentam os fenômenos investigados. Tal análise permitiria, “através da interpretação [desses fenômenos], estabelecer questionamentos, discussões dos pressupostos e uma busca dos significados do sujeito frente à realidade” à qual está exposto (TRIVIÑOS, 2008, p. 48). Nessa vertente e extrapolando os limites positivistas da pesquisa como um todo, contempla-se a multiplicidade que nos rodeia com vistas a construir conhecimento e problematizar questões contemporâneas. Na tentativa de se compreender melhor as práticas sociais na atualidade nessa perspectiva, procura-se sair da casca engessante das investigações “em um vácuo social, com base em um sujeito homogêneo, imune à história e às práticas discursivas em que atua e que o constituem” (MOITA LOPES, 2006a, p. 25).

É fundamental notar, também, que a interpretação do pesquisador sobre os fenômenos sociais investigados e a atribuição de significados a eles são fundamentais na compreensão das subjetividades que permeiam o discurso. A interpretação pessoal do pesquisador aparenta uma tendência para a liberdade de análise, porém, dificilmente todos os pesquisadores vislumbrem os mesmos dados da mesma maneira. Com isso em mente, pode-se afirmar que a perspectiva de que a abordagem qualitativa permite múltiplas interpretações – desde que coerentes e fundamentadas – sobre o objeto de pesquisa está diametralmente oposta à rigidez e à formalidade de abordagens mais tradicionais de pesquisa.

Em uma pesquisa que estuda as interações sociais e os significados atribuídos por seus agentes ao representarem sob diferentes perspectivas –

---

<sup>99</sup>No original: “Against positivism, which halts at phenomena – “There are only facts” – I would say: No, facts is precisely what there is not, only interpretations”.

linguísticas, culturais, políticas, etc. – suas relações com suas próprias origens, a opção pela pesquisa qualitativa interpretativa é coerente e está em consonância com os alicerces que sustentam o estudo aqui descrito. A opção pela pesquisa qualitativa se dá, portanto, por ela possibilitar que a construção identitária de um grupo social – suas representações, seus posicionamentos e os aspectos que circundam a sua realidade social – ganhasse visibilidade e também que as questões deste estudo pudessem ser respondidas. Mais do que um produto final descritivo, a pesquisa qualitativa e os princípios que a orientam são um processo, que enseja um ganho em profundidade na apresentação das complexidades do contexto estudado.

#### 4.1.3 A pesquisa qualitativa de base etnográfica

História, filologia, psicanálise, arqueologia, medicina, direito, história da arte: esses são os companheiros da etnografia em uma longa e respeitável tradição do trabalho científico. De fato, cada ciência *social* genuína recai nessa categoria (BLOMMAERT, 2010, p. 14).<sup>100</sup>

A pesquisa etnográfica tem seu foco na investigação dos processos sociais e culturais a partir de uma perspectiva antropológica êmica, ou seja, a partir da perspectiva do sujeito, o que envolve compreender como os indivíduos percebem, interpretam e explicam o mundo social, referindo-se a tudo aquilo que é determinado localmente, de forma situada (em relação ao contexto de ocorrência), demonstrando a construção de significados, crenças e tradições dos fenômenos culturais a partir de uma perspectiva mais próxima das vivências do grupo investigado (KOTTAK, 2006). E aí se situa uma das contribuições da pesquisa qualitativa de base etnográfica: contribuir para mudanças sociais na vida dos indivíduos a partir da compreensão de como estes constroem sentidos a partir de suas próprias experiências de vida.

Ao observar primariamente a realização da pesquisa no ambiente natural e enfatizar a investigação e a descrição subjetivas de fatos e vivências do contexto social dos indivíduos, a pesquisa etnográfica muitas vezes lança luz sobre aspectos muitas vezes invisíveis da vida cotidiana, transformando aquilo que é familiar, usual da vida, em algo digno de nota (ERICKSON, 1990, p. 121). E compreender como os

---

<sup>100</sup> No original: “History, philology, psychoanalysis, archaeology, medicine, law, art history: these are the companions of the ethnography in a long and venerable tradition of scientific work. In fact, every truly *social* science falls in this category”.

indivíduos constroem sentidos a partir de quem são e de suas experiências e interação com o mundo é fundamental na etnografia.

A etnografia ganhou seu espaço em outras áreas, como nas Ciências Sociais, Educação, Linguística Aplicada/Sociolinguística, entre outras, como ilustrado na citação de abertura desta seção, por sua relação intrínseca com os estudos de grupos sociais e a observação de suas práticas sociais e interação. Martin-Jones e Martin (2017, p. 2) relatam que a pesquisa sociolinguística dá seus primeiros passos nessa linha com os trabalhos realizados por Hymes e Gumperz, nas décadas de 1970 e 1980. Influenciados pelas teorias socioconstrutivistas e pela interdisciplinaridade nas pesquisas antropológica e linguística, ambos os pesquisadores voltaram seus estudos para a análise das interações, contribuindo para a construção de conceitos e teorias sociolinguísticas nesse período. Eles foram pioneiros no questionamento da visão de que “as ‘comunidades’ locais eram entidades estáveis, homogêneas” (MARTIN-JONES; MARTIN, 2017, p. 3), e trouxeram luz à perspectiva de que as práticas comunicativas são situadas e se relacionam a um processo de construção identitária multifacetado e que se dá por meio das interações em sociedade.

Com a intensificação e o avanço das pesquisas sociolinguísticas a partir da década de 1990, pautadas nas teorias críticas pós-estruturalistas e pós-modernistas ora vigentes, os estudos que envolvem as relações entre discurso e sociedade no atual contexto da globalização, da ampliação das migrações transnacionais e das novas práticas comunicativas tecnológicas, têm ganhado visibilidade nessa área do conhecimento nos últimos vinte anos. Martin-Jones e Martin (2017, p. 4) ressaltam que se passou a ter maior consideração não somente pelas práticas comunicativas em nível micro, mas também pela relação destas com as ideologias que as permeiam em nível macro. Para tal, a reflexividade do pesquisador tornou-se peça-chave nas pesquisas de cunho sociolinguístico.

Sendo a pesquisa etnográfica indutiva por natureza, a análise dos dados envolve, além de interpretação intuitiva e descrição das práticas sociais, a busca por padrões explicativos dos fenômenos investigados, partindo das evidências empíricas para a teoria, em oposição à ótica dedutiva da pesquisa, em que se testam hipóteses ou modelos. Ou seja, “seguem-se os dados, e os dados sugerem

questões teóricas particulares” (BLOMMAERT, 2010, p. 12).<sup>101</sup> Nesse sentido, o pesquisador tem papel fundamental – ativo e dialógico – no processo de análise. Cabe ao pesquisador, portanto, encontrar os significados, crenças e padrões que emergem no discurso de seus participantes de pesquisa na construção do estudo a partir de suas reflexões.

Considerando o exposto, pode-se afirmar que esta pesquisa alinha-se aos princípios norteadores da pesquisa etnográfica, uma vez que investiguei as narrativas de um grupo buscando explicar suas representações e posicionamentos acerca de questões identitárias que os constituem, a maneira como enxergam as histórias e experiências familiares de imigração, e como evocam a língua árabe em meio a tudo isso, sendo seu produto final como um “retrato” do grupo social investigado, construído de forma processual e destinado não somente à descrição holística da natureza específica e das particularidades desse grupo, mas também das possíveis transformações sociais que justificam a realização da pesquisa. Ao optar por essa abordagem, procurei combinar “uma análise cuidadosa dos detalhes de seus comportamentos e significados na interação social diária com uma análise do contexto social mais amplo”<sup>102</sup> (ERICKSON, 1990, p. 80), ao qual sempre tive acesso desde que nasci.

Em suma, este estudo adota características e estratégias do método etnográfico para a investigação de fenômenos culturais e sua reconstrução, a saber: (1) a ênfase no estudo e na descrição dos fatos e experiências que pertencem ao contexto social e histórico dos atores sociais; (2) a descrição subjetiva do fenômeno cultural e das diversas perspectivas dos participantes e suas relações em determinado espaço e tempo; (3) a investigação mais detalhada de um grupo específico; (4) a multimodalidade de técnicas de geração de dados; e (5) a reflexividade do pesquisador no processo de análise e interpretação dos dados. Flick (2009, p. 216) reforça a contribuição da etnografia na pesquisa qualitativa ao afirmar que “a etnografia tem representado a influência mais poderosa para a transformação da pesquisa qualitativa em um tipo de atitude de pesquisa pós-moderna, em oposição à aplicação mais ou menos codificada de métodos específicos”.

---

<sup>101</sup> No original: “you follow the data, and the data suggest particular theoretical issues”.

<sup>102</sup> No original: “[...] a close analysis of the details of behaviour and meaning in everyday social interaction with analysis of the wider societal context”.

## 4.2 O processo de geração de dados

O trabalho de campo é o momento em que o pesquisador vai a fundo à realidade do cotidiano e descobre que as regras da academia não são necessariamente as mesmas do dia a dia. Infelizmente, a única solução disponível para isso é a adaptação unilateral do pesquisador. [...] A vida cotidiana nunca se adaptará ao seu plano (BLOMMAERT; JIE, 2010, p. 1).

Tendo em mente o que afirmam Blommaert e Jie na citação acima, procedo à descrição dos ajustes feitos no processo de aproximação com os participantes da pesquisa. Em seguida, discorro sobre os procedimentos adotados para a geração dos dados a serem analisados no próximo capítulo desta tese. Por último, descrevo os participantes da investigação.

### 4.2.1 Os primeiros contatos no processo investigativo

Meus primeiros contatos como pesquisadora com os brasileiros falantes de árabe de Foz do Iguaçu não foram muito satisfatórios, mesmo tendo eu, de certa forma, sido criada ali. O momento inicial de aproximação com o grupo, em maio de 2011, ocorreu em meio a uma desconfiança quanto à intenção da pesquisa – ainda repercutia negativamente uma reportagem publicada pela revista *Veja*, da Editora Abril, na edição de 6 de abril de 2011.<sup>103</sup> A matéria em si, a respeito da suposta existência de células terroristas árabes em Foz do Iguaçu, e a abordagem dos jornalistas a um dos membros da comunidade árabe-muçulmana da cidade, foi considerada como eticamente questionável por eles e posteriormente descrita em entrevistas à mídia local.<sup>104</sup> Com o ocorrido, os falantes de árabe locais passaram a ter receio quanto a conceder declarações e entrevistas. Tal situação impactou negativamente, e por um bom tempo, o meu acesso à comunidade como pesquisadora, comprometendo não apenas a complementação de informações sobre o contexto de pesquisa, mas também a geração de dados, somente concluída efetivamente dois anos depois desse episódio.

Em 2012, para dar início ao trabalho de campo, contatei seis famílias que a princípio fariam parte deste estudo, tendo como critério seletivo o fato de pelo menos um dos cônjuges ser da primeira geração de imigrantes falantes de árabe no

---

<sup>103</sup> Ver Anexo 9.

<sup>104</sup> Cf. Al Hudud. Disponível em: <http://www.alhudud.com/> e <http://afrenteira.com.br>. Acesso em: 22set.2012

Brasil. Três dessas famílias eram endogâmicas, e três exogâmicas. Agendei uma conversa inicial com o membro da família com o qual tinha mais intimidade e realizei entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio com o consentimento dos participantes.

Nas entrevistas, busquei conhecer um pouco a história familiar, o processo migratório para o Brasil, as línguas do repertório linguístico familiar e, quando possível, as políticas linguísticas familiares de transmissão e uso (ou não) do árabe pelos sujeitos da pesquisa.<sup>105</sup> De posse dessas primeiras informações, e depois de analisar o processo de geração de dados dessa etapa, iniciei a construção do *design* da pesquisa e percebi a necessidade de realizar alguns ajustes. Com isso, essas entrevistas funcionaram como um piloto e um termômetro, por terem sido um pontapé inicial para a reflexão acerca dos melhores encaminhamentos metodológicos e de pesquisa, bem como para a escrita do questionário de dados gerais usado para delimitar o perfil social e linguístico dos participantes, que, por fim, aceitaram participar da pesquisa.

#### **4.2.2 Encolhendo a distância: a geração de dados**

Em meio a esses altos e baixos do primeiro momento de geração de registros para a pesquisa em questão, passei pela desistência de três famílias participantes; porém, dois eventos acabaram sendo “divisores de águas” na abertura de portas para a construção desta tese. O primeiro foi a celebração municipal, em abril de 2012, do estabelecimento de um protocolo de irmandade entre as cidades de Foz do Iguaçu, no Brasil, e Jericó, na Palestina, quando participei como espectadora tanto da plantação de uma muda de oliveira no Espaço da Paz da Itaipu Binacional quanto do evento cultural correspondente, retomando, assim, o contato direto com a comunidade num contexto de maior confiança. E em abril de 2013, participei do evento *Palestina Vive – I Ciclo de Debates e Mostra de Filmes sobre a Palestina*,<sup>106</sup> em que fiz um discurso de agradecimento aos organizadores e apoiadores do evento, ressaltando a importância de eventos culturais e educacionais desse tipo, pela oportunidade de debate aberto sobre a questão palestino-israelense e pela possível contribuição com a planificação de políticas públicas para

---

<sup>105</sup> Dados do diário de campo.

<sup>106</sup> Cf. Anexo 10.

implementação do protocolo de irmandade entre Foz do Iguaçu e Jericó. Essas ocasiões foram essenciais para a reconstrução de um elo de confiança entre a “Samira-pesquisadora” e a coletividade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, pelo exercício de minha “palestinação”, mesmo que de forma muito sutil, em um simples discurso de agradecimento. Com o prestígio do evento, que teve casa lotada em quase todas as noites, saí da posição de pesquisadora-entrevistadora cujas intenções eram vistas com desconfiança, para conseguir uma reaproximação com a comunidade: algumas pessoas não necessariamente relacionadas à minha família – e, em alguns casos, por iniciativa própria – se dispuseram a contribuir com o estudo, o que muito enriqueceu os dados primários da pesquisa.

#### 4.2.3 Métodos de geração de dados

Com o acesso facilitado, realizei, com 10 (dez) participantes diferentes, entrevistas semiestruturadas (algumas divididas em dois encontros).<sup>107</sup> Todas essas entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.<sup>108</sup> A opção por realizar entrevistas semiestruturadas deve-se ao fato de que, nelas, “dá-se preferência ao direcionamento temático, e as entrevistas podem se concentrar, de forma muito mais direta, em tópicos específicos” (FLICK, 2009, p. 194). Elas são necessárias em pesquisas em que se pretende “juntar informações biográficas e outras informações relevantes sobre o contexto, bem como as visões, valores e atitudes com relação às próprias escolhas e práticas discursivas e as dos outros” (CODÓ, 2008, p. 159).<sup>109</sup> Os dados gerados foram fundamentais para responder às perguntas da pesquisa, já que permitiram o acesso a informações como representações e construções identitárias a partir daquilo que emerge no discurso dos indivíduos.

---

<sup>107</sup> Informo que, observando as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP à época do processo de geração de dados, isto é, em 2013, os participantes da pesquisa maior de idade assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que os TCLEs dos participantes menores de idade tiveram não apenas suas assinaturas, mas também a de um de seus progenitores (ambos os modelos de TCLE podem ser encontrados no Anexo 1). Enfatizo, além disso, que também, de modo a estar em consonância com as recomendações do CEP, todo cuidado foi tomado no sentido de garantir o anonimato dessas pessoas.

<sup>108</sup> As entrevistas, na maioria dos casos, aconteceram em duas etapas, salvo quando houve a necessidade de realizá-las em uma única etapa devido ao tempo limitado dos participantes da pesquisa. É importante ressaltar que, em uma ocasião, o segundo momento das entrevistas foi realizado em duplas, pois os sujeitos não dispunham de muito tempo para elas e são casados.

<sup>109</sup> No original: “to gather biographical and other relevant contextualizing information from language users together with their views, values, and attitudes towards their own and others’ linguistic practices”.



É importante esclarecer que essas entrevistas foram estruturadas não apenas com o uso de perguntas direcionadoras, mas, principalmente, de *prompts* ou catalisadores da fala, isto é, de insumos de diversas naturezas visando a proporcionar o maior número de oportunidades possíveis de fala espontânea. Assim, trechos de dois filmes, cartazes com fotos, materiais visuais diversos, citações e outros insumos foram expostos aos participantes da pesquisa em cartazes, e estes, seguindo sua própria vontade, comentavam sobre as imagens que lhes chamassem a atenção, assim gerando conversas que se desenrolaram de acordo com os conteúdos que os participantes queriam comentar ou discutir, e não um roteiro pré-estabelecido pela pesquisadora.

Com relação ao processo de geração de dados, além de este ser um compromisso estabelecido em longo prazo, ele deve ser composto por múltiplos instrumentos ou técnicas de geração e análise destes (MARTIN-JONES; MARTIN, 2017, p. 5). É sabido que o desenho de uma pesquisa etnográfica pode ser multimodal e deve ser formado por um arquivo de pesquisa que descreva a caminhada do pesquisador para construir o conhecimento acerca do grupo investigado.

A seguir, descrevo os catalisadores da fala utilizados na geração dos registros.

### ➔ **Trechos do filme *O Tempero da Vida* (2003)**

O enredo de *O Tempero da Vida* versa sobre a história de Fanis Iakovidis, um menino que teve que emigrar da Turquia para a Grécia devido aos problemas políticos entre os dois países e à consequente impossibilidade de seu pai, de origem grega, seguir legalmente na Turquia após ter sido convidado a se retirar do país. Foram mostrados dois breves trechos do filme retratando especificamente esse momento da vida do menino: a possibilidade de deportação caso o pai não acatasse a “solicitação” do governo turco e a partida da família para a Grécia.<sup>110</sup> Abaixo reproduzo uma fala de Fanis que particularmente emocionou alguns dos participantes pesquisados, os quais se identificaram com seu conteúdo:

---

<sup>110</sup> Ver transcrição no Anexo 11.

Tenho medo de pessoas de uniforme... da polícia, do exército, da polícia rodoviária, dos bombeiros, mas, sobretudo, dos oficiais da imigração. No dia em que deixamos Istambul, aquela gente de uniforme machucou nossos escassos pertences com marcas de giz. Pareciam marcas de um deportado, já que os turcos nos mandaram embora como gregos, enquanto que os gregos nos receberam como turcos.

Os trechos selecionados foram fundamentais para uma conversa mais espontânea sobre as histórias familiares de migração dos participantes, sem a necessidade do recurso exclusivo a perguntas previamente elaboradas. A exposição à história do “outro” parece ter sido essencial para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar a própria trajetória, especialmente quando suas histórias se relacionavam de alguma forma com aquilo a que estavam assistindo. Em alguns casos, alguns participantes chegaram a se emocionar e/ou ficar em silêncio, pensativos, antes de começarem a falar – fato que, por si só, já diz muito, considerando-os como pistas contextualizadoras (BIZON, 2013).

### ➔ **Trecho do Filme *Casamento Grego* (2002)**

O segundo filme selecionado, *Casamento Grego*, retrata a vida da protagonista Toula, filha de imigrantes gregos nos Estados Unidos. O trecho mostrado,<sup>111</sup> de aproximadamente três minutos, revela as políticas linguísticas familiares de transmissão e uso da língua grega em ambiente familiar e comunitário, assim como o orgulho dos personagens quanto às suas origens. Esse filme, sendo uma comédia romântica, despertou muitas risadas e promoveu uma conversa mais descontraída sobre as próprias políticas linguísticas familiares e representações sobre identidades linguísticas e culturais dos participantes da pesquisa, além da relação que estabelecem com as línguas de seu repertório.

### ➔ **Relato de uma história pessoal de interdição da língua árabe**

Com a intenção de aprofundar a conversa sobre as políticas linguísticas familiares e do entorno, relatei, quando senti necessidade, a história descrita na vinheta contida nas Considerações Iniciais desta tese, a respeito da situação em que eu, aos três anos de idade, e minha mãe fomos interpeladas por uma de minhas

---

<sup>111</sup>Ver transcrição no Anexo 12.

professoras. Os participantes da pesquisa foram informados de que se tratava de minha história pessoal somente quando isso foi perguntado.

### ➔ **Materiais visuais**

Foram selecionados diversos materiais (textos, imagens, *folders*, livros, panfletos, fotos etc.) para a elaboração de cartazes<sup>112</sup> catalisadores da fala, que promovessem conversas possivelmente mais espontâneas sobre as seguintes questões:

- O que é “ser árabe”, de um modo geral?
- O que significa “ser árabe” em Foz do Iguaçu?
- Quais são, ou deveriam ser, os usos e funções sociais da língua árabe na comunidade?

Com os catalisadores imagéticos, foi possível conhecer melhor as histórias e memórias individuais, assim como perceber as perspectivas individuais em meio ao coletivo, já que muitos desses materiais remetiam a momentos e locais comuns aos diversos participantes da pesquisa.

Meinhof e Galasiński (2005) descrevem o material imagético – em particular, o fotográfico – como instrumento para incitar narrativas de memórias e sentidos atribuídos às identidades dos indivíduos. Para as pesquisadoras, o uso de fotografias, por exemplo, tem valor inestimável para aqueles que realizam pesquisa etnográfica, uma vez que, por meio delas, pode-se elaborar, recriar e negociar informações sobre o passado e o presente dos participantes da pesquisa com intervenção mínima do pesquisador. Segundo as autoras,

[olhar] fotografias, assim, funciona de ambas as maneiras: como uma ação individual de construir um passado pessoal a partir do ponto de vista de um [momento] presente pessoal, mas também, ao mesmo tempo, como uma ação social para incorporar o pessoal a contextos sociais e culturais específicos (MEINHOF; GALASIŃSKI, 2005, p. 113).<sup>113</sup>

Para a seleção das imagens que comporiam os cartazes, procurei seguir os critérios indicados por Meinhof e Galasiński (2005, p. 114), a saber: (1) retratar

<sup>112</sup> Ver Anexo 13.

<sup>113</sup> No original: “Looking at photographs thus acts as both an individual act of constructing a personal past from the point of view of a personal present, but simultaneously as a social act of embedding the personal in specific social and cultural contexts.”

locais e contextos familiares aos participantes da pesquisa; (2) contemplar todas as faixas etárias de indivíduos por meio de imagens de períodos diversos; e (3) selecionar imagens que indexam aspectos do contexto sociopolítico local que possuem valor simbólico e/ou afetivo para todos. Dessa maneira, pretendia-se instigar posicionamentos relacionados aos diversos momentos sugeridos da migração de falantes de árabe para Foz do Iguaçu, sem necessariamente restringir ou limitar as narrativas dos sujeitos a eles. O material visual selecionado não teve como objetivo determinar temas nem delimitar os tempos das histórias narradas, já que os participantes não eram instados a seguir nenhuma sequência e falavam livremente a respeito das imagens que lhes interessavam.

As narrativas de memórias eliciadas a partir desses instrumentos específicos (catalisadores da fala) permitiram múltiplos posicionamentos dos participantes, sem foco direto em perguntas feitas por mim. Foram, portanto, uma (re)construção das memórias linguísticas e culturais dos indivíduos. Assim,

em vez de contar com um formato mais tradicional de entrevista estruturada, nossas perguntas surgiam como surgiram em uma conversa mais espontânea – determinada pelo contexto das fotografias por um lado, e a escolha dos informantes do outro (MEINHOF; GALASIŃSKI, 2005, p. 115).

Além dos insumos anteriormente descritos, também foram utilizados no processo de geração de dados os seguintes instrumentos:

#### ➔ **Questionário geral**

Antes das entrevistas, foi entregue aos participantes um questionário com perguntas básicas sobre eles próprios e suas famílias. Os dados contidos nesses questionários foram posteriormente tabulados e serviram como referência para a descrição dos indivíduos e a complementação da análise de dados.<sup>114</sup>

#### ➔ **Diário retrospectivo**

As anotações feitas nesse diário tiveram o propósito de congregar num mesmo espaço todas as informações que eu inicialmente achei relevantes de serem consideradas enquanto desenhava a pesquisa. A história ocorrida na escola e

---

<sup>114</sup> Consultar item 4.2.4 para a descrição dos participantes da pesquisa e o Anexo 14 para o questionário utilizado.

minhas memórias com relação às minhas vivências em Foz do Iguaçu fizeram parte desse material.

### ➔ **Diário de campo**

As anotações feitas em campo ocorreram tanto durante ou após as entrevistas, quanto em conversas informais com os diferentes atores sociais que contribuíram para a descrição do contexto histórico e social do estudo. As conversas conduzidas com esses últimos não foram transcritas em sua íntegra, mas parte de seu conteúdo foi anotado no diário de campo e incorporado à análise de dados quando pertinente. A seguir, apresento um resumo dos instrumentos de geração de dados e a forma como foram utilizados.

<b>Geração de dados</b>	<b>Tipos de dados</b>	<b>Uso/Análise dos dados</b>
<b>Diário retrospectivo</b>	Anotações	Fonte de referência para a contextualização do estudo
		Material suplementar às análises de narrativas e de temas
<b>Entrevistas (catalisadores)</b>	Transcrições	Análise das narrativas
		Análise temática
<b>Questionário</b>	Dados quantitativos	Análise de semelhanças e diferenças entre os participantes
	Dados qualitativos	Material suplementar às análises de narrativas e de temas
<b>Diário de campo</b>	Anotações	Fonte de referência para a contextualização do estudo
		Material suplementar às análises de narrativas e de temas
<b>Documentos, textos, matérias e imagens</b>		Fonte de referência para a contextualização do estudo
		Material suplementar às análises de narrativas e de temas

**Quadro 5: Instrumentos para geração de dados e suas finalidades**

Segundo Cabral (2015, p. 33), “como o objetivo da pesquisa é obter o ponto de vista dos participantes, o uso de técnicas variadas permite ao pesquisador triangular a informação coletada a partir de fontes de dados diversas”<sup>115</sup>. Dessa forma,

de um ponto de vista mais metodológico, a pesquisa etnográfica atual é marcada por uma participação extensiva no campo, que

<sup>115</sup> No original: “Since the objective of ethnographic inquiry is to elicit the participants’ point of view, the use of different techniques allows the researcher to triangulate the information collected from different data sources”.

tenha considerado uma estratégia de pesquisa flexível com o emprego de todos os tipos de métodos e concentrando-se na redação e na descrição das experiências naquele campo (FLICK, 2009, p. 215).

O uso de diversos instrumentos para geração de dados, não somente para a análise e discussão em si, mas também para a descrição do contexto de pesquisa e sua paisagem linguística corroboram com os princípios norteadores das pesquisas qualitativas de cunho etnográfico, que enfatizam a importância da existência de variados instrumentos para a triangulação dos dados e também para instigar a reflexividade do pesquisador ao descrever aquilo que se propõe. De acordo com as orientações de Martin-Jones, Andrews e Martin (2017, p. 200), o uso de fontes variadas (linguísticas e semióticas) está em consonância com as adaptações necessárias para a realização da pesquisa sociolinguística na atualidade. Para os pesquisadores,

os gêneros dos materiais textuais gerados em campo variam desde anotações iniciais, até registros completos em diário de campo, vinhetas, diários do pesquisador, diários dos participantes, transcrições de entrevistas baseadas nos diários dos participantes, transcrição das entrevistas etnográficas e transcrições de entrevistas de acompanhamento posterior com os participantes sobre gravações de áudio ou vídeo das interações em contextos diferentes. Em contextos multilíngues, variados recursos linguísticos atravessam a produção de tais textos, assim como nas trocas comunicativas trocadas a partir desses textos (MARTIN-JONES, ANDREWS, MARTIN, 2017, p. 193).<sup>116</sup>

Martin-Jones, Andrews e Martin (2017, p. 200) ainda destacam que essa reflexão crítica acerca do contexto a partir de fontes variadas (linguísticas e semióticas) nos proporciona uma experiência rica para a negociação de sentidos durante os momentos de geração dos dados, bem como para a posterior análise e discussão. Assim, os instrumentos para geração de dados foram cuidadosamente elaborados justamente para atingir esse objetivo, numa tentativa de usar fontes diversificadas para promover uma reflexão mais aprofundada para a construção de conhecimentos sobre o contexto e os participantes da pesquisa.

As convenções utilizadas na transcrição dos dados gerados a partir de entrevistas são as seguintes:

---

<sup>116</sup> No original: "The genres of textual material gathered in the field vary from initial jottings, to fuller field-note records, to vignettes, researcher diaries, participant diaries, transcripts of interviews based on participant diaries, transcripts of ethnographic interviews and transcripts of follow-up interviews with participants about audio- or video-recordings of interactions in different settings. In multilingual contexts, different language resources traverse the production of such texts, as well as the talk that is exchanged around the texts."

<b>Convenções utilizadas nas transcrições das entrevistas</b>	
.	Entonação descendente
,	Entonação indicando continuidade
?	Entonação indicando pergunta
!	Entonação indicando exclamação
<b>MAIÚSCULAS</b>	Entonação enfática
::	Alongamento de vogal
...	Pausa de mais de 2 segundos
(...)	Supressão de trecho da fala
((INC))	Trecho incompreensível, que não pôde ser transcrito
( <b>pi</b> so)	Transcrição duvidosa
/	Marca de corte sintático abrupto
“xxxxx”	Discurso indireto
((sorrindo)) ((em tom irônico))	Descrição de atividade não vocal; explicação fornecida pelo pesquisador
éh, ah, uhm, uh-hum, ahã,	Pausa preenchida, hesitação ou sinal de atenção ou concordância
<b>P</b>	Pesquisadora

**Quadro 6: Convenções utilizadas nas transcrições das entrevistas.**

Esclareço que os trechos das entrevistas proferidos em árabe foram transcritos por mim. Fiz, inicialmente, uma primeira versão da transliteração e da tradução para o português dentro de minhas possibilidades, dado o meu nível de conhecimento da língua. Nas ocasiões em que não pude compreender o que foi dito, solicitei auxílio ao meu pai, que passou pela educação básica e ensino superior em países de língua árabe. Ele também revisou minhas transliterações e traduções, para garantir que não houvera equívocos. Ressalto que, nos excertos selecionados para análise e discussão dos dados, as palavras em árabe foram raras, porém, nas transcrições completas, elas foram mais frequentes.

#### **4.2.4 Os participantes da pesquisa**

Colaboraram com esta pesquisa um total de 10 indivíduos<sup>117</sup> brasileiros em que pelo menos um dos progenitores era oriundo de país falante de árabe, residentes em Foz do Iguaçu, com idades entre 13 e 47 anos na ocasião da geração

<sup>117</sup> Para preservar a identidade dos participantes, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios por eles escolhidos.

dos dados. A seguir, apresento um quadro com informações gerais dos participantes, elaboradas com base no questionário individual por eles preenchido.

Participantes	Idade <sup>118</sup>	Nacionalidade
<b>Abu Ammar</b>	38	Nascido no Brasil, pais libaneses
<b>Armando</b>	17	Nascido no Brasil, pais libaneses
<b>Bárbara</b>	47	Nascida no Brasil, pai libanês
<b>Fernanda</b>	21	Neta de libaneses, nasceu em país latino-americano hispanofalante e imigrou para o Brasil ainda bebê. É naturalizada brasileira
<b>Juliano</b>	39	Nascido no Brasil, pais libaneses
<b>Lara</b>	13	Nascida na Palestina, imigrou para o Brasil aos dois anos de idade; é naturalizada brasileira
<b>Marcelo</b>	39	Nascido no Brasil, pai palestino
<b>Renata</b>	29	Nascida no Líbano e imigrou para o Brasil aos cinco anos de idade; é naturalizada brasileira
<b>Sabrina</b>	21	Nascida no Brasil, pais libaneses
<b>Sofia</b>	28	Nascida no Brasil, pai e avós libaneses

**Quadro 7: Informações gerais sobre os participantes da pesquisa**

#### 4.2.5 Procedimentos éticos observados

Cabe aqui abrir reforçar uma questão central da vertente da Linguística Aplicada Crítica a que me filio:<sup>119</sup> a ética como um dos sustentáculos da pesquisa. Para Moita Lopes (2006a, p. 31), isso se deve ao fato de “que não é possível relativizar todos os significados: há limites éticos que devem nos orientar”. A partir desse posicionamento, o pesquisador questiona quais significados deveriam ser excluídos como parte da obrigação ética do pesquisador e sugere que “a escolha deve se basear na exclusão de significados que causem sofrimento humano ou significados que façam mal aos outros” (MOITA LOPES, 2006a, p. 103). Dessa maneira, promove-se uma pesquisa em Linguística Aplicada alinhada com a constituição de um novo paradigma social, político e epistemológico para as ciências

<sup>118</sup> Idade na ocasião da geração dos registros.

<sup>119</sup> Para Moita Lopes (2006a, p. 31), os quatro aspectos que devem constituir as pesquisas em Linguística Aplicada na atualidade são: (1) o caráter interdisciplinar; (2) a explosão da relação entre teoria e prática, para que sejam levadas em consideração as vozes dos sujeitos sociais; (3) a redescritção do sujeito social; e (4) ética e poder como pilares cruciais dos processos investigativos.



sociais, em que temas eticamente sensíveis são tratados de forma a não infringir o bem-estar, a dignidade e os direitos dos indivíduos participantes.

Partindo da premissa de que o pesquisador em Linguística Aplicada deve evitar causar desconforto ou qualquer tipo de dano aos sujeitos de sua pesquisa, este trabalho foi fundamentado no consentimento informado dos participantes. Tal consentimento relaciona-se à proposição de que a participação desses sujeitos é voluntária e ao fato de eles estarem cientes dos objetivos e métodos da pesquisa para a qual estão contribuindo. Com o levantamento de informações gerais sobre as famílias envolvidas nesta pesquisa, foram entregues uma carta de esclarecimentos sobre a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>120</sup> para ser preenchido e assinado por cada participante na ocasião da primeira entrevista de geração dos dados.

Além do consentimento informado, Flick (2009) afirma que deve haver uma preocupação com a questão da confidencialidade na redação da pesquisa, principalmente quando seus sujeitos fazem parte de uma mesma comunidade. Com essa preocupação em vista, os participantes tiveram seus nomes substituídos por nomes fictícios por eles escolhidos e todas as informações que pudessem ser utilizadas em uma possível identificação dos indivíduos com relação ao grupo ao qual pertencem foram trocadas ou suprimidas.

Quanto à geração dos dados, procurei respeitar o desejo daqueles sujeitos que solicitaram o desligamento do gravador para prosseguirem com suas falas. Nas fotos tiradas dos materiais de aprendizagem de árabe usados por alguns participantes da pesquisa e nas capturas de telas de redes sociais, busquei manter a privacidade dos envolvidos cobrindo faces, nomes e quaisquer outras informações que pudessem identificá-los.

### **4.3 Aparato metodológico para indexar os posicionamentos interacionais em narrativas**

A fala, no geral, e a fala autobiográfica, em particular, possuem tipos de construções linguísticas que carregam sistematicamente informações sobre as posições interacionais do falante e do público (WORTHAM, 2001, p. xii).<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup>Ver Anexo 1.

<sup>121</sup> No original: "Speech, in general, and autobiographical speech, in particular, contain types of linguistic constructions that systematically carry information about the interactional positions of the speaker and the audience."

A teoria dialógica do discurso bakhtiniana salienta o fato de as relações de sentido entre os enunciados terem caráter dialógico, cuja construção de significados se dá a partir das vozes sociais que emergem no discurso em um processo interacional, próprio da enunciação. A teoria bakhtiniana do dialogismo pressupõe que as análises do uso da língua extrapolem os limites determinados pela linguística estruturalista e considerem as relações dialógicas no âmbito do discurso. Em outras palavras, cada enunciado contém dois “textos” ou níveis de interpretação e análise: o primeiro refere-se à compreensão da estrutura e do conteúdo estrito do enunciado ou das narrativas; e o segundo, à apreensão das interações verbais na construção dialógica de sentidos. Dessa maneira, Fina e Georgakopoulou (2012, p. 158) explicam que Bakhtin não refuta o valor das análises estruturais para a construção de sentidos dos enunciados; porém, considera-as insuficientes e limitadoras diante dos posicionamentos interacionais, próprios das relações estabelecidas com os (discursos dos) outros. Ao conceber o uso da língua como dialógico, as pesquisadoras afirmam que Bakhtin estabeleceu, assim, a conexão entre as vozes do indivíduo e as vozes dos outros, apontando para a característica relacional e multivocal da comunicação.

A natureza constitutiva e social do discurso implica que, enquanto estamos engajados em práticas discursivas, estamos agindo e construindo o mundo ao nosso redor. Sendo as práticas de uso da língua dialógicas, usar a língua inevitavelmente envolve relacionar-se ou referenciar aos outros – quando nos comunicamos, estamos refletindo não somente nossa voz, mas também a voz de nossos interlocutores e de nossos referenciais no mundo social. Ao nos posicionarmos interacionalmente, estamos assim construindo e reconstruindo nossos mundos.

Os apontamentos prévios são fundamentais para a compreensão da relação existente entre o princípio dialógico da linguagem e a teoria do posicionamento interacional, que serviu de base para a elaboração do aparato de análise de narrativas de Wortham (2001), complementado por Bizon (2013). Considerando-se que as narrativas autobiográficas têm tanto funções representacionais (descritivas) quanto interacionais (em termos de posicionamento), pode-se afirmar que a teoria bakhtiniana do dialogismo no uso da língua mostra-se adequada na análise de narrativas por endossar que a construção do significado nos

enunciados relaciona-se à interação entre o narrador e os outros interlocutores e como estes se posicionam dialogicamente no discurso.

Para melhor compreender como se dá o processo de construção identitária, Wortham (2001) elaborou um aparato analítico dos posicionamentos interacionais em narrativas autobiográficas para “capturar como o discurso posiciona os interlocutores interacionalmente e como esse posicionamento interacional se inter-relaciona com o conteúdo representado no discurso narrativo” (WORTHAM, 2001, p. 16).<sup>122</sup> Nesse quadro referencial de análise, o pesquisador identificou cinco tipos de pistas indexadoras ou recursos linguísticos utilizados pelos narradores que os posicionam e posicionam os outros em meio à interação. Essas pistas foram elaboradas, desse modo, levando-se em conta a abordagem dialógica do discurso bakhtiniana, que naturalmente implica a existência e a interação com o outro, a agência individual na coletividade.

Para alicerçar seu aparato analítico na abordagem dialógica do discurso, os conceitos bakhtinianos de voz/vozeamento, duplo vozeamento e ventriloquação foram essenciais para Wortham. Segundo o pesquisador,

falar com certa voz, então, significa usar as palavras que indexam alguma(s) posição (-ões) social (sociais) porque esses mundos são caracteristicamente usados por membros de um certo grupo. Romancistas representam certas vozes pelo uso de palavras que indexam posições sociais particulares para certos personagens. Todos os dias, os narradores fazem o mesmo com os personagens que eles descrevem (WORTHAM, 2001, p. 38).<sup>123</sup>

Nesse sentido, as vozes dos sujeitos fazem parte de um conjunto maior de vozes em diálogo permanente, ao mesmo tempo em que denotam lugares sociais e posições ou posturas ideológicas próprias das práticas discursivas, em intercâmbio contínuo e, muitas vezes inacabado com o outro, em meio à produção dinâmica dos sentidos. O conceito de voz, assim, descreve o uso de palavras que indexam determinadas posições sociais, bem como a forma que aspectos do contexto social são indexados no discurso narrativo, revelando os posicionamentos interacionais

<sup>122</sup> No original: “[one needs conceptual and methodological tools that can] capture how language positions speakers interactionally and how this interactional positioning interrelates with the content represented in narrative discourse.”

<sup>123</sup> No original: “Speaking with a certain voice, then, means using words that index some social position(s) because these words are characteristically used by members of a certain group. Novelists represent certain voices using words that index particular social positions for certain characters. Everyday narrators do the same with the characters they describe”.

dos indivíduos. Desse modo, “uma voz representa não somente um papel social estático, mas uma ‘pessoa inteira’ ou um ‘ponto de vista integral’ que fala de alguma posição, mas não é totalmente definido por aquela posição” (BAKHTIN, 1984, p. 93, *apud* WORTHAM, 2001, p. 39).<sup>124</sup>

O segundo conceito bakhtiniano que alicerça o aparato de Wortham (2001, p. 64) para análise do posicionamento interacional é o de duplo vozeamento entendido como a dupla justaposição da voz do narrador com outras vozes do discurso. A relação (explícita ou implícita) entre as vozes, própria do uso da língua numa abordagem dialógica, apresenta, portanto, um direcionamento duplo, tanto com relação àquilo que é referenciado, caracterizado na interação, quanto com relação à indexicalização de outras vozes. Nessas sobreposições, os “interlocutores valem-se das muitas vozes presentes no mundo social e suas enunciações ganham sentido somente por meio do diálogo entre suas próprias vozes e as outras” (BAKHTIN, 1984, p. 63 *apud* WORTHAM, 2001, p. 64).<sup>125</sup> É a partir dessas justaposições de si mesmo com relação a outras vozes que o narrador se posiciona e posiciona o outro na interação.

Da mesma forma que personagens de narrativas justapõem múltiplas vozes (as de si mesmos, dos outros personagens e de outros citados pelo primeiro), os participantes desta pesquisa, no momento de narração de situações ou eventos durante a geração de dados, justapuseram as diversas vozes relevantes de seu mundo social e as ecoaram em meio a sua fala.

Considerando os conceitos de vozeamento/duplo vozeamento e suas implicações na análise de posicionamentos em narrativas, Wortham (2001, p. 67) questiona como se dá a análise do posicionamento interacional em meio às constantes revisitações do contexto social e das pistas e vozes presentes nas narrativas. Para o pesquisador, a resposta a esse questionamento está na emergência de “padrões de pistas, vozes e contexto relevante” ao longo das narrativas. Wortham (2001, p. 68) explica que esses padrões são analisados a partir do conceito bakhtiniano de ventriloquação, definido por como “o processo pelo qual o narrador adota uma posição social na ocorrência da narração com relação aos tipos de vozes que ele ou ela indexa enquanto descreve o evento narrado”. Assim,

---

<sup>124</sup> No original: “A voice represents not just a static social role, but a ‘whole person’ or an ‘integral point of view’ who speaks from some position but is not fully defined by that position”.

<sup>125</sup> No original: “[...] all speakers draw on the many voices present in the social world and that their utterances have meaning only through a dialogue among their own and these other voices”.

ao ventriloquar as vozes dos outros, os narradores se posicionam com relação a essas vozes e determinam uma posição social para si mesmos.

Com os três conceitos bakhtinianos de voz/vozeamento, duplo vozeamento e ventriloquação usados como referência na elaboração de seu aparato de análise de posicionamentos interacionais, Wortham (2001) mostra como a linguagem narrativa opera, respectivamente, em níveis de (1) caracterização dos objetos narrados, (2) indexicalização das vozes representadas, e (3) estabelecimento de uma posição social para o narrador. Wortham (2001, p. xii) afirma que Bakhtin, ao cunhar esses conceitos relacionando-os às narrativas, mesmo que se estivessem conectados a narrativas literárias, não pretendia sistematizar o posicionamento interacional em narrativas de forma a se ter um referencial metodológico que pudesse indicar pistas para os posicionamentos interacionais dos narradores – sejam eles personagens de textos literários ou do mundo real descrevendo um conjunto de eventos em que múltiplas vozes se sobrepõem.

Nenhum dos estudiosos sobre posicionamentos interacionais anteriormente citados (DAVIES, HARRÉ, 1990; LANGENHOVE, HARRÉ, 1999) especificou quais seriam as pistas que poderiam indicar os posicionamentos interacionais dos narradores. E, com o intuito de preencher essa lacuna, Wortham (2001) elaborou um aparato teórico-metodológico para a análise de posicionamentos interacionais, considerando o dialogismo no uso da língua e exemplificando “como nós podemos abordar as narrativas não somente como um veículo de representação de conteúdo denotativo, mas também como um meio para posicionar o narrador e seus interlocutores interacionalmente” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 165).<sup>126</sup>

Vågan (2011, p. 46), baseado em Gumperz (1982), define pistas contextualizadoras como “estruturas linguísticas que evocam o contexto social, dando ao enunciado um sentido específico”. Essas pistas têm qualidades indexalizadoras, pois evidenciam vozes e aspectos relevantes do mundo social (com relação a personagens, eventos, ações, entre outros) e constroem sentidos a partir deles.

---

<sup>126</sup> No original: “[Wortham offers his analysis as an example of] how we can approach narrative not just as a vehicle of representation of denotational content but rather as a means for positioning narrator and audience interactionally.”

Segundo Bizon (2013, p. 104), as pistas contextualizadoras em narrativas:

podem também indexar determinadas vozes ou determinados lugares sociais, uma vez que necessariamente as palavras que usamos já foram utilizadas por outros e acabam funcionando como um eco de lugares sociais, bem como de comprometimentos ideológicos presentes naqueles usos dos quais nos apropriamos.

As pistas indexicalizadoras ou as escolhas linguísticas dos narradores para se posicionar e posicionar os outros nos eventos narrados revelam os tipos sociais não somente daquele que narra, mas também dos outros relacionados ao evento descrito. Os enunciados se referem tanto à voz do narrador quanto à voz de suas crenças e valores – o referencial social de cada um. São nesses segmentos que emergem indicações dos aspectos relevantes do contexto. As pistas indexicalizadoras acabam indicando ou salientando como o contexto deve ser interpretado, de forma mediada entre o enunciado e o posicionamento interacional durante o ato de narrar. Wortham enfatiza que justamente essa mediação é que caracteriza a abordagem dialógica do posicionamento (2001, p. 37).

Tendo dito que as pistas linguísticas proporcionam uma visão sistemática e indicativa dos posicionamentos interacionais em narrativas autobiográficas, pode-se afirmar que o aparato de Wortham (2001) é um instrumento valioso para visibilizar e tornar salientes os posicionamentos interacionais, pois “as palavras dos narradores indexam lugares sociais, posicionamentos e lutas ideológicas associadas aos discursos narrados” (BIZON, 2013, p. 106).

A seguir, apresento as cinco pistas interacionais, isto é, escolhas linguísticas que os narradores fazem para se posicionar e posicionar os outros nas narrativas. É importante ressaltar que este não é um quadro de referência concluído e fechado, mas sim uma primeira possibilidade de análise de dados nessa perspectiva, conforme inicialmente determinado por Wortham (2001). São elas:

- **Referência e predicação.**

É a seleção de palavras e expressões que categorizam ou qualificam os indivíduos, posicionando-os nas narrativas. Relaciona-se ao que o narrador diz e como fala sobre isso, prestando informações não somente sobre o que o narrador escolhe falar – ou seja, faz referência –, mas também predica, isto é, indica como o narrador se caracteriza e avalia a si mesmo e aos outros, posicionando-se, inclusive,

em termos das relações sociais que são estabelecidas com eles. Assim sendo, predicar ou adjetivar um substantivo é uma maneira de posicionar os indivíduos em um grupo, já que os narradores se posicionam com relação aos indivíduos e fatos relacionados, por exemplo, que são incluídos em suas histórias. Entram nessa categoria de índices substantivos, adjetivos e outros predicativos com a função de localizar, caracterizar, e/ou classificar determinadas situações, fatos, objetos ou indivíduos no coletivo, dando voz e ventriloquando, explicitamente se posicionando na interação.

- **Descritores metapragmáticos.**

Usados para descrever o momento da fala – verbos e substantivos que se referem e qualificam o uso da língua. São os chamados verbos metapragmáticos da enunciação, ou seja, são aqueles verbos que correspondem à descrição de ações de uso da língua, que assim como as pistas de referência e predicação, possuem função de caracterização destas ações. Especificam a participação dos narradores no discurso ao avaliar o uso que este faz da língua, também assumindo a função de referenciar e predicar ao usar “verbos da fala” (comentar, discutir, mentir, entre outros). Com exceção dos verbos *dizer* e *falar* (*to say*, em inglês), considerados de valor neutro, os outros verbos aqui mencionados – e seus correspondentes substantivos, entre tantos outros –, caracterizam o estilo ou até mesmo o conteúdo da ação de fala e, como tal, acabam por ter carga semântica avaliativa e indexar as vozes no ato da fala.

Esses verbos e seus substantivos correspondentes (comentário, discussão, mentira) indexam a maneira que os narradores e os personagens usam a língua, tanto no evento narrado, quanto na narração, sendo uma maneira de vozear personagens.

Vale ressaltar que as estruturas em questão são vistas como um índice secundário, pois são frequentemente acompanhadas de uma citação, ou uma referência ou predicação direta, abrindo caminho para uma emissão de julgamento de valor, por exemplo.

- **Citações**

As citações são atribuições de falas de indivíduos que são referenciados pelo narrador. Este faz referência a algo que foi dito e o conteúdo em si por meio de

verbos e colocações verbais metafóricas, e que acabam, por conseguinte, envolvendo também uma referenciação. É uma combinação entre um descritor metapragmático e um enunciado, citado direta ou indiretamente, e que faz referência àquele de quem se fala. Na escolha do conteúdo a ser citado, o narrador seleciona o que é dito, e esse filtro na seleção do conteúdo acaba por predicar e posicionar as vozes em questão. Ou seja, aqueles que citam os outros estão também filtrando e demonstrando sua posição por ventriloquação do personagem e, conseqüentemente, o narrador o posiciona e posiciona a si mesmo com relação a eles.

- **Indexicalizadores avaliativos**

São qualificações implícitas de situações ou eventos específicos a grupos sociais e posicionam o narrador com relação a eles. São “itens lexicais, construções gramaticais ou qualquer outro padrão linguístico” (WORTHAM, 2001, p. 73) que é associado a grupos de pessoas, trazendo as vozes desses indivíduos à tona e posicionando o narrador com relação a eles. Caracterizam-se por diversos padrões de construções linguísticas (estruturas gramaticais e lexicais) que fazem referência a certos grupos ou tipos sociais, demarcando lugares sociais na interação.

É uma caracterização velada de situações ou pessoas, evidentemente com tom avaliativo, e que acaba por posicionar também o narrador com relação a esses eventos ou indivíduos. Essa avaliação se dá pela associação entre as estruturas linguísticas e os grupos sociais específicos, dando voz a determinado grupo social. As vozes indexicadas pelo narrador, nesse caso, posicionam-nos no plano individual, mas também posiciona o próprio narrador com relação ao que é citado.

- **Modalização epistêmica**

São estruturas linguísticas que expressam o acesso epistêmico – grau de conhecimento ou proximidade – que os narradores têm ao evento narrado ao ventriloquar as vozes da narração e posicionar os envolvidos de maneiras particulares, seja pelo seu status como participante, espectador privilegiado, contingencial ou periférico. São modalizadores que qualificam o envolvimento, o status do narrador como aquele que conta a história em oposição aos personagens.



Há, portanto, vozeamento dos personagens e, em particular, do narrador, principalmente quando seu acesso ao evento narrado é privilegiado.

Os modalizadores epistêmicos são representados principalmente por expressões formulaicas e tempos verbais que indicam como os narradores se relacionam ao evento narrado, dando voz aos personagens e narradores de maneiras diferentes.

Segundo Wortham (2001, p. 74-75), as pistas anteriormente descritas facilitam o processo de identificação “das vozes em jogo” e de interpretação dos posicionamentos interacionais realizados em meio à narrativa”. E para que a análise seja feita de maneira produtiva, o pesquisador recomenda que os analistas busquem os padrões de pistas em trechos das narrativas. Serão esses padrões que auxiliarão na análise do vozeamento e da ventriloquação presentes na narração. Como já foi dito inicialmente, Wortham ressalta que a interpretação do sentido das pistas é passível de alteração de acordo com as alterações no contexto.

Para concluir, é importante notar que essas pistas não se encerram em si mesmas, e a análise dos posicionamentos interacionais na construção das identidades deve considerá-las apenas como um indicativo de análise no estabelecimento de conexões entre nossas localidades e os processos macrossociais do contexto pesquisado. A análise do posicionamento interacional funciona, por um lado, como uma maneira de estabelecer uma conexão entre as histórias narradas e as respectivas escolhas linguísticas; e por outro, como uma ponte com processos sociais em nível macro. E considerando o argumento de Wortham de que as identidades se constroem nas narrativas autobiográficas em meio às relações estabelecidas entre as representações e os posicionamentos interacionais, tal flexibilidade e abertura para novas análises, para novos sentidos e significados se faz mister.

Bizon (2013) ampliou o aparato analítico para indexicalização de posicionamentos interacionais de Wortham em cinco outras pistas, dada a necessidade de melhor conformar os dados gerados em seu contexto de pesquisa<sup>127</sup>. Em sua maioria, consistem em desdobramentos das postas de

---

<sup>127</sup> A investigação de Bizon (2013), bem como de outros pesquisadores que usaram o aparato metodológico de Wortham (2001) na análise de seus dados serão descritos logo após a apresentação das cinco pistas adicionais elaboradas pela referida pesquisadora.

Wortham, mas com características mais direcionadas aos posicionamentos de seus participantes de pesquisa.

- **Citação de autoridade**

É a combinação de um verbo do dizer com uma referência específica que ilustra o evento narrado. Funciona como um índice de exemplificação do conhecimento, vozeado e ventriloquado pelo narrador, com o objetivo de esclarecer, persuadir ou convencer. Ocorre por meio dos conhecimentos de outrem, sejam eles explanações atribuídas aos saberes populares ou científicos. Ao mesmo tempo em que se referencia o que é dito, o narrador fortalece o conteúdo a partir dos saberes aos quais se refere.

- **Pistas semióticas de referência e predicação**

Essas pistas são um desdobramento de duas pistas de Wortham relacionadas entre si: referência e predicação, e são índices avaliativos. Como já se sabe pela sua matriz referencial, têm o propósito de fazer referência, caracterizar e avaliar personagens, objetos, situações, e até mesmo o próprio narrador. Podem ser índices verbais (paralinguísticos e prosódicos) ou índices não-verbais que são referenciados no momento da fala.

- **Absolutização estratégica**

Assim como as pistas de referência e predicação e os indexadores avaliativos, a absolutização estratégica é um índice cujas funções são referenciar e caracterizar narradores e personagens, assim como avaliar os posicionamentos reflexivos e interacionais de maneira “absoluta” ou irrefutável, numa espécie de totalização, com o intuito de dar visibilidade e grandeza ao conteúdo narrado. Esse índice marca o vozeamento e a ventriloquação, tanto de narradores com relação a si mesmos quanto aos outros. Bizon (2013, p. 110) destaca a presença de pronomes indefinidos (e.g. algum, nenhum, todo, ninguém, nada, apenas para mencionar alguns) como indicativos de hipérboles, por exemplo.

- **Protagonização do interlocutor**

É um recurso linguístico que indica a atribuição, pelo narrador, de acesso epistêmico ao interlocutor, a ponto de que este ganhe status de personagem pela sua condição privilegiada no evento narrado a partir de sua inclusão.

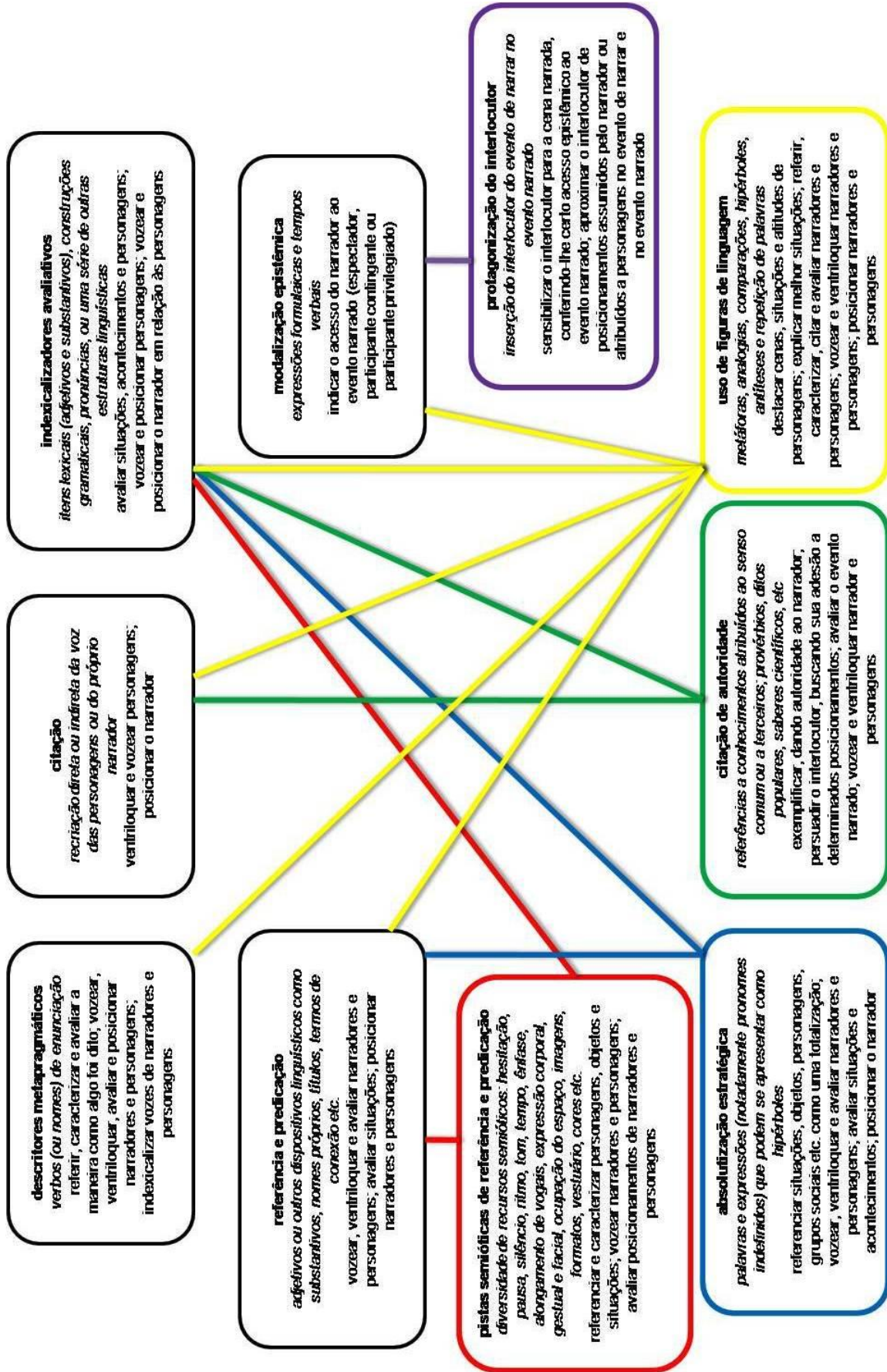
- **Uso de figuras de linguagem**

Figuras de linguagem são recursos estilísticos ou formas de expressão usadas com o objetivo de se obter determinado efeito de sentido especial no texto. A atribuição de maior valor expressivo à linguagem enriquece as narrativas e iluminam os trechos evidenciados pelo narrador, “contribuindo para o vozeamento e ventriloquação de narradores e personagens (BIZON, 2013, p. 110).

De acordo com Abaurre e Pontara (2006, p. 80-113), as figuras de linguagem podem ser sonoras (onomatopéias, aliteração, assonância, paronomásia); de palavras (metonímia, comparação, metáfora, catacrese, sinestesia); sintáticas (elipse, anacoluto, anáfora, hipérbato, polissíndeto, pleonasma); de pensamento (hipérbole, eufemismo, prosopopéia, antítese, gradação, apóstrofe). Na tese de Bizon (2013, p. 110-111), seus participantes de pesquisa fizeram uso de, especialmente, analogias, comparações, metáforas, hipérboles, antíteses e repetição de palavras.

As figuras de linguagem explicam situações e marcam posicionamentos, sendo importantes instrumentos de referência e predicação. Bizon (2013, p. 111) ressaltou que as metáforas, em particular, “não podem ser tomadas como meras construções de estilo, mas como atuantes na configuração de nossos posicionamentos e performances discursivo-identitárias, uma vez que impactam a compreensão que temos de nós mesmos e dos outros.

A seguir, apresento o quadro de pistas indexalizadoras de Wortham (2001) com as pistas indexalizadoras de Bizon (2013), que resume o aparato metodológico de análise dos posicionamentos interacionais que utilizarei neste estudo. Ressalto que nem todas as pistas propostas por Bizon (2013) foram encontradas nos dados desta pesquisa.



Quadro 8 – Pistas Indexicalizadoras de Wortham (2001) e Pistas Indexicalizadoras Complementares de Bizon (2013)

Dentre os pesquisadores que investigaram posicionamentos interacionais em narrativas, apresentarei quatro deles. O primeiro trabalho, realizado por Moita Lopes (2006b), investigou os posicionamentos interacionais nas narrativas orais de Hans, um menino branco e heterossexual em uma escola brasileira do Rio de Janeiro, com vistas a discutir as identidades sociais nas categorias de “raça”, gênero e sexualidade. O pesquisador argumenta que as identidades sociais hegemônicas definem aquilo que é considerado minoritário e marginal, “diferentemente do que chamo aqui de identidades sociais naturalizadas SIDs: o branco, o masculino e o heterossexual” (MOITA LOPES, 2006b, p. 290).<sup>128</sup> Seria o outro – no sentido de “eles” – em oposição ao “nós”, posição de hegemonia em meio às suas identidades sociais ou SIDs.

Moita Lopes (2006b, p. 291) tenta, em suas palavras, “materializar um menino branco heterossexual ao transformá-lo ou reposicioná-lo no outro, de modo que eu consiga visibilizar como que ele é construído”.<sup>129</sup> Ele tenta responder, assim, como esse menino é construído com as referidas características pela análise de como ele se posiciona e é posicionado nas narrativas que circulam no contexto escolar, ou seja, nas histórias orais contadas por ele ou por outros sobre suas visões de masculinidade, brancura e orientação sexual.

Em sua análise a partir dos posicionamentos dos estudantes dessa turma, Moita Lopes (2006b, p. 292) percebeu que as identidades sociais de brancura, masculinidade e heterossexualidade não são construídas como foco central e único, diretamente referenciados, mas sim em relação às faces “opostas” desses aspectos das identidades sociais – negritude, feminilidade e homoafetividade. Nos posicionamentos avaliados, o antagonismo de “ser macho” (protetor e predador) se dá em oposição ao ser feminino; ser heterossexual, em oposição a ser gay; e ser branco, em oposição a ser e agir como negro. É dessa forma que Hans se constrói, em resposta aos significados cristalizados dessas categorias identitárias tão naturalizadas na sociedade.

A co-participação dos outros indivíduos da escola além de Hans foi fundamental na construção das identidades sociais mencionadas nessa perspectiva ao reafirmar o caráter sólido e permanente das distinções das categorias identitárias

---

<sup>128</sup> No original: “[...] different from what I call here naturalized SIDs: the white, the male and the heterosexual”.

<sup>129</sup> No original: “[...] objectify a white heterosexual boy, by transforming or repositioning him into the other, so that I can make visible how he is constructed”.

em referência. Isso posto, pode-se afirmar que os posicionamentos de Hans eram reforçados pelo seu entorno.

O segundo estudo de posicionamentos interacionais refere-se à tese de doutorado de Costa de Paula (2010), que investigou um grupo de cinco adolescentes negras de 13 a 18 anos, alunas de uma escola estadual sul-fluminense. A pesquisadora realizou grupos focais para debater questões relacionadas a corpo e cabelo, tendo como objetivo conhecer as construções identitárias das participantes sobre essas características físicas, a partir dos posicionamentos interacionais e das pistas linguísticas de suas participantes de pesquisa. Além da descrição dos fundamentos teóricos de posicionamento e performance/performatividade, Costa de Paula apresenta variadas concepções de beleza e de discursos sobre ela.

Ao polemizar as representações sobre corpos e cabelos negros presentes nas diversas mídias – em particular, nas revistas femininas –, a pesquisadora traz à luz questionamentos contemporâneos sobre a negritude e as construções identitárias de gênero a elas relacionadas. Os posicionamentos e as performances das adolescentes nos grupos focais foram fulcrais na problematização das racializações na sociedade, assim como das práticas fossilizadas das mídias impressas voltadas para o público feminino, que impõem um posicionamento de inferioridade às mulheres negras, em especial, partindo de um referencial de discursos dominantes.

A terceira investigação, também de natureza qualitativa, se passou na Noruega. Em seu estudo de caso, Vågan (2011) entrevistou alunos de Medicina de uma universidade em Oslo com o intuito de conhecer melhor as percepções deles com relação a dois contextos educacionais de treinamento clássico em Medicina. O pesquisador utilizou o aparato sistemático de Wortham (2001) para investigar o processo de construção de identidade desses indivíduos a partir de seus posicionamentos interacionais no contexto educacional ao qual pertenciam.

Os estudantes participavam de um programa de seis anos de formação de médicos inspirado num currículo baseado na aprendizagem a partir de problemas (PBL = *Problem-Based Learning*) em uma universidade norueguesa. Para gerar os dados, Vågan realizou entrevistas semi-estruturadas com alunos calouros a respeito de suas compreensões acerca de si mesmos como alunos de Medicina em treinamento, tendo que interagir com pacientes. No segundo ano de aulas, Vågan

entrevistou-os novamente, e além das autopercepções, incentivou uma conversa sobre estudos de caso por eles observados, bem como um comparativo entre o primeiro e o segundo anos de treinamento.

Na análise e discussão dos dados, o pesquisador explorou as pistas contextualizadoras como indícios dos aspectos centrais do mundo da Medicina, e como o uso dessas pistas indicou seus posicionamentos e a negociação destes no discurso. Além de *insights* sobre as diferentes percepções entre o 1º e o 2º anos de estudo e prática, Vågan conseguiu demonstrar a multiplicidade de contextos e identidades nas atividades de aprendizagem em clínica médica, os quais o pesquisador recomenda que sejam levados em consideração na elaboração ou na revisão do currículo. Tais perspectivas acabam por “realçar os aspectos dinâmicos, co-construídos e relacionais da aprendizagem e da formação de identidades no mundo figurado” (VÅGAN, 2011, p. 55).<sup>130</sup>

O quarto estudo aqui referenciado é o da tese de doutoramento de Bizon (2013). A pesquisadora investigou as narrativas de um grupo de quatro estudantes congolezes conveniados do Programa de Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), com o objetivo de lançar luz sobre como esses indivíduos narraram suas experiências como intercambistas PEC-G e como indivíduos que realizaram o exame para obtenção do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Para alcançar o objetivo da investigação, a pesquisadora fundamentou seu trabalho nos conceitos de performance e performatividade, posicionamento e territorialização, e utilizou o aparato de análise de posicionamentos interacionais de Wortham (2001), ampliando-o para incluir outras pistas linguísticas que não foram contempladas na teoria original, como mencionado anteriormente.

Os dados foram gerados a partir de um corpus diverso, composto por interações em sala de aula; conversas informais, produções textuais e emails dos estudantes; conversas informais com os responsáveis pelo convênio em duas esferas distintas – na universidade e no Ministério das Relações Exteriores; e de um diário de campo.

Com relação ao Programa PEC-G, os estudantes congolezes o avaliaram como um espaço de controle, limitação, segregação e abandono. Toda essa

---

<sup>130</sup> No original: “[...] feature the dynamic, co-constructed, and relational aspect of learning and identity formation in the figured world”.

negatividade nos posicionamentos evidenciou a percepção do Brasil como o “vilão estrategista” e o “grande beneficiário” do convênio, e os estudantes como seres inferiores, em defasagem, relegados pelo sistema vigente do Programa (BIZON, 2013, p. 331). De acordo com a pesquisadora (BIZON, 2013, p. 333), “pode-se dizer que esses jovens narraram e posicionaram tanto o PEC-G quanto a universidade como produtores de restrições e controle injusto de territorializações”.

Sobre a Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), apesar das dificuldades apontadas pelos estudantes congolezes – recepção inadequada, sentimento de desvalia pelo tratamento inicial recebido, os desafios naturais da aprendizagem de uma língua adicional aliados à especificidade do conteúdo do exame, a adaptação ao novo contexto, a ausência de cursos preparatórios, entre outros – estes vislumbravam o exame para obtenção do Celpe-Bras como um ativo para sua inserção acadêmica e mobilidade social – “um mecanismo potencialmente capaz de propiciar o deslocamento de posições de invisibilidade para posições de visibilidade” (BIZON, 2013, p. 326).



## CAPÍTULO 5

### A ANÁLISE DOS DADOS

---

*Registra-me  
 sou árabe  
 sou árabe  
 cabelos... negros  
 olhos... castanhos  
 sinais particulares  
 um kuffiyah<sup>131</sup> e uma faixa na cabeça  
 as palmas ásperas como rochas  
 arranharam as mãos que estreitam  
 e amo acima de tudo azeite de oliva e zaatar<sup>132</sup>  
 meu endereço  
 sou de um povoado perdido... esquecido  
 de ruas sem nome [...]*

(Trecho do poema *Carteira de Identidade*, de Mahmud Darwish, 1964/1980).

Nos capítulos anteriores, procurei delinear os pilares estruturantes da pesquisa: sua natureza, seu escopo e suas diretrizes, no primeiro; seu contexto sócio-histórico e as políticas linguísticas e migratórias brasileiras, no segundo; a revisão da literatura sobre o referencial teórico de análise, no terceiro; o modo que a pesquisa foi construída, sua linha epistemológica e o indicativo da análise, no quarto. Neste capítulo, analiso e discuto as narrativas dos participantes do estudo em questão, com vistas a responder à pergunta de pesquisa e seus desdobramentos, reelencados a seguir:

#### **Como os falantes de árabe de Foz do Iguaçu participantes da pesquisa narram a si mesmos e à língua árabe?**

- **Que construções identitárias emergem dessas narrativas?**
- **Como os participantes da pesquisa se posicionam e são posicionados nas narrativas?**

Para responder a essas perguntas, a análise foi dividida em três grandes temáticas ou partes, que se relacionam entre si e têm diversos pontos de convergência, sempre voltados para o processo de construção das identidades dos participantes do estudo aqui descrito. As temáticas são as que seguem:

---

<sup>131</sup>O *kuffiyah* é um lenço tradicional feito geralmente de algodão, com padrões quadriculados, e que se tornou acessório de moda conhecido mundialmente. Para os palestinos, é considerado um símbolo nacional e também de solidariedade para com o seu povo.

<sup>132</sup>*Zaatar* é uma especiaria típica do mundo árabe, composta por gergelim, cominho, coentro, orégano, manjerona, sal, colorau e acidulante ácido cítrico.

1. Deslocando-se: história familiar de migração
2. Sendo falante de árabe em Foz do Iguaçu: quem sou para mim mesmo?  
Quem sou para o Outro?
3. Refletindo sobre a língua árabe: plurilinguismo e representações

Em cada uma dessas partes, são apresentados trechos das narrativas dos participantes da pesquisa, relacionando-os ao contexto anteriormente descrito, sendo o enfoque nas construções sobre identidades e no uso de pistas indexicalizadoras de posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001; BIZON, 2013) que emergem em seus discursos o foco da análise. Os tipos de pistas indexicalizadoras serão ressaltadas em negrito ao longo do texto. As políticas migratórias e linguísticas, bem como a história e as características da migração de falantes de árabe para o Brasil e para Foz do Iguaçu a complementam, e enriquecem o conteúdo relatado pelos participantes da pesquisa. Nos momentos oportunos, farei inserções tanto do conteúdo já apresentado na contextualização deste estudo quanto de meus diários retrospectivo e de campo.

### **5.1 Deslocando-se: histórias familiares de migração**

Todos os dias é um vai e vem / A vida se repete na estação / Tem gente que chega pra ficar / Tem gente que vai pra nunca mais / Tem gente que vem e quer voltar / Tem gente que vai e quer ficar / Tem gente que veio só olhar / Tem gente a sorrir e a chorar / E assim chegar e partir / São só dois lados / Da mesma viagem / O trem que chega / É o mesmo trem da partida / A hora do encontro / É também despedida / A plataforma dessa estação / É a vida desse meu lugar / É a vida desse meu lugar / É a vida... (Canção “Encontros e despedidas”, por Milton Nascimento e Fernando Brant)

Nesta seção, foram selecionados trechos das narrativas de seis participantes para analisar as representações que esses sujeitos constroem acerca do deslocamento de suas famílias, bem como as relações por eles estabelecidas, tanto com o país de origem, quanto com o país acolhedor. Discutirei similaridades e diferenças do processo migratório dos falantes de árabe para Foz do Iguaçu, considerando os trechos escolhidos. A opção por esses seis participantes se deu para dar maior escopo, diversidade e amplitude do movimento migratório para o leitor sobre como se deu a saída do país de origem e a chegada no Brasil, porém

vale ressaltar que o deslocamento familiar foi similar para todos os participantes da pesquisa.

De acordo com informações reiteradas, tanto nos meios de comunicação locais, quanto em conversas informais com migrantes falantes de árabe em Foz do Iguaçu, considera-se que os primeiros vieram para a cidade após o fim da Segunda Grande Guerra, isto é, no início da década de 1950,<sup>133</sup> coincidindo com o 2º ciclo da imigração deste grupo para o Brasil (HAJJAR, 1985). O primeiro imigrante falante de árabe (de que se tem registro) a desembarcar em Foz do Iguaçu foi o senhor Ibrahim Mohamad Barakat, em 1951 (LIMA, 2009).

A criação do Estado de Israel em território Palestino em 1948 e as guerras relacionadas em solos palestino e libanês, particularmente, bem como a instabilidade política e econômica que assolava a região, serviram como molas propulsoras para o deslocamento para o Brasil. Em virtude desse contexto, podem-se notar algumas palavras-chave que compõem e descrevem o processo migratório dos falantes de árabe para Foz do Iguaçu, e que foram recorrentes nas narrativas de todos os participantes – em especial, dos seis selecionados para representar esta parte. São elas: *fuga, guerra, morte, vida, família, rede de apoio, sofrimento*. E o tom comum foi o de sacrifício aliado à necessidade vital de resiliência. Essas ideias, combinadas, retratam como se deu a vinda dessas imigrantes e seus familiares para o Brasil, assim como ilustram como estes se posicionam e posicionam os outros em referência às suas histórias de vida.

**I. Bárbara (47 anos): *E a minha vó falou pra ele, “Eu prefiro ver você MORto do que do que dentro de uma GUerra”***

A situação de guerra constante aliada às precárias condições econômicas decorrentes desta funcionou como um estopim para o deslocamento das famílias de diversos participantes desta pesquisa, dentre eles, Bárbara. Bárbara é filha de pai libanês e mãe brasileira; nasceu no Brasil, mas já morou no Líbano. Seu pai saiu do Líbano com destino ao Canadá, mas, acabou desembarcando no Brasil, mais especificamente para se estabelecer em Foz do Iguaçu, em 1957/1958. Vejamos como Bárbara percebe esse processo:

**EXCERTO 1:**

---

<sup>133</sup> Dados do diário de campo.

- 1 **Bárbara:** *É... Porque a maioria que vinham pra cá, pro Brasil, vinham fugido de*  
 2 *guerra como meu pai, como meu pai, meu pai veio pra cá porque ele fugiu da guerra,*  
 3 *porque ele queria entrar na guerra e a minha vó falou pra ele: “eu prefiro ver você*  
 4 *MORto do que do que dentro de uma guerra”, então ele pegou o primeiro o... éh...*  
 5 *navio que tava zarpando e saiu. Tinha quinze anos quando ele foi, entrou dentro do*  
 6 *navio e foi embora, passou pela África, passou pela Europa, foi passando, ele não*  
 7 *vinha ficar no Brasil ((INC)). Ela preferiu ele VIVO em outro país, longe dela, longe*  
 8 *dela, do que dentro de uma/ do que morrer numa GUerra*  
 9 **P:** *E foi assim que ele veio parar no Brasil?*  
 10 **Bárbara:** *Foi assim. Ele veio pro Brasil naqueles éh... naqueles éh... navio de*  
 11 *cargueiro, né?*  
 12 **P:** *Que desceram no porto de Santos? Como a maioria dos árabes?*  
 13 **Bárbara:** *É. Como a maioria dos árabes. Só que meu pai, a intenção dele não era*  
 14 *ficar no Brasil, era ir pra/ pro Canadá. E esse navio que ele veio, veio vindo, veio/*  
 15 *saiu pelo Líbano, pelo Oriente, veio pela África, passou pela Europa, ele vinha pela*  
 16 *América do Sul, América, América do Sul e depois ia voltar pro Canadá... E ele/ meu*  
 17 *pai veio com eles, ficou uns três, quatro meses, né? Meu pai contava isso. E nesse*  
 18 *tempo quando eles... eles desceram em Santos, ele não ia descer pra ficar em*  
 19 *Santos... Então ele disse vamos ficar uns dois dias aqui em Santos... Ele tava*  
 20 *trabalhando, né? Pra poder pagar a comida e a estadia dele, a passagem no navio...*  
 21 *Aí ele desceu em Santos e ele gostou de Santos e resolveu, e resolveu ficar. Mas o*  
 22 *destino dele era o Canadá.*  
 23 **P:** *Tá... e ele ficou quanto tempo em Santos?*  
 24 **Bárbara:** *Em Santos, parece que ele ficou uns seis, seis, cinco, seis meses. Aí, ele*  
 25 *veio pra cá.*  
 26 **P:** *Pra Foz?*  
 27 **Bárbara:** *Ele já tinha o TIO dele aqui.*

Ao relatar a trajetória de seu pai, nascido em país de língua árabe, ela nos apresenta a realidade local no momento de migração dele: situação de guerra em 1957/1958<sup>134</sup> no Líbano, o que marcou imensamente a trajetória da sua família. O momento histórico nos países de língua árabe impactou a vida dessa comunidade e dessa família, em particular, e Bárbara representa parte do sofrimento da sua avó com o deslocamento da diáspora em sua construção identitária – o que continua nas suas memórias, como pode ser notado no trecho *E a minha vó falou pra ele, “eu prefiro ver você MORto do que do que dentro de uma guerra”* (linhas 3-4).

Ao descrever essa realidade, Bárbara caracteriza o movimento diaspórico como decorrente de uma fuga, representando a necessidade do deslocamento ao

<sup>134</sup> Em 1956, houve a Guerra de Suez, com a invasão da Península do Sinai por Israel, França e Reino Unido. Essa guerra refere-se à disputa de fronteiras territoriais e marítimas entre Israel e Síria, e desestabilizou a região em virtude dos ataques constantes aos países de língua árabe do Oriente Médio.

qual seu pai, tão jovem, foi forçado. Ela usa os termos *fugido da guerra* e “*fugiu da guerra*” (linhas 1, 2 e 3), aqui considerados índices de **referência** e **predicação**, pois indicam o movimento de saída de seu pai de sua terra natal como algo a que ele se viu forçado a fazer diante da situação em que o Oriente Médio se encontrava e que talvez não tivesse acontecido dessa maneira em outras condições. Entende-se que foram (ainda o são, na verdade) tempos difíceis para aqueles que percebem que a vida não faz sentido em meio à guerra, e a fuga desse ambiente inóspito se dá por uma fuga do país de origem, deixando a família para trás, em nome de se preservar o bem maior de qualquer indivíduo, que é sua própria vida.

Apesar de ser um motivo comum dos movimentos migratórios, os conflitos bélicos colocam os rapazes em situação de iminente prestação de serviços militares para o país. Sendo um jovem saudável, de quinze anos naquela época, seu pai era um forte candidato à convocação para compor o quadro do exército libanês naquele momento. A única forma de o pai de Bárbara conseguir se esquivar de sua responsabilidade cívica seria a migração para outro país. Esse movimento forçado, incentivado pela avó paterna de Bárbara, retrata, no meu entender, o lado inconsciente de um traço fulcral na constituição psíquica, cultural e filosófica do “árabe”: ser um guerreiro pela própria vida. Pode-se dizer que é o nosso instinto de sobrevivência, como ser humano, falando mais alto. E foi com vistas a preservar sua vida que o pai de Bárbara saiu de seu país a pedido de sua avó.

Em tal relato, Bárbara ventriloqua, de forma dramática, a voz de sua avó por meio de uma **citação**, possivelmente com a intenção de justificar a saída de seu pai do Líbano e, ao mesmo tempo, de conferir credibilidade ao que está relatando (linhas 3 e 4): *a minha vó falou pra ele, “eu prefiro ver você MORTO do que do que dentro de uma GUerra’*. Esse relato passional, forte, tão característico da história de migração de tantos outros oriundos de países de língua árabe, reflete a construção de uma imagem de sofrimento do deslocamento dessa diáspora. Ver morto é algo dramático – daí a avó dela preferir o filho longe, mas vivo – e a escolha lexical da narradora indica seu posicionamento em relação a tudo isso: a bagagem emocional e cultural pesada e sofrida, **metaforicamente** falando, das pessoas que foram forçadas a virem para cá e daquelas que tiveram que ficar para trás.

Observe-se que Bárbara não faz qualquer menção à possibilidade de que o êxodo de seu pai tivesse ocorrido com vistas à obtenção de melhores condições financeiras para si mesmo ou para sua família. Esse êxodo, em sua representação,

deveu-se a uma fuga que, em última instância, significava uma tentativa de preservar a própria vida, o que é confirmado pelos índices de **referência e predicação** supracitados.

É importante notar que o cenário descrito por Bárbara se refere, especificamente, a uma situação que dizia respeito aos homens libaneses, casados ou não, pois mulheres e crianças, inicialmente, costumavam ficar no país de origem. Assim, o espaço dominante da migração, segundo o padrão da imigração de países de língua árabe para o Brasil, é representado como sendo do âmbito do universo masculino: o sustento da família é da alçada dos chefes dela, sejam eles o pai ou o filho homem primogênito, o primeiro sucessor responsável pelo grupo. A figura do homem, assim, é exaltada, nessa cultura tradicionalmente patriarcal. Porém, vale destacar que, apesar dessa representação masculina da força na família, foi justamente uma mulher forte, que a princípio precisa ser diminuída e submissa, que é posicionada como a responsável pelo impulso determinante do deslocamento do primogênito. Assim, é em meio a esse paradoxo de posicionamentos indicativos de um discurso de (aparente) superioridade do homem que se constrói a representação coletiva do “ser árabe”, lutando pela preservação da vida em meio a condições adversas de existência.

A narrativa construída por Bárbara, com suas escolhas lexicais simbólicas – uso de índices de **referência e predicação** que evidenciam morte, distância, vida – demonstram, por meio de **analogias**, o modo como ela percebe sua relação e identificação com os países em questão (Líbano e Brasil). Essa analogia é representada, nas palavras de Bárbara, com o **referenciamento** entre país de origem (Líbano) e morte, e país de acolhimento (Brasil) e vida, em decorrência da situação forçada de deslocamento, a fuga necessária do pai para preservar a própria vida. Para Wortham (2001, p. 28-29), o uso de analogias é um recurso comumente utilizado para trazer visibilidade ao que é descrito, ao mesmo tempo em que serve para evidenciar o posicionamento do sujeito. A escolha lexical de Bárbara, portanto, posiciona seu pai (e sua família) como vítimas da circunstância de guerra na região, o que o levou a uma migração forçada.

Como parte do evento narrado, Bárbara informa que inicialmente, o destino de seu pai era o Canadá, e não o Brasil. Na linha 17, ela diz: *Meu pai contava isso*, em referência ao desejo inicial do pai de migrar para o Canadá, dando voz a essa intenção do pai e certificando a confiabilidade de sua narração, representada pelo

**descriptor metapragmático** *contar*, um verbo de enunciação que pode validar a informação veiculada. O mesmo acontece em *Então ele disse 'vamos ficar uns dois dias aqui em Santos'*. Depreende-se que, quando Bárbara afirma que seu pai dissera que eles iam *ficar dois dias em Santos*, ela está se referindo à prática comum, entre pessoas em processo de migração, de descer nos portos de parada por breves períodos, com o intuito de trabalhar e juntar dinheiro para pagar o restante da viagem. Ao descer em Santos, no entanto, o pai de Bárbara decidiu fixar residência no Brasil; *ele gostou de Santos e resolveu, e resolveu ficar* (linha 21). Talvez, naquele momento, depois de algumas semanas em deslocamento de navio, triste, solitário, em sofrimento, estar no Brasil tenha sido um alento para esse senhor.

Depois de aproximadamente seis meses em Santos, o pai de Bárbara seguiu para Foz do Iguaçu, onde havia um parente seu. Numa sociedade patriarcal e que tem na família um de seus principais pilares, ter um parente em localização próxima tem um significado especial e motivador. O fato de se poder conviver em sociedade e de se ter uma rede de apoio e *networking* é uma mola propulsora de estímulo à vida – vida esta que este imigrante estava buscando preservar quando deixou seu bem mais precioso – sua família nuclear – e fugiu de seu país rumo ao desconhecido.

No momento inicial da vinda de imigrantes falantes de árabe para a cidade de Foz do Iguaçu, nas décadas de 1950 a 1970, o movimento foi mais discreto e comedido, geralmente de homens solteiros, de baixa escolaridade, e que iniciaram o estabelecimento de redes de familiares e conterrâneos em Foz e em seus arredores, para trazer seus parentes posteriormente. Esta sempre foi uma prática comum: os imigrantes falantes de árabe pioneiros apoiavam a vinda de outros familiares, seja para auxílio financeiro ou para inserção no mercado de trabalho e na comunidade. Dessa maneira, não foi à toa que o pai de Bárbara optou por se estabelecer em Foz do Iguaçu, já que tinha um parente, além dos conterrâneos da mesma região no Líbano.

O estabelecimento inicial de redes de contato foi crucial no assentamento da comunidade na cidade, e foi muito comum no Brasil como um todo, confirmando a semelhança entre a história de deslocamento do pai de Bárbara com a de muitos migrantes falantes de árabe no Brasil, conforme descrito por Truzzi (1992, 1993,

1997) e tantos outros. Osman (2011, p. 170) reforça a questão do valor que o árabe dá à sua família e aos vínculos familiares quando diz que:

quaisquer que tenham sido os motivos da imigração desse grupo, um fator comum a ele é a questão da família: enquanto incentivo proporcionado pelos que partiram antes; enquanto suporte para os que partiam depois; enquanto elo mantido pelos que permaneceram.

## II. Sofia (28 aos): *Então meu pai era o pai de todos*

A família de Sofia seguiu o padrão de imigração de falantes de árabe para o Brasil dos anos 1950 aos anos 1970: um deslocamento inicialmente realizado pelo patriarca da família e/ou de seu primogênito, e cuja presença de rede de contato familiar e afetiva facilitou o estabelecimento no país e a posterior vinda de outros membros da família. Com o relato da trajetória percorrida pelo seu pai, Sofia nos apresentava com outra faceta de motivações da migração árabe para o Brasil: a busca por melhores condições financeiras de vida para si e para os parentes, não necessariamente atreladas a um momento de guerra e deslocamento forçado. E ao relatar a história do pai, Sofia emocionou-se pelo sentimento de tristeza que caminha lado a lado com as memórias das dificuldades iniciais de reterritorialização. A seguir, apresento o trecho da gravação em que Sofia narra a trajetória de seus genitores:

### EXCERTO 2:

- 1 **Sofia:** *Os dois ((avôs)) vieram a trabalhar... atrás de trabalho, o meu por parte de*
- 2 *mãe, ele começou a trabalhar em São Paulo né?, ele abriu uma fábrica de, de roupas*
- 3 *e se deu SUPER bem, daí veio ele e a minha avó, eles eram muito novos, tiveram oito*
- 4 *filhos*
- 5 **P:** *Nossa! Oito!*
- 6 **Sofia:** *É... Bastante e por aí continuou a história, né? O meu avô por parte de pai*
- 7 *veio, mas não foi bem-sucedido profissional/ profissionalmente, né? Comercialmente*
- 8 *e ele ficava entre o Líbano e o Brasil, né? E meu pai veio com 17 anos pra trabalhar,*
- 9 *né? E ele veio sozinho, ele é o filho mais velho veio sozinho, começou tudo sozinho*
- 10 *porque o meu avô não podia ajudá-lo, né?*
- 11 **P:** *Claro*
- 12 **Sofia:** *Então ele veio pra trabalhar, ele/ e a história do meu pai é um pouco triste,*
- 13 *como acho que a de muitos, né? Porque ele veio, primeiro ele ficou em ((nomeia uma*
- 14 *cidade no Centro-Oeste)), ele tinha uma, abriu uma lojinha com meias, disse que*
- 15 *tinha meia dúzia de shorts jeans, meia dúzia de calças jeans e algumas coisinhas e...*



16 e ficou um tempo lá e disse que ele foi uma vez/ ele disse que ia viajar de carro, ele e  
 17 mais três, quatros amigos, sofreram um acidente, todos morreram, só meu pai que  
 18 não, ele quase perdeu a perna, daí ele foi pra São Paulo ficar na casa do tio dele que  
 19 é o meu avô por parte de mãe, que meus pais são primos

20 **P:** Ah, são primos

21 **Sofia:** É...ele foi se recuperando e tudo mais, começou a trabalhar um tempo com  
 22 meu vô, né? E ele se apaixonou pela minha mãe e tudo mais, ele trabalhou mais um  
 23 tempo em São Paulo, mas também não deu certo meu pai em São Paulo... daí ele  
 24 veio aqui pra Foz do Iguaçu pra trabalhar no Paraguai né? Ele veio éh... o meu irmão  
 25 tinha... bom, eu tinha eu tinha um mês de vida, então eu vim há vinte e oito anos  
 26 atrás. Ele veio pra Foz, daí que ele começou a vida dele aqui, éh... reconstruir,  
 27 construir, né?

28 **P:** É

29 **Sofia:** Veio a trabalho, tudo mais, e ele era o ir/ sempre foi, né? O irmão mais velho

30 **P:** Ele puxou os outros, como é que foi?

31 **Sofia:** É, sim, daí vieram meus dois, são três homens e duas mulheres, os outros  
 32 dois homens ele trouxe, e as duas mulheres infelizmente não são muito bem-  
 33 sucedidas no casamento, uma é viúva e a outra é separada

34 **P:** Uh-hum

35 **Sofia:** E a situação também era di/então meu pai era o PAI de todos

36 **P:** Pai delas

37 **Sofia:** Né? Era o PAI de TODOS, né?... Então... E assim foi, casou com a minha  
 38 mãe, tiveram quatro filhos e estamos aqui...

Enquanto Sofia representa a história familiar de migração de sua mãe como algo positivo, ela representa o momento inicial da migração da família de seu pai como algo penoso, difícil. Ela contrapõe ambas as histórias medindo o sucesso ou o fracasso do processo migratório a partir do bom encaminhamento dos negócios no Brasil. Afinal, se o motivo principal da emigração do Líbano era a busca por melhores condições financeiras, as referências de migração de Sofia são calibradas por aquilo que ela (e possivelmente seus familiares) consideram ser bem ou malsucedido no deslocamento para outro país. Dessa forma, Sofia posiciona e representa seus avôs e pai como bem ou malsucedidos no processo migratório de acordo com o sucesso ou o fracasso nos negócios, e constrói a imagem do homem árabe comerciante imigrante no Brasil, caracterizando-o no processo migratório familiar, dessa maneira. Suas escolhas lexicais – *bem-sucedido* e *malsucedido* – são índices de **referência e predicação** – deixam claro seu posicionamento e a construção dessa imagem a partir desses termos. Observe-se:

**Sofia:** *Os dois vieram a trabalhar... atrás de trabalho, o meu por parte de mãe, ele começou a trabalhar em São Paulo né? Ele abriu uma fábrica de, de roupas e se deu SUpEr bem.(...) O meu avô por parte de pai veio, mas não foi bem-sucedido profissional/ profissionalmente, né?*

Sofia segue a narrativa revelando mais detalhes sobre a história de vida de seu pai. Como primeiro sucessor desse grupo familiar, o pai de Sofia assumiu a responsabilidade de auxiliar a família sozinho, já que os outros membros do núcleo familiar seguiram no Líbano. Desse modo, Sofia representa a trajetória de migração de seu pai como um processo solitário, num contexto em que a união familiar é pilar estruturante da vida:

**Sofia:** *E meu pai veio com 17 anos pra trabalhar, né? E ele veio sozinho, ele é o filho mais velho veio sozinho, começou tudo sozinho porque o meu avô não podia ajudá-lo, né?*

Num primeiro momento, a história de vida do pai de Sofia é representada não somente como solitária – índice de **referência e predicação sozinho** (linhas 9 e 10) –, mas também *triste* (linha 12), em virtude dos reveses da vida no momento inicial de estabelecimento no Brasil. Com isso, Sofia posiciona seu pai no processo migratório – um misto de sacrifício com sofrimento, de tristeza com solidão. Mas com a habilidade de resistir e reagir de forma positiva diante de situações adversas – representada pela resiliência individual do pai dela – este conseguiu se reerguer com o auxílio de um tio – que posteriormente se tornou sogro –, reforçando a importância das redes familiares como suporte para aqueles que tentavam se estabelecer no Brasil.

Sabendo-se que a família e tudo que se relaciona a ela têm valor inestimável para esse grupo, muitos homens imigrantes falantes de árabe solteiros, depois de melhor estabelecidos no país, buscavam no casamento uma maneira de reforçar os laços familiares e criar uma estrutura familiar de base para seu estabelecimento no novo país. Numa tentativa de manter o vínculo com a cultura de origem, como sempre percebi, muitos optavam por: (1) casar com familiares ou membros da comunidade de falantes de árabe no Brasil; (2) mandar buscar noivas em seu país de origem para casar no Brasil; (3) ir ao país de origem para casar com moças de lá. Isso é visível principalmente entre aqueles que professam a fé islâmica (independentemente da vertente do islamismo), que pensavam encontrar na

companheira escolhida o cumprimento das responsabilidades perante o grupo, ao mesmo tempo em que poderia preservar as estruturas e tradições de origem no país acolhedor.

O pai de Sofia, então, casou-se com sua prima em São Paulo, e, um tempo depois, na metade da década de 1980, o casal, então com dois filhos, mudou-se para Foz do Iguaçu, para aproveitar o fim do segundo ciclo econômico e o grande *boom* do terceiro ciclo econômico na cidade<sup>135</sup>. Sofia representa a mudança para Foz como um momento de reconstrução familiar, que culminaria com o sucesso da migração de seu pai para o Brasil ao trazer os outros irmãos.

**Sofia:** *A trabalho, tudo mais, e ele era o ir/ sempre foi, né? o irmão mais velho*

**P:** *Ele puxou os outros, como é que foi?*

**Sofia:** *É, sim, daí vieram meus dois/ são três homens e duas mulheres, os outros dois homens ele trouxe, e as duas mulheres infelizmente não são muito bem-sucedidas no casamento, uma é viúva e a outra é separada*

Em meio à descrição desse momento, Sofia posiciona seu pai, o primogênito, como o novo patriarca da família. Em suas próprias palavras, **metaforicamente** falando, seu pai seria “o pai de todos” da família, índice **indexador avaliativo**, que revela e reforça o simbolismo da forte tradição patriarcal do país de origem e do homem forte, salvador da pátria/família, frente às adversidades vividas em seu processo de reterritorialização. Essas escolhas lexicais de Sofia marcam, portanto, a importância de seu pai na família, assim o identificando como aquele que é o responsável pelo bem-estar dos outros, o cabeça da família. Observe-se que aquele que era posicionado como o solitário sofredor passou a ser posicionado como o comandante do empreendimento migratório familiar, posicionando, assim, os outros como seus dependentes, reproduzindo a estrutura familiar de origem e as funções de cada um nessa rede.

**Sofia:** *era o PAI de TODOS né?...Então, e assim foi, casou com a minha mãe, tiveram quatro filhos e estamos aqui...*

Retomando o trecho em que Sofia posiciona seu pai como ‘pai de todos’ e relacionando-o ao primeiro apontamento sobre as representações a respeito do processo migratório de membros da família de Sofia como bem ou malsucedido,

---

<sup>135</sup> Cf. capítulo 2 desta tese.

percebe-se a necessidade de contrapor as diferentes avaliações sobre o sucesso ou fracasso no processo migratório também para as mulheres que para cá vieram e se estabeleceram. Observe-se o que Sofia afirma a seguir:

**Sofia:** *É, sim, daí vieram meus dois/ são três homens e duas mulheres, os outros dois homens ele trouxe, e as duas mulheres infelizmente não são muito bem-sucedidas no casamento, uma é viúva e a outra é separada*

É possível notar que a referencialidade de sucesso para homens e mulheres na imigração para o Brasil é representado por essa participante da pesquisa como tendo naturezas distintas. Enquanto para o homem ser “bem-sucedido” relaciona-se ao seu desempenho como comerciante, para as mulheres o sucesso da sua migração decorreria do encaminhamento de seus matrimônios, o que indexa um discurso de superioridade masculina pela importância do estabelecimento na sociedade brasileira a partir do sustento da família. Recria-se, desse modo, a tendência de se manter os padrões de existência do país de origem, indicada por Sofia e por mim percebidos pelas minhas vivências – uma sociedade patriarcal, em que a mulher deve estar numa posição secundarizada, vinculada a um homem e à instituição casamento para ser bem-sucedida. Esse cenário representa o discurso de sobreposição do universo masculino ao feminino, que determina que a mais valia de uma mulher está condicionada à construção e à manutenção de sua família, subjugando-se aos homens ao seu redor nesse sentido. Por conseguinte, as tias de Sofia são posicionadas como pessoas malsucedidas no empreendimento migratório: *uma é viúva e a outra é separada*.

### **III. Juliano (39 anos): A mãe veio pra casar com o pai**

Para os participantes desta pesquisa, foi ponto comum menção à existência de redes de contato no Brasil, sejam elas familiares ou de conterraneidade. Considerando a importância dessas redes, vejamos como Juliano concebe a história de imigração de seu pai, nascido no Líbano, que se estabeleceu no Brasil em 1968, tendo como motivação também a busca por melhores condições de vida.

**EXCERTO 3:**

- 1 **Juliano:** *Tinha um pessoal vindo da cidade, de ((nome da cidade no Líbano)) pra*  
 2 *cá... Um dia meu pai com quinze anos pegou e veio, veio, veio junto com uma turma*  
 3 *que tava vindo, veio junto pra cá, veio de navio na época*  
 4 **P:** *Lá no Porto de Santos... daí ele desembarcou?*  
 5 **Juliano:** *Isso, lá... Ele veio de navio, chegou levou uns trinta dias pra chegar, mas o*  
 6 *pai veio em busca de melhores oportunidades*  
 7 **P:** *Foi mascate como a maioria dos árabes também?*  
 8 **Juliano:** *Sim, sim, foi pra ((uma cidade no interior do Paraná)), e já ((leva a)) mala*  
 9 *aqui, casa em casa a pé, disse que andava em meio de mato assim, atrás vinham*  
 10 *aquelas malonas... pesa::das... a pé, ele e o pessoal, os amigos dele da época, né?...*   
 11 *Até agora tem amigos dali, eles comentam direto esse tipo de coisa, “mascateamos,*  
 12 *mascateamos, até melhorar”. De repente abre uma loja e fica aquela coisa... “Vamos*  
 13 *abrir uma loja pequena”... e moravam atrás da loja e ((INC)) fechavam uma paredinha*  
 14 *lá e tinha a cama deles, um negocinho ali, e viviam daQUE::le jeito ali por um tempo,*  
 15 *até... Assim foi... ((INC)) Acho que, é, foi muito parecido o pessoal que veio dessa*  
 16 *época, ali tudo*  
 17 **P:** *Uh-hum*  
 18 **Juliano:** *Anos cinquenta, sessenta...*  
 19 **P:** *Uh-hum*  
 21 **Juliano:** *Acho que tudo é mais ou menos o mesmo, o mesmo...*  
 22 **P:** *Com a família da tua mãe foi a mesma coisa?*  
 23 **Juliano:** *A mãe veio pra casar com o pai*  
 24 **P:** *Ah, tá, já ((risos)) veio com um objetivo mais específico*  
 25 **Juliano:** *((INC)) mais específico, ela veio já com tudo pronto, predestinado, e assim*  
 26 *foi ((risos)). Foi mais ou menos assim daí... A mãe veio pra casar já...*

No caso do pai de Juliano, o estabelecimento de redes se deu entre conterrâneos da mesma cidade no Líbano com quem já tinha contato antes do deslocamento. A composição prévia de redes aponta outra característica da imigração de falantes de árabe para o Brasil: o fato de ter sido espontânea e sem a tutela do governo brasileiro, diferentemente do ocorrido com italianos e japoneses, por exemplo, que vinham para trabalhar nas lavouras (TRUZZI, 1992; OSMAN, 2011).

Sendo uma escolha pessoal – a busca por melhores condições de vida para si–, esses imigrantes tiveram maior flexibilidade para se estabelecer no país, sem a obrigatoriedade de se restringir ao trabalho nas lavouras como colonos. Inicialmente, para o pai de Juliano, o processo exigiu o trabalho árduo e as privações financeiras de quem está reiniciando a vida em outro país sem capital

financeiro. E é a representação de uma trajetória mista de dedicação e sacrifícios, próprio da jornada dos migrantes e, nesse caso, dos caixeiros-viajantes ou mascates, que Juliano nos apresenta. A figura do caixeiro-viajante – símbolo de maior referencial do estabelecimento dos falantes de árabe no Brasil – teve papel de destaque no relato de Juliano, e impactam a compreensão sobre a trajetória migracional desse grupo e das representações que a envolvem. Assim como se caracteriza o mascate, Juliano posiciona seu pai como um homem dedicado e que trabalhou com afinco em sua nova morada. Juliano construiu uma imagem de seu pai à luz do homem árabe guerreiro, batalhador, resiliente e comprometido com seu objetivo quando optou pela migração: poder proporcionar a si mesmo e à sua família algo melhor, apesar do sacrifício da caminhada. Suas escolhas lexicais – a realização de um trajeto a pé, em meio ao mato, com *malonas pesadas* (linhas 10) – evidenciam tal representação e funcionam como índices de **referência e predicação**. Observemos:

**Juliano:** *Sim, sim, foi pra ((uma cidade no interior do Paraná)), e já ((leva a)) mala aqui, casa em casa a pé, disse que andava em meio de mato assim, atrás vinham aquelas maLOnas... peSAdas... a pé, ele e o pessoal, os amigos dele da época, né?*

Resilientes, esses migrantes trabalharam e acumularam um pouco de capital com a mascateação – “*mascateamos, mascateamos, até melhorar*” (linhas 11 e 12). As privações e a vida simples e improvisada seguiram, mesmo com a abertura do primeiro negócio em terras brasileiras até a consolidação da família no país. Juliano refere-se não deliberadamente a algumas dessas iniciativas depreciando o tamanho delas – *paredinha, negocinho, loja pequena* –, índices de **referência e predicação** que ajudam a construir uma imagem de que no início do processo de reterritorialização, qualquer movimento de crescimento era modesto, simples, comedido, dentro das potencialidades financeiras de cada um, e representavam, de certa forma, restrição e sofrimento. Observe-se o que segue:

**Juliano:** *(...)de repente abre uma loja e fica aquela coisa, “Vamos abrir uma loja pequena”... e moravam atrás da loja e ((INC)) fechavam uma paredinha lá e tinha a cama deles, um negocinho ali, e viviam daQUE::le jeito ali por um tempo até... Assim foi... ((INC)). Acho que, é, foi muito parecido o pessoal que veio dessa época, ali tudo*

Além dos diminutivos, nota-se a ênfase na palavra *daQUE::le*, indicativa de **referência e predicação**, que complementam a diminuição e a simplicidade do valor dos bens naquele momento.

Juliano também compara o processo de reterritorialização do pai ao de outros migrantes falantes de árabe na mesma situação, chamando a atenção para uma performance que os posiciona como indivíduos que passaram por dificuldades no estabelecimento no Brasil, caracterizando-a de forma grandiosa: a palavra *tudo* (linha 16) proporciona um tom relativamente dramático à narrativa de privações e resiliência do empreendimento migratório, generalizando-o a todos aqueles que encararam o processo.

Outra questão a ser levantada relaciona-se à forma que Juliano representa o processo migratório da mulher. Assim como Sofia, Juliano o vê como algo secundário, à sombra de uma caminhada prévia do homem. Como já foi mencionado em outros momentos, a migração de mulheres falantes de árabe para o Brasil foi caracterizada como uma consequência e/ou um movimento posterior ao processo migratório do homem, o que contribui para a construção delas como submissas, dependentes, numa posição inferiorizada ou secundarizada, o que não necessariamente é verdade ou pode ser generalizado. Por meio da linguagem, ajuda a indexar o discurso e criar um lugar para um discurso de machismo – ou de resistência a ele, em sua oposição.

**Juliano:** *A mãe veio pra casar com o pai*

**P:** *Ah, tá, já ((risos)) veio com um objetivo mais específico*

**Juliano:** *((INC)) mais específico, ela veio já com tudo pronto predestinado, e assim foi ((risos)). Foi mais ou menos assim daí... A mãe veio pra casar já...*

Os índices de referência e predicação *específico, pronto e predestinado* (linha 24) confirmam a imagem de que a mãe de Juliano imigrou para o Brasil com os processos encaminhados previamente, seguindo os objetivos de construção de uma família, para assim ser “bem-sucedida” no empreendimento migratório e manter as tradições socioculturais de sua comunidade de origem, com objetivo específico e seu destino previamente traçado, vinculado ao movimento migratório de seu futuro marido.

É relevante ressaltar que, apesar da indicação do caráter de dependência da mulher falante de árabe em relação ao seu homem, a mãe de Juliano foi destemida e forte ao deixar para trás sua família de origem para construir sua nova família em um país estranho e sem ter tido convivência com o noivo. A mãe de Juliano também passou por sofrimento e sacrifício ao se distanciar, em termos de convivência, de sua família de origem – porque não dizer, numa empreitada relativamente solitária e que exigiu dela um protagonismo tão significativo quanto aquele que foi exigido do marido quando veio para o Brasil: força e resiliência para construir uma nova vida.

Ainda em se tratando da importância da rede de contatos estabelecida no Brasil, os elos afetivos criados a partir do entrecruzamento das histórias de vida desses imigrantes – e que se mantiveram em muitos casos – contribuíram para o processo de desenraizamento e reterritorialização no novo país. Contar e recontar as histórias do passado serviam e servem como ponto de encontro das similaridades na jornada e, também, uma maneira de exprimir sentimentos. Vejamos como Juliano segue com seu relato:

#### **EXCERTO 4:**

- 1     **Juliano:** *Eles vivem falando direto do Líbano, eles voltam aqui e lá*  
 2     **P:** *Seus pais?*  
 3     **Juliano:** *Sim, não só os meus pais, os parentes, primos, as pessoas mais velhas, os*  
 4     *pais da ((nome da esposa)), então, ((INC)) também. Todos eles falam assim, por*  
 5     *exemplo, falam com uma sauDA::de da volta e aí aquela coisa que nem eu, então eu*  
 6     *falo por mim, pelo Rio Grande do Sul. Nasci lá, cresci lá...Então nossa, eu falo com*  
 7     *uma sauDAde do Rio Grande do Sul, eu A::MO aquela cidade, aquela terra lá, então*  
 8     *tu vê deles assim... e... Então tu vê os mais velhos falando como vieram pra cá e*  
 9     *comentam e falam de lá, tu vê uma saudade, longe, assim, que eles viajam muito*  
 10    *assim, sabe... aQUE::la viagem*  
 11    **P:** *Contando as histórias do passado?*  
 12    **Juliano:** *Isso é fato, acho que todos fazem isso, né?*

A ação de recontar histórias parece ser recorrente na jornada dessa família e de sua rede de contatos, assim como deve ser em outras redes. Percebe-se a recorrência nos relatos, pelas escolhas lexicais de Juliano como, por exemplo, pelo aspecto do verbo *falar*, um **descriptor metapragmático**, no gerúndio, acompanhado do verbo *viver* (*vivem falando*, linha 1). Juliano caracteriza o relato de



seus pais e outros imigrantes a partir de uma analogia entre a descrição da trajetória familiar de imigração, chamando a atenção para uma viagem **metafórica** nas memórias: *eles viajam muito assim, sabe... aQUE::la viagem* (linha 9 e 10).

O relato deles vem acompanhado de uma carga afetiva – nesse caso, nostálgica, de uma *saudade* da terra natal, uma *saudade* doída, que se percebe facilmente: *Então tu vê os mais velhos falando como vieram pra cá e comentam e falam de lá, tu vê uma saudade* (linhas 8 e 9).

Ao enfatizar a face saudosa e nostálgica da trajetória de seus pais, Juliano revela alguns detalhes de sua própria construção identitária. Juliano ventriloqua a saudade que os imigrantes de seu meio familiar sentem com relação ao país de origem, equiparando-a à saudade que ele mesmo sente de seu próprio local de nascimento:

*(...) então eu falo por mim, pelo Rio Grande do Sul. Nasci lá, cresci lá...Então nossa, eu falo com uma sauDAde do Rio Grande do Sul, eu A::MO aquela cidade, aquela terra lá.*

Até o presente momento, apresentei as narrativas de indivíduos falantes de árabe que vieram para o Brasil no segundo ciclo de imigração árabe para o Brasil, segundo momento (1956-1970). A seguir, apresento trechos de narrativas relacionadas ao terceiro momento do 2º ciclo de migração e após, ocorridos a partir do início dos anos 1970 e potencializado com a Guerra de 1982 em território libanês. Tais migrações coincidiram com momentos relevantes da história e dos ciclos de desenvolvimento econômico de Foz do Iguaçu, que neste momento apresentava maior desenvolvimento urbano em decorrência da finalização da construção da Itaipu Binacional e de todas as benesses decorrentes desse movimento em termos econômicos.

#### **IV. Sabrina (21 anos): *Eles adoram o Brasil e eles falam que, se não fosse pelo Brasil, eles não saberiam o que estariam fazendo agora, não saberiam se estariam vivos agora, né?***

Como já mencionado em outros trechos desta tese, a presença de parentes e/ou de uma rede de conhecidos na cidade de Foz do Iguaçu funcionou

como um chamariz para que os imigrantes falantes de árabe, em especial palestinos e libaneses, se estabelecessem na cidade, principalmente, após o massacre de Sabra e Chatila em 1982. A construção da Mesquita Omar Ibn Khattab, em 1983, foi um fator preponderante para a vinda dos falantes de árabe professantes da fé islâmica de corrente sunita para esse município, já que teriam um local para realização de suas práticas religiosas e sociais.

Muitos dos que se deslocaram para o Brasil, forçados pelas circunstâncias políticas e econômicas de seus países, acreditavam na provisoriedade do processo migratório e exprimiam o desejo de retorno a sua terra natal. Na geração dos dados deste estudo, tal indicação foi relatada por alguns dos participantes e dentre eles, Sabrina, após a exibição de um trecho do filme *O Tempero da Vida* – aquele em que a família de Fanis Iakovidis está passando pela emigração da Turquia para a Grécia, quando se viu obrigada a se mudar de país em virtude de desentendimentos entre os dois países, fato reforçado pelos órgãos locais pelo pai do protagonista Fanis ser de origem grega.

#### **EXCERTO 5:**

- 1 **Sabrina:** *Ah, é bem essa parte assim ...sei lá... eu prestei bem atenção quando ele*  
 2 *falou esse negócio do partir... tipo... você tem que falar pra onde você tá INDO e não*  
 3 *o que você deixou pra trás. Eu acho que é bem o caso dos nossos pais... tipo ... eles*  
 4 *vieram pra cá falando: “A gente vai pro Brasil pra juntar dinheiro e voltar pro Líbano”.*  
 5 *Tanto que esses dias, meu pai tava comentando: “A gente falou TANTo em voltar pro*  
 6 *Líbano, que a gente não construiu NAda aqui. Foi ... a gente está aqui e depois de 25*  
 7 *anos, a gente ainda tá aqui. Então a gente não deveria ter pensado tanto em voltar e*  
 8 *sim em ficar”.*  
 9 **P:** *Uh-hum*  
 10 **Sabrina:** *E na hora que desse uma oportunidade, se a gente tivesse pensado tanto*  
 11 *em ficar do mesmo tanto que a gente pensou em voltar, eu acho que a gente agora*  
 12 *estaria ali....*  
 13 **P:** *Então, é essa a ideia, então quando seus pais vieram, vieram em busca de*  
 14 *melhores condições?*  
 15 **Sabrina:** *Sim porque eles fugiram de uma guerra, toda aquela guerra...aquela história*  
 16 *... e vieram pra cá...*  
 17 **P:** *Foi a guerra de 82?*  
 18 **Sabrina:** *Sim. Daí eles ficaram por aqui porque uma parte da família da minha mãe já*  
 19 *tinha vindo para cá.*  
 20 **P:** *Uh-hum*  
 21 **Sabrina:** *Daí eles vieram junto e sempre nessa mesma linha de pensamento: “A*  
 22 *gente vai, chega lá, pra juntar dinheiro pra construir uma casa no Líbano e voltar pro*

- 23 *Líbano”.*  
 24 **P:** *Tá...*  
 25 **Sabrina:** *E 26 anos depois eles ainda estão aqui.*  
 26 **P:** *E eles ainda pensam em voltar, não? Ou agora eles já pensam mais em ficar?*  
 27 **Sabrina:** *Eles ...tipo... eles falam em voltar ... assim ... eles querem porque afinal o*  
 28 *Líbano é o país ... tipo ... de origem mesmo, é onde eles cresceram. As lembranças*  
 29 *deles, TUdo tá lá. Só que eles também pensam assim “A gente vai voltar pra lá...”, e*  
 30 *tá ainda essa tensão toda entre Líbano e Israel... tá aquela coisa, aquela briga e tudo.*  
 31 *Sei lá, a gente tem medo de voltar, acabar entrando em guerra de novo e a gente ter*  
 32 *que sair de novo. Então eles estão esperando que um dia, quem sabe, quando tudo*  
 33 *se acalmar ...eles voltem daí pro, pro Líbano.*

Nesse excerto, percebe-se a repetição da caracterização do processo migratório como uma necessidade de escape para sobrevivência, que é construído com o índice de **referência e predicação** *fugiram* (linha 15) e *guerra* (linhas 15 e 31). Ainda nesse excerto, pode-se notar que Sabrina reforça o desejo de provisoriedade da migração de sua família ventriloquando o discurso de seus pais. Em sua fala, ela faz uso de verbos do dizer, que são **descritores metapragmáticos**, tais como *comentando*, *falando*, *falam*, e também cita seus pais em diversos momentos, conferindo assim credibilidade ao que diz ela reproduz o que eles dizem, posicionando-os no discurso com os comentários que seguem os verbos de enunciação. O desejo de retorno ao Líbano vem representado em sua escolha vocabular – a palavra *voltar* e suas variações aparecem nove vezes, somente neste trecho.

Há traços também de referência exagerada, **totalizadora**, que marca o empreendimento migratório como algo temporário, uma vez que a família dela *“não construiu NAda aqui”* (linha 6). *Nada*, uma expressão hiperbólica, que caracteriza tudo aquilo que a família de Sabrina pensa ter vivido no Brasil está atrelado aos bens materiais (nesse caso, não construídos por não pensarem em seguir no Brasil) e também à construção de uma vida vinculada ao desejo de que aqueles anos fossem passageiros, possivelmente avaliando, assim, o tempo aqui passado como improdutivo.

O desejo de retorno frustrado da família de Sabrina é marcado por um discurso pautado no medo do retorno em decorrência da insegurança política no Líbano na ocasião da geração de dados para esta tese. O país de origem é retratado com um lugar difícil de viver naquele momento; *tensão* (linha 30), *medo*

(linha 31) e *guerra* (linhas 15 e 31) e até mesmo *acalmar* (linha 33) ilustram bem os sentimentos desses imigrantes com relação à possibilidade de retorno. Há um desejo de retorno, mas este é frustrado e permeado por temor e angústia. E apesar do dilema constante, ainda assim a família opta por seguir vivendo em Foz do Iguaçu e estabelecer sua trajetória em meio conhecido. Cardozo (2013, p. 93, grifo meu) explica que os imigrantes árabes

são tipos especiais de imigrantes que mantêm com relação ao seu país de origem uma memória, uma conexão cultural, uma orientação geral; eles têm instituições que refletem algum aspecto de sua cultura ou religião; eles se reportam (simbólica ou pragmaticamente) ao seu país constantemente; eles têm algumas dúvidas quanto à sua aceitação no país receptor; e **muitos deles mantêm o mito do retorno.**

Antes de seguir adiante, gostaria de destacar um trecho da fala de Sabrina em que esta me posiciona como *insider* da comunidade ao se referir a mim de forma a aproximar a história de migração da minha família com a dela, na linha 3: *Eu acho que é bem o caso dos nossos pais.*

Curioso notar que eu a conheci no momento da geração dos dados e, em nenhum momento desde o agendamento do nosso encontro, comentei sobre minha família ou nossa história. E, até onde sei, nossos familiares não se conhecem. De qualquer maneira, pode-se afirmar que houve **protagonização do interlocutor** quando fui involuntariamente incluída, possivelmente para aproximar-me da narrativa e, quiçá, me sensibilizar com relação à história familiar da participante.

Na sequência da narração, após ser indagada sobre possíveis arrependimentos da família quanto a se mudar para o Brasil, Sabrina revela, tanto a relação da sua família com esse país e com o Líbano, quanto à própria relação dela mesma com o país de origem da família.

## EXCERTO 6

1 **Sabrina:** *Eles aDOram o Brasil e eles falam que, se não fosse pelo Brasil, eles não*  
 2 *saberiam o que estariam fazendo agora, não saberiam se estariam vivos agora,*  
 3 *né? Porque era uma época de guerra e era conflito pra todo lado e as casas, toda*  
 4 *hora eles tavam morando num lugar porque era ataque daqui, ataque de lá, então,*  
 5 *eles nem ...eles nem saberiam se eles estariam vivos até agora. Eles acham/ eles*  
 6 *agradecem imensamente por tarem no Brasil, eles adoram o país. Eles têm até, às*  
 7 *vezes, quando a gente vai passar um tempo no Líbano, eles falam: “Tá, agora a*  
 8 *gente pode voltar? Acabou já, deu. Dois meses tá ótimo, já” ((risos))*

- 9        **P:** *Você também se sente assim?*  
 10        **Sabrina:** *Eu sou uma que a minha mãe brinca comigo que ela fala que a guerra de*  
 11        *2006 foi por minha causa.*  
 12        **P:** *Por quê?*  
 13        **Sabrina:** *Porque ela tava com ideia de querer ir morar um ano no Líbano e eu*  
 14        *comecei, desde que ela falou aquilo, eu comecei: porque eu não quero, porque eu*  
 15        *não vou, porque você vai sozinha... Dois...duas semanas depois começou a guerra*  
 16        *e daí ela falou: “Viu? É tua culpa. De tanto que você rogou praga, ninguém mais vai*  
 17        *pro Líbano agora.” ((risos))*

Sabrina constrói uma imagem de Brasil muito positiva – ela e sua família se sentem agradecidos pelo acolhimento que tiveram desde que se estabeleceram aqui. Encontraram uma estrutura para recebê-los e para que pudessem seguir com suas práticas religiosas – Sabrina, por escolha própria, observa a religião islâmica e usa o véu –, e a possibilidade de manutenção de suas tradições teve peso na opção por permanecer em Foz do Iguaçu.<sup>136</sup> Sabrina ventríloqua e posiciona seus pais como abençoados, pois ao imigrarem para o Brasil, conseguiram garantir sua sobrevivência. Novamente, o país de origem é retratado como um lugar de *guerra* (linhas 3, 10 e 15), *conflito*(linha 3) e *ataque* (linha 4), e o país acolhedor o país da vida: “(...) *se não fosse pelo Brasil (...) não saberiam se estariam vivos agora*” (linhas 1 e 2).

O sintagma *agradecem imensamente* (linhas 6) e o termo *adoram* (linhas 1 e 6) funcionam como **indexicalizadores avaliativos** que nos fornecem evidência da relação de seus pais com o país receptor. Sabrina indica que ela e sua família dão valor e sabem da importância de terem sido bem acolhidos, demonstrando afetividade na sua fala sobre o processo de reconstrução de sua família no novo lugar. Diferentemente dos outros participantes, que enfatizaram o caráter negativo, de sacrifício e tristeza pela diáspora, Sabrina retrata esse processo como algo positivo, sinal de vida, de amor, de afeto e de agradecimento pela oportunidade e pela segurança de se viver longe de instabilidade política e guerra.

---

<sup>136</sup> Dados do diário de campo.

**V. Armando (17 anos): O Consulado Brasileiro tipo me procurou (...)  
pra eu voltar pro meu país por causa da guerra, ninguém queria que  
um brasileiro se ferir**

Assim como na família de Sabrina, ir e vir para o país de origem é algo comumente mencionado por alguns dos outros participantes. O pai de Armando migrou para o Brasil na metade da década de 1990, para trabalhar no comércio de Ciudad Del Este. No ano seguinte, Armando nasceu e, aos dois anos de idade, ele e sua mãe se mudaram para o Líbano, país de origem da família, enquanto seu pai seguiu aqui no Brasil trabalhando e visitava a família esporadicamente. Em 2006, em meio à guerra no país de origem, a família se viu obrigada a regressar ao Brasil e Armando relata esse momento a seguir:

**EXCERTO 7:**

- 1 **Armando:** *Aí em 2006 ocorreu éh... uma guerra no Líbano, que ãh... é a guerra do*  
 2 *Líbano e Israel por causa que eu sou brasileiro, aí como se fala? Consular?*  
 3 **P:** *Cônsul? Consulado Brasileiro?*  
 4 **Armando:** *O Consulado Brasileiro tipo me procurou*  
 5 **P:** *Sim...*  
 6 **Armando:** *pra eu voltar pro meu país por causa da guerra, ninguém queria que um*  
 7 *brasileiro se ferir, tipo, todos os consulados, de qualquer nacionalidade, então eu vim*  
 8 *pra cá em 2007, 2006, mas eu não sabia falar... éh... Português porque eu tinha dois*  
 9 *anos quando eu fui daqui pro Líbano...*

Neste ponto de sua narrativa, Armando destaca sua ligação com o Brasil: *Eu sou brasileiro, meu país* (linhas 2 e 6, respectivamente). Sugere-se, de certa forma, que ser brasileiro e ter documento brasileiro,<sup>137</sup> na ocasião da guerra Israel-Líbano de 2006, o salvou – talvez ele não tivesse tido a mesma sorte se seu documento de identificação especificasse sua nacionalidade como libanês. Ser socorrido em meio ao conflito bélico para retornar forçosamente ao Brasil foi, portanto, algo positivo, apesar de todo o trauma e o *stress* que envolve a emigração forçada. Esse fato foi algo marcante para Armando e, ao relatá-lo, ele deixou vir à tona a emoção em alguns momentos de nosso encontro, colocando em evidência um pouco mais da sua relação com o país de origem.

<sup>137</sup> Na próxima seção – de temática relacionada às questões identitárias e as relações com o entorno – explorarei um pouco mais a questão da associação que os participantes estabelecem entre seus documentos de identificação e suas identidades.

**VI. Lara: *E eu tive um orgulho, tamanho de orgulho, que eu consegui mostrar pra uma parte da minha turma, a Palestina***

Lara, que nasceu na Palestina e migrou para o Brasil na primeira infância, enfatiza seu vínculo afetivo com o país de origem e com sua identidade nacional, assim como o desejo de retorno – um retorno que nunca aconteceu nesses quase doze anos de Brasil – com as seguintes palavras:

**EXCERTO 8:**

- 1 **Lara:** *Pra visitar né meus tios, assim isso pra conhecer mais a cidade que eu nasci, a*  
 2 *minha pátria, é a minha própria nacionalidade, não é?*
- 3 **P:** *Por que que isso é importante pra você?*
- 4 **Lara:** *Eu queria conhecer mais, por causa que pelo/ eu não me lembro muito bem, eu*  
 5 *queria ver como é que é, ãh...Além do mais o país que eu nasci, eu só vejo através*  
 6 *dos filmes, e assim, mas eu nunca pude ter a chance de olhar isso cara a cara e*  
 7 *nessa idade, na qual é a minha memória aumenta mais os meus conhecimentos, eu*  
 8 *posso ter mais conhecimento e eu queria ter maior conhecimento de como é*  
 9
- 10 **P:** *Das suas origens?*
- 11 **Lara:** *Sim, isso mesmo*
- 12 **P:** *É, isso é importante pra você então*
- 13 **Lara:** *É, e se Deus quiser, eu também quero visitar algumas partes que sofrem a*  
 14 *guerra pra mim ver com os meus próprios olhos o so/ o tamanho do sofrimento...Eu*  
 15 *queria ver como era, porque eu vejo através dos filmes mas eu também queria ver ao*  
 16 *vivo*
- 17 **P:** *Você quer viver isso...?*
- 18 **Lara:** *Uh-hum. Não viver, mas eu quero ver, eu quero, eu quero eu...*
- 19 **P:** *Se certificar, talvez?*
- 20 **Lara:** *Isso mesmo, pra ver como é o sofrimento e o que éh... a mídia não mostra, que*  
 21 *muitas pessoas não sabem, que muitas pessoas não fazem ideia, acham que é uma*  
 22 *é um tipo é uma coisa simples, assim, mas não é, é eu, eu podia colocar como o*  
 23 *dobro da ditadura, não é?*
- 24 **P:** *Uh-hum*
- 25 **Lara:** *O sofrimento é bem maior, mas as pessoas não vê isso, e muitas pessoas,*  
 26 *como por exemplo quanto eu me mudei pra ((nome da escola em que estuda)),*  
 27 *muitas pessoas não sabiam da existência desse país, eles, eles sabiam da existência*  
 28 *do Líbano e me colocavam como cidadã do Líbano e eu falava que não era libanesa,*  
 29 *falava que eu era PALEStina, mas muitos não conheciam ((a Palestina)) e eu*  
 30 *consegui trazer o/ quando eu me mudei para o matutino da manhã e conheci uma*  
 31 *professora que me ajudou bastante, eu consegui mostrar pra minha turma um pouco*  
 32 *da Palestina...Essa minha professora conseguiu ajudar pras pessoas conhecerem*

- 33 *mais e foi bom e/ e foi bom essa experiência, e eu descobri que boa parte da minha*  
 34 *escola nunca ouviu falar da Palestina*  
 35 **P:** *E como você se sente...*  
 36 **Lara:** *Teve uma parte que sabia dizer... ((sobre o)) Líbano, mas não sabia nada da*  
 37 *Palestina...E eu tive um orgulho, tamanho de orgulho, que eu consegui mostrar pra*  
 38 *uma parte da minha turma, a Palestina*

O fato de ter vindo para o Brasil na primeira infância, sem ter ainda retornado para a Palestina, coloca o país de nascimento de Lara como um local idealizado, reforçando sua identidade nacional afetiva e exprimindo o forte vínculo desta menina com o país. A fala de Lara destaca sua relação com o país de origem e distancia-se do país acolhedor, apesar de ser naturalizada brasileira, na hora em que demonstra pertencer à Palestina, que não é qualquer lugar, “*é a minha pátria, minha própria nacionalidade*”. Tal posicionamento é indicativo da tensão provocada pelo seu documento de identidade, que a identifica apenas como brasileira, apesar de ela se sentir também palestina. É como se sua “nacionalidade” no papel não correspondesse ao que ela percebe como sendo sua “nacionalidade” de fato: ela se posiciona como *cidadã palestina*, ainda que seu documento não ateste isso.

Lara também constrói uma imagem de sofrimento do processo migratório forçado e da situação política de seu país de nascimento. É nítida a presença de trauma e sofrimento indicada na história de Lara, pela forma como ela constrói seu discurso sobre a Palestina e sua relação com os outros, aqui personificados pelos colegas de sua escola e pela sua professora. Ademais, destaca-se que Lara se atribui **status epistêmico** na história narrada como participante – protagonista e privilegiada – do evento relatado. Lara recria suas próprias palavras, ventriloquando-se e, assim, conferindo mais credibilidade à sua narrativa.

De forma passional, forte, emotiva, Lara constrói seu discurso como narradora. Essa postura combatente, revolucionária, própria de sua personalidade, fica evidente em suas escolhas lexicais como narradora, chegando a comparar o sofrimento do povo palestino ao sofrimento gerado por regimes ditatoriais.

**Lara:** *Isso mesmo, pra ver como é o **sofrimento** e o que é... a mídia não mostra, que muitas pessoas não sabem, que muitas pessoas não fazem ideia, acham que é uma é um tipo é uma coisa simples, assim, mas não é, é eu, eu podia colocar como o **dobro da ditadura**, não é? (Linhas 20-23).*



O depoimento de Lara destaca o desconhecimento, por parte de seus colegas, da existência de um país – o “seu país” – e também a equivocada percepção de que todo imigrante de país de língua árabe em Foz do Iguaçu é de origem libanesa, e essa generalização pelo Outro local não-falante de árabe decorre de desconhecimento, no geral, não necessariamente de discriminação. Assim, os colegas de Lara são mencionados negativamente, por seu desconhecimento. Mas é preciso reconhecer que isso se deve ao fato de os imigrantes libaneses representarem o grupo majoritário de falantes de árabe em Foz do Iguaçu e que, nem sempre, adolescentes têm conhecimento tão específico sobre história e geografia mundial.

Já a professora mencionada por Lara é posicionada de forma positiva na interação – os termos *ajudou* e *bastante* (linha 31), **índices de referência e predicação**, indicam como Lara se sentiu com relação à oportunidade dada pela professora para que ela contasse para a turma a história da Palestina. Para ela, “*foi bom essa experiência*” (linha 33), afinal, a professora proporcionou a chance que aquela voz silenciada e passional precisava para se posicionar como uma palestina que emigrou de seu país para o Brasil. Ao dar voz a ela em sala de aula, a professora atesta que o conhecimento é o melhor instrumento para se combater o desconhecimento e, porque não, o preconceito e a discriminação. São atitudes como essa que oportunizam a minimização dos efeitos do macrodiscurso na sociedade e contribuem para que críticas ou até mesmo situações de *bullying* nas escolas, em casos mais extremos, sejam práticas menos recorrentes, principalmente contra o grupo minoritarizado aqui estudado.

Ainda vale ressaltar o sentimento por ela expresso, um sentimento sugestivo da forte conexão de Lara com a Palestina e com sua história de vida: o orgulho de suas origens. Ter conseguido contar um pouco sobre seu país de nascimento foi algo tão significativo para essa adolescente, que ela não se conteve ao relatar o “*orgulho, tamanho orgulho que eu consegui mostrar pra uma parte da minha turma a Palestina*” (linhas 37 e 38).

Ainda falando sobre o sofrimento de seus conterrâneos retratado por Lara, essa menina, à época, faz um relato cheio de paixão, demonstrando sua forte conexão com seu país de nascimento. A necessidade de emigração forçada a impossibilitou de crescer naquele que ela considera “seu país”, e o sofrimento, o sacrifício do empreendimento migratório é expresso de diversas formas em sua

narrativa, como pode ser observado. Apesar de não querer viver em uma situação de guerra – aqui, o instinto de sobrevivência está falando mais alto – Lara sente a necessidade de retorno à Palestina para se sentir mais completa na defesa da história de seu povo. Para ela, essa distância da realidade de seu país de origem seria resolvida se ela pudesse vivenciar o dia-a-dia na Palestina de alguma forma. Para retratar essa distância física e a necessidade de retorno, Lara se vale de expressões relacionadas aos sentidos – *vejo* (linhas 5), *ver* (linhas 14, 15 e 18), *próprios olhos* (linha 14), *olhar e cara a cara* (linhas 6 e 7), já que aprender por meio de filmes, por exemplo, para ela não é suficiente porque ela percebe que o sentido e o sentimento dessa vivência pode ser melhor experimentado no dia-a-dia, no mundo real.

Neste subitem, discorri sobre os modos como os participantes da pesquisa narraram as histórias de migração de suas famílias e suas percepções acerca do movimento diásporico. Ao analisar as representações construídas por esses sujeitos sobre o empreendimento migratório e suas relações com ele, pode-se notar:

- (1) As similaridades dos deslocamentos de migrantes falantes de árabe para Foz do Iguaçu com relação a outras localidades do país, sendo que estas são notórias e significativas, e estão em consonância com o que foi descrito por pesquisadores como Truzzi (1993, 1997), Hajjar (1985), Karam (2009), Mirhan (2012), entre outros.
- (2) As particularidades do movimento migratório para Foz do Iguaçu, que envolveram tanto a presença de uma rede de apoio forte e consolidada, em especial a partir da década de 1980, quanto à vinculação do deslocamento aos ápices dos ciclos de desenvolvimento econômico da região.
- (3) A construção de uma imagem geralmente negativa do empreendimento migratório, que foi tido pela maioria como algo difícil, repleto de adversidades e sacrifícios.
- (4) A elaboração dos aspectos positivos do deslocamento familiar por alguns poucos participantes, que o vislumbraram como um reflexo do lado guerreiro e resiliente de seus antepassados, em luta pela preservação da própria vida e também pela melhora nas condições de subsistência de si mesmos e/ou de seus familiares.

## 5.2 Sendo falante de árabe em Foz do Iguaçu: Quem sou para mim mesmo? Quem sou para o Outro?

Fazer a si mesmo perguntas mais profundas revela novas maneiras de estar no mundo (WOLF, 2005, p. 16).<sup>138</sup>

No segundo subitem deste capítulo de análise de dados, o foco de minhas reflexões recairá sobre as construções de identidades culturais que emergiram nos discursos dos participantes, que estão vinculadas, não diretamente ao histórico do deslocamento de seus familiares, mas, sim, à relação com o Outro local, seja este Outro membro ou não da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu. As respostas às duas perguntas que nortearam essa discussão – *Quem sou para mim mesmo? Quem sou para o Outro?* – resumem os aspectos que serão abordados na sequência.

### I. **Abu Ammar: *Meu pai sempre diz com muito orgulho que nunca pediram a carteira de identidade dele à toa***

Iniciarei esta subseção com este participante, já que este documento foi um dos elementos por ele citados. Abu Ammar nasceu no Brasil e é filho de pais libaneses que aqui chegaram em 1958 (pai) e 1967 (mãe). Os pais procuraram criar seus filhos próximos à comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, onde se estabeleceram no começo da década de 1980. Abu Ammar somente foi ao Líbano, país de origem da família, uma única vez, aos 38 anos, ocasião em que firmou compromisso de matrimônio com sua atual esposa. Observemos como Abu Ammar<sup>139</sup> descreve o que é “ser árabe” em Foz do Iguaçu em sua opinião.

#### EXCERTO 9:

- 1 **P:** *O que é “ser árabe” em Foz do Iguaçu pra você, Abu Ammar?*
- 2 **Abu Ammar:** *É... é ser um brasileiro de ascendência árabe*
- 3 **P:** *Um brasileiro de ascendência árabe?*
- 4 **Abu Ammar:** *Uh-hum, só isso*

<sup>138</sup> No original: “Asking yourself deeper questions opens up new ways of being in the world”.

<sup>139</sup> Abu Ammar é o nome pelo qual Yasser Arafat, ex-presidente da Palestina, era chamado. Ao solicitar um nome fictício para representá-lo, esse participante afirmou: “Abu Ammar, e você sabe bem o porquê”, relacionando o nome por ele escolhido para representá-lo com a forma que o líder palestino era chamado e pelo fato de eu ter ascendência palestina. Vale ressaltar que *Abu Ammar* significa “Pai de Ammar”, em referência ao nome do primogênito. Chamar o homem dessa forma, assim como a mulher, referenciando sempre o filho homem primogênito, é um traço marcante do mundo árabe. A esposa de Yasser Arafat e mãe de Ammar é chamada pela comunidade de Im Ammar (“Mãe do Ammar”).

A maneira objetiva e precisa com que Abu Ammar se define – ser um brasileiro de ascendência árabe – demonstra clareza na distinção entre seu local de nascimento (Brasil) e seu local de herança familiar (Líbano). As dificuldades naturais de ordem social e pessoal inerentes ao “ser filho de migrantes” parecem não incomodar este participante que, em certo momento de sua narrativa, afirma que essa questão nunca o inquietou, e que nunca precisou fazer terapia por isso.<sup>140</sup> Abu Ammar não expressa conflitos de nenhuma ordem nesse sentido – é como se estivesse “em casa” tendo nascido no Brasil e se sentir privilegiado em ter em suas origens um local de sua estima e com o qual se identifica.

Seguindo com sua narrativa, Abu Ammar esboça sua relação com o Outro local:

#### EXCERTO 10:

1 **Abu Ammar:** *o Brasil é um país que realmente é um exemplo pro resto da*  
 2 *humanidade, né? Que as pessoas aqui não discriminam ninguém, nem sua origem,*  
 3 *nem suas convicções religiosas NAda... meu pai sempre diz com muito orgulho que*  
 4 *nunca pediram a carteira de identidade dele à toa... Sempre o meu pai disse isso,*  
 5 *que aqui no Brasil nunca solicitaram para ele a sua identificação sem motivo*  
 6 *aparente assim, sempre com uma necessidade, mas NA::da arbitrariamente*

No primeiro trecho dessa sua fala, Abu Ammar sinaliza como percebe seu entorno e posiciona seu país de nascimento como um local pacífico e acolhedor. A opção pelo termo *exemplo*, **índice de referência e predicação**, no enunciado *O Brasil é um país que realmente é um exemplo* (linha 1), contribui para a construção de uma imagem do Brasil como referência no acolhimento de imigrantes: um local de oportunidade e de respeito à diversidade. Tal perspectiva é tão forte e verdadeira para Abu Ammar, que ele destaca situações de discriminação como inexistentes, pois “*as pessoas aqui não discriminam ninguém, nem suas origens, nem suas convicções religiosas, NAda*” (linhas 2 e 3). Os vocábulos *ninguém* e *nada*, presentes nesse trecho de sua fala, demonstram sua compreensão de discriminação aos grupos minoritarizados a partir de **absolutizações estratégicas**, palavras extremas que referenciam como se dá a relação do brasileiro com os imigrantes no país, o que destoa das mais recentes notícias sobre o assunto. Observe-se que Abu Ammar se posiciona, mesmo que

---

<sup>140</sup> Dados do diário de campo.

não diretamente, como um indivíduo privilegiado que não viveu e tampouco percebe o sofrimento natural decorrente das dores da reterritorialização e de se reconstruir a vida em um novo país. Com uma visão um tanto fantasiosa, “polianesca”, ou, no mínimo, parcial dos movimentos migratórios transnacionais para o Brasil, Abu Ammar parece desconhecer o tão familiar acolhimento seletivo brasileiro a cidadãos provenientes de países desenvolvidos e ricos da América do Norte e da Europa. Como já demonstrado em diversos estudos sobre migrações para o Brasil, apesar de o país ser reconhecido como um país acolhedor, a realidade do acolhimento, na prática, não é bem assim em se tratando de latino-americanos ou africanos, por exemplo. Apesar de se ter leis que protegem os imigrantes refugiados em particular, estes convivem com a não-revalidação de seus diplomas – ou com o excesso de burocracia e despesa para tal –, com a dificuldade de inserção e integração social, ou de se conseguir emprego e moradia decentes, entre tantos outros problemas facilmente identificáveis e comuns. Sair do próprio país por motivo de violação de direitos humanos básicos, conflitos armados, desastres naturais ou perseguições políticas e religiosas já deveria ser um fardo pesado o suficiente para ser carregado.

Talvez esse desconhecimento ou desconsideração dos reveses da realidade vivida por imigrantes e seus descendentes seja decorrente da posição social privilegiada de Abu Ammar e ao fato de nenhum membro de sua família ter sofrido algum tipo de situação discriminatória, de acordo com ele. Abu Ammar também goza de certo prestígio na comunidade iguaçuense em geral em virtude de sua própria jornada pessoal e profissional bem-sucedida, pois é professor universitário e sua família é muito conhecida e respeitada na comunidade. Essa posição social privilegiada, construída por mérito próprio, seguramente contribuiu para as experiências de vida desse indivíduo serem mais positivas e parecem destoar do que me foi relatado por outros participantes da pesquisa, ou daquilo que eu mesma vivi e percebi em meu entorno por todo o tempo vivido em Foz do Iguaçu e no Brasil.

Abu Ammar segue seu relato trazendo à tona um dos símbolos mais representativos para os falantes de árabe – imigrante ou não – o documento de identificação de seu pai. O poema de abertura deste capítulo – *Carteira de Identidade*, escrito pelo renomado poeta palestino mundialmente conhecido Mahmoud Darwish – é apenas um exemplo para ilustrar a importância desse documento para o imigrante árabe, em particular para aqueles que são forçados a

se mudar para outro país. O poema retrata a reação de um palestino ao ser barrado na fronteira com o Estado de Israel para apresentar seu documento de identificação. Segundo Sales (2010, p. 29), “no entanto, o Outro ao qual esse palestino se dirige não é um mero interlocutor, mas sim um Outro portador de um discurso que lhe é rejeitável, fato que legitima sua manifestação” e a apresentação daquilo que o identifica pelo meio da linguagem. Documento não se apaga; é permanente e define, de certa forma, o lugar do indivíduo na sociedade.

Abu Ammar traz o documento de identificação de seu pai como a ilustração do fato de terem sido sempre bem tratados no Brasil, não tendo havido a necessidade de seu pai se caracterizar ou definir suas ações a partir de seu registro legal. Ao citar seu pai, Abu Ammar demonstra seu **acesso epistêmico** aos episódios referenciados, reforçando a credibilidade de sua narrativa. Abu Ammar confere certa dramaticidade ao estabelecer a analogia entre “ser brasileiro como todos” e “carteira de identidade”, um atestado de que é brasileiro como os Outros do seu entorno. E seu entendimento sobre como é visto e tratado pelo Outro local é retratado com oposições extremas, pois esse símbolo de identidade *nunca* (usado duas vezes, nas linhas 4 e 5) foi pedido, e quando o foi, *sempre* (linhas 3 e 6) com uma necessidade, mas *nada arbitrariamente* (linha 6). E tal relato é tão forte para ele que é permeado com uma **referenciação** ao *orgulho* (linha 3) que o pai sente por nunca ter tido problemas em virtude de suas origens por ter o documento de identidade brasileiro.

A imagem da carteira de identidade, assim, é clara evidência da construção identitária do “árabe” e funciona como símbolo de seu processo de reterritorialização, uma reterritorialização marcada, felizmente, por uma relação saudável e positiva com o entorno, no caso desse participante.

## **II. Renata (29 anos): “*Afinal de contas, teu país é o Brasil ou o Líbano?*” *E aquilo foi um baque pra mim, até hoje eu não esqueço...***

Outra participante que também trouxe documentos de identificação como parte dos simbolismos que emergem nas suas construções identitárias foi Renata. Renata nasceu no Líbano e imigrou para o Brasil aos cinco anos de idade. Passou um ano na fronteira Brasil-Paraguai, do lado paraguaio, mas logo retornou ao Brasil,

onde firmou residência e se naturalizou. Observe como Renata lida com suas questões identitárias.

### EXCERTO 11:

1 **Renata:** *Até o momento que você chega, você tem a tua permanente, você ainda*  
 2 *não é naturalizado, então você fica naquela, né?... Ach/ eu vim pequena, mas*  
 3 *assim a gente não sabia muito, agora a gente sabe que, quem não tem a*  
 4 *naturalização, você não pode se candidatar, né?, a um cargo público, né?...Tem*  
 5 *muitas coisas que são limitadas, então assim... Mas como eu era menor, eu não*  
 6 *tinha muita noção, só que assim...Uma situação que agora eu me lembrei foi na*  
 7 *escola que um dia eu tive uma... uma aula com uma professora de português...*  
 8 *engraçado que era minha professora de português e era sétima série então ((eu*  
 9 *tinha)) uns 15, 16 anos, e ela pediu pra falar sobre fazer uma redação e falar sobre*  
 10 *teu país e na/ me vem à cabeça meu país de origem, né? e eu fiz uma redação*  
 11 *sobre o Líbano, comentando sobre... como é que era o Líbano, as paisagens, as*  
 12 *peessoas, a cultura, daí no final, tudo bem, entreguei a redação, aí, a hora que eu*  
 13 *recebi a redação com a nota, ela colocou assim, um questionamento assim “Afinal*  
 14 *de contas teu país é o Brasil ou o Líbano?” E aquilo foi um BA::QUE pra mim, até*  
 hoje eu não esqueço

15 **P:** *Jura?*

16 **Renata:** *Sétima série...*

17 **P:** *Bem no auge da adolescência, né?*

18 **Renata:** *Então, aí começou um conFLI::to de identidade, poxa!Mas será que ela não*  
 19 *entendeu que/ ela sabia que eu era árabe, né? que eu tinha vindo do Líbano, então*  
 20 *será que ela não entendeu apesar de gostar do Brasil, mas eu entendi que de*  
 21 *repente fosse meu país de origem, daí eu falei sobre o Líbano, mas pra ela, eu não*  
 22 *sei se foi uma ofensa, não sei se ela não gostou, não entendi direito, ela atacou com*  
 23 *essa ques/ e até hoje eu me lembro des/ dessa perguntinha, afinal de*

24 **P:** *((interrompendo)) Vocês nunca conversaram? Não?*

25 **Renata:** *Com a professora sobre isso?*

26 **P:** *É, vocês duas...*

27 **Renata:** *Na época não questionei, eu só fiquei quietinha, peguei lá, peguei a nota e*  
 28 *acabou, né?*

29 **P:** *Mas, mas você nunca esqueceu...*

30 **Renata:** *NUN::CA esqueci, ficou uma interrogação na minha cabeça, né? Porque foi*  
 31 *um conflito de identidade, né? Até também outras situações, quando tinha/quando*  
 32 *teve o ataque às torres gêmeas também, que daí o pessoal começou a associar*  
 33 *terrorista com árabe, então você fica naquela coisa, “Poxa, mas... eu já sou daqui*  
 do Brasil, né?, eu moro aqui, eu tenho os costumes daqui!”...Mas ainda carrega  
 35 *você carrega aquilo, né?, carrega...*

36 **P:** *Tá dentro de você, né?*

37 **Renata:** *É, isso daí eu já senti isso na pele...*

38 **P:** *É? Sei...*

- 39 **Renata:** *Sim, é complicado, é complicado...*  
 40 **P:** *E como você geralmente lida com isso?*  
 41 **Renata:** *Hoje tá/ é mais tranquilo, depois que a gente fez a naturaliz/ depois que eu*  
 42 *fiz minha naturalização e tudo assim*  
 43 **P:** *Tá::*  
 44 **Renata:** *Hoje eu já me sinto mais brasileira, né?*  
 45 **P:** *Claro*  
 46 **Renata:** *Eu me sinto brasileira hoje, assim, a gente procura conversar, explicar*  
 47 *mais, né?, mas antes meio que deixava a gente magoado, né?...Às vezes não sabia*  
 48 *como lidar, como falar, poxa...“Ah, mas esses árabes são TUDO terrorista!”, então é*  
 49 *complicado, né?*

Para Renata, seu documento de identificação tem uma conotação distinta daquela atribuída por Abu Ammar. Para ela, seu documento brasileiro aparenta ser uma forma de driblar sua relação conflituosa com o Outro local, uma vez que esse registro oficial lhe daria legitimidade para ser tratada com os outros cidadãos brasileiros natos – seu documento permanente (linha 2), ser *naturalizada* (linha 2) e sua *naturalização* brasileira (linhas 4, 42 e 43) seriam seus pilares de sustentação na relação com o Outro local – uma escolha lexical que **referencia e predica** aquilo que lhe confere valor como indivíduo pertencente à sociedade brasileira, independentemente de seu país de nascimento.

Interessante notar que o documento permanente de identificação parece funcionar como objeto pelo qual as questões identitárias são passíveis de serem realizadas. É como se a materialização de certos objetos – neste caso, o registro oficial de identidade, que passa por mecanismos estatais de injunção e seleção – formulasse ou contribuísse para a formulação de aspectos que fazem parte da construção identitária de imigrantes e, como tal, seriam os meios para o processo de identificação e pertencimento.

A sensação de “não pertencimento” à sociedade brasileira e de se sentir em um limbo, em um *entrelugar* (BHABHA, 1998), parece ser algo complicado para ela e que a coloca em um patamar de desvalia por “ser diferente”, por “não ter nascido no Brasil”. É como se o documento brasileiro fosse uma espécie de porto seguro, de base de referência na tentativa de minimizar os efeitos do desconhecimento e das generalizações muitas vezes preconceituosas a respeito dos povos falantes de árabe. Para esta participante, ter o documento permanente brasileiro deveria, a priori, eliminar as barreiras das diferenças e servir como uma



proteção – algo que dá fluidez à vida no processo de acolhimento. É como se a falta de registro nacional fosse uma trava, **referenciadas e predicadas** pelas “muitas coisas que são *limitadas*” (linhas 4 e 5) por se estar em um *entrelugar*.

Renata segue sua narrativa relatando uma situação vivida na escola, quando era adolescente, em que lhe foi solicitado que escrevesse sobre seu país. Tendo nascido no Líbano, Renata optou por falar sobre seu país de origem, o que não foi bem compreendido e foi questionado pela professora. Posicionando-se como vítima de um questionamento injusto, que para ela não era um problema – seu conflito não parece estar na sua relação com suas origens –, Renata esboça o quanto o acolhimento afetivo e social falho impacta, intensa e negativamente, sua existência e seu processo de reterritorialização.

Ser tratada com diferença por ter nascido em outro país é algo que afeta, negativamente, Renata, sentimento que é reforçado com suas escolhas lexicais a partir da utilização dos adjetivos *complicado* (linha 39 e 49) e *magoado* (linha 47), que funcionam com **índices de referência e predicação** de suas emoções com relação ao acolhimento recebido.

Além da percepção de desacolhimento, Renata retrata as dúvidas geradas por essa situação pela qual passou na escola – que, a princípio, deveria ser um local de boa acolhida da diversidade. Os **índices de referência e predicação** *interrogação* (linha 30), *questionamento* (linha 13), *perguntinha* (linha 23) e *conflito* (linha 18) evidenciam bem a confusão gerada em sua mente pelo tratamento recebido, já que não é o papel (o documento brasileiro) que a faz deixar de se sentir estrangeira – estranha e distante –, mas sim as interações estabelecidas em sociedade. É como se a falta de documento permanente potencializasse o *bullying* e o preconceito sofridos na escola e na sociedade em geral.

Pode-se afirmar que a situação vivida por Renata na escola é apenas um retrato da força da ideologia do Brasil como um país monolíngue e monocultural, conforme descrito no capítulo 2 desta tese. Esse episódio e o que apresentei no preâmbulo deste trabalho são apenas dois exemplos (de tantos outros que devem ocorrer Brasil a fora) de como o desconhecimento e as críticas e/ou o *bullying* na escola – e porque não na sociedade como um todo – afetam a vida de indivíduos comuns que pertencem a grupos minoritarizados e silenciados da sociedade brasileira. Essas atitudes afetam negativamente a vida dessas pessoas, podem ser

um *baque*, como afirma Renata (linha 14), na vida delas, por se sentirem oprimidas, diminuídas, excluídas de seu meio.

Atitudes como essa retratam a falta de compreensão de que os indivíduos e nossas identidades são multifacetadas, fluídas e não-essencializadas, o que é cristalizado pelo conceito de “identidade nacional”. O questionamento catalisador do *conflito de identidade* (linha 18) relatado por Renata foi algo marcante, muito forte, que ela *nunca* (linha 30) esqueceu. E incomodou o suficiente para que se questionasse sobre como ela se enxerga e sobre como é enxergada pelo Outro. Construir uma imagem associada de *árabe a terroristas* (linhas 33 e 48), após o ataque às Torres Gêmeas na cidade de Nova Iorque reavivou esse sentimento de injustiça perante a estereotipação do “árabe” e sobre como o entorno o vê. Infelizmente, esses discursos refletem o fato de que “cada sociedade possui seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: ou seja, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdade” (STRATHERN, 2003, p. 73) e, como consequência, aquele que é a “bola da vez” do discurso dominante acaba sentindo mais os impactos negativos dessas epistemes em ação.

Reproduzindo a forma que Renata se sente posicionada pelo Outro, ela repete suas falas: “*Mas esses árabes são TUDO terrorista*” (linha 48). Renata fortalece sua narrativa ao citar o Outro, posicionando-se como vítima de generalizações **absolutas** (*TUDO terrorista*) e visões estereotipadas dos falantes de árabe, seguindo a demonização do Oriente pelo Ocidente – em particular, do mundo de fala árabe e de tudo que se relaciona a ele. Autor de um dos livros fundantes das teorias pós-coloniais, em *Orientalismo*, Said (2007) explica, como já dito, que, inicialmente o orientalismo era concebido como os estudos sobre língua e cultura árabes. O conceito expandiu-se para uma forma de dominação ideológica do colonizador ocidental sobre o mundo oriental dominado e cujas ações situam-se longe dos interesses dos habitantes locais. Enfatiza Said (2007, p. 34):

O Orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental.

Por ser uma representação do Outro Ocidental sobre o Oriental, o Orientalismo nada mais é do que uma “invenção do Oriente pelo Ocidente”; é uma

criação ideológica ocidental para lidar com e sujeitar o Outro, seja pela política imperialista estadunidense ou pelo etnocentrismo europeu, por exemplo. Essas representações, construídas e moldadas fortemente ao longo dos últimos séculos, têm servido para estabelecer e firmar uma colonização, tanto territorial, quanto cultural do Oriente Médio. O ocidente, assim, seria *racional, superior, desenvolvido*, enquanto o mundo árabe seria considerado *inferior, primitivo e atrasado*. Afinal, se algo é a norma, considerado como referencial aquilo que é determinado pela visão dominante de mundo, tudo aquilo que está fora dela é considerado atípico e/ou anormal. A imagem construída a essa luz, portanto, é subjetiva, tendenciosa, focada na subjugação do objeto de dominação, e promove desigualdades e estereotipificações, naturais das relações assimétricas dos jogos de poder.

Segundo Silva(2010. p. 127, grifo meu), o Orientalismo acaba sendo, com isso,

uma narrativa que efetivamente constrói o objeto do qual se fala. Mais do que um interesse simplesmente científico ou epistemológico, o que move essa narrativa é a curiosidade e a fascinação pelo Outro, visto como estranho, exótico, e o impulso para fixá-lo e dominá-lo como objeto de saber e de poder. O Outro é, pois, menos um dado objetivo e mais uma **criatura imaginária do poder**.

Tal construção indica uma busca na diferenciação e uma tentativa de controle, tal qual o Ocidente seja construído como superior pelo discurso hegemônico, em detrimento de um mundo oriental construído como inferior. Pode-se dizer que é um investimento para se justificar a colonização do mundo árabe. O Orientalismo funciona, dessa forma, como uma episteme ou uma “estrutura de pensamento que simboliza o pensamento de determinada época. É a rede subterrânea de pressupostos e processos de pensamento, a ‘tendência’, que limita o pensamento científico e cultural de uma época” (STRATHERN, 2003, p. 71), ao mesmo tempo em que protege o dominador ocidental e justifica suas ações com relação ao mundo oriental.

A demonização do Oriente tem se acentuado a passos galopantes desde o fatídico “11 de setembro de 2001”. As representações distorcidas dos falantes de árabe – especialmente dos muçulmanos –, feitas pelos países ocidentais, são generalizações que evidenciam não somente o preconceito por elas projetado, mas também uma tentativa de dominação e exibição de poder e superioridade do mundo

ocidental sobre o mundo oriental, além de uma compreensão equivocada da construção do Estado Islâmico como um representante islâmico do mundo árabe. A título de curiosidade, *islã* significa paz, e os princípios do islamismo estão em direção diametralmente oposta às ações do intitulado Estado “Islâmico”, se assim pode ser chamado, pois de islâmico não tem nada. E essas representações ocidentais sobre o mundo oriental foram construídas, como já afirmado, com o intuito de se justificar a colonização dos países de língua árabe. Porém, ao lançar mão de tais percepções sobre o Oriente, esquece-se que:

O Oriente não é apenas adjacente à Europa, é também o lugar das maiores, mais ricas e antigas colônias européias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes. Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* européia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais (SAID, 2007, p. 27-28).

### III. Armando (17 anos) : 50% libanês, 50% brasileiro, 100% perfeito!

Armando foi outro participante que atribuiu a seus documentos de identificação um *status* de referência sobre sua identidade e, assim como sua mãe, o utiliza como um meio material de construção de suas subjetividades. Observemos seu relato a esse respeito a seguir.

#### EXCERTO 12:

- 1 **Armando:** *Ela ((a mãe dele)) se considera muito mais libanesa... é que ela fez*
- 2 *naturalização libanesa, pais, avôs, tataravôs... tudo libanês.*
- 3 **P:** *Daí...*
- 4 **Armando:** *Saiu igual a gente...tipo, igual, igual eu, eu me considero um À::RABE, mas*
- 5 *os meus documentos são brasileiros, então eu sou brasileiro, e ela a mesma coisa...*
- 6 *ela se considera, quando ela, quando ela chegou, foi pro Líbano ela se considerava*
- 7 *do Costa, ela era do Costa do Marfim, mas ela se considerava árabe pelo fato de os*
- 8 *pais, os avôs serem árabes*
- 9 **P:** *Tá... e você ((INC))como é que é isso pra você?*
- 10 **Armando:** *Eu morei, tipo sete anos que a pessoa vai crescendo, eu morei lá no Líbano*

- 11 *é que você começa a falar, a vivenciar aquilo, demais a vida...*  
 12 **P:** *Sim*  
 13 **Armando:** *Por isso que eu considero um pouco mais o meu país, que é o Líbano*  
 14 **P:** *O Líbano?*  
 15 **Armando:** *Mas eu me sinto brasileiro com todo orgulho que eu tenho RG brasileiro,*  
 16 *com passaporte brasileiro, eu me sinto cinquenta por/ igual que uma camisa que éh...*  
 17 *ocorreu um evento há dois anos...*  
 18 **P:** *Ãh?*  
 19 **Armando:** *Fizeram camisas assim pra vender, aí tinha uma ((na qual estava*  
 20 *escrito))cinquenta por cento ara/éh... libaNÊS, cinquenta por cento brasiLEIRO, cem*  
 21 *por cento perfeito! ((risos))É...eu gostei muito dessa((camisa)).., Ah, até tinha foto que*  
 22 *eu tinha comprado*

Comparando este trecho da narrativa de Armando com o da seção anterior, em que ele relata que foi salvo da guerra no Líbano em 2006 por ser brasileiro, percebe-se uma dualidade nas suas construções identitárias. Nota-se que seu sentimento de pertença é duplo, vinculado tanto à sua identidade nacional brasileira quanto à sua identidade nacional afetiva “árabe” libanesa. Armando oscila em suas colocações, acreditando viver o melhor de seus dois mundos e estar vivendo um *entrelugar* (BHABHA, 1998), como se tivesse um berço duplo. Ao mesmo tempo em que **referencia** o Líbano com o pronome possessivo *meu* (linha 13), Armando **referencia e predica** seu orgulho de ser brasileiro (linha 15) por esta ser a identidade marcada em seu documento de identificação, a qual ele não nega.

Ao relatar o episódio da camiseta criada para um evento na Escola Árabe-Brasileira, ao qual teve **acesso epistêmico**, Armando se posiciona claramente como um indivíduo que vive a dicotomia de ambos os mundos – a camiseta funciona como um símbolo **metafórico** de como ele se enxerga: 50% libanês, 50% brasileiro. Para ele, a duplicidade na relação com o que ele considera suas identidades nacionais – a de fato, brasileira, e a de pertença ou afetiva, a libanesa, compõem com perfeição suas construções identitárias. Apesar da limitação da visão binária “ser brasileiro – ser libanês”, Armando demonstra perceber a importância da vivência de ambos os mundos na sua constituição, e sente-se pertencente a eles.

Interessante notar, novamente, que as construções identitárias deste participante também passam pela materialização de um objeto – a camiseta – para se formular algumas questões identitárias. É como se fosse difícil para os indivíduos falarem sobre suas identidades sem projetá-las em objetos concretos. Com isso,

pode-se inferir que, tanto documentos oficiais, quanto, por exemplo, os dizeres impressos em uma camiseta fazem parte do processo de subjetivação dos indivíduos e as questões identitárias acabam, conseqüentemente, passando por outras instâncias não-individuais, como o Estado, no caso do documento, ou o mercado, no caso da camiseta, para se realizarem.

A relação com seu “lado brasileiro” já foi evidenciada na subseção anterior, quando Armando relatou o episódio sobre seu retorno forçado ao Brasil com a eclosão da guerra Líbano-Israel em 2006. Segundo ele, ser brasileiro salvou sua vida na ocasião, já que conseguiu retornar ao Brasil são e salvo por meio da missão brasileira de resgate aos cidadãos daqui que se encontravam no Líbano naquele momento. A emoção que envolveu aquele momento também foi reavivada quando Armando relata seu primeiro retorno ao Líbano, alguns anos após o episódio de guerra anteriormente narrado, revelando dualidade de suas construções identitárias.

### EXCERTO 13:

- 1 **Armando:** *Eu me sinto árabe mesmo, eu me sinto de dentro que sou*
- 2 *árabe...Quando eu vou pro Líbano, eu, depois que eu voltei, eu sinto arrepio*
- 3 *quando eu piso no aeroporto.E eu fui ano passado, depois de seis anos, eu fui ano*
- 4 *passado de visita pro Líbano, aí quando eles falaram no avião que você/a gente tá*
- 5 *descendo no aeroporto de Beirute, que é a capital, eu senti um arrepio, começou a*  
*cair lágrima*
- 6 **P:** *Sério?*
- 7 **Armando:** *Sim!*
- 8 **P:** *Uau!*
- 9 **Armando:** *Eu sou brasileiro, eu tenho tudo brasileiro, mas eu não sei por causa*
- 10 *que cresci no Líbano, que eu sinto essa... éh... ((silêncio, visivelmente*  
*emocionado))*
- 11 **P:** *Essa identificação?*
- 12 **Armando:** *Eu senti um arrepio, que meu Deus...*

Armando **referencia e predica** sua emoção recorrendo a escolhas lexicais que nos informam sobre seus sentimentos: o *arrepio* (linhas 2, 5 e 12) e as *lágrimas* (linha 5). A emotividade e o vínculo com o país de origem da família são representados claramente no discurso deste participante, não somente pelo que foi dito, mas também pelo seu breve silêncio no trecho final. Armando demonstra gratidão por ter nascido no Brasil e ter documento brasileiro, ao mesmo tempo em

que torna evidente a grande afetividade que nutre pelo país de origem, revelando viver em um *entrelugar* (BHABHA, 1998). E “são nesses terrenos [de *entrelugar*] que ocorrem as novas estratégias de construção de identidades. É daí que brotam os novos signos que colaborarão e contestarão as definições e ideias sobre as sociedades” (RIBEIRO, 2015, p. 164).

#### IV. Bárbara (47 anos): *nós somos cidadãos sem identidade*

Como já foi mencionado anteriormente, Bárbara é filha de casamento misto (pai libanês e mãe brasileira). Tendo convivido de forma muito próxima à comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, Bárbara participou do processo de reterritorialização do pai, ao mesmo tempo em que sentiu os efeitos desse processo nas experiências vividas nesse meio. Observemos o excerto a seguir, em que Bárbara retrata seus sentimentos em relação a suas questões identitárias, após ter visto o trecho selecionado do filme *O Tempero da Vida*.

##### EXCERTO 14:

- 1 **Bárbara:** *Sabe do que eu lembrei vendo isso aí?*
- 2 **P:** *Hum?*
- 3 **Bárbara:** *Nós como somos assim descendentes, né? de árabe... tava até esses dias*
- 4 *comentando com a ((nome da irmã)) nós somos cidadãos SEM identidade*
- 5 **P:** *Por que sem identidade, você diz?*
- 6 **Bárbara:** *Porque você vai pro Líbano, você é tida como brasileira, te consideram ali*
- 7 *brasileira, ser uma brasileira, e você aqui, aqui, você não é brasileira, aqui você é*
- 8 *turca*
- 9 **P:** *Ahn... turca, árabe que seja né?*
- 10 **Bárbara:** *Turca, árabe, galega... então você não tem uma cultura definida. Uma vez*
- 11 *eu falei “Gente, o que que nós somos? Lá no Líbano, “Essa brasileira...”, viemos pra*
- 12 *cá, “Essa turca...” O que que nós somos?” Não sei se já aconteceu contigo, nós nem*
- 13 *somos turcos, nem somos brasileiros*

É importante ressaltar, antes de qualquer outro comentário, que quando Bárbara usa o termo *turco*, está se referindo, na verdade, ao que aqui me refiro como imigrantes falantes de árabe. Essa confusão se dá em virtude carga negativa e da forma pejorativa com que percebo que moradores de Foz do Iguaçu,

especificamente, tratam esse grupo e seus descendentes usando a palavra *turco*<sup>141</sup>, já que a forma afetiva que os locais usam costuma ser *brimo*<sup>142</sup>. O tratamento por *turco* provém de desconhecimento e pode estar pautado na forma como os imigrantes originários de países de língua árabe eram inicialmente chamados quando desembarcaram no Brasil no fim do século XIX<sup>143</sup>. Nessa época, alguns países de língua árabe do Oriente Médio, tais como Iraque, Líbano, Palestina e Síria eram dominados pelo Império Turco-Otomano – o que impulsionou, inclusive, a emigração em massa desse grupo pela perseguição política e religiosa que sofriam. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, os países da fala árabe sob domínio turco-otomano foram divididos entre os países colonizadores europeus. No processo migratório para o Brasil, os falantes de árabe não foram reconhecidos por suas identidades nacionais até 1926 (JARDIM, 1999).

Seguindo com a análise sobre o excerto da narrativa de Bárbara, ela se posiciona como uma cidadã “sem identidade” e afirma que não é nada, nem brasileira, nem “árabe”, nem libanesa. A relação de Bárbara com seu entorno – seja esse entorno no Brasil ou no Líbano – reforça o conflito que ela descreve, e é nítido o quanto o contexto ao seu redor interfere e dá o tom do (não) acolhimento para ela em seus conflitos de ordem sociocultural, que são diretamente afetados pela forma como ela se sente posicionada pelo Outro. Bárbara atribuiu ao julgamento do Outro fator primordial no seu posicionamento como “cidadã sem identidade”, e essa visão potencializa, de certa maneira, como ela se vê se posicionada em seu *entrelugar*. Ela mesma se **cita**, ilustrando seus pensamentos (linhas 10-11):

**Bárbara:** *Uma vez eu falei: “Gente, o que que nós somos? Lá no Líbano, “Essa brasileira...”, viemos pra cá: “Essa turca...” O que que nós somos?”*

Bárbara precisou passar pelo questionamento sobre identidades de seu filho para tomar a atitude de visitar seu país de origem com o intuito de auxiliá-lo com relação a essas questões. Observe-se o que ela afirma no excerto a seguir:

<sup>141</sup> Já ouvi diversas vezes, também, o termo *turcajada*, para se referir ao coletivo.

<sup>142</sup> A língua árabe não apresenta o fonema /p/; sendo assim, falantes de árabe no Brasil costumam trocar os fonemas /p/ e /b/. A palavra *brimo*, na verdade, refere-se à palavra *primo*, e é utilizada de forma afetiva para tratar pessoas queridas, como se fossem da família.

<sup>143</sup> Cf. capítulo 2 desta tese.



**EXCERTO 15:**

1 **Bárbara:** *Aí ele ((seu filho))pegou e falou que ele tinha vergonha de dizer que era*  
 2 *árabe, que falava árabe. Por que que eu coloquei esse nome árabe nele? E disse*  
 3 *que não sabia que os árabes eram tão odiados assim. Eu falei pra ele assim,*  
 4 *“Vergonha de ser árabe? Então já tá na hora de você ir pro Líbano, você tá na hora*  
 5 *de ir pro Líbano, pra você saber de onde você veio, o que é ser um árabe, o que é a*  
 6 *verdadeira história de um árabe, e não adianta eu te contar aqui, teu pai te falar, é só*  
 7 *você ver e sentir”*

8 **P:** *Sim...*

9 **Bárbara:** *Aí, fomos pro Líbano, peguei os três e levei pro Líbano, pra eles*  
 10 *conhecerem o Líbano, a língua, a história, TUDINHO que tinham eles saber. Aí,*  
 11 *conclusão, em cinco meses que eu fiquei lá, aquele que tinha vergonha de ser árabe,*  
 12 *de falar árabe, de ter nome árabe, falava, “Mãe, tenho orgulho de ser árabe, eu tenho*  
 13 *orgulho de dizer que eu sou árabe, eu tenho orgulho de ter esse nome que eu tenho”.*  
 14 *Porque não adianta aqui no ocidente passar uma imagem pro nosso filho pra ele*  
 15 *saber da onde que ele é, da onde é que ele veio, né? Quem são seus... é seu pai,*  
 16 *quem é seu avô, quem foi seu bisavô, não adianta você falar oralmente, ele tem que*  
 17 *ver, tem que ver, tem que sentir, pra eles aprenderem a valorizar o/a raça deles,*  
 18 *entendeu?*

Aparentemente, o filho de Bárbara deve ter passado por situações de *bullying* em seu meio, ao questioná-la sobre seu nome árabe. Ela cita a si mesma, demonstrando **acesso epistêmico** à situação: *E disse que não sabia que os árabes eram tão odiados assim* (linha 3). Bárbara **referencia e predica** a forma como os imigrantes falantes de árabe são posicionados por seu entorno lançando mão de uma escolha lexical um tanto quanto forte: *odiados*. A percepção tão negativa que o Ocidente criou sobre o Oriente impactou a relação de Bárbara e de seu filho com o entorno: notando-se posicionados em inferioridade, ambos se sentem ressentidos com tais afirmativas e atitudes, e a mãe, que pareceu não ter conseguido administrar o conflito de seu filho naquele momento no Brasil – até mesmo pelos seus próprios conflitos identitários já apresentados aqui, Bárbara, apesar de sua ciência sobre o impacto das teorias do orientalismo sobre o mundo árabe (*“Porque não adianta aqui no ocidente passar uma imagem pro nosso filho pra ele saber da onde que ele é, da onde é que ele veio, né?”* – linhas 14 e 15), optou por passar uma temporada no Líbano, para que seu filho – e ela mesma – pudessem vivenciar o cotidiano no país de origem da família. Afinal, posicionar-se como “árabe” *odiado* (linha 3) e ter *vergonha* das origens (linha 3) não deve ter sido fácil, nem para ela nem para o

marido. Bárbara tomou essa iniciativa considerando que a vivência rotineira – conhecer e viver a história familiar e se relacionar com a sociedade de herança – pudesse impactar a forma com que seu filho lidaria com suas identidades na relação com o Outro local no Brasil.

No Líbano, foi feito esse resgate. Até arriscaria dizer que a Bárbara do excerto 1 (p. 128) e a Bárbara do excerto 15 (p. 167) nem parecem a mesma pessoa. O fortalecimento da relação com o país de origem e a melhor compreensão sobre as representações construídas do Oriente pelo Ocidente contribuíram para que ambos o filho de Bárbara e ela mesma reconstruíssem positivamente a relação com suas origens, ao mesmo tempo em que aprendessem a não atribuir ao Outro o poder de dar o tom do acolhimento dele e de sua família nesse processo.

Pode-se notar que essa situação conflituosa, decorrente da demonização do “árabe” no mundo ocidental e das experiências individuais por eles vividas, teve um resultado positivo para ambas as partes, mãe e filho, já que o período passado por eles os auxiliou a *aprenderem a valorizar* (linha 16) sua cultura familiar.

**V. Sofia (29 anos): *Eu acho que nós somos umas raras exceções que fomos educadas com uma educação antiga, né? Que não existe mais, nem aqui nem em lugar nenhum, nem no próprio país***

Sofia optou por passar uma temporada no Líbano. Observemos como ela, após termos assistido ao trecho do filme *O Tempero da Vida*, relata seus sentimentos com relação a esse período de sua vida.

**EXCERTO 16:**

- 1 **Sofia** : *Inclusive eu mesma morei um ano no Líbano porque eu quis, assim*
- 2 **P**: *É?*
- 3 **Sofia**: *Essa experiência até por um pouco assim em busca da identidade*
- 4 **P**: *Certo...*
- 5 **Sofia**: *Porque você, por ser filha de imigrantes descendentes de libaneses, você sempre fica um pouco dividida, né?... Eu sou libanesa ou sou brasileira, né?...Então eu fui, morei um ano lá, fiquei um pouco mais em busca dessa identidade, de saber um pouco mais da minha cultura, né? E voltei...*
- 6 **P**: *Foi/ você foi mais ou menos com que idade?*
- 7 **Sofia**: *Não, faz dois anos, faz, eu tinha*
- 8 **P**: *Ah, agora?*

- 12 **Sofia:** *28 anos, recente, no caso foi recente, é... voltei com 29*
- 13 **P:** *E assim, como é que foi essa experiência de viver num país de língua árabe, essa*  
 14 *questão da identidade que você falou, que me parece ser bem forte pra você... Você*  
 15 *até/ o jeito que você olhou, o próprio filme, esse trecho do filme...*
- 16 **Sofia:** *Sim... Olha, foi muito chocante ((Sofia fica em silêncio, com ar pensativo))*
- 17 **P:** *Por quê?*
- 18 **Sofia:** *Porque a vida inteira você/ como no/ o meu pai veio muito novo, né?... meus*  
 19 *avós vieram e ficaram, eles educaram a gente com as tradições antigas, né?*
- 20 **P:** *Certo...*
- 21 **Sofia:** *Aquela coisa “Ah, então não pode fazer isso porque no Líbano é/ nós*  
 22 *libaneses somos assim”, né?... “A nossa cultura é assim” e tal, então daí quando eu*  
 23 *fui pra lá eu vi que não era nada disso que foi nos ensinado ((risos))É como se eles*  
 24 *tivessem parado no te/no tempo eles pararam no tempo e nós...*
- 25 **P:** *Interessante...*
- 26 **Sofia:** *É, né? E todo mundo continuou, assim, né?...Então assim eu fi/eu me senti*  
 27 *mais perdida ainda, na verdade*
- 28 **P:** *Ah, é?*
- 29 **Sofia:** *Fui pra me encontrar e fiquei mais perdida ainda ((risos))... porque ((INC))*  
 30 *porque a vida inteira eu não vivi nem como as/os brasileiros, né?*
- 31 **P:** *Sim*
- 32 **Sofia:** *E nem como, na verdade, os libaneses de lá porque lá eles também evoluíram,*  
 33 *né? Então eu acho que nós somos... somos umas raras exceções que fomos*  
 34 *educadas com uma educação antiga, né? que não existe mais, nem aqui, nem em*  
 35 *lugar nenhum, nem no próprio país.*

Apesar de a ida ao Líbano não ter sido decorrente de nenhum tipo de críticas ou *bullying* sofrido, Sofia se mostrou bem segura e orgulhosa da sua relação com o país de origem da família. Como já evidenciado na subseção anterior, ela decidiu visitar o país da família em decorrência de um conflito interno relacionado às suas identidades culturais. Sofia relatou a *busca da identidade* (linhas 3 e 7) como mola propulsora da viagem, mas outras motivações se fizeram presentes e são sugestivas do sentimento de não pertencimento desta participante. Quando ela caracteriza (**referencia e predica**) seu sentimento com relação às suas identidades com *um pouco dividida* (linha 6) e se posiciona como tal, Sofia aparenta mais o sentido de exclusão de ambos os mundos aos quais ela se refere ao invés de uma divisão *per se*. Em sua narrativa, Sofia sempre se posiciona muito orgulhosa de suas origens, mas apresenta certa tristeza ao se perceber num *entrelugar* em que, como mulher criada em uma sociedade patriarcal, ela não se sente pertencente. Ao se questionar “*Sou libanesa ou brasileira?*” (linha 6), Sofia se coloca nesse *entrelugar*

plural, de múltiplas experiências, por ter vivido num molde muito rígido e conflituoso de comportamentos esperados, em que ela não consegue viver suas necessidades e aspirações pessoais, mesmo tendo sido criada no Brasil. Ao afirmar que um dos motivos de sua viagem ao Líbano era “*saber um pouco mais da minha cultura*” (linha 7 e 8) – considere-se que ela se **refere** aos aspectos da cultura de origem lançando mão de um pronome possessivo – Sofia denota a importância e o valor que ela atribui à história e à herança cultural familiares, ao mesmo tempo em que evidencia sua própria construção cultural e sua conexão com o país de origem da família.

Consciente da repressão sofrida em sua criação, Sofia **cita** a si mesma, reproduzindo o discurso de justificativas de seus familiares nas escolhas que ela foi obrigada a tomar para manter as tradições cristalizadas pela comunidade ao se estabelecerem no novo país, pois “*eles educaram a gente com as tradições antigas*” (linha 19). Nessas **citações**, fica evidente a polarização dos comportamentos relacionados às identidades de referência que compõem seu *entrelugar*, privilegiando-se na descrição a obediência ao lado cultural do país de origem da família – autoritário e rígido, de certa forma, principalmente para as mulheres, que acabam assumindo posições secundarizadas na comunidade. Ao optar por vivenciar o cotidiano no país de origem da família, Sofia buscava se redescobrir e se aproximar das tradições culturais do Líbano. As tais regras cristalizadas na comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu na época de sua criação se tornaram atemporais – apesar de terem se tornado obsoletas mesmo no país de origem como um todo. Foi surpreendente para Sofia descobrir que as pessoas que eram suas referências das tradições **metaforicamente pararam no tempo** (linha 24), mas *todo mundo continuou* (linha 26) no Líbano de outrora. A generalização aqui evidenciada com o uso do pronome indefinido *todo* traz certo exagero na generalização, mas confere ênfase à evidência por ela apontada, posicionando os libaneses que vivem no Líbano como que seguiram adiante –*evoluíram*, linha 32 – enquanto os libaneses em Foz do Iguaçu *pararam no tempo* (linha 24). Com todo esse processo de “resgate e (re)descoberta”, Sofia ilustra seus sentimentos fazendo uso de **metáforas**: *me encontrar e me senti/fiquei mais perdida ainda* (linha 29) e são sinais do fato de ela não conseguir se apropriar de suas questões identitárias em meio ao seu próprio processo de reconstrução.

Sofia se posiciona como pertencente ao que ela ilustra como parte da “cultura do Líbano” – **referencia** a esta **citando** as diversas vozes de seu meio e

lançando mão do pronome possessivo *nossa* e do pronome pessoal *nós*: “*ah, então não pode fazer isso porque no Líbano é/ nós libaneses somos assim*” né?, “*a nossa cultura é assim*” e *tal* (linha 21 e 22), **citando** não somente a si mesma, mas também as múltiplas vozes do seu entorno (familiares ou não) que contribuíram para o seu sentimento de não-pertencimento à sociedade brasileira. Seu processo de reterritorialização é marcado, assim, pelas relações de poder e controle estabelecidas pelo seu entorno, que determinaram como ela deveria se comportar, considerando as tradições culturais do país de origem da família.

Sofia constrói a imagem da sua tentativa de “resgate” das origens como algo *chocante* (linha 16, **índice avaliativo**), o que foi expresso seguido de um silêncio. E pode-se dizer que o silêncio também nos fala muito, como um signo em movimento. Wolff (2013, p. 40) afirma que “o silêncio não é apenas a privação de algo. Ele é também, positivamente, algo em si mesmo”. O silêncio é repleto de significações embutidas, incrustadas na comunicação, e pode revelar mais do que uma pausa ou a ausência de fala. Pode ser sinal de cumplicidade, de compreensão, de emoção, de reflexão. Há uma miríade de possibilidades aqui, que não pode ser desconsiderada, ainda mais num momento de revelação como neste caso. “O silêncio, portanto, nunca é apenas ausência de som, ausência física de som, é sempre também presença de sentido, presença humana de sentido. [...] O silêncio é ora morte, ora vida, ora vício, ora virtude, ora imposto, ora escolhido” (WOLFF, 2013, p. 43).

Em um momento de **protagonização do interlocutor**, Sofia incluiu-me em seu relato, procurando aproximar-me de sua narrativa mesmo sem eu nunca ter tido conversado com ela sobre minha história de vida. Nossa única conversa pré-geração de dados foi muito breve, durante o evento *Palestina Vive*, em que fomos apresentadas e combinamos a forma de contato para a realização da entrevista. Observe: *nós somos umas raras exceções que fomos educadas com uma educação antiga, né?* (linhas 33-34).

#### VI. **Fernanda (21 anos): Isso que te torna assim, RICO culturalmente, e... e como pessoa, sabe?**

De todos os participantes desta pesquisa, Fernanda foi a que mais explicitou a pluralidade cultural de sua formação. Ela nasceu num país latino-

americano hispanofalante e imigrou para o Brasil ainda criança. Assim como Bárbara, é filha de um casal interétnico (mãe oriunda de país hispanofalante e família cristã, pai brasileiro, filho de libaneses muçulmanos). Observemos como Fernanda elabora as múltiplas facetas de sua construção identitária.

#### EXCERTO 17:

- 1 **Fernanda:** *Eu nasci ((menciona nome do país latino americano de origem)). E... a*  
 2 *gente tem muito esse costume, mas é bem, é, é muito...*  
 3 **P:** *De migrar?*  
 4 **Fernanda:** *Uma vez perguntaram até se a gente não era cigano ((risos)), porque a*  
 5 *gente tem muito isso. Mas a gente sempre tem o costume de... de sentir saudade*  
 6 *de onde a gente fi/foi, sabe? Meus/meu vô, meu pai, minha mãe, tipo, sempre nos*  
 7 *ensinaram muito isso, a questão de valorizar o lugar onde a gente estivesse,*  
 8 *independentemente se fosse um lugar feio, se... fosse perigoso, se fosse... Amar*  
 9 *aquele lugar onde você tá, e ver as coisas bonitas do lugar, sabe?*  
 10 *Independentemente, que a cultura não seja parte de você, mas... ver o BONITO*  
 11 *daquilo, sabe? A gente morou em lugares feios e a gente morou em lugares*  
 12 *LINDos, mas todos os lugares fazem parte da gente, têm uma parte da nossa*  
 13 *história, sabe? Nunca foram deixados para trás e nunca falar daquele lugar, se não*  
 14 *sempre foi olhar o bonito do lugar e lembrar disso, sabe? Não... ser realista, com,*  
 15 *tipo, a realidade do local, mas valorizar o que tem de bonito independentemente da*  
 16 *segurança ou do lugar ser, tipo menos... digamos... éh... economicamente mais*  
 17 *difícil ou mais fácil. Sempre valorizar o que tinha de bonito no lugar. (...) Eu acho*  
 18 *que isso faz parte, da/de ser o... tipo, de formar o teu eu, sabe? Essas partes de*  
 19 *histórias é tão gostoso, tipo, eu convivi com todo tipo de culturas diferentes das*  
 20 *minhas, eu tenho amigos de culturas TOTALmente diferentes das minhas, mas ao*  
 21 *mesmo tempo é tão gostoso::so carregar um pouquinho disso com você, sabe? E*  
 22 *acho que isso que te forma*  
 23 **P:** *Uh-hum*  
 24 **Fernanda:** *Isso que te torna assim, RICO culturalmente, e... e como pessoa, sabe?*

Em uma época marcada pela fluidez do que antes era considerado um porto seguro estático, Fernanda reconta sua história nômade e plural. Ela relembra um episódio em que, em virtude de tantos deslocamentos de sua família, foi interpelada. Ela lança mão de um verbo de enunciação – *perguntar* (linha 4) – que funciona como um **descriptor metapragmático** do conteúdo do questionamento que é **citado** na sequência, esboçando uma **analogia** entre o constante deslocamento familiar e o ser *cigano* (linha 4), aquele que leva uma vida errante, assim como o povo zíngaro.

Para Fernanda, ter vivido em diversos lugares e ter um *background* heterogêneo é algo positivo, e é com essa sensação que ela constrói sua imagem e nos revela sua construção identitária plural, que inclui tudo aquilo que fez e faz parte de sua jornada. Ao mesmo tempo em que sente *saudade* (linha 5) dos locais por onde passou, ela lança mão de estruturas de valor conotativo positivo para representar aquilo que integra suas experiências de vida e suas subjetividades. Os **índices de referência e predicação** *valorizar* (linhas 7, 15, 17), *bonitas* (linha 9), *amar* (linha 8), *bonito* (linhas 10, 14, 15), *lindos* (linha 11) e *gostoso* (linhas 18 e 21) revelam esse arcabouço interno de construções múltiplas e vivências otimistas e edificantes que a auxiliaram na construção do seu próprio lugar e de se sentir pertencente a ele. Considerando que é no *entrelugar* que interpretamos e vivemos nossas construções identitárias – ou seja, é onde elas se realizam – pode-se notar que, ao se posicionar como um ser humano privilegiado por saber aproveitar o melhor da fluidez e do movimento de suas experiências, Fernanda tem nesse terceiro lugar um local de empoderamento e também de posicionamento em suas relações com o Outro. Tal perspectiva corrobora com o que é postulado por Bhabha (1998, p. 24), quando este diz que as construções identitárias se dão nas fronteiras porosas do espaço cultural a partir do local no qual as subjetividades começam a se fazer presentes nos processos de identificação. Sendo assim,

o que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originários e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos a articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e pontos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 24).

Tal posicionamento é tão forte para essa participante que sugerem que as construções identitárias de Fernanda jamais poderiam ter sido formuladas a partir de singularidades (BHABHA, 1998, p. 24). Para ela, *nunca* (linhas 12) deixar de esquecer suas origens e subjetividades culturais, já que “*todos os lugares fazem parte da gente*” (linha 11). De acordo com Ribeiro (2015, p. 167),

não se trata de uma via média (uma síntese homogênea), mas o estabelecimento de um espaço que supere as polaridades, permanecendo para além das singularidades, “nem um e nem outro”,

mas numa hibridização que contesta o espaço de ambos. Entrelugar, portanto, é acima de tudo um espaço produtivo, onde ocorrem as diversas formas de hibridismos.

E essa produtividade do *entrelugar* é muito natural para Fernanda, pois como ela mesma relata, no plural: *eu convivi com todo tipo de culturas diferentes das minhas, eu tenho amigos de culturas TOTALmente diferentes das minhas* (linhas 19 e 20). E o mais importante, ela reconhece a diversidade constituinte de suas construções identitárias, pois, em suas palavras, é *“isso que te forma, isso que te torna assim, RICO culturalmente, e... e como pessoa, sabe?”* (linha 24).

Fernanda relatou durante sua narrativa ter tido dificuldades de inserção na comunidade falante de árabe de Foz do Iguaçu. Apesar de valorizar sua ascendência em meio à alegada não-aceitação, nos ambientes de convívio muçulmano, da sua mãe – uma mulher não-árabe e de fé católica –, Fernanda sente que seu vínculo com o que ela chama de “cultura árabe” está se esmorecendo com o falecimento relativamente recente do avô. Observemos como ela elabora essa questão.

#### EXCERTO 18:

- 1 **Fernanda:** *Só que eu criei uma... resistência muito grande, depois que meu vô*  
 2 *morreu, com a cultura e com tudo isso*  
 3 **P:** *Faz quanto tempo que seu avô faleceu? É se você não quiser falar sobre isso,*  
 4 *desculpa a pergunta.*  
 5 **Fernanda:** *Não, não, sim... não, não, tudo bem, acho que faz uns dois, três anos...*  
 6 *três anos que ele morreu.*  
 7 **P:** *Mudaram as coisas pra você com a comunidade?*  
 8 **Fernanda:** *Eu creio que sim, porque era como que ele fosse mais a ponte com a*  
 9 *cultura sabe? Era como aquela raiz que ainda sobrava, entendeu? Tipo, era como*  
 10 *que nos apegava à cultura. Era como que pude/que mesmo nós sermos/sendo*  
 11 *diferentes, ele aceitava a gente, entendeu? Era/era aquilo, porque meu avô era*  
 12 *extremamente ÁRABE, meu avô nasceu, viveu, conviveu, tipo, todo aquela/aquele*  
 13 *pensamento, mas ele tinha a cabeça muito aberta, ele estudava, ele falava a*  
 14 *gente/tanto que tipo, a gente convivia muito com ele, eu me dava SUPER bem com*  
 15 *ele pra minha mãe, mesmo sendo estrangeira, meu vô era o PAI dela/era um PAI pra*  
 16 *ela, sabe? E eles tinham uma relação muito forte. Só que ele era a nossa ponte,*  
 17 *entendeu? Porque as pessoas... digamos, quando era conviver árabe com árabe, era*  
 18 *conviver com ele, era viver com ele, e a gente tinha uma relação muito forte com ele,*



19 só que depois que ele morreu, terminou tipo... esfriando um pouco isso, sabe?  
 20 Então... éh, a gente sentia que era a nossa ponte com o mundo árabe, assim. Eu falei  
 21 isso, parece que senti como se perdesse um pouco essa parte árabe... sem ele.  
 22 Entendeu? Porque era ele que nos aceitava, mesmo sendo diferente, mesmo a gente  
 23 tendo o nosso/o nosso lado ((latino-americano)), nosso lado brasileiro, ele nos  
 24 aceitava, porque ele sabia que a gente tinha árabe também, entendeu? E que a  
 25 gente cresceu nisso, e que a gente conhecia as comidas, as músicas, a cultura,  
 26 TUDO! Tipo, ali até fiz tipo, dança... árabe, ou tipo, dança do ventre, dabke.<sup>144</sup>

Fernanda demonstra que sua relação com a comunidade “árabe” local – e até mesmo com a própria família paterna – é estremecida. Porém, o preconceito sofrido dentro de seu próprio meio não foi impedimento para que ela vivenciasse o “lado árabe” de sua família por ter tido na figura amorosa do avô o acolhimento necessário para sua reterritorialização e construção identitária. De um lado, tinha a mãe dela – e ela também – posicionada (**referenciada e predicada**) como *estrangeira* (linha 15) e *diferente* (linhas 11 e 22); do outro, o avô, posicionado como a grande referência do que é “ser árabe” – **referenciado e predicado** como *extremamente árabe* (linha 12).

É justamente esse avô, da geração que imigrou para o Brasil, “*meu avô era extremamente ÁRABE: meu avô nasceu, viveu, conviveu, tipo, todo aquela/aquela pensamento*” (linhas 11 a 13) tradicionalista e patriarcal, que conseguiu fazer o exercício de alteridade, de empatia, de se colocar no lugar da “estrangeira” em reterritorialização – assim como ele também o era – e acolher a mãe dela e, conseqüentemente, as filhas, na família.

Fernanda descreve o avô fazendo **analogias** – *ponte* (linhas 8, 16 e 20) e *raiz* (linha 9) da conexão – **metáforas** que indicam que ele não somente era a base (“*o pai da mãe*” dela, linha 15), mas também o elo que conectava as subjetividades dos diversos mundo sou lugares que faziam fronteira e constituíam a vida de Fernanda e de sua família. Era essa ponte “*que nos aceitava mesmo sendo diferente*” (linha 22).

Com o falecimento do avô, é como se, metaforicamente falando, a ponte tivesse caído e o elo se rompido. Como se ela tivesse perdido seu referencial. A morte do avô, portanto, simbolizou a perda, o rompimento temporário da conexão com o “mundo árabe” – que Fernanda **referencia e predica** como *forte* (linhas 16 e

<sup>144</sup>Dabke é uma dança folclórica tradicional em países de língua árabe.

18). E em virtude de traumas anteriores a relação com os imigrantes falantes de árabe locais, Fernanda desenvolveu, em suas palavras, *resistência* (linha 1) nas suas interações, distanciando-se da comunidade e posicionando-os como os responsáveis pela sua dificuldade em manter as conexões com as subjetividades culturais de origem da sua família paterna.

**VII. Sabrina (21 anos): *Eles falam “você é uma libanesa falsificada”. Até mesmo aqui o pessoal do colégio ((árabe-brasileiro)) fala: “Você é brasileira, você só é disfarçada de árabe”***

Assim como Fernanda, Sabrina também se sente incomodada com a forma que era posicionada pelo seu entorno. Mas antes de apresentar três trechos de sua narrativa, é importante esclarecer que Sabrina, que tinha 21 anos na ocasião da geração dos dados da pesquisa que compõe esta tese, segue a vertente sunita do islamismo e usa o *hijab*. Ela estava se graduando em *design* de moda e pretendia abrir a primeira confecção brasileira de roupas para as mulheres muçulmanas (ela mesma fará o *design*) que sejam mais práticas e menos quentes para o clima escaldante de Foz em boa parte do ano. Foi muito interessante a maneira com que ela se posicionou e como ela entende ser posicionada pelo Outro local, seja ele de origem de país de fala árabe, ou não, principalmente por não seguir o padrão de comportamento que é “esperado” de uma libanesa muçulmana em Foz do Iguaçu. Observe-se o que é dito no excerto a seguir.

**EXCERTO 19:**

- 1 **Sabrina:** *Eu acho que esse negócio... acho que da perda de identidade... assim...*
- 2 *é, por exemplo, eu às vezes, eu vou pro Líbano e o pessoal ... tipo... às vezes por*
- 3 *algum hábito ou alguma coisa... eles olham assim((com ar desconfiado)). O*
- 4 *pessoal brinca bastante comigo. Eles falam “Você é uma libanesa vindo do*
- 5 *Paraguai, você é falsificada”.*
- 6 **P:** *Chamam de falsificada, lá? ((INC))*
- 7 **Sabrina:** *Sim. Eles falam: “Você é uma libanesa falsificada” ((risos))... Até mesmo*
- 8 *aqui, o pessoal do colégio ((árabe-brasileiro)) fala, “Você é brasileira, você só é*
- 9 *disfarçada de árabe”*
- 10 **P:** *Ah, é?*
- 11 **Sabrina:** *Acho que é pelo fato da gente morar no país brasileiro há tanto tempo, a*
- 12 *gente acaba pegando alguns costumes que lá no Líbano não são normais.*

- 13 **P:** *Não são normais para os libaneses de lá?*
- 14 **Sabrina:** *Sim. Até aqui, às vezes, tem os libaneses que são bem rígidos, assim*
- 15 **P:** *É?*
- 16 **Sabrina:** *O fato, por exemplo, de uma menina trabalhar, eu por exemplo, não volto*  
 17 *pra casa. Eu saio de casa às seis da manhã e volto só às 6h da tarde pra comer e*  
 18 *sair de novo, pra voltar às onze.*
- 19 **P:** *Sei...*
- 20 **Sabrina:** *Então, eu acho que isso, às vezes, é malvisto assim pela comunidade,*  
 21 *“Como assim, uma menina vai sair de casa todo esse tempo, vai ficar fora todo*  
 22 *esse tempo? Independente”... Sim, tá, independente ... tipo ... por exemplo, meu*  
 23 *pai não me sustenta mais. Ele me ajuda e quando eu preciso, ele fala: “Na hora*  
 24 *que você precisar, eu tou aqui, e não é porque você tá trabalhando que eu vou*  
 25 *parar de te sustentar”.*
- 26 **P:** *Você mora com eles?*
- 27 **Sabrina:** *Eu moro com eles, só que eu tenho o meu dinheiro, então eu...tipo... eu*  
 28 *até perdi esse negócio, eu ... não tenho mais tipo coragem de chegar e falar pro*  
 29 *meu pai, “Eu preciso de dinheiro”. Não, eu já tou trabalhando, o dinheiro é meu, eu*  
 30 *vou gastar. Eu...tipo... tou me habituando a não ter o meu pai por perto, porque a*  
 31 *gente sabe que eles não vão tá ali pra sempre, então eu... tipo... tou criando... tipo*  
 32 *... meio que uma independência. Até mesmo ontem, minha mãe comentou, tava ela*  
 33 *e minha tia, daí eu brinquei assim, “Ah, a minha irmã, eu tava acendendo o carvão*  
 34 *pra fumar arguile, e ela foi lá e pegou”. E eu... “Esse é meu carvão”. Daí minha tia,*  
 35 *“Meu Deus do céu, mais parece brasileira, é tudo seu... ((risos)), não existe mais o*  
 36 *nós, é tudo seu, tá parecendo as brasileiras, já.”((risos)) Daí eu falo, “Ah, é um*  
 37 *negócio... tipo assim... é uma perca da identidade assim”.*

Em virtude de sua independência e apesar de vestir o *hijab* e seguir as tradições da religião islâmica, Sabrina é posicionada pelo Outro – tanto no Líbano, quanto no Brasil – como não pertencente à visão essencializada do “ser árabe”: mulheres submissas, dependentes dos homens da família, tolhidas, incapazes, proibidas, de certa forma, de construir uma vida para si mesmas, limitadas por um padrão patriarcal de comportamento, hábitos e costumes. A percepção do que deve ser uma “mulher árabe”, essencializada pelo entorno de Sabrina, é reforçada pelos comentários frequentes que recebe; é uma associação equivocada de que a “cultura árabe” se restringe a comportamentos tradicionais determinados pela comunidade de falantes de árabe local e, como consequência, as mulheres que seguem um caminho diferenciado, não se rendendo à opressão imposta por esse modelo social ainda vivido e celebrado, tanto nos países de fala árabe, quanto no Brasil e em muitos outros países mundo afora acabam sendo criticadas e, muitas

vezes, excluídas, por optarem por uma vida independente, sendo protagonistas de sua própria vida, recusando um papel secundarizado na sociedade. Basta observar as manifestações mais recentes – especialmente por parte de representantes de partidos de extrema direita no Brasil, que preconizam os valores da “tradicional família brasileira”, em que os indivíduos devem ser heterossexuais; as mulheres, secundarizadas, submissas às figuras masculinas ao seu redor; a família, bem cuidada pelo pai-provedor e pela mãe que, mesmo trabalhando fora, é responsabilizada pelos afazeres domésticos, entre tantas outras limitações impostas pelos defensores dos valores patriarcais, e que revelam a face obscura daqueles que não sabem viver e conviver nem com a diversidade (de culturas, de gêneros, etc.) nem com a igualdade de gêneros.

Sabrina **cita** os comentários que recebe de seu entorno e que auxiliam na criação da imagem de uma Sabrina-rebelde, diferente daquilo que é esperado dela. Sua imagem é associada à de paraguaia, pela generalização preconceituosa dos cidadãos desse país decorrente de uma combinação de distorções sobre esse país, dentre elas a de que os produtos importados adquiridos no Paraguai (leia-se, Ciudad Del Este, Pedro Juan Caballero, Salto Guairá e outras cidades fronteiriças) são falsificados. Associar Sabrina, assim, à ideia de ser uma *árabe falsificada* (linhas 5 e 7) e uma *brasileira disfarçada de árabe* (linhas 8 e 9) revela uma face do preconceito que esta sofre, não somente por ter ascendência árabe-libanesa e ser muçulmana, mas também por não ser uma representante fiel das tradições, hábitos e costumes cristalizados pelos libaneses em Foz do Iguaçu e na comunidade que frequenta no Líbano.

Sabrina aponta a representação de “normalidade” das tradições árabes como algo que ela respeita, mas que não segue na totalidade, já que ela trabalha o dia todo, estuda à noite, paga suas contas. Ela ventríloqua as perguntas que costuma receber da comunidade, e que parecem ecoar em sua mente quando analisa as opções que fez pra si mesma: *como assim, uma menina vai sair de casa todo esse tempo, vai ficar fora todo esse tempo? Independente* (linhas 21a 22). E como ela mesma **referencia e predica** a forma que é posicionada: conduzir uma vida *independente* (linha 22) é *malvisto* (linha 20). Essa imagem negativa por ser diferente, seja em meio à comunidade com que convive no Brasil ou no Líbano, e dentro da própria família, é reforçada com as citações feitas por ela, que corroboram

a ideia de que as mulheres “até” podem trabalhar, mas também devem zelar pelo lar.

Ser posicionada como “a diferente”, em tom de desvalia, é algo que parece afetar negativamente Sabrina. Quando questionada sobre suas construções identitárias, Sabrina sente-se segregada pelo preconceito humano – independentemente da origem deste. Apesar de vivenciar um *entrelugar* que a empodera como mulher, Sabrina aparenta ter dificuldade em se perceber como pertencente e acolhida no meio de falantes de árabe. É como se, para que ela pudesse viver sua vida de forma independente, ela precisasse *perder sua identidade* (linhas 1 e 37) – **metáfora** que **predica** seus sentimentos de desvinculação com as práticas patriarcais daqueles ao seu redor. Sabrina sente-se “menos árabe” por não seguir as tradições e os costumes patriarcais de seu grupo de referência. Vale lembrar que este também era meu sentimento por não me comunicar em árabe com a proficiência que gostaria, conforme ilustrado nas considerações iniciais deste estudo. Talvez compreender-se como parte de um *entrelugar* construído a partir das múltiplas vivências com o meio pode ser a libertação de crenças limitantes que geram dúvidas, conflitos, medos e inseguranças, e que podem limitar uma evolução individual se não forem bem elaboradas no decorrer de nosso desenvolvimento individual na coletividade.

Ao assistir a cena do filme *O Tempero da Vida*, Sabrina se emocionou, como pode ser observado no trecho que segue:

#### **EXCERTO 20:**

- 1 **P:** *Você se emocionou aqui com essa cena*
- 2 **Sabrina:** *Sim*
- 3 **P:** *Deu pra ver que você ficou sentida, né? de alguma forma.*
- 4 **Sabrina:** *Sim, é bem isso mesmo. Você chega ali, até mesmo às vezes na*
- 5 *comunidade, tipo árabe, assim como daqui de Foz...*
- 6 **P:** *Em Foz?*
- 7 **Sabrina:** *Sim. Você repara ali, entre as amigas, que ...elas não sofreram tanto essa*
- 8 *influência, e você para assim ... “Gente, mas eu tou tão diferente delas assim?”,*
- 9 *que às vezes você fala, “Nossa, eu não me encaixo mais aqui”.*
- 10 **P:** *Por que elas não trabalham, assim?*
- 11 **Sabrina:** *Não, porque elas tão bem na comunidade libanesa... assim ...tipo... sabe?*
- 12 *pensar, terminar a faculdade, já pensar em casamento, pensar nos filhos. Eu não,*
- 13 *eu já penso em viagem, eu já falo que já quero morar sozinha, que eu não preciso*
- 14 *estar casada pra morar sozinha. E daí, às vezes elas falam as coisas e eu... “Meu*

- 15 *Deus do céu, onde é que eu tou? E onde é que elas estão?”*
- 16 **P:** *Uh-hum. E aí você se sente diferente delas?*
- 17 **Sabrina:** *Sim. Você se sente um pouco excluída, sim.*
- 18 **P:** *Te excluem? Você sente assim?*
- 19 **Sabrina:** *Sim, você MESma se exclui, porque você já não se enCALxa mais ali.*
- 20 **P:** *Uh-hum... Aquilo não te serve mais da mesma forma.*
- 21 **Sabrina:** *Não, não... você, às vezes, você acaba, às vezes, até por falar, “Gente, será que eu tou errada? Será que eu tou fazendo alguma coisa errada por tá pensando diferente delas?”*
- 22 *será que eu tou errada? Será que eu tou fazendo alguma coisa errada por tá*
- 23 *pensando diferente delas?”*
- 24 **P:** *Uh-hum*
- 25 **Sabrina:** *Mas depois você volta e ... NÃO!Cada um tem a sua linha de*
- 26 *pensamento. Cada um sofre ...tipo ... elas tiveram as influências ali, elas rejeitaram*
- 27 *isso, preferiram ficar na comunidade ... a influência...sim libanesa, elas não*
- 28 *aceitaram isso ... tipo ... elas não abriram espaço pra sofrer...essas mudanças de*
- 29 *cultura, de tradição. Eu já sempre fui muito... sempre adorei o Brasil, eu falo que*
- 30 *nunca saio daqui. Só saio daqui num caixão, porque vou morar aqui... que eu já*
- 31 *não vou pro Líbano, muito tempo, pra não me arranjam um noivo de lá e me*
- 32 *fazerem morar ali.*
- 33 **P:** *Você não quer casar com alguém de lá?*
- 34 **Sabrina:** *Não, não... se vier pra cá, beleza! Se não vier, pode ficar ali que eu fico aqui.*

Sabrina confirma sua tristeza ao ser posicionada de forma depreciativa, **referenciando e predicando** a situação como algo que a deixa *sentida* (adjetivo escolhido indiretamente, com base em minha pergunta anterior, e por ela confirmado como seu sentimento), e que provoca questionamentos da parte dela por conta do julgamento negativo daqueles que lhe são caros. Sabrina sente-se *diferente* (linhas 8 e 23), *errada* (linha 22), *excluída* (linha 17), e esses autoquestionamentos, ilustrados pelas perguntas **citadas** como aquelas que ela faz para si mesma, trazem *sofrimento* (verbo *sofrer*, linhas 7, 26 e 28) à sua pessoa.

Ao sair da rigidez de comportamento que dela era esperado, Sabrina viveu um pouco de cada coisa que gostaria de viver, e seu modo de viver não implicou abandono às vestes e às tradições da religião que segue. Enquanto suas amigas, criadas da mesma forma, pensam e aguardam casamento e filhos, Sabrina pensa em conhecer o mundo e seguir com sua independência morando sozinha – sem que o sair da casa dos pais estivesse vinculado a casamento (linhas 13 a 14).

Infelizmente, a ideia de que a vida de uma mulher de ascendência árabe que não segue as tradições da cultura patriarcal é **referenciada e predicada** por

Sabrina como uma vida de grande sofrimento, e cuja exclusão se dá não somente pelo Outro com relação a ela, mas também dela com relação ao Outro, e justifica o fato de ela mesma estar se excluindo da comunidade pelas diferenças nas *linhas de pensamento* (linha 25) de cada um. Enquanto suas amigas *rejeitaram* a influência dos costumes não-patriarcais brasileiros (linha 27), Sabrina declara que *adora* (linha 29) o país e usa uma imagem forte e dramática para ilustrar sua adoração: um *caixão* (linha 30). Sabrina afirma que sairia do Brasil somente morta, num caixão, nem por amor ela o faria.

Apesar da negatividade da sua relação com o Outro referente àquilo que compõe sua construção identitária, Sabrina revela um lado da relação entre a comunidade de imigrantes falantes de árabe de Foz do Iguaçu com seu entorno que é pouco conhecido, mas que é por ela **referenciado e predicado** como parte da relação desse grupo com a cidade que os acolheu: o trabalho voluntário desempenhado por dois grupos distintos de senhoras que buscam angariar fundos e doações diversas para auxiliar, tanto os imigrantes falantes de árabe recém-chegados a Foz do Iguaçu quanto os brasileiros mais necessitados. Observemos como ela narra o trabalho realizado por essas senhoras.

#### EXCERTO 21:

1 **Sabrina:** *A cultura árabe, ela tá... ela tá inserida no... em Foz. A questão do*  
 2 *Casamento na Aldeia<sup>145</sup>, trabalhei dentro da aldeia no ano passado e quase moRRI*  
 3 *vendendo refrigerante... a presença de brasileiros foi gigantesca, os professores... os*  
 4 *professores da minha faculdade tavam ali, amigos meus brasileiros foram, o negócio*  
 5 *das Damas((União das Damas Libanesas)), a sociedade, tanto as Damas ... e tem*  
 6 *mais uma, que é a Nossa Senhora de Fátima que é onde minha mãe trabalha...*

7

8 **P:** *Ah, é?Que sociedade é essa?*

9 **Sabrina:** *É a Sociedade Nossa Senhora de Fátima*

10 **P:** *Não conheço...*

11 **Sabrina:** *Eles são... eles trabalham lá na mesquita ... da outra, a da José Maria de*  
 12 *Brito, assim...Eles fazem os mesmos trabalhos, eles não fazem TANTo esses chás*  
 13 *como a das Damas. A minha tia trabalha nas Damas e a minha mãe trabalha na*  
 14 *Nossa Senhora de Fátima. Elas ajudam bastante a comunidade brasileira, elas*  
 15 *buscam isso ...como ... pra retribuir ... tipo ... o favor que o... tipo... que Foz do*  
 16 *Iguaçu, que o Brasil teve em acolher os árabes, elas se sentem na obrigação de*  
 17 *ajudar o povo brasileiro... tipo...elas falam, “Se não fosse pelo Brasil, a gente não tava*  
 18 *aqui agora”.*

<sup>145</sup> Festa organizada por uma das escolas árabe-brasileiras de Foz do Iguaçu.

- 19 **P:** *Uh-hum...então são trabalhos ... elas... essas ...*  
 20 **Sabrina:** *Trabalhos voluntários, com os libaneses que estão aqui e que é às vezes,*  
 21 *não tem condições, mas que estejam aqui, não tem condições...tipo...financeiras de*  
 22 *se manter e os brasileiros também. Então elas se dividem, elas falam: “Ah, essa*  
 23 *época a gente vai ajudar os libaneses... agora a gente vai ajudar os brasileiros...*

A União das Damas Libanesas e a Associação Nossa Senhora de Fátima tomam a frente dos trabalhos e realizam diversas ações beneficentes: chás, jantares, bingos, encontros.<sup>146</sup> Tais ações que, segundo Sabrina, são vistas até mesmo como *obrigação* (linha 15), têm por objetivo *ajudar* (linhas 14 e 16) e *retribuir* (linha 15) o acolhimento (verbo *acolher*, linha 16) recebido pelo Brasil e pelos brasileiros quando os falantes de árabe se estabeleceram aqui. A imagem da gratidão, desenhada pelos termos *retribuir* e *acolher* é reforçada com a **citação** ventriloquada pela participante: “*Se não fosse pelo Brasil, a gente não tava aqui agora*” (linha 17). Percebe-se essa gratidão no acolhimento recebido como algo forte, vinculado à salvação da vida perante as incertezas políticas e a situação de guerra nos países de origem desses imigrantes. É triste, claro, ter que deixar a vida e tudo que fazia parte dela para trás para ter que reconstruir uma nova vida num lugar desconhecido para a maioria. Mas os sacrifícios e as dificuldades inerentes a qualquer processo de reterritorialização são pequenos se comparados à possibilidade de se manter vivo e construir uma nova vida – e é por isso que os imigrantes falantes de árabe de Foz do Iguaçu são agradecidos ao país e à cidade que tão bem os acolheu e os permitiu “ser” novamente.

**VIII. Marcelo (39 anos): *A gente tem que mostrar que a gente somos pessoas boas e que a gente respeita os outros e que a gente é igual a eles, né? E que eles são igual a nós assim e que também eles não podem desmerecer nós e nós nem desmerecer eles***

Para finalizar esta subseção, apresento um trecho da narrativa de Marcelo. Marcelo é filho de pai palestino muçulmano e mãe paraguaia de família cristã, mas convertida ao islamismo após o casamento. Seus pais se conheceram numa cidade próxima à Foz do Iguaçu, se casaram e estabeleceram residência em

---

<sup>146</sup> Cf. Anexo 8.



Foz, onde a família possui estabelecimentos comerciais. Marcelo está sempre envolvido em encontros sociais da comunidade de falantes de árabe da cidade, em particular nos eventos de divulgação da causa palestina. É casado com uma moça que tem *background* similar ao seu – pai imigrante palestino muçulmano e mãe brasileira cristã, mas não convertida ao Islã. Observemos como Marcelo percebe suas construções identitárias.

#### EXCERTO 22:

1 **Marcelo:** *Olha, como a gente é duma, duma geração assim... de árabes que, que a*  
 2 *gente se vê, eu me vejo diferente talvez do que árabes se veem recentemente*  
 3 *porque a gente já tá muito familiarizado com o Brasil, com o costume... e... e...*  
 4 *então a gente fala que é árabe por nossa descendência, né? Mas a gente tá muito*  
 5 *familiarizado com o Brasil, mas é lógico a gente é árabe porque a gente se sente*  
 6 *((árabe)), mas as pessoas quando falam meu nome já sabem, tipo assim, tem até*  
 7 *que “Ó o turco” não sei quê, até os amigos, mas éh, éh... isso, a gente acostuma*  
 8 *com essas brincadeiras, com essas coisas, a gente sabe que pros outros, eu nunca*  
 9 *esqueço disso, assim, que pros outros a gente nunca vai ser, por mais que você*  
 10 *fale português, que as pessoas sabem que você nasceu aqui, mas pras pessoas*  
 11 *você sempre vai ser um árabe, sempre vai ser um turco, sempre vai ser essas*  
 12 *brincadeira... então o que a gente tem disso tudo assim, que no meu/ eu me vejo*  
 13 *assim que a gente tenta passar o melhor árabe possível dizuma éh... um, uma*  
 14 *pessoa boa, né? Tipo, eu me vejo assim, tipo, já que a gente/as pessoas nos vêem*  
 15 *como árabe, a gente tem que mostrar que a gente somos pessoas boas e que a*  
 16 *gente respeita os outros e que a gente é igual a eles, né? E que eles são igual a*  
 17 *nós assim, e que também eles não podem desmerecer nós e nós nem desmerecer*  
 eles

Marcelo enxerga-se diferente de outros indivíduos nascidos no Brasil. Apesar do local de nascimento em comum, Marcelo sente o impacto da herança identitária paterna, não somente em seus traços, mas também em seu nome. Marcelo parece viver o *entrelugar* como parte de sua construção identitária. Posiciona-se como *familiarizado* (linhas 3 e 4) com o Brasil: *com o costume* do país (linha 3). Ao mesmo tempo, **referencia-se e predica-se** como *árabe* (linhas 2, 4, 5) ou é posicionado como tal pelos outros (linhas 11, 13, 15). Inclusive, comenta a confusão que muitos brasileiros fazem entre ser “árabe” e “turco” (mesmo que ambas não retratem de forma adequada esse descendente de palestino e falante da língua árabe), levando o “apelido” de forma leve, **predicado** como uma *brincadeira* (linha 8 e 11), afinal, tal caracterização do imigrante ou de seu descendente não o

afeta nem o coloca em conflito: *a gente se acostuma com essas brincadeiras* (linha 7 e 8). Marcelo parece compreender bem e viver bem, estando num *entrelugar*, o que confirma que:

a compreensão da representação dos sujeitos depende da compreensão do lócus de enunciação de quem fala [neste caso, o *entrelugar*] que, aliás, não é hermético e homogêneo; antes, ele é composto por uma ampla heterogeneidade que o atravessa a partir das mais variadas ideologias e valores socioculturais (RIBEIRO, 2015, p. 167).

Apesar de ser posicionado como diferente pelo Outro local, Marcelo mostra sua melhor face ao afirmar que somente lhe resta seguir o caminho do bem e ter sua consciência íntegra, a consciência de alguém que tem certeza de que essas generalizações não lhe pertencem e nem àqueles das mesmas origens que a sua. Para Marcelo, ele sempre será o estrangeiro, mas opta por sair da posição de vítima ao se assumir e mostrar seu melhor, em contrapartida. E as escolhas lexicais de Marcelo contribuem para a construção da imagem de uma pessoa de paz e que procura viver bem em seu *entrelugar*.

Marcelo **referencia e predica** os imigrantes falantes de árabe como *peçoas boas* (linhas 14 e 15) e que *sabem respeitar os outros* (linha 16). Apesar de ele **referenciar** a si mesmo e àqueles que são como ele como *a gente* (linhas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 13, 14, 15) ou *nós* (linhas 16 e 17), e os Outros ao seu entorno como *eles* (linhas 16, 17) ou o próprio termo *os outros* (linha 16), Marcelo posiciona aqueles que fazem parte do seu meio como indivíduos *iguais* (linha 16) a ele – ou que pelo menos deveriam ser tratados da mesma forma, sem um lado diminuir o valor do outro ou *desmerecê-lo* (linha 17) pelas suas diferenças.

E é justamente a vivência do *entrelugar* “bem resolvido” que empodera Marcelo na tomada de ação perante os posicionamentos de seu entorno – o que lhe resta é seguir no bom caminho e mostrar que o discurso dominante sobre os falantes de árabe não se confirma na sua pessoa. Isso nos revela, também, que as experiências vividas a partir das interações com o Outro extrapolam as fronteiras do “ser árabe”, do “ser turco” e do “ser brasileiro”. Independentemente do local de nascimento, da nacionalidade ou do grupo social com o qual nos sentimos afiliados, somos, antes de tudo, seres humanos buscando nos relacionar e interagir em sociedade, e estamos sujeitos a exclusões provenientes de todos os lados, como foi

evidenciado pelos participantes nesta subseção. Portanto, atribuir julgamento de valor promovendo a desvalia de determinado indivíduo ou grupo é, antes de tudo, uma ação individual de desconhecimento (consciente ou não) impactada pela construção de um discurso hegemônico de minimização do valor do diferente e do estranho perante aquilo que é considerado melhor ou pior ou normal pela ideologia dominante. Afinal, os “estranhos”:

[...] nos tornam conscientes e nos lembram daquilo que preferiríamos nos esquecer ou, melhor ainda, fazer de conta que não existe: forças globais, distantes, ocasionalmente mencionadas, mas em geral despercebidas, intangíveis, obscuras, misteriosas e difíceis de imaginar, poderosas o suficiente para interferir em nossas vidas, enquanto desconsideram e ignoram nossas próprias preferências. [...] É um hábito humano – muito humano – culpar e punir os mensageiros pelo conteúdo odioso da mensagem de que são portadores – nesse caso, das enigmáticas, inescrutáveis, assustadora e corretamente abominadas forças globais que suspeitamos (com boas razões) serem responsáveis pelo perturbador e humilhante sentido de incerteza existencial que devasta e destrói nossa confiança, ao mesmo tempo que solapa nossas ambições, nossos sonhos e planos de vida (BAUMAN, 2017, p. 21).

### 5.3 Refletindo sobre a língua árabe: plurilinguismo e representações

Apesar das ponderosas ideologias da homogeneidade, populações em muitos países – especialmente naqueles com história recente de imigração – seguem sendo heterogêneos em suas práticas (MARTIN-JONES, BLACKLEDGE, CREESE, 2012, p. 9).<sup>147</sup>

Como já dito anteriormente, ser plurilíngue é a norma e não a exceção. Foi muito interessante perceber que, para os participantes da pesquisa em pauta, ser plurilíngue foi considerado algo positivo; um ativo na vida dessas pessoas. Inclusive, a importância de se saber a língua árabe foi ponto comum no discurso de todos os participantes desta pesquisa, independentemente de seu nível de proficiência e dos motivos que influenciaram o posicionamento sobre a necessidade de se conhecer e saber usar a língua dos seus ancestrais.

---

<sup>147</sup>No original: Despite powerful ideologies of homogeneity, populations in many countries – especially countries with a history of recent immigration – continue to be heterogeneous in their practices.

Passemos aos trechos das narrativas que trataram de questões relacionadas à língua árabe e como ela é invocada pelos participantes do estudo aqui descrito

**I. Lara (13 anos): “Você sabe, eu não sei em português, mas eu sei em árabe, e olha o legal, eu sei duas línguas, e você aqui, quem tá/ e você aí, você está criticando quem?”**

Iniciarei esta subseção com as percepções sobre o ser bilíngue em árabe e português contempladas por Lara. Lara, como já dito, nasceu na Palestina e migrou para o Brasil em sua primeira infância. Ela estudou em uma escola árabe-brasileira por todo o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Afirmou sempre usar a língua árabe no ambiente familiar e com amigos – inclusive, ela usou o árabe em diversas ocasiões durante nossa entrevista. Ter aprendido o árabe formalmente é algo por ela valorizado. Ao mudar para uma escola regular brasileira, passou pela situação narrada a seguir, em que ilustra sua valorização do “ser bilíngue” em árabe-português:

**EXCERTO 23**

- 1 **Lara:** *Teve uma... que teve uma prova e cujo eu perguntei pro professor o*  
 2 *significado((de um termo)), mas muita gente sabia em português, mas eu não sabia*  
 3 *em português, eu sabia em árabe, então um colega meu riu, aí, eu olhei pra ele e*  
 4 *disse bem assim, “Você sabe, eu não sei em português, mas eu sei em árabe, e*  
 5 *olha o legal, eu sei duas línguas, e você aqui, quem é, e você aí, você está*  
 6 *criticando quem?” E todo mundo da sala, “Nossa!”... e a professora me parabenizou*  
 7 *((risos))...E eu fiquei feliz.*  
 8 **P:** *Que legal!*  
 9 **Lara:** *E eu fiquei feliz por ter falado e eu tive orgulho de falar assim... é, desse jeito,*  
 10 *e a professora sorriu pra mim*  
 11 **P:** *Sim*  
 12 **Lara:** *E todo mundo sorriu e falou, “Nossa, Lara, você falou muito bem!”, aí eu,*  
 13 *“Obrigada”...*

A fala de Lara sobre as línguas de seu repertório destaca a língua árabe como um ativo em sua vida. De forma direta, ela **cita** a si mesma ao narrar o evento ocorrido na escola, recriando sua voz e se posicionando como uma pessoa que está à frente de seu colega justamente por conseguir se comunicar em mais de uma língua. Ao indicar seu **acesso epistêmico** ao evento narrado, Lara se posiciona,

tanto como narradora, quanto como protagonista do evento, demonstrando sua autoridade ao falar do assunto dado seu *status* de integrante privilegiada da interação. Mesmo sem conhecimento formal sobre os estudos da linguagem, ela percebe algumas vantagens correlacionadas ao bilinguismo, evidenciadas no aspecto cognitivo de se conhecer línguas adicionais e de se estar à frente em termos socioculturais pelo que o conhecimento de mais de uma língua traz consigo (Grosjean, 1982).

Lara caracteriza o ser bilíngue como algo *legal* (linha5) e posiciona-se como alguém *feliz, orgulhosa* (linha9) por ter sido capaz de se posicionar veementemente a favor do seu bilinguismo. Ao mesmo tempo em que posiciona a si mesma de maneira positiva, Lara posiciona seu colega como alguém em desvantagem com relação a ela ao questioná-lo: “e você aí, você está criticando quem?” (linhas 5 e 6). Observa-se que, para descrever seu posicionamento, ela serve-se da opção pelo verbo criticar (*criticando*, linha6), que é um **indexicalizador avaliativo**.

Lara, com todo seu amor pela língua de herança e pelos aspectos culturais que compõem sua construção identitária, demonstra segurança de conhecer e valorizar suas origens e, apesar da crítica sofrida, é justamente nessa apreciação que reside sua fonte de empoderamento diante da ridicularização de sua dificuldade. Isso posto, pode-se afirmar também que Lara compreende o conceito de bilinguismo em sua acepção mais contemporânea. – prevalece a percepção do ser bilíngue como aquele que funciona em mais de uma língua com competências variadas em cada uma delas. Ademais, Lara demonstra ter se sentido acolhida pela professora, que sorriu para ela, reafirmando a receptividade à imigrante em processo de reterritorialização, que ao invés de ser silenciada, teve a oportunidade de se defender. Foi essa mesma professora que deu a oportunidade à Lara de explicar um pouco da história da Palestina para a turma, fato que foi relatado e analisado na primeira subseção deste capítulo, e proporcionou aos estudantes a oportunidade de conhecerem vozes alternativas ao macro discurso silenciador.

## II. Abu Ammar (38 anos): *E manter a cultura de origem da qual eu tenho, a origem que eu tenho muito orgulho*

No excerto que segue, vemos como um dos participantes da pesquisa em questão (Abu Ammar), ao argumentar a favor do desenvolvimento de competência comunicativa em mais de uma língua, equaciona, equivocadamente, a relação “língua”, “cultura” e “identidade”.

### EXCERTO 24

- 1 **Abu Ammar:** *Nossa língua, nós somos português-falantes, mas nós também*  
 2 *aprendemos o árabe pruma questão da nossa origem*  
 3 **P:** *Uh-hum. É importante pra você saber o árabe, falar o árabe, como você fala?*  
 4 **Abu Ammar:** *Sim, porque qualquer língua é uma porta de uma cultura... Se eu não*  
 5 *conhecer o árabe, eu não vou ter acesso à cultura árabe*  
 6 **P:** *Uh-hum. E pra você é importante ter esse acesso?*  
 7 **Abu Ammar:** *Sim*  
 8 **P:** *Por quê?*  
 9 **Abu Ammar:** *Porque eu vou ter, ahm, o privilégio de adquirir mais uma cultura. E*  
 10 *manter a cultura de origem da qual eu tenho, a origem que eu tenho muito orgulho*  
 11 *(...) Pretendo ter filhos, casei recentemente e faço questão que eles aprendam o*  
 12 *árabe porque eles vão ter na verdade o mesmo benefício que eu tive*

Observe-se que Abu Ammar condiciona a possibilidade de se adentrar na cultura árabe ao conhecimento da língua árabe: ... *Se eu não conhecer o árabe eu não vou ter acesso à cultura árabe*. As **metáforas** *porta* e *acesso* (linhas 4 e 5, respectivamente), associadas, destoam da relação entre língua, cultura e identidade com a qual me filio. Ocorre que uma língua não é a única “*porta de uma cultura... Se eu não conhecer o árabe, eu não vou ter acesso à cultura árabe*”, como afirma esse sujeito da pesquisa, já que, como argumenta Maher (2010, p. 45), línguas não funcionam como “depósitos ontológicos da identidade”. Elas não são requisitos essenciais para a construção de uma identidade cultural porque essa identidade “não é do domínio exclusivo de língua alguma: é o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade linguística específica, quem cria e faz circular o sentido de pertencimento”. Se assim não fosse, os judeus que não falam ídiche, por exemplo, não poderiam ter acesso à cultura judaica – e, conseqüentemente, não seriam capazes de construir uma identidade cultural própria –, o que, evidentemente, não corresponde ao que testemunhamos no mundo inteiro: judeus exercitam suas

crenças e hábitos culturais, fazendo-se “judeus”, em português, em francês, em inglês, ou qualquer outra língua.

Do depoimento de Abu Ammar, destaco as expressões *privilégio* (linha 9), *orgulho* (linha 10), *benefício* (linha 12), que retratam a forma que ele evoca a língua árabe: como um ativo com o qual ele foi contemplado, algo muito positivo que ele carrega consigo como herança de suas origens familiares. O lado positivo de se saber a língua árabe além do português é destacado por esse participante, o que corrobora com as teorias sobre as vantagens do bilinguismo já mencionadas. Sua língua de herança é tão especial para ele, que Abu Ammar pretende se esforçar para que esta seja transmitida à sua prole.

**III. Marcelo (39 anos): *Facilita bastante, tipo, porque elas dão preferência às vezes pra ir num lugar onde que vão entender elas do que ir num lugar onde que não vão entender, né?***

Ainda sobre os benefícios de se usar a língua árabe nas práticas discursivas cotidianas, Marcelo contempla outra vantagem de ser conhecedor da língua árabe: facilitar os negócios da família. Apesar de seu conhecimento limitado da língua, de acordo com avaliação que ele mesmo faz de sua proficiência, Marcelo enfatiza sua competência discursiva na língua árabe como uma vantagem sobre o prisma econômico de se ter um negócio que acolhe a comunidade de fala árabe com proficiência elementar ou básica em língua portuguesa. Observemos suas colocações.

**EXCERTO 25:**

1 **Marcelo:** *Eu acredito que, que a gente, com as pessoas de mais de idade, quando*  
 2 *principalmente aqui na loja vem... que têm dificuldade em falar português, então eu*  
 3 *já falo com ele em árabe porque eu sei que ele tem dificuldade até de entender e*  
 4 *até de falar em português, aí eu falo com eles em árabe*

5 **P:** *O árabe é uma vantagem nesse sentido, pra aumentar a renda familiar*

6 **Marcelo:** *Hum, isso... ((risos)) Com certeza, e também eh... às vezes também tem/*  
 7 *como tem muita xiita que é muito grande é as mulheres às vezes vêm*  
 8 *fazer((compras aqui)) porque os maridos tão no Paraguai comprando*

9 **P:** *Certo...*

10 **Marcelo:** *E elas vêm com a mãe, ou com a sogra, com... as mulheres, né? vêm em*  
 11 *grupos assim e raramente às vezes uma fala português, às vezes neNHUma fala...*

- 12 **P:** *Claro...*
- 13 **Marcelo:** *Então é... e às vezes elas começa a falar com a vendedora, a vendedora*
- 14 *começa a olhar pros lado*
- 15 **P:** *Uh-hum, chama você daí*
- 16 **Marcelo:** *é, já me chama e facilita bastante, tipo porque elas dão preferência às*
- 17 *vezes pra ir num lugar onde que vão entender elas do que ir num lugar onde que*
- 18 *não vão entender, né?*
- 19 **P:** *Então você percebe que não só como você já falou anteriormente*
- 20 **Marcelo:** *Sim*
- 21 **P:** *Mas vários árabes daqui de Foz já procuram estabelecimentos comerciais de*
- 22 *conterrâneos?*
- 23 **Marcelo:** *Sim, com certeza, até pra pedir o desconto, porque já não falam, imagina*
- 24 *como é que vão pedir o desconto ((risos)), se não conseguem nem falar direito*
- 25 **P:** *Em árabe eles sabem pedir desconto...*
- 26 **Marcelo:** *Sim...*

Nesse excerto, Marcelo define alguns de seus interlocutores falantes de árabe: pessoas de idade e mulheres xiitas (desacompanhadas de seus maridos ou responsáveis masculinos, conforme suas tradições) frequentadoras de suas lojas. Pelo fato de ser plurilíngue, Marcelo tem mais sensibilidade ao contexto de comunicação, especialmente quando este envolve as línguas de seu repertório linguístico (português, inglês, árabe, espanhol). Consciente disso, ele percebe os momentos em que o uso da língua árabe se faz necessário e coloca isso em prática, apesar de sua insegurança com relação à sua desenvoltura no uso da língua em questão.

Sua sensibilidade é expressa fazendo **referência** às *dificuldades* de comunicação – a palavra *dificuldade* aparece duas vezes (linhas 2 e 3) e o verbo *facilitar* (linha 16), uma. Marcelo se posiciona como alguém que entende a importância de saber se comunicar na língua de origem de seu pai, imigrante palestino. Sendo proprietário de estabelecimentos comerciais que podem acolher esse grupo, Marcelo coloca seu comércio como um dos que têm *preferência* (linha 16) por parte dos imigrantes árabes de Foz. O referido **índice de referência e predicação** aponta tal posicionamento.

Apesar de conseguir se comunicar em árabe no contexto anteriormente especificado, Marcelo não enxerga seu nível de proficiência na língua de seu pai como aquele que ele gostaria de ter. Ele constrói sua imagem como conhecedor de



árabe no excerto a seguir de forma negativa, num posicionamento de inferioridade. Observemos como ele constrói essa imagem.

### EXCERTO 26:

- 1 **Marcelo:** *Eu me arrependo muito ((de não ter “aprendido direito” o árabe)), e acho*  
 2 *que que às vezes,éh... às vezes eu sinto a necessidade em ambientes que têm*  
 3 *peessoas falando em árabe, vontade de falar de me expressar e por essa...*  
 4 *dificuldade de... de, às vezes... às vezes, eu até falaria, mas com medo de errar ou*  
 5 *de falar coisa errada, entendeu? Na frente de pessoas que eu não conheço direito,*  
 6 *então a gente acaba ficando quieto e não falando*  
 7 **P:** *Pra evitar se expor de alguma forma?*  
 8 **Marcelo:** *É, isso, isso... éh... no meu caso, eu às vezes já fiquei quieto, assim, às*  
 9 *vezes até acho que eu falaria e me sairia muito bem, mas fico quieto pra não falar*  
 10 *algo errado.*  
 11 **P:** *Você tem medo de errar, então, na hora de falar?*  
 12 **Marcelo:** *Isso, isso... isso é uma coisa que me prejudica muito às vezes, por*  
 13 *vontade de falar, daí eu acho que... vou falar alguma palavra errada e daí eu acabo*  
 14 *não falando o que eu tenho vontade*

Como pode ser observado, Marcelo aparenta não estar satisfeito com seu nível de proficiência na língua e denuncia isso quando diz que se arrepende. Ele constrói uma imagem negativa de seu conhecimento da língua árabe em seu discurso, evocando-a como importante para ele, mas a qual ele não tem conhecimento suficiente de acordo com sua própria avaliação. Tal postura passa a impressão de que isso é um fardo pesado para ele, uma insegurança com a qual ele tem dificuldade em conviver. Os **índices de referência e predicação** *dificuldade* (linha 3, já mencionado no excerto anterior, com relação a seus interlocutores) e *arrependo* (linha 1) remetem a um sentimento de desvalia de sua proficiência na língua árabe, passando a sensação de que Marcelo entende o “ser bilíngue” como ter o nível de proficiência de um “nativo” em todas as línguas de comunicação. A despeito de ser uma percepção muito aceita pelo senso comum – conforme já mencionado– e conhecendo os contextos de uso das línguas do repertório linguístico de Marcelo, pode-se afirmar que o participante não percebe que faz uso da língua árabe de forma funcional, para aquilo que precisa, e que sua performance parece estar adequada àquilo que ele mesmo se propõem em termos de uso da língua. Ora, ele se comunica em árabe com pessoas mais velhas e com potenciais consumidores de seus estabelecimentos comerciais, e sua visão de si mesmo

aparenta ser um paradoxo, uma vez que é nítido o benefício que ele goza ao usar uma de suas línguas adicionais.

Nota-se um conflito no uso da língua árabe: ao mesmo tempo em que há *vontade* (linhas 3, 12, 14), há um medo ou insegurança *de errar* (linha 4) ou *falar errado* (linhas 4-5, 9-10 e 13) que o impede de se comunicar livremente, optando por ficar *quieto* (linhas 6, 8, 9). O medo de tentar a usar a língua e falhar na comunicação, sem conseguir se comunicar de forma eficaz, frustram Marcelo, e ele tem consciência disso: *me prejudica muito* (linha 12). Os **índices de referência e predicação** acima apontados (*vontade* em oposição a *medo* ou *erro/errado*; *quieto*; *prejudica*) refletem esse sentimento.

#### IV. **SOFIA (28 anos): *eu achava o máximo poder, né? Saber falar uma língua tão difícil e que poucos sabiam***

Sofia também destaca as vantagens de se conhecer e saber usar a língua árabe. A fala a seguir dessa participante – respeitadas as diferenças de idade – corrobora o discurso de Lara. Observemos como Sofia evoca a língua árabe e de que forma seus posicionamentos emergem no discurso.

##### EXCERTO 27:

- 1 **Sofia:** *Até pela questão da língua, eu, pessoalmente, eu sempre até me gabei um*
- 2 *pouquinho, assim, que eu, eu achava o MÁ::ximo porque eu sabia falar o árabe é...*
- 3 **P:** *Ah, você valorizava nesse sentido?*
- 4 **Sofia:** *É, é... eu achava o máximo poder, né? Saber falar uma língua tão difícil e que*
- 5 *poucos sabiam, né? Até hoje eu tenho orgulho disso, eu sempre gostei muito ((do*
- 6 *árabe))*

Tanto para Lara quanto para Sofia, ter conhecimento sobre a língua árabe é evocado como motivo de *orgulho* (linha 5) – escolha lexical significativa para se retratar o quão positivo saber a língua de origem da família é para essas pessoas – e por conseguinte, para essa comunidade, já que ambas encontram respaldo para tal, conforme já especificado na descrição da paisagem linguística local, que consta do capítulo 2 desta tese.

Observa-se que para descrever sua satisfação por saber o árabe, além do **índice de referência e predicação** *orgulho*, Sofia vangloria-se do fato de ter o

árabe como parte de seu repertório linguístico. Ela usa o verbo *gabar* (linha 1) e a expressão *se achar o máximo* (linhas 2 e 4), que podem ser considerados **índices de referência e predicação**, pois caracterizam a narradora e a posiciona em um local de vantagem com relação aos outros que não têm o mesmo privilégio.

Além da valorização da língua árabe, é importante notar que Sofia a evoca como uma língua *difícil* (linha 4), também um **índice de referência e predicação**. Tal crença possivelmente advém do senso comum de que a língua árabe é uma “língua difícil” em comparação ao português, não somente por ser de troncos linguísticos diferentes, mas também por sua forma escrita ser distante dos caracteres latinos aos quais luso-falantes estão habituados. Ademais, sua escrita da direita para a esquerda é outro fator que pode contribuir para a dificuldade na aprendizagem dessa língua semita e tornar seu processo de aprendizagem mais lento, por conseguinte. Vale destacar, porém, que se as línguas têm troncos linguísticos distintos, não necessariamente uma é mais fácil do que a outra, mas apenas distantes uma da outra. Outro ponto a se ressaltar é o de que a visão de que uma língua é mais ou menos difícil que a outra pode também estar pautada na representação de que a língua do Outro tem maior ou menor valor que “a minha”, perpetuando a ideologia do poder de uma língua sobre a outra a partir de um referencial situado.

Sofia segue sua narrativa, no excerto a seguir, revelando outra faceta do uso de mais de uma língua: o *code-switching*. Como já dito, esse fenômeno linguístico, aqui definido como o uso alternado de duas ou mais línguas em um mesmo discurso (GROSJEAN, 1982, p. 147), é prática corriqueira nas interações entre pessoas que possuem repertório linguístico comum.

Observemos como Sofia percebe o *code-switching* entre árabe e português.

#### EXCERTO 28:

- 1 **Sofia:** Não, sabe que tem algumas expressões que a gente só sabe falar em árabe,
- 2 né? Por exemplo se alguém/ você tá falando de alguma coisa triste, você não fala
- 3 “Ah, tadinho”, você fala “7aram”<sup>148</sup>
- 4 **P:** Já sai automático pra você?
- 5 **Sofia:** Sai automático, né?
- 6 **P:** Ah, que legal! Que interessante...
- 7 **Sofia:** Ou então... eh... ou então quando você vai criti/ quando vai criticar um outro

<sup>148</sup> “7aram” (= /ħarām/) é a transliteração da palavra correspondente a “coitado/a”, em português.

- 8 *aqui em casa, né? Você não fala “Olha o ((INC))”, você fala “smalla”, né? que é*  
 9 *((INC)) então assim, tem algumas expressões que saem em árabe (...) Também,*  
 10 *também, sim, também, é isso que eu falei, alguma expressão ou outra, às vezes*  
 11 **P:** *Sim*  
 12 **Sofia:** *Algum comentário, alguma coisa, mas a gente... é inevitável que se use o*  
 13 *árabe, sim, e é principalmente também com pessoas mais velhas, né?*  
 14 **P:** *Uh-hum*  
 15 **Sofia:** *a gente fala mais em árabe, aí quando vai cumprimentar “Ah, mar7aba, tio” é*  
 16 *“mar7aba, tio”, né?*  
 17 **P:** *uma mistura, você coloca as duas línguas...*  
 18 **Sofia:** *vai misturando, né? que então parece que pra uma pessoa mais velha, parece*  
 19 *que é ((INC)) como se fosse uma obrigação você falar o ára/, não, não é, mas você*  
 20 *se con/condiciona, né?, a falar o árabe...*  
 21 **P:** *Um pouco por respeito, talvez?*  
 22 **Sofia:** *Talvez, talvez assim, mas é o que eu ia falar, é uma coisa que é... é que é nos*  
 23 *ensinada, é condicionado, assim, né?*

Sofia tem formação na área de Biológicas, e nunca teve acesso ao conhecimento produzido pelos estudos da linguagem. De maneira intuitiva, ela percebe o *code-switching* em suas práticas comunicativas como algo naturalizado: *sai automático, né?* (linha 5), o que indica o uso habilidoso dos recursos linguísticos do seu repertório verbal.

Na tentativa de atribuir sentido àquilo que está comunicando, Sofia evoca a língua árabe como aquela que é usada para expressar emoções. A fala dela sobre a inserção do árabe em meio às suas práticas discursivas reforça suas investidas na atribuição de sentido àquilo que está sendo dito, o que corrobora com a teoria dos pontos de contextualização pelas negociações de sentidos que fazem parte das práticas discursivas por Sofia referenciadas.

**V. Juliano (29 anos): *Eu tenho mais acesso porque eu já enrolo o árabe com o inglês, ali eu já me viro...***

Juliano, filho de pais libaneses falantes de árabe, nascido no Brasil, nunca foi ao país de origem da família, comenta, no excerto abaixo, o seu nível de competência no uso da língua árabe no geral e destaca como interage com seus parentes de outros países.

**EXCERTO 29:**

- 1 **Juliano:** *Pouco ((fala pouco árabe)), e só não falo menos porque às vezes tu tem que*  
 2 *falar, senão, tipo, eu sei que eu falo mais do que eu sei, eu sei que eu falo mais do*  
 3 *que eu imagino, mas eu evito, pra não errar. (...)Eu tenho uns parentes no Canadá*  
 4 *também, meus tios por parte da minha mãe também... Tem três ou quatro tios lá,*  
 5 *então eles... eu já falo um pouco mais, via internet, sim eu tenho mais acesso porque*  
 6 *eu já enrolo o árabe com o inglês, ali eu já me viro...*  
 7 **P:** *Você fala árabe com inglês? Faz uma mistura?*  
 8 **Juliano:** *E, quando eu não lembro, não lembro alguma coisa em inglês, já falo em*  
 9 *árabe, se eu não lembro em árabe, normalmente eu vou tentando jogar no inglês,*  
 10 *mas se não vir, eu vou pro árabe...*  
 11 **P:** *Ah... ah, sei... e o que você acha dessa troca linguística que você faz?*  
 12 **Juliano:** *Ah, facilita, porque daí (se) eles não entendem, você não entende, eles vão*  
 13 *perceber alguma coisa que tou querendo dizer e eles me respondem...*

Para manter a conversação e cumprir com o propósito da interação, Juliano vai além do uso do árabe com seus parentes canadenses (que não falam português) e traz outra língua do seu repertório, o inglês. Essa troca de línguas acaba sendo uma estratégia eficaz de comunicação, pois mesmo aos “trancos e barrancos” – o **índice de referência e predicação** *enrolo* (linha 6) evidencia isso – Juliano consegue interagir com eles. Para ele, usar as duas línguas adicionais de seu repertório é reconhecido como algo positivo e que indica sua competência comunicativa. Em sua narrativa, assim, ele se posiciona como um comunicador eficaz, já que ele se *vira* (linha 6).

Juliano considera, portanto, o uso alternado de línguas como algo que faz parte de suas práticas discursivas, confirmando sua sensibilidade aos contextos plurilíngues de interação e valorizando a troca de línguas como uma estratégia compensatória eficaz de comunicação, já que essas estratégias a *facilitam* (linha 12). Sua autoconfiança é notadamente percebida no excerto reproduzido anteriormente.

**VI. Sabrina (21 anos): Até a pessoa tenta compensar usando uma outra língua ao invés de buscar recursos na própria língua.**

Ainda sobre o *code-switching* nas práticas discursivas, Sabrina, que é professora de inglês e de árabe em uma das escolas árabe-brasileiras de Foz do Iguaçu, descreve o fenômeno da maneira a seguir.

**EXCERTO 30:**

1 **Sabrina:** *Eu tenho... tipo... minhas amigas da faculdade, eu atendo o telefone, pra falar*  
 2 *com minha mãe, e daí eu falo em árabe, daí eu falo “Tá bom”, ou um “né” ou “já”, daí*  
 3 *elas: “Meu Deus, você tá falando em árabe depois você vai pro português, depois você*  
 4 *volta pra árabe, como é que vocês não se confundem?” Aí, isso vem ... tipo... do, às*  
 5 *vezes você esquece a palavra em português, e aí você fala ela em árabe, e daí, ou*  
 6 *então, você esquece ela em árabe, você fala em português. Bem assim, pelo fato da*  
 7 *gente ter essas duas línguas inseridas ao mesmo tempo, a gente fala o árabe em*  
 8 *casa, mas morar num país onde se fala o português, acontece essa mistura.*

9 **P:** *Ah, é natural pra você...*

10 **Sabrina:** *É natural*

11 **P:** *Você acha ela positivo ou negativo na fala?*

12 **Sabrina:** *Ah::... Depende assim ... ((INC)) Ah, ...tipo... às vezes é meio ruim assim*  
 13 *porque você vê que você acaba perdendo assim um pouquinho o vocabulário dos*  
 14 *dois((idiomas)). O fato de você... “Ah, eu não sei em árabe, então eu vou falar em*  
 15 *português”... Aí, vai de você ir lá e procurar, e...não agora eu vou procurar... qual é a*  
 16 *palavra em árabe, vê se tem ela em português ... agora foi. E o mesmo acontece no*  
 17 *árabe, às vezes você esquece a palavra em português... “Ah, mas eu sei ela em*  
 18 *árabe’... Então, acaba perdendo um pouquinho do vocabulário. Ah, acho que isso até*  
 19 *prejudica nesse sentido. Até a pessoa tenta compensar usando uma outra língua, ao*  
 20 *invés de buscar recursos na própria língua.*

Ao **citar** suas colegas, Sabrina nos revela um pouco do senso comum sobre o uso de duas línguas em um mesmo contexto: a possibilidade de confusão entre essas duas línguas e uma possível “*perda*” de vocabulário de uma língua em detrimento do uso favorecido da outra. Sabrina mesma parece confusa com relação a isso. Por um lado, ela evoca a troca entre o português e o árabe como algo negativo, posicionando o fenômeno como algo *ruim* (linha 12), que *prejudica* (linha 19) e que provoca uma *perda* do vocabulário (linhas 13 e 18). Ora, é sabido que a idealização do uso perfeito e equilibrado de duas línguas orienta uma definição limitada de bilinguismo – uma percepção voltada para o conhecimento em nível similar de proficiência, funcionando nas suas duas línguas da mesma forma e sem

nenhum tipo de interferência entre elas. Maher (2007, p. 75) enfatiza que “o *code-switching* não é falta de competência, é sinal de competência em contexto de bilinguismo. [...] Não se trata, portanto, de um *déficit*, mas de um recurso discursivo sofisticado com que somente os bilíngues podem contar”.

A visão de bilinguismo e de *code-switching* por Sabrina expressada se mostra limitante quando se considera a amplitude do discurso e do uso das línguas de seu repertório, a partir de uma concepção sócio-funcional do *code-switching*. O bilíngue funciona diferentemente de um indivíduo monolíngue e seu comportamento linguístico é um reflexo de seu universo discursivo. No caso de Sabrina, quando se comunica com um falante de árabe e português, tem suas práticas discursivas como algo permeável, fluído, vinculado aos diferentes graus de proficiência nas línguas de seu repertório.

Considerando o exposto, aquilo que Sabrina considera como uma possível perda é na verdade uma vantagem do “ser bilíngue”. Ao encontrar formas alternativas para comunicar suas ideias, seja por meio do uso da L1 ou da Língua Adicional, Sabrina mostra-se estratégica no uso das línguas, uma vez que é capaz de manter a interação entre elas nas suas práticas discursivas. As estratégias compensatórias para os vocábulos que ela não conhece ou não lembra na hora – assim como as utilizadas por Juliano quando conversando com seus parentes no Canadá – não devem necessariamente ser consideradas algo ruim ou pior, representar uma perda ou algo limitante. Ao se considerar uma visão ampliada das práticas comunicativas, como já mencionado, o *code-switching* é, ao contrário, algo enriquecedor.

Assim, a escolha lexical de Sabrina para representar o *code-switching* – **índices de referência e predicação** *ruim* (linha 12) e *perdendo* (linhas 13e 18) – distanciam-se da concepção de língua e de bilinguismo na atualidade, anteriormente apresentados: a busca de recursos na língua base de comunicação – seja por circunlocução, por recursos audiovisuais, gestos, mímicas, etc. – faz parte do processo de comunicação.

Sabrina segue seu relato falando sobre as políticas de transmissão e manutenção da língua árabe em Foz do Iguaçu. Sendo professora, ela tem acesso à comunidade e às reflexões coletivas feitas sobre as políticas linguísticas em nível micro deste grupo. Observemos as informações que ela nos repassa.

**EXCERTO 31:**

1     **Sabrina:** *Então, no fato da gente estar num país como o Brasil, um país estrangeiro,*  
 2     *e onde muitas das crianças que estudam ali, elas nasceram aqui nesse país, eu acho*  
 3     *que as escolas têm um papel de suma importância porque são elas que tão salvando*  
 4     *a cultura árabe, a língua árabe... É, é assim... tipo... porque querendo ou não as*  
 5     *crianças, principalmente as que nasceram agora, elas tem a tendência a falar só o*  
 6     *português entre si e esses colégios, eles não sei se obrigam, eles incentivam as*  
 7     *crianças a falarem o árabe, a lembrarem da importância da língua árabe na*  
 8     *comunidade árabe, porque afinal, nós somos libaneses, nós somos, tipo, de países*  
 9     *árabes... E, se... e se a gente parar de falar o árabe, acabou, daí, ah, tipo, muda a*  
 10    *identidade do povo, assim.*

A fala de Sabrina sobre as políticas linguísticas familiares e comunitárias de transmissão e manutenção do árabe na comunidade indica sua preocupação, como educadora e descendente de membros da comunidade, sobre como está se dando esse processo na cidade. Seu relato, particularmente, traz um olhar positivo sobre a importância de se preservar a língua árabe na comunidade, ao mesmo tempo em que ressalta a relevância das escolas “árabes” nesse processo. Sua preocupação é grande o suficiente que, para descrever a necessidade de atenção a políticas linguísticas em nível micro, ela lança mão da escolha lexical do verbo *salvar* (linha 3), um **indexicalizador avaliativo** do processo de manutenção da língua árabe na comunidade iguaçuense. E ela, como professora de uma das duas auto-intituladas escolas que, à época da geração de dados, se qualificavam como bilíngues árabe-português, posiciona-se, indiretamente, como uma das responsáveis pelo papel de *salvar* a língua, uma vez que ela pertence ao quadro docente de uma dessas instituições.

Sabrina ressalta o papel das escolas “árabes” na cidade de Foz do Iguaçu, construindo uma imagem positiva da relevância desta para a cidade e para a comunidade. Alguns **índices de referência e predicação** por ela escolhidos ajudam na visualização dessa representação e na compreensão do cenário: *incentivam* (linha 6) e *importância* (linhas 3 e 7). Ela, inclusive, recorre à questão identitária, tratada na subseção anterior, reforçando sua conexão e a dos imigrantes falantes de árabe em Foz com suas origens: *somos libaneses, nós somos tipo de países árabes* (linhas 8 e 9). Porém, assim como Abu Ammar, Sabrina equivoca-se ao associar o conhecimento sobre a língua com a existência e a identidade cultural de um grupo. Como já mencionado, o conhecimento da língua não é condição *sine qua non* para o



acesso a culturas, nem absolutamente necessário para o sentimento de pertença de determinada comunidade. Como *insider* deste grupo, usuária de nível básico da língua árabe, e hoje conhecedora das teorias socioconstrutivistas que embasam as concepções de identidades culturais e linguísticas, posso afirmar que meu conhecimento limitado de árabe não é impedimento para que eu me sinta genuinamente como parte deste grupo nem viva aspectos da minha cultura de origem que são particulares ou estão relacionados a ela. Saber a língua é apenas uma das diversas faces que alimentam minha relação com minhas origens e minha trajetória de vida.

Como apontado no capítulo 3 desta tese, o fortalecimento de línguas de imigrantes está diretamente relacionado à transmissão intergeracional e ao seu uso por meio de políticas de planejamento em nível micro, com iniciativas e estratégias implementadas a partir de um plano cuidadoso em contexto familiar e comunitário. Sendo ambos o contexto familiar e a comunidade em que a família está inserida cruciais para a transmissão e o uso das línguas de imigrantes, Nesteruk (2010, p. 274) e Pauwels (2005, p. 124) afirmam que o planejamento de políticas linguísticas<sup>149</sup> familiares e comunitárias é fator de suma importância quando se pensa no possível sucesso do ensino, da aprendizagem e do uso efetivo das línguas de herança em contexto em que estas não são a língua da maioria.

Apesar de o Brasil não ter uma política linguística oficial para a transmissão e manutenção das línguas de imigrantes, pode-se dizer que Foz do Iguaçu é uma cidade privilegiada nesse sentido, principalmente quando se considera as políticas linguísticas locais, em nível comunitário. Como já foi descrito no capítulo 2 desta tese, há diversas opções para a aprendizagem da língua árabe, que abarcam aulas particulares, em cursos livres ou vinculados a centros religiosos, além das duas escolas árabe-brasileiras que, conforme me foi descrito por uma das participantes durante entrevista a mim concedida em 2013, ofertavam carga horária significativa de aulas focadas no ensino da língua árabe em sua grade curricular. A língua de escolarização era o português e o enfoque não estava no ensino de conteúdo curricular em árabe – apenas no estudo da língua árabe. Tanto essas

---

<sup>149</sup>É importante esclarecer que não estou fazendo uma distinção entre *política linguística* e *planejamento linguístico* neste trabalho, conforme postulado por Maher (2010). Segundo a pesquisadora, "a determinação de planos para se modificar usos e/ou estruturas linguísticas [*políticas linguísticas*] não pode se constituir apenas em meras *cartas de intenção*, mas tem que, necessariamente, também contemplar, já no seu bojo, modos factíveis de promover as mudanças desejadas [*planejamento linguístico*] (MAHER, 2010, p. 45).

escolas quanto os outros contextos especificados são iniciativas válidas e importantíssimas para aqueles que pretendem manter a língua de origem na família, e que também privilegiam o estabelecimento de uma rede social e de contatos que promove tal interação.

Interessante notar que este grupo tem planos de ampliar a oferta da língua árabe para outros níveis e contextos além da educação básica e em cursos livres. Sabrina revela a intenção da comunidade nesse sentido no excerto a seguir.

### EXCERTO 32:

1 *P: Você falou antes que não existe faculdade em árabe, você já ouviu algum*  
2 *comentário, sabe dessa intenção da comunidade?*

3 ***Sabrina:** Então, intenção existe, eles querem, todos, todos querem uma faculdade*  
4 *árabe onde os alunos, ou não, saiam dos colégios árabes e entrem numa faculdade*  
5 *árabe, que continue isso.*

6 *P: Mista? Daí... os meninos e as meninas ...*

7 ***Sabrina:** Sim, eles têm... eles sonham com isso.*

8 *P: É, você disse...*

9 ***Sabrina:** Sim, a comunidade, os diretores de escola, eles... é porque daí, eles*  
10 *preservam também um pouquinho a comunidade árabe, do mesmo jeito que*  
11 *ocorre...tipo... nas escolas, por mais que tenham alguns brasileiros que entram nas*  
12 *escolas pra estudar, éh... continua sendo uma comunidade totalmente árabe, com a*  
13 *mesma cultura, os...as mesmas tradições. E acho que isso, numa faculdade... eles*  
14 *querem também continuar preservando essas tradições.*

15 *P: Você acha que isso pode de alguma forma, pode isolar os descendentes de*  
16 *árabes, na comunidade?*

17 ***Sabrina:** Eu acho que pode sim, porque eu, por exemplo, estudei minha vida inteira*  
18 *num colégio árabe, onde as pessoas sabiam tudo sobre a cultura árabe, eu não*  
19 *precisava me explicar, não precisava... a gente vivia tipo a nossa sociedade, era uma*  
20 *sociedade árabe e eu acabei saindo no último ano pra ir num colégio brasileiro, o*  
21 *terceirão eu fiz((numa escola brasileira)). E no final desse ano, uma amiga minha que*  
22 *estudou também comigo, acho que uns 6, 7 anos no mesmo colégio, chegou pra mim*  
23 *e foi fazer cursinho, no mesmo colégio onde eu estava estudando. Ela falou pra mim:*  
24 *“Meu Deus, a gente morava numa bolha e não sabia”. Porque a gente foi afetado*  
25 *assim pela sociedade brasileira... assim foi, tipo, uma avalanche, assim e falei: “Meu*  
26 *Deus, onde a gente estava, estava no Líbano todo esse tempo e ninguém avisou?*

A comunidade de fala árabe em geral e os diretores da escola onde Sabrina trabalha já tiveram conversas iniciais sobre a abertura de uma faculdade em que uma das línguas de comunicação é o árabe, com vistas à preservação das

tradições e a continuidade dos estudos de educação básica. Sabrina representa essa ideia como um *sonho* (linha 7) para a comunidade – algo positivo que pode auxiliá-los na continuidade da promoção da língua árabe e preservação das tradições culturais árabe-islâmicas. A ideia de manutenção das tradições sociais e culturais dos “árabes-muçulmanos” teve grande peso para o grupo que faz parte dessa escola – considerando-se que ela é gerida de forma a contemplar especialmente os muçulmanos sunitas, uma vez que a mesquita está anexa a ela, mas é importante ressaltar que a escola não se restringe a ter alunos somente de famílias falantes de árabe e/ou muçulmanos. Na escola, de acordo com informações do diário de campo e das mídias sociais da instituição, a escola está aberta a todos, independentemente de seu grupo de pertença cultural ou filiação religiosa. Porém, pode-se afirmar que a maior parte dos frequentadores desta são indivíduos de ascendência e fala árabe, e de família de profissão do islã, na sua vertente sunita.

Apesar de reconhecer a importância desses investimentos em políticas linguísticas e culturais, Sabrina reconhece que frequentar somente esse meio coloca os indivíduos pertencentes a esse grupo como se estivessem, **metaforicamente falando**, dentro de uma *bolha* (linha 24). Ela parece perceber a importância de se viver o *entrelugar* e se relacionar com o Outro, de forma a não se limitar àquilo que o grupo de origem pode ofertar, estando aberta para receber o acolhimento e todas as vivências que as práticas interculturais podem oferecer.

**VII. Armando (17 anos): *Eu acho que eu tenho que casar agora com uma árabe que também eu continuo conversando com ela em árabe, com a minha mulher, com a pessoa que eu vou casar e tal, então o árabe é difícil agora, éh... pra tirar***

Como já foi mencionado, as políticas linguísticas familiares adotadas por uma comunidade de fala têm papel preponderante na transmissão e na manutenção da língua de herança no repertório linguístico do grupo. Pauwels (2005, p. 124) enfatiza que o tipo de família (exogâmica ou endogâmica), as estratégias de transmissão utilizadas e as atitudes e representações dos pais com relação às políticas familiares são essenciais se o objetivo é transmitir e usar a língua de herança. Sobre os tipos de famílias, inclusive, a pesquisadora demonstra em seu estudo que casais exogâmicos costumam passar por um processo mais acelerado

de mudança linguística, ao mesmo tempo em que a presença de parentes falantes da língua minoritária fortalece o uso da língua ao longo das diversas gerações.

### EXCERTO 33:

- 1 **Armando:** *Sim, até na minha família, tipo, era a cultura árabe, e bom por isso casar*  
 2 *com uma muçulmana*  
 3 **P:** *Certo*  
 4 **Armando:** *E aí, tipo, eu sou árabe muçulmano, melhor casar, que não é muito*  
 5 *obrigatório, essa coisa de religião eu não entendo muito na verdade e... mas, pelo*  
 6 *que eu acho que eu tenho que casar agora com uma árabe que também eu continuo*  
 7 *conversando com ela em árabe, com a minha mulher, com a pessoa que eu vou*  
 8 *casar e tal, então o árabe é difícil agora, éh... pra tirar*  
 9 **P:** *éh... você pensa em casar com uma árabe pra tentar manter o árabe em casa*  
 10 *assim como seus pais fizeram com vocês?*  
 11 **Armando:** *Sim*  
 12 **P:** *É isso que você quer fazer?*  
 13 **Armando:** *É.*  
 14 **P:** *Você pretende colocar seus filhos na escola árabe?*  
 15 **Armando:** *Sim, pretendo quando eles crescer na escola árabe a... se eles crescer*  
 16 *aqui, morar, vão vir aqui sabendo alguma coisa de onde o pai deles veio*

Armando mostra-se preocupado com a manutenção da língua árabe em sua família, considerando, inclusive, suas próprias práticas discursivas. Ele evoca a língua como algo positivo, assim como todos os outros participantes: algo a ser conservado e transmitido para as próximas gerações. Para ele, a necessidade do casamento com uma muçulmana extrapola suas obrigações religiosas e tem seu foco na manutenção da língua e da cultura de origem. Mesmo sendo tão jovem - Armando tinha apenas 17 anos à época -, ele percebe que será o patriarca de sua futura família e, sendo o primogênito, carrega a responsabilidade de conduzir, para as próximas gerações, tudo o que se relaciona às suas origens, deixando, assim, um legado a seus futuros filhos. A transmissão daquilo que concerne suas origens reforça o vínculo de Armando com a comunidade falante de árabe de Foz do Iguaçu. O sentimento de mostrar suas origens aos filhos parece ser muito forte, pois Armando afirma querer mostrar a eles *de onde o pai deles veio* (linha 16).

Armando vê na instituição “casamento” a possibilidade de se enraizar para receber os filhos e vislumbra sua futura esposa como uma mulher participante

para que o seu projeto de patriarcado dê certo e os seus traços identitários linguísticos e culturais sejam transmitidos, vivenciados e mantidos na sua família.

Por sua relação positiva, tanto com seu país de origem familiar (Líbano), quanto com seu país de nascimento (Brasil), pode-se afirmar que Armando invoca a língua árabe como um símbolo forte da sua relação com suas múltiplas facetas identitárias, sendo a língua uma das dimensões possíveis para se viver isso, sem ser necessária para tal, como é sabido. Ele percebe claramente que a presença de parentes falantes da língua minoritária fortalece o uso desta ao longo das gerações, assim como afirmado por Pauwels (2005, p. 124). E para complementar as estratégias linguísticas para sua futura família, Armando planeja colocá-los na escola árabe onde estudou, reconhecendo a importância desta na sua formação e vivência do *entrelugar*.

**VIII. Renata (29 anos): *Se tivesse algum cursinho particular eu preferia assim, igual inglês, espanhol, uma coisa mais rápida, assim é eu pref/ eu, assim, pretendo que ele continue o ensino aqui na língua portuguesa***

Vejamos as estratégias utilizadas por Renata para a transmissão e a manutenção da língua árabe em sua família.

**EXCERTO 34:**

- 1 **Renata:** (...) *que nem meu filho lá em casa, eu falo com ele 90% em português pra*
- 2 *que seja a língua de fluência dele*
- 3 **P:** *Certo*
- 4 **Renata:** *Eu acho que depois de uma certa, é, tanto que a minha irmã nasceu no*
- 5 *Brasil, tem (número) anos a ((nome da irmã)), só que o árabe dela é melhor que o*
- 6 *meu, por quê? Porque ela gosta do árabe, ela procura filmes em árabe, músicas em*
- 7 *árabe, ela fala*
- 8 **P:** *Tá...*
- 9 **Renata:** *mais fluente que eu, então daí eu acho que já é interesse da criança (...)*
- 10 *Falo com ele, algumas coisas eu falo em árabe, eu traduzo pro português pra ele*
- 11 *entender assim, 90% é português, mas algumas palavras eu acabo traduzindo pra*
- 12 *ele pro árabe pra ele pra ele saber, né? Oh, pra ele começar a aprender*
- 13 *devagarzinho, assim, pretendo mais pra frente colocar ele num cursinho, assim,*
- 14 *árabe, não que tem que estudar na escola e fazer, né?, mas assim, um cursinho pra*
- 15 *aprender pra melhorar eu pretendo, sim*
- 16 **P:** *E a escola árabe? Você pensa em colocá-lo na escola árabe mais pra frente? Uma*

- 17 *das escolas ou não?*
- 18 **Renata:** *Pois é, olha ((INC)) Na/Sinceramente nas escolas acho que não...Se tivesse*
- 19 *algum cursinho particular eu preferia assim, igual inglês, espanhol, uma coisa mais*
- 20 *rápida, assim... é, eu prefiro, eu, eu, assim, pretendo que ele continue o ensino aqui*
- 21 *na língua portuguesa*
- 22 **P:** *Certo*
- 23 **Renata:** *Estude, que faz o básico, né? Em português, mas assim algum cursinho*
- 24 *como se fosse um Fisk assim um professor particular pra ele, sabe/pelo menos o*
- 25 *básico, o alfabeto né?, as letras...*

Renata afirma preferir que a língua de uso majoritário de seu filho seja o português, considerando que esta é a língua de comunicação oficial do país em que se encontra. É notória a importância que ela dá ao uso eficiente do português pelo filho, e ela tem uma estratégia para isso. O uso da língua árabe é limitado, geralmente, a algumas palavras que são traduzidas, considerando que o filho dela tinha cinco anos na ocasião de geração dos dados para esta tese. Futuramente, ela pretende colocá-lo em um curso livre para que ele aprenda essa língua, atribuindo *status* de língua adicional de comunicação ao árabe, assim como qualquer outra língua adicional, para se aprender o *básico* (linhas 23 e 25), de forma mais *rápida* (linha 20), caracterizando, com esses **índices de referência e predicação**, a aprendizagem da língua árabe como algo secundário na formação educacional da criança.

Renata parece ser influenciada pela ideologia do monolinguismo nacional, que é a norma imperante no país, daí priorizar o uso da língua portuguesa com o filho. Essa ideologia é uma construção cultural de amplitude, incrustada nas relações sociais, e que reflete um descompasso entre a ideologia do monolinguismo (dominante, correspondente à língua majoritária de referência do filho de Renata) e as práticas plurilíngues do seu meio e da população da cidade de Foz do Iguaçu como um todo, sendo esta uma cidade internacional e turística, de fronteira, e com a presença de mais de 90 nacionalidades em seu contingente populacional. Consonante a essa ideia, Martin-Jones, Blackledge e Creese (2012, p. 3) afirmam que:

Embora a associação ideológica entre monolinguismo e nacionalidade ter sido criticada nas ciências sociais na atualidade, a crença de que cidadãos de um Estado-nação devem compartilhar somente uma língua tem se mostrado particularmente persistente no

discurso público e político, assim como em algumas áreas da pesquisa em Linguística.

A não observância da possibilidade de se investir na aprendizagem e no uso da língua árabe por Renata parece estar em consonância com a concepção de que a comunicação na língua do imigrante pode dificultar a integração na sociedade, e é uma indicação da crença equivocada de que a língua minoritária deve vir em segundo plano, pois pode impedir o pleno desenvolvimento na língua majoritária e de prestígio. Dessa forma, opta-se pela valorização da língua majoritária de comunicação, já que a língua adicional parece ser um acessório mínimo, de nível elementar, restrito a algumas palavras na comunicação.

Diante do que foi exposto pelos participantes da pesquisa por mim empreendida e discutido até aqui, pode-se afirmar que os desafios que as famílias podem enfrentar no estabelecimento de políticas linguísticas em nível macro e que contribuem para a transmissão e a manutenção da língua de herança são significativos e exigem atenção da comunidade se o objetivo é o de manter a língua árabe como uma língua funcional e de comunicação nesse grupo etnolinguístico. Pauwels (2005, p. 127) enfatiza a quantidade de esforço e dedicação empreendidos para o ensino e a aprendizagem da língua da comunidade, que pode servir como mola propulsora do uso da língua; as atitudes e representações da própria comunidade com relação à sua língua de herança e as línguas do repertório verbal da comunidade, que podem valorizar ou rejeitar o uso da língua de herança; a experiência do grupo com os ambientes plurilíngues, que pode influenciar positivamente o uso de mais de uma língua em diversos contextos, conforme a necessidade; e também o nível de proficiência dos membros da comunidade, que pode funcionar como meio de assegurar o desenvolvimento da língua além do nível elementar. Considerando esses locais de resistência para que a mudança e a perda linguísticas não sejam processos inevitáveis, cabe aos indivíduos e à comunidade a conscientização acerca da questão das línguas em seu meio, desenvolvendo estratégias com vistas a ampliar o uso da língua minoritária e, também, da proficiência nela, caso a comunidade já não tenha mais tantos membros fluentes, de proficiência avançada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que os inserta no movimento permanente de procura que se alicerça na esperança. [...] Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida (FREIRE, 1996, p. 23).

Como não poderia destoar do processo de construção de qualquer tese de doutoramento, o estudo ora apresentado foi complexo por natureza e repleto de desafios e descobertas – as tais dores e delícias de se conhecer um pouco mais, não somente sobre as histórias de migração da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, mas também de minha própria família, sendo eu filha e neta de imigrantes palestinos no Brasil. Como tal, foi um movimento gradativo de construção e apreensão das nuances multifacetadas daquilo que muitas vezes parece óbvio para alguns, distante para outros, e que acabam por compor as construções identitárias dos indivíduos participantes desta pesquisa – e a minha própria. Cada momento dessa construção foi fundamental para este “produto final” – incompleto, inacabado, em construção, assim como esta pesquisadora e todo e qualquer estudo que envolva identidades e o entrelaçamento desta com discurso, sociedade e cultura. Portanto, embora eu tenha me empenhado em concluir a apresentação dos significados construídos ao longo dos últimos anos a partir das narrativas comigo compartilhadas, estas seguramente são apenas uma parte da ponta do iceberg de outras investigações que abordam questões sobre o “mundo árabe” que já existem, ou podem vir a existir.

Com foco na contribuição para uma melhor compreensão a respeito dos discursos sobre identidades culturais adotados por membros da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, no Paraná, e a maneira como evocam a língua árabe como uma das faces de suas construções identitárias, busquei preencher parcialmente uma lacuna de pesquisa na vertente da Linguística Aplicada a qual me filio (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006), ao mesmo tempo em que espero ter podido dar voz a membros de um grupo minoritarizado de imigrantes no país. As



narrativas por eles compartilhadas serviram como instrumento de análise e referência às questões de identidades linguísticas e culturais, ao mesmo tempo em que foram fundamentais no tratamento das representações e posicionamentos interacionais, partindo do princípio de que as narrativas são um espaço político nada neutro de contestação de lugares socioculturais. Dessa maneira, as narrativas-base deste estudo puderam contribuir para uma compreensão ampliada da realidade vivida por essa comunidade silenciada, bem como seus símbolos de referência, emprestando visibilidade às histórias de vida desses falantes de árabe e às suas relações com o entorno, já que as identidades são construídas na interação.

Numa tentativa de organizar a análise de dados, o conteúdo principal das narrativas foi dividido em três grandes temas: (1) história familiar de migração; (2) identidades culturais e relação com o entorno; e (3) reflexões sobre a língua árabe. Essas temáticas se entrelaçaram em diversos momentos e direcionaram as reflexões acerca das construções identitárias e posicionamentos emergentes no discurso dos participantes de pesquisa.

É sabido que a mobilidade é quase que como um hábito que faz parte da vida de um contingente significativo de indivíduos ao redor do mundo. Nic Craith (2012, p. 1) enfatiza que:

embora a migração seja algumas vezes considerada um subproduto da globalização e um aspecto da vida que é específico do fim do século vinte e começo do século vinte e um, a realidade é bem diferente. A migração tem sido uma característica regular da vida humana e animal desde o início dos tempos.<sup>150</sup>

O deslocamento de indivíduos, assim, não foi e não é privilégio daqueles que são oriundos do “mundo árabe”. E como em qualquer movimento desse tipo, notam-se características peculiares, que variam conforme o momento histórico e político, assim como as condições de reterritorialização no local de acolhimento. Baseado nos dados aqui analisados, pode-se afirmar que alguns dos estopins comuns da migração de países de língua árabe para o Brasil e para Foz do Iguaçu relacionam-se à fuga de uma situação de guerra; perseguições políticas e/ou

---

<sup>150</sup> No original: “Although migration is sometimes considered a by-product of globalization and an aspect of life that is particular to the late twentieth and early twenty-first centuries, the reality is quite different. Migration has been a regular feature of human and animal life since the beginning of times.”

religiosas; e a busca por melhores condições de vida, independentemente de o motivo ser relacionado aos fatores anteriores, ou não.

Considerando as molas propulsoras do deslocamento, os participantes deste estudo, em sua maioria, construíram a imagem do empreendimento migratório Países de Língua Árabe – Brasil como algo sofrido, perpassado por dificuldades e sacrifícios. Todos deixaram seus países de origem, sem incentivo financeiro de nenhuma das partes (governos de países de língua árabe ou brasileiro), posicionando-se, assim, como vítimas desamparadas das circunstâncias. Apesar do medo, dos entraves, da solidão – normalmente o movimento inicial de reterritorialização era realizado por homens que, sozinhos, deixavam suas famílias para trás enquanto se estabeleciam no Brasil, sendo o espaço de imigração árabe predominantemente masculino no momento de migração deste grupo que se estabeleceu em Foz do Iguaçu<sup>151</sup> – esses imigrantes conseguiram se superar e superar as barreiras (da comunicação em língua portuguesa, dos distintos aspectos culturais brasileiros, das privações financeiras, das dificuldades de inserção e integração social, apenas para citar algumas), transformando os reveses em oportunidades de reconstrução de suas vidas. Assim, a imagem do “árabe guerreiro”, de postura combatente, comandante bem-sucedido do empreendimento migratório, foi exaltada por esse grupo, que enfatizou a resiliência como fator fundamental no estabelecimento no novo país.

Da mesma forma que se deu o estabelecimento dos imigrantes falantes de árabe no Brasil como um todo, esta se deu da mesma maneira na cidade de Foz do Iguaçu, com o comércio sendo a atividade primordial de sustento dos imigrantes. Recorrer às atividades comerciais para o próprio sustento é característica predominante das primeiras gerações desses imigrantes e seus descendentes no Brasil, o que corrobora a imagem que prevalece sobre esse grupo, isto é, que eles seriam todos mascates, comerciantes. As novas gerações, no entanto, aparentam estar mais abertas para o investimento nas profissões liberais, estabelecendo-se socialmente de forma diferenciada em comparação aos seus ancestrais. Mas de qualquer forma, é importante ressaltar que, independentemente do caminho profissional que o imigrante falante de árabe e seus descendentes escolheram para

---

<sup>151</sup> Ressalto aqui o espaço masculino da migração de falantes de árabe naquele momento, pois na atualidade, quando se considera o contexto da migração de refugiados oriundos de países de língua árabe, os dados mais recentes mostram a grande presença de mulheres e crianças.

si, esses foram e tem sido bem-sucedidos em sua integração econômica e social em Foz do Iguaçu, e é justamente essa integração que marca o sucesso do movimento migratório desse grupo que ali se estabeleceu.

Além de narrarem as dificuldades desse empreendimento, foi notória a expressão de sentimento de gratidão para com o Brasil e com os brasileiros por terem acolhido esses imigrantes e seus familiares. A afetividade foi uma das características marcantes quando eles/elas descreveram o deslocamento familiar e o processo de reterritorialização no país e, especificamente, em Foz do Iguaçu. Afinal, seus familiares conseguiram, não somente ter suas necessidades econômicas atendidas, no geral, como também foram bem acolhidos socialmente falando, com exceção de alguns poucos casos de discriminação descritos em suas narrativas.

Os participantes da pesquisa narraram, além disso, o estabelecimento de suas famílias em Foz do Iguaçu como algo positivo, principalmente pela rede de apoio já estabelecida na cidade que encontraram. A presença de instituições que promovem vivências das culturas dos países de fala árabe contribui positivamente para a construção do sentido de pertença, especialmente no momento inicial do processo de reterritorialização, além de essas instituições se tornarem referências para o estabelecimento das famílias na cidade e no Brasil, uma vez que também disponibilizam informações necessárias para recém-chegados. O sustento dessas instituições, descritas no capítulo 2 desta tese, foram fulcrais na construção e no fortalecimento deste grupo em uma cidade internacional como Foz do Iguaçu, bem como na preservação das memórias do movimento migratório e da língua árabe, reforçadas com a grande visibilidade das manifestações linguísticas e culturais na paisagem de Foz do Iguaçu. Ao mesmo tempo em que Foz do Iguaçu “poliédrica” (OLIVEIRA, 2012a) e as instituições relacionadas aos imigrantes falantes de árabe são fontes de preservação de memórias e de elementos culturais de herança, são também a base da tentativa e da adaptação ao novo contexto social e cultural, em que se deve aprender a (con)viver com o novo, enquanto se constrói o sentimento de pertença e de viver bem no *entrelugar*. Mais do que um deslocamento, o movimento migratório é um processo de busca de si mesmo, de reconstrução de crenças, de costumes, e de vida.

A rede de apoio, responsável por preservar memórias e acolher recém-chegados, também se organiza para retribuir ao Brasil e aos brasileiros, via

instituições de caridade, aquilo que receberam ao se estabelecerem aqui, o que reflete a solidariedade da comunidade e seu senso de coletividade e responsabilidade social na nova morada. A organização social e política deste grupo em Foz do Iguaçu é marcada, portanto, por uma troca frutífera com o entorno, representada pelas ações individuais e coletivas na cidade, e que impactam positivamente o desenvolvimento econômico e social de Foz do Iguaçu.

Aproveitando o gancho com o sentido de comunidade dos falantes de árabe em Foz do Iguaçu, vale ressaltar que esses têm na família seu valor maior, assim como o é nos países de origem. A família, para o “árabe”, é a maior e mais importante “entidade” para os indivíduos e o local onde exercitam seus valores e vivenciam a afetividade pela qual este grupo é tão conhecido. Pode-se afirmar que é um lócus de grande apego e referência na realização das construções identitárias e ao qual costumam ser muito fieis. É pensando-se na preservação da família como um todo que muitas das histórias de imigração aqui relatadas se desenvolveram; foi na família (nuclear e extensiva) que se deu o apoio necessário no estabelecimento no Brasil como a primeira rede de apoio financeiro e afetivo.

Ainda pensando-se na família, em Foz do Iguaçu, nota-se até então, nas narrativas examinadas, uma tendência de preservação das tradições desse grupo. Isso decorre do fato de a maioria absoluta dos falantes de árabe em Foz do Iguaçu professarem a fé islâmica e, por isso, o casamento com não-muçulmanos, a princípio, não é permitido, salvo quando o cônjuge se converte ao islamismo. Assim, no caso de casamentos interétnicos, o casal deve se casar no religioso, assim como os cristãos, por exemplo, se pretende seguir com a religião para manter as tradições familiares, considerando que a família é o pilar de sustentação dos indivíduos e, por isso, preservar os valores relacionados a ela não é algo tão frequentemente questionado nesta comunidade.

Os participantes desta pesquisa se posicionaram reiteradamente como orgulhosos de suas origens, definindo, assim, uma relação muito positiva com aspectos das suas culturas de herança. A emotividade permeou os relatos, demonstrando esse forte vínculo. Foram invocados a língua, o país de origem da família, as relações familiares, a rede de apoio em Foz do Iguaçu, a gastronomia, a música e algumas tradições como elementos componentes da construção identitária dos falantes de árabe em Foz do Iguaçu.

Muito evidente é a conexão que fazem de suas construções identitárias com suas identidades nacionais. Porém, essa dualidade (Brasil – País de Fala Árabe) deve ir além do que é ser oriundo de país de língua árabe (libanês, palestino, sírio, etc.) ou ser brasileiro. Ela passa por um processo de contestação, de negociação de múltiplas facetas que compõem os indivíduos. Assim, ela passa pela relação com o Outro. Uma das perguntas para reflexão é como esses indivíduos construíram suas identidades culturais de herança no contexto de acolhimento – um contexto tão particular quanto o de uma cidade internacional de fronteira trinacional e com uma população tecnicamente acostumada com o ir e vir de indivíduos de outras localidades e com as múltiplas identidades que a constituem por natureza. Ser multi e intercultural é uma das características marcantes de Foz do Iguaçu.

As dúvidas e questionamentos das construções identitárias polarizadas pelas identidades nacionais, tão enfatizadas nas performances discursivas dos participantes deste estudo, são apenas um reflexo do contexto local (de acolhimento) ao mesmo tempo em que se mantém lealdade à nação de origem. Segundo Bauman (2000, p. 216 e 219):

Ao promover o princípio de que a unidade étnica supera todas as outras lealdades, o Estado-nação foi o único “caso de sucesso” da comunidade nos tempos modernos, ou, melhor, a única entidade que apostou no estatuto da comunidade com algum grau de convicção e efeito. [...] Na narrativa nacionalista, “pertencer” é um destino, não o produto de uma escolha ou de um projeto de vida.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a associação entre identidades nacionais e etnicidade essencializa o conceito de identidades e limita possibilidades de vivências, indo de encontro à modernidade líquida que caracteriza as relações no século XXI. Sendo sujeitos discursivos, nossas identidades linguísticas e culturais são plurais, flexíveis, cambiantes, e o espaço de enunciação das diversas vozes sociais em jogo também o são, por conseguinte. Bauman (2000, p. 222-223) reforça que:

a volatilidade das identidades, por assim dizer, encara os habitantes da modernidade líquida. E assim também faz a escolha que se segue logicamente: aprender a difícil arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam necessário esse aprendizado.

Por fim, considerando a unanimidade do orgulho que os imigrantes falantes de árabe e seus descendentes afirmaram sentir de suas origens, a

percepção de muitos de que vivem um *entrelugar*, as alegações sobre “dupla identidade”, “perda de identidade” ou até mesmo “cidadãos sem identidade”, todos evidenciados na análise e discussão de dados desta tese, Cuche (2002, p. 193) explica que:

A pretensa “dupla identidade” dos jovens de origem imigrante está ligada na realidade, a uma identidade mista. Ao contrário do que afirmam certas análises, estes jovens não têm duas identidades opostas entre as quais eles se sentiram divididos, o que explicaria sua perturbação de identidade e sua instabilidade psicológica e/ou social. Esta representação nitidamente desqualificante vem da incapacidade de pensar o misto cultural. Ela é explicada também pelo medo obsessivo de uma dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional.

Para demonstrar a construção de subjetividades, alguns participantes recorreram à materialização de símbolos como evidências concretas de seu *entrelugar* e como representantes de seus sentimentos de pertença. Desde uma camiseta em que se lê que o indivíduo é “50% libanês, 50% brasileiro, 100% perfeito”, até o documento de identificação brasileiro foram invocados nas atribuições de sentido desses sujeitos. Inclusive, o documento nacional de identidade, que marca a naturalização brasileira, parece ser o símbolo mais forte dessas associações, já que pode ser considerado um papel permanente da vivência de um dos dois (ou mais) mundos de referência determinados por estes participantes, e que define o local do indivíduo na sociedade, ao mesmo tempo em que protege, simbolicamente, o imigrante de situações discriminatórias e de desrespeito à diversidade. Com isso, para alguns imigrantes falantes de árabe, seu sentido de valia está no documento que determina que ele seja como os Outros do seu entorno. Dessa maneira, ter o documento permanente brasileiro – como afirmado por alguns participantes – serviu de instrumento de garantia de reconhecimento de seu *status* na sociedade brasileira.

Pode-se notar nas narrativas aqui focalizadas que os conflitos relacionados às construções identitárias não se relacionam às suas origens, uma vez que os participantes desta pesquisa demonstraram orgulho imenso de sua herança cultural. O problema principal parece estar no tom do acolhimento no país anfitrião, seja este proveniente do entorno não-árabe, ou de membros da própria comunidade de fala árabe de Foz. Levando em consideração a importância do

documento brasileiro para alguns participantes e outras observações feitas na análise e discussão dos dados, é a relação com o Outro que vai determinar como o imigrante se sente e age em meio ao seu processo de reterritorialização – um espaço de recriação individual e co-construção na coletividade. E é na articulação das diferenças que as identidades são construídas e negociadas – no *entrelugar* – pois são essas diferenças que “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 1998, p. 20).

Na análise dos dados realizada, constatou-se que o sentimento de confusão no acolhimento se dá, não somente na comunidade não-falante de árabe, mas também na comunidade falante de árabe. Primeiramente, com relação ao tratamento recebido pela comunidade não-falante de árabe, nota-se, em alguns momentos, estranheza e certo preconceito, causado possivelmente, ou pela influência dos valores postulados pelo orientalismo, ou por simples desconhecimento do “mundo árabe”. Como muito bem afirmou Bauman (2017, p. 13-14),

estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes”. [...] Sobre os estranhos, porém, sabemos muito pouco. [...] E a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo. Esses são, podemos dizer, problemas universais e atemporais quando há “estranhos em nosso meio”.

A respeito da demonização do Oriente pelo Ocidente (SAID, 2007), percebe-se grande influência das teorias orientalistas criadas pelo Ocidente para colonizar territorial e culturalmente o “mundo árabe”, numa tentativa de dominação pela influência do discurso hegemônico. Nic Craith (2012, p. 2) afirma que parece ser clara a existência de binarismos com relação à origem e ao catalisador do movimento migratório, atestando a referência de dois pesos e duas medidas na recepção do migrante. De acordo com a pesquisadora,

padrões binários e pensamentos paradigmáticos são geralmente aplicados a imigrantes mais pobres que são vistos como o ‘outro’ – em oposição a nós. Nós somos sofisticados, eles são selvagens; nós somos diligentes, eles são letárgicos; nós somos éticos, eles são criminosos. [...] Tal pensamento binário em relação ao outro também é claramente aplicado no contexto Oriente/Ocidente. Isso era uma preocupação primária no *Orientalismo* de Said. Como o outro migrante, indivíduos do Oriente são percebidos como inferiores e

primitivos e em uma necessidade urgente de se civilizar (NIC CRAITH, 2012, p. 2-3).<sup>152</sup>

Generalizações discriminatórias que associam o falante de árabe (imigrante ou descendente) com terroristas, homens/mulheres-bomba, seres inferiores aos ocidentais, entre tantas outras caracterizações depreciativas, posicionam esses indivíduos em tom de desvalia, afetando negativamente a vida dessas pessoas – seres humanos comuns, que tentam conduzir sua vida com dignidade, que tentam reconstruí-la num local distante e longe dos conflitos que assolam sua terra natal – e que já impõem uma barreira, oprimindo-os e excluindo-os da sociedade. De acordo com van Dijk (2008, p. 19), “as formas usadas pelos discursos dominantes para enfatizar as características negativas dos grupos étnicos de fora se tornam problemáticas especialmente quanto a seus possíveis efeitos nas mentes dos receptores”. Dessa maneira, a construção da imagem do “árabe” baseada nessas epistemes criadas e alimentadas pelo macrodiscurso estereotipado de indivíduos de ascendência árabe é fonte de *bullying* social, particularmente no ambiente escolar, local em que supostamente os indivíduos deveriam ser acolhidos social e afetivamente. Van Dijk (2008, p. 20-21, grifo meu) enfatiza que:

Nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais (planos, etc.) que são informados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos assim um círculo vicioso e vemos como o discurso está crucialmente envolvido na reprodução do racismo, em geral, e na formação de ideologias racistas subjacentes, em particular. [...] **Além do discurso político e midiático, é o discurso da educação e da pesquisa o mais influente, ideologicamente falando, na sociedade.**

Em virtude da relevância do discurso educacional, que se dá não somente pelas intervenções diretas e ações pedagógicas em sala de aula, mas também pelos materiais didáticos, em nível micro, e pelo currículo, em nível macro, que reforço como **fundamental** a postura e o papel dos professores, formadores e agentes de políticas educacionais na minimização dos efeitos do discurso dominante de discriminação e na realização de um acolhimento pleno da diversidade que nos cerca. Daí a importância desse público, como multiplicadores de práticas discursivas

---

<sup>152</sup> No original: “Binary standards and paradigmatic thinking are usually applied to poorer immigrants who are viewed as the ‘other’ – the opposite of us. We are sophisticated, they are uncivilized; we are diligent, they are lethargic; we are moral, they are criminal. [...] Such binary thinking towards the other has clearly also applied in an East/West context. This was a primary concern in Said’s *Orientalism*. Like the migrant other, individuals in the East are perceived as inferior and primitive and in dire need of civilizing”



e ações de fomento ao respeito à diversidade cultural, de conhecer tanto o macrodiscurso quanto as representações e posicionamentos referentes às construções identitárias dos imigrantes falantes de árabe no Brasil e seus descendentes, especialmente aqueles em processo de reterritorialização – ou de qualquer outro grupo minoritarizado sujeito aos efeitos do discurso hegemônico seletivo, a favor de imigrantes europeus e estadunidenses, em particular.

As ações e posturas dos atores educacionais têm função crucial e preponderante no processo de reterritorialização de qualquer imigrante, e são precisamente esses movimentos que vão ditar o tom do acolhimento daqueles que vivem o *entrelugar* de forma tão intensa. Tais observações emergiram nos discursos de duas participantes desta pesquisa, em particular, e reforçaram que as atitudes do professor, como articulador da inteligência coletiva do grupo, influenciaram altamente o sentimento de pertença (ou não) das participantes em questão. De um lado, tivemos Renata, imigrante libanesa naturalizada brasileira, que ao ter que produzir um texto sobre “seu país”, foi questionada por sua professora por ter escrito sobre o Líbano, o que impactou negativamente a vida desta estudante, que considerava, à época, que seu documento permanente brasileiro – símbolo da materialização de sua construção identitária – seria instrumento suficiente para driblar animosidades e protegê-la de possíveis discriminações por suas origens. Esta mesma participante relatou, inclusive, que percebe terem se acentuado ocorrências de *bullying* e discriminação após os ataques às Torres Gêmeas, momento em que países fora do circuito Estados Unidos-Europa passaram a comprar e vender mais fortemente o discurso do “árabe” como uma ameaça à paz mundial e aos indivíduos pertencentes ao mundo ocidental (SAID, 2007). Porém, considerando a força dos discursos dominantes e seu impacto na sociedade como um todo,

não é de se estranhar que a maior parte dos membros dos grupos dominantes (mais) brancos conheçam pouco sobre as vidas diárias dos “Outros”, e o que eles sabem e acreditam tenda a ser estereotipado, negativo, quando não tendencioso. Essas crenças são a base de sua interação cotidiana com e sobre os “Outros”, o que transparece também em seus discursos, reproduzindo, assim, o sistema de dominação racista que continuará até o momento em que os grupos minoritários sejam capazes de adquirir poder ideológico, social e político suficiente para desafiar essa dominação (VAN DIJK, 2008, p. 22).

Retomando as ilustrações de duas participantes sobre a relação com o Outro em contexto escolar, tem-se, por outro lado, Lara, imigrante palestina naturalizada brasileira que, ao ser interpelada por um colega em sala que desconhecia o país de origem dela, e por outro que desvalorizava o fato de esta ser falante de árabe, teve a oportunidade de se defender em ambos os casos, sendo que no primeiro, contou um pouco da história da Palestina e esclareceu o estudante, que até então não sabia da existência deste país e pensava, como tantos, que todos os falantes de árabe de Foz do Iguaçu são libaneses. Em ambos os casos, a postura da professora determinou o sentido de pertença de ambas as imigrantes: Renata sentiu-se diminuída, enquanto Lara, empoderada.

Esses são apenas simples exemplos do quanto uma pequena ação (a abertura para o esclarecimento sobre o país de origem), uma única pergunta (“Afim de contas, teu país é o Brasil ou o Líbano?”), ou a atitude de minha professora no Pré-1 (proibir-me de usar a língua árabe e solicitar que minha mãe fizesse o mesmo fora da escola) podem catalisar reações e interferir a favor ou contra a forma que se dará o acolhimento dos imigrantes e/ou de seus descendentes, a partir da maneira como estes se posicionam e são posicionados pelo Outro. Sendo a escola um dos locais principais, conjuntamente com a família, de interação das crianças e de construção das referências sociais e culturais que direcionarão seu comportamento com relação à diversidade linguística e cultural que os cerca, seus atores sociais devem atentar para o fato de que essas instituições são locais potenciais de reprodução de posturas racistas e discriminatórias, pois:

o discurso pedagógico define a ideologia oficial e dominante, estabelecendo o conhecimento e opinião oficial, sem dar lugar a debate ou controvérsia. É dessa forma que muitas crianças, pela primeira vez, recebem informações sobre os povos de outras partes do mundo, sobre imigração e imigrantes ou sobre negros ou povos indígenas de outra parte da cidade, do país e do continente. Até hoje, essas informações quase sempre são sucintas e, não raramente, tendenciosas (VAN DIJK, 2008, p. 21).

Seguindo com as colocações referentes às formas que os autopoicionamentos e os posicionamentos do Outro impactam o sentido de pertença e as construções identitárias de alguns imigrantes falantes de árabe e seus descendentes em Foz do Iguaçu, passo às observações referentes à relação de alguns participantes com a própria comunidade falante de árabe local. Apesar de

este grupo se esforçar em acolher seus conterrâneos e suas famílias, quando esse acolhimento se refere às mulheres, notam-se algumas restrições. Sendo as sociedades nos países de fala árabe reconhecidamente patriarcal, assim como o são em muitas localidades no mundo – em especial, na América Latina e na África – elas prezam pela supervalorização do homem em relação à mulher, que no geral deve assumir uma posição secundarizada, uma postura dependente, submissa e obediente aos homens da família, enquanto o homem é visto como o provedor e a autoridade na família e na sociedade, o responsável pela tomada de decisões. Assim, destaca-se a assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres, o que alimenta o sexismo e a consecução do objetivo de se poder viver numa sociedade mais justa e igualitária.

Ao se estabelecerem em Foz do Iguaçu, os primeiros imigrantes falantes de árabe procuraram, naturalmente, preservar ao máximo as tradições culturais do país de origem, mantendo uma obediência aos padrões da época inicial de seu estabelecimento. Nesse contexto, privilegia-se um modelo social de mulheres dependentes, responsáveis pelo bom andamento do cotidiano familiar, e subordinadas às escolhas dos homens de suas famílias, sendo assim oprimidas pelas limitações impostas pela sociedade. Porém, muitas dessas tradições tornaram-se inadequadas e inoperantes para as novas gerações, principalmente naquilo que concerne o comportamento das mulheres. Ao não seguir aquilo que era esperado dela na totalidade, Sabrina, participante desta pesquisa que segue a vertente sunita o islamismo e usa as vestimentas tradicionais por escolha própria, sente-se excluída pela comunidade de falantes de árabe local pelo fato de ser uma mulher independente, que estuda, trabalha e ganha seu próprio dinheiro. Sofia – outra participante que também construiu carreira, mas que apesar de seguir a corrente xiita do islamismo, não usa as vestimentas típicas – ressaltou o mesmo tipo de sentimento de não pertencer a nenhuma de suas comunidades de referência, por viver num *entrelugar* e sua comunidade-base não ter avançado nas questões relacionadas às diferenças de gênero e papéis sociais de homens e mulheres. E, com isso, eram posicionadas pelo Outro local como “estrangeiras” em sua própria comunidade de herança, tanto no Brasil, quanto no Líbano, tendo assim afetado seu sentido de pertença a esses grupos. Sofia era considerada simultaneamente muito tradicional para os padrões de comportamento brasileiros (no Brasil) e libaneses (no Líbano), mas muito liberal para os padrões da comunidade libanesa de seu entorno,

portanto vivendo no limbo das múltiplas faces de suas construções identitárias e das escolhas de vida que fez para si em termos profissionais e acadêmicos. E Sabrina era tida como a “libanesa falsificada” ou a “brasileira disfarçada de árabe”.

Considerando que as identidades se constroem nas diferenças, tais posicionamentos contribuíram para alguns conflitos pessoais nas construções identitárias dessas duas moças que, apesar de sentirem orgulho de sua herança familiar, sentiam-se acolhidas parcialmente (quando não excluídas) pelo entorno. A vivência do limbo, do terceiro lugar, do *entrelugar* (BHABHA, 1998), assim, não parecia ser algo proveitoso e enriquecedor como deveria ser em face do sofrimento causado a mulheres conscientes de seu valor e de sua dignidade numa sociedade árabe-brasileira muitas vezes tradicionalista e patriarcal. Vale ressaltar que esta é uma especificidade da comunidade de falantes de árabe de Foz do Iguaçu, considerando que é uma exceção, em termos de migração para o Brasil com a predominância de indivíduos professantes da fé islâmica.

Em referência à forma que os participantes da minha pesquisa evocaram a língua árabe, pode-se afirmar que estes sentem o mesmo orgulho de conhecer e usar a língua de seus ancestrais, quanto de sua herança cultural como um todo. Sem exceção, todos os participantes reconheceram as vantagens de ser plurilíngue, em termos cognitivos, sociais, culturais e econômicos, colocando a língua árabe no patamar de um ativo que só tem a contribuir para com suas vidas. Os participantes desta pesquisa demonstraram grande sensibilidade à comunicação e ao contexto desta numa cidade plurilíngue como Foz do Iguaçu. Além disso, os participantes construíram a imagem da língua árabe como a língua da afetividade, sendo esta uma das formas de atribuir mais sentido àquilo que estão comunicando.

Considerando a composição multi e intercultural de Foz do Iguaçu, pode-se dizer que a cidade é um paraíso para aqueles que querem usar a língua árabe em seu dia a dia. Além da paisagem linguística riquíssima que contempla a língua árabe em diversos contextos, do acesso a múltiplos meios de comunicação que têm na língua árabe sua língua principal (quando não única) de comunicação, os imigrantes, seus descendentes e os interessados em desenvolver suas competências comunicativas em árabe têm espaço garantido para suas práticas discursivas, dado o contexto das políticas linguísticas comunitárias – em nível micro, já que tal apoio não se converte às políticas linguísticas em nível macro. Diversas instituições da cidade oferecem acesso para tal, a saber: institutos de línguas,

escolas de educação básica, associações beneficentes, locais de profissão da fé islâmica, entre outros. Ademais, a presença significativa de imigrantes falantes de árabe e seus descendentes também pode ser uma forma de acesso para a prática de uso da língua no meio social.

Perante o exposto, pode-se afirmar que, no momento da geração de dados, havia um ambiente bastante propício, na cidade de Foz do Iguaçu, para a transmissão e a manutenção da língua árabe, decorrente principalmente das políticas linguísticas comunitárias. E como é sabido, o fortalecimento das línguas de imigrantes depende invariavelmente das políticas linguísticas *comunitárias* e *familiares* para sua preservação. Portanto, em nível comunitário, é oportunizado à população de Foz do Iguaçu o acesso à língua árabe, tanto para fins de estudo quanto para uso efetivo na comunicação.

Já em nível de políticas linguísticas familiares, as ações são, obviamente, mais individuais e dependem única e exclusivamente da organização das famílias para que a transmissão e a manutenção da língua árabe como língua de comunicação ocorram, e acredito que é aí que está o maior desafio para esse grupo.

Levando em conta a afiliação étnica e o engajamento cultural da comunidade de falantes de árabe como característica representativa deste grupo, a preservação da língua árabe é algo que pode facilmente ocorrer dada sua promoção e suas possibilidades de exposição e de práticas comunicativas, desde que haja um investimento individual na sua aprendizagem e na busca por oportunidades de uso, já que não é a língua de comunicação da maioria. E se for considerado que nas sociedades pós-modernas, as “línguas não podem ser somente ‘marcadores de identidade’, mas também locais de resistência, empoderamento, solidariedade ou discriminação” (PAVLENKO; BLACKLEDGE, 2004, p. 4),<sup>153</sup> o investimento na preservação da língua árabe nesta comunidade pode ser um ativo na promoção do respeito à diversidade cultural e linguística em Foz do Iguaçu; um compromisso com os direitos linguísticos e culturais e com a comunidade local como um todo.

---

<sup>153</sup>No original: “Languages may not only be ‘markers of identity’, but also sites of resistance, empowerment, solidarity, or discrimination”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Gramática**: texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2006.
- AHEARN, L. M. Agency and language. In: JASPERS, J.; ÖSTMAN, J.-O.; VERSCHUEREN, J. **Society and language use**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010, p. 28-48. (Handbook of Pragmatics Highlights,7). Disponível em: <<https://doi.org/10.1075/HOPH.7.03AHE>>. Acesso em: 10dez.2013.
- ALMUBAYEI, D. S. Language and the shaping of the Arab-American identity. **UTA Working Papers in Linguistics 2006-2007**, v. 2, p. 90-119, 2007.
- ARRUDA, A. M. T. **A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad Del Este (Paraguai)**. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UnB), 2007.
- ASKER, A.; MARTIN-JONES, M. "A classroom is not a classroom if students are talking to me in Berber": language ideologies and multilingual resources in secondary school English classes in Lybia. **Language and Education**, v. 27, n. 4, p. 343-355, 2013.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- BAMBERG, M. Positioning. In: HERMAN, D.; JAHN, M.; RYAN, M.-L. **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2008, p. 445-446.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAYNHAM, M. Performing self, family and community in Moroccan narratives of migration and settlement. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M (Orgs.). **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 376-397.
- BAYNHAM, M. Network and agency in the migration stories of Moroccan Women. In: BAYNHAM, M.; DE FINA, A. (Eds.). **Dislocations/Relocations**: narratives of displacement. Manchester: St. Jerome, 2005, p. 11-35.
- BERENBLUM, A. **A invenção da palavra oficial**: identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BIZON, A. C. C. **Narrando o exame Celpe-Bras e o PEC-G**: a construção de territorialidades em tempos de internacionalização. 2013. 445 f. Tese (Doutorado em

Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2013.

BLOMMAERT, J. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, J.; JIE, D. **Ethnographic fieldwork: a beginner's guide**. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

BRANDÃO, Z. **A dialética micro/macro na Sociologia da Educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 113, p. 153-168, jul. 2001.

BRASIL. Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo de 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 24 out. 2016.

BRAZ, E. S. **Línguas e identidades em contexto de fronteira Brasil/Venezuela**. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2010.

BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Eds.). **Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture**. Amsterdam: John Benjamin, 2001.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.

BRUNER, J. Life as narrative – Reflections on the self. **Social Research**, v. 54, n. 1, p. 11-32, 1987.

BRUSCHI, M. E. **As narrativas das gotas d'água pós-modernas: Sex And The City e o fantasma do amor romântico**. 2009. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 2009.

BULLA, G. S.; SILVA, R. L.; LUCENA, J. C.; SILVA, L. P. Imigração, refúgio e políticas linguísticas no Brasil: reflexões sobre escola plurilíngue e formação de professores a partir de uma prática educacional com estudantes haitianos. **Organon**, Porto Alegre, v.32, n. 62, 2017. Disponível em: <[www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/72346/42113](http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/72346/42113)>. Acesso em: 18 jan. 2018.

CABRAL, I. L. C. **Multilingual talk, classroom textbooks and language values: a linguistic ethnographic study in Timor-Leste**. 2015. 423f. Tese (Doutorado em Filosofia). University of Birmingham (UoB), 2015.

CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. **Applied Linguistics Review**, v. 2, p. 1-28, 2011.

CARDOZO, P. F. Visibilidade e invisibilidade da comunidade libanesa de Foz do Iguaçu: identidade em debate. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 2, n. 3, p. 43-59, 2016.

CARDOZO, P. F. Eu nasci no Brasil, mas o Líbano é o meu país – jovens descendentes de libaneses em Foz do Iguaçu: identidade plural. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 58, p. 13-37, jan./jun. 2013.

CASTANHO, E. G. **Entre a tradição e a tradução**: representações sobre identidades e línguas fronteira Brasil/Paraguai. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2016.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 385-417, 1999.

CAVALCANTI, M. C. A propósito da linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 7, p. 5-12, 1986.

CESAR, A. L. S.; MAHER, T. M. Políticas Linguísticas, Políticas de Identidade em Contexto Indígena – uma Introdução. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 5, n. 3, p.1297-1312, 2018.

CHAPANSKI, G; JALIL, S. A. Bilinguismo nos Estados Unidos: visões de uma realidade. In: **Anais do III Congresso Internacional de Letras Encontro Nacional de Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2009.

CLYNE, M. **Pluricentric languages in an immigrant context**: spanish, arabic and chinese. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

CODÓ, E. Interviews and questionnaires. In: WEI, L.; MOYER, M. (Eds.). **The Blackwell Guide to research methods in bilingualism and multilingualism**. UK: Blackwell, 2008, p. 158-176.

COELHO, V. M. G. **Casais Interétnicos – Filhos Bilíngues?** Representações como indícios de políticas de (não) transmissão da língua minoritária da família. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2009.

CRYSTAL, D. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

DARWISH, M. **The Music of Human Flesh**. London; Washington, D.C.: Heinemann: Three Continents Press, 1980.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Posicionamiento: la producción discursiva de la identidad. **Athenea Digital**, n. 12, p. 242-259, 2007.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning and Personhood. In: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L. (Eds.) **Positioning theory**: moral contexts of intentional action. Blackwell Publishers, 1999, p. 32-52.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 20, n. 1, p. 43-63, 1990.

DE FINA, A. Researcher and informant roles in narrative interactions: constructions of belonging and foreign-ness. **Language in Society**, v. 40, n. 1, p. 27-38, fev. 2011.



DE FINA, A. **Identity in narrative**: a study of immigrant discourse. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **Analyzing narrative**: discourse and sociolinguistic perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DOI, E. T. O ensino do japonês como língua de imigração. **Estudos Linguísticos XXXV**, Campinas, p. 66-75, 2006.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: LINN, R.L.; ERICKSON, F. (Eds.). **Research in Teaching and Learning**. New York: MacMillan Publishing Company, v. 2, 1990, p. 119-161.

ERLL, A. Cultural studies approaches to narrative. In: HERMAN, D. *et al* (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. UK: Routledge, 2008, p. 89-93.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FLUDERNIK, M. **An introduction to narratology**. Londres: Routledge, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRITZEN, M. P. **Ich kann mein nam mit letra junta und letra solta Schreiben**: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil. 2007. 298 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2007.

FRITZEN, M. P.; EWALD, L. "Aqui somos protegidos pelas nossas quatro paredes. Aqui nós falamos alemão": histórias de letramentos interculturais no Vale do Itajaí, SC. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 52, p. 237-257, 2013.

GABAS, T. **O valor das línguas no mercado linguístico familiar**: políticas e ideologias linguísticas em famílias sul-coreanas transplantadas. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual de Campinas, Campinas (UNICAMP), 2016.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st. century**: a global perspective. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; FLORES, N. Multilingual pedagogies. In: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (Orgs.) **The Routledge Handbook of Multilingualism**. New York: Routledge, 2012, p. 232-246.

GARDNER-CHLOROS, P. Sociolinguistic factors in code-switching. In: BULLOCK, B.; TORIBIO, A. J. **The Cambridge Handbook of Linguistic code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 97-113.

GEORGAKOPOULOU, A. Sociolinguistic approaches to narrative. In: HERMAN, D. *et al* (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. UK: Routledge, 2008, p. 539-543.

GONÇALVES, A. L. N. **Interculturalidade na educação brasileira**: a inserção de bolivianos em escolas públicas paulistanas. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 2014.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAJJAR, C. F. **Imigração árabe**: 100 anos de reflexão. São Paulo: Ícone, 1985.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 1997.

HURSTON, Z. N. **Dust tracks on a road**: an autobiography. New York: HarperCollins, 2006.

JARDIM, D. F. “Quer comprar roupa feita?” A negociação de identidades sociais de imigrantes palestinos. **História em Revista**, Pelotas, v. 5, p. 1- 24, dez. 1999.

JOSEPH, J. **Language and identity**: national, ethnic, religious. New York: Palgrave MacMillan, 2004.

JUNG, N. **Identidades sociais na escola**: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue. 2003. 309 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2003.

KARAM, J. T. **Um outro arabesco**: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KING, K. A.; FOGLE, W. Family language policy and bilingual parenting. **Language Teaching**, vol.46, n.2, p. 172-194, 2013.

KNOWLTON, C. S. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. In: JARDIM, De. F. “Quer Comprar Roupa Feita?” A negociação de identidades sociais de imigrantes palestinos. **História em Revista**, Pelotas, v. 5, p. 1- 24, dez. 1999.

KOTTAK, C. P. **Anthropology**: the exploration of human diversity. New York: McGraw-Hill, 2006.

KREISWIRTH, M. Narrative turn in the Humanities. In: HERMAN, D. *et al* (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. UK: Routledge, 2008, p. 377-382.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

LANGENHOVE, L.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L. (Eds.). **Positioning theory: moral context of intentional action**. Oxford: Blackwell, 1999, p. 14-31.

LESSER, J. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: EdUnesp, 2001.

LIMA, J. B. B. *et al.* **Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014)**. Brasília: IPEA, 2017.

LIMA, P. **Foz do Iguaçu e sua história**. Curitiba: Serzegraf, 2001.

LORENZI, S. M. B. **Políticas Linguísticas para o Ensino de Línguas em um Cenário de Imigração Italiana no Vale do Itajaí, SC**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, 2014.

McCARTY, G. E. **Classical horizons: the origins of sociology in Ancient Greece**. New York: State University of New York, 2002.

McCARTY, T. Entry into Conversation: introducing ethnography and language policy. In: McCARTY, T. (Org.) **Ethnography and Language Policy**. New York: Routledge, p. 1-28, 2011.

MAHER, T. J. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e as línguas minoritárias brasileiras. In: NICOLAIDES *et al.* (Orgs.). **Políticas e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 117-134.

MAHER, T. J. M. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun. 2010.

MAHER, T. J. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007, p. 67-96.

MAHER, T. J. M. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: MEC/SECAD, 2006, p. 11-38.

MAHER, T. J. M. **Ser professor sendo índio: questões de lingua(gem) e identidade**. 1996. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1996.

MARIANI, B. **Colonização linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

MARTIN-JONES, M.; ANDREWS, J.; MARTIN, D. Reflexive ethnography research practice in multilingual contexts. In: MARTIN-JONES, M.; MARTIN, D. (Eds.). **Researching Multilingualism: critical and ethnographic perspectives**. UK: Routledge, 2017, p. 189-201.

MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. **The Routledge Handbook of Multilingualism**. Londres: Routledge, 2012.

MARTIN-JONES, M.; MARTIN, D.(Eds.). **Researching Multilingualism: critical and ethnographic perspectives**. UK: Routledge, 2017.

MARTIN-JONES, M.; ROMAINE, S. Semilingualism: A Half-Baked Theory of Communicative Competence. **Applied Linguistics**, vol.7, n.1, p. 26-38, 1986.

MARTINY, F. M. **Políticas linguísticas e educacionais: o ensino de língua alemã em Marechal Cândido Rondon, Paraná**. 2015. 322 f.Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. Language policy in Brazil: monolinguals and linguistic prejudice. **Language Policy**, v.3, p. 3-23, 2004.

MEGALE, A. H. **Memórias e Histórias de Professores Brasileiros em Escolas Bi/Multilíngues de Elite**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2017.

MEINHOF, U. H.; GALASIŃSKI, D.**The language of belonging**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MEZAVILA, A. **Ucranianos em Cascavel: a história, a religião e a língua**. 2007.192 f.Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2007.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. vii - lxi.

MIRHAN, L. (Org.). **Justiça, paz e liberdade para o povo palestino**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2012.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006a.

MOITA LOPES, J. P. On being white, heterosexual and male. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. **Discourse and identity**. Cambridge: CUP, 2006b, p. 288-313.

MONDARDO, M. L. Ser Paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça.**Varia Scientia – Revista Multidisciplinar da Unioeste**, Cascavel, v.15, n. 21, p.69-91, jan./jul. 2013.

MONTENEGRO, S. Imigrantes árabes na fronteira sul-americana: narrativas de trabalho, religião e futuros imaginados. **Rever**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 9-30, jan./jul. 2013.

MORELLO, R. Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Rio de Janeiro, p. 1-9, 2016.

MORRISON, L. J. Sociology and Narrative. In: HERMAN, D. *et al* (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. UK: Routledge, 2008, p. 548-550.

MOTA, K. S. **Imigrantes, bilinguismo e identidades**: narrativas autobiográficas. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2010.

MOTA, K. S. O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 309-322, 2008.

MOTA, K. S. Aulas de português fora da escola: famílias de imigrantes brasileiras, esforços de preservação da língua materna. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 24, n. 63, p. 149-163, maio/ago, 2004.

NELSON, K. Construction of the Cultural Self in Early Narratives. In: DAIUTE, C.; LIGHTFOOT, C. (Eds.). **Narrative Analysis**: studying the development of individuals in society. London: SAGE, 2004, p. 87-110.

NESTERUK, O. Heritage language maintenance and loss among the children of Eastern European immigrants in the US. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 34, n. 3, p. 271-286, maio 2010.

NETO M. R. C. A Imigração Japonesa no Estado do Rio De Janeiro: história, colonização e o ensino de japonês. In: **Anais do VI SAPPIL – ESTUDOS DA LINGUAGEM**. Niterói:UFF, 2015, p. 354-369.

NIC CRAITH, M. N. **Narratives of Place, Belonging and Language** – an Intercultural Perspective. Hampshire, UK: Palgrave MacMillan, 2012.

NIETZSCHE, F. The will to power (manuscript, 1888). In: McCARTY, G. E. **Classical horizons**: the origins of sociology in Ancient Greece. New York: State University of New York, 2002, p.86.

OLIVEIRA, G. M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies Brésil**, n. 7, p. 19-26, 2009. Disponível em: <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Bresil7/gilvan.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012.

OLIVEIRA, G. M. (Org.). **Declaração dos direitos linguísticos**: novas perspectivas em políticas linguísticas. Campinas: Mercado das Letras, ALB; Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, M. S. R. Migrações Asiáticas à Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai): reflexões sobre um projeto em andamento. In: BAENINGER, R. *et al*. (Orgs.) **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2018, p.768-775.

OLIVEIRA, N. R. O. **Foz do Iguaçu intercultural**: cotidiano e narrativa da alteridade. Foz do Iguaçu: 2012a.

OLIVEIRA, N. R. O. **Foz do Iguaçu intercultural**: cotidiano e narrativas da alteridade. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras). Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2012b.

OSMAN, S. A. **Imigração árabe no Brasil**: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos. São Paulo: Xamã, 2011.

PAES, M. L. N. **A paisagem emoldurada**: do Éden imaginado à razão do Mercado – um estudo sobre os Parques Nacionais do vulcão Poás, na Costa Rica, e do Iguaçu, no Brasil. 2004. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados sobre as Américas). Universidade de Brasília (UnB), 2004.

PAUWELS, A. Maintaining the community language in Australia: challenges and roles for the families. **The International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 8, n. 2, p. 124-131, 2005.

PAVLENKO, A.; BLACKLEDGE, A. (Eds.). **Negotiation of identities in multilingual settings**. Bristol: Multilingual Matters, 2004.

PAYER, M. O. **Memória da língua**: imigração e nacionalidade. 1999. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1999.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA, O.V.; FLORENZANO, C.; BRITTO, L.P.L. Preconceito e violência linguística na escola. **Série-Estudos** - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande, n. 19, p. 233-244, jan./jun. 2005.

PINHEIRO, L. S. **Bases conceituais para uma política linguística do português/italiano nas escolas**: Caxias do Sul, RS. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade de Caxias do Sul, 2008.

PINTO, A. F. M. **As principais trajetórias de mobilidade em Foz do Iguaçu-PR e seus reflexos no urbano**. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2011.

PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu – PMFI. **Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu**. [2011]. Disponível em: <<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=62501>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

PREFEITURA Municipal de Foz do Iguaçu – PMFI. **Sobre a Cidade**. [2010]. Disponível em: <<http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re-interpretação. In: SEYFERTH, G. et al. **Mundos em movimento**: ensaios sobre migrações. Santa Maria: UFSM, 2007, p. 287-312.

RELAÑO-PASTOR, A. M.; DE FINA, A. Contesting social place: narratives of language conflict. In: BAYNHAM, M.; DE FINA, A. (Eds.). **Dislocations/Relocations**: narratives of displacement. Manchester: St. Jerome Publishing, 2005, p. 36-60.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 213-230.

RIBEIRO, A. R. **Aprender Italiano**: identidade em (re) construção entre a língua e cultura em contexto formal. 2005. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste de Paraná (UNIOESTE), 2005.

RIBEIRO, C. O. A contribuição das noções de entre-lugar e de fronteira para a análise da relação entre religião e democracia. **Rever**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 160-176, jul./dez., 2015.

RICOEUR, P. **Time and narrative**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 1989.

ROMANYSHYN, R. D. **The wounded researcher**: research with the soul in mind. Nova Orleans: Spring Journal Books, 2013.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAKAMOTO, M.; MORALES, L. M. Ethnolinguistic vitality among Japanese-Brazilians: challenges and possibilities. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 1, p. 1-23, 2015.

SALES, A. G. **A Construção da Identidade Palestina**: análise discursiva do poema "Carteira de Identidade", de Mahmud Darwich, e outros textos palestinos. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo (USP), 2010.

SCHÜPBACH, D. Language transmission revisited: family type, linguistic environment, language attitudes. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 12, n. 1, p. 15-30, jan., 2009.

SEHLAOUI, A. S. Language learning, heritage, and literacy in the USA: the case of arabic. **Language, Culture and Curriculum**, v. 21, n. 3, p. 280-291, 2008.

SEMECHECHEM, J. A. **O multilinguismo na escola**: práticas linguísticas em uma comunidade de imigração ucraniana no Paraná. 2016. 272 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2016.

SEMECHECHEM, J. A. **Letramento e identidades sociais em um município multilíngue no Paraná**. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2010.

SHOHAMY, E. Linguistic landscape and multilingualism. In: MARTIN-JONES, M. BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (Orgs.). **The Routledge Handbook of Multilingualism**. Londres/Nova York: Routledge, 2012, p. 538-551.

SILVA, I. R. **As representações do surdo na escola e na família**: entre a (in)visibilização da diferença e da 'deficiência'. 2005. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

SILVA, R. C. M. Diverse migration trajectories, diverse linguistic repertoires, local and transnational ties: Arabic speakers in Foz do Iguaçu. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (Orgs.). **Multilingual Brazil**: language resources, identities and ideologies in a globalized world. New York/London: Routledge, 2018, p. 157-168.

SILVA, R. C. M. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 357-373, jul./dez., 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. São Paulo: Editora Vozes, 2006b, p. 73-102.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação**: um vocábulo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 41.

SLEIMAN, L. M. **A influência da cultura árabe no processo de resiliência**. 2013. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdade União das Américas (UNIAMERICA), 2013.

SOARES, G. M. **Trajetórias migratórias e construções identitárias de palestinos em Santa Catarina**. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes). Universidade de São Paulo (USP), 2012.

SOARES, L.; TREVISAN, C.; FLAIN, A. Ensino do Português Brasileiro para Imigrantes Haitianos: um estudo de caso. **Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção-CE, v. 1, n. 1, p. 88-101, jan./jun., 2017.

SORIANO MIRAS, R. M. **Grounded identities in life stories**: Moroccan immigrant women in Spain. In: BAAL-CUP SEMINAR “Narrative inquiry in transnational migratory contexts: epistemological and methodological issues”. Apresentação de comunicação. Southampton: University of Southampton, 8-9 jul., 2013.

SORIANO MIRAS, R. M. Inmigrantes e identidad social: similitudes y diferencias en el proyecto migratorio de Mexicanas a EE.UU. y mujeres Marroquí a España. **Migraciones**, Madrid, v. 23, p. 117-150, 2008.

SORIANO MIRAS, R. M. La inmigración femenina Marroquí y su asentamiento en España: un estudio des la Grounded Theory. **Revista Internacional de Sociología**, v. 64, n. 43, p. 169-191, 2006.

SPOLSKY, B. Family language policy – the critical domain. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, vol. 33, n.1, p.3-11, 2012.

STRATHERN, P. **Foucault em 90 minutos**. São Paulo: Zahar, 2003.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

THREADGOLD, T. **Performing theories of narrative**: theorising narrative performance. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 261-278.



TOLLEFSON, J. W. Critical theory in language policy. In: RICENTO, T. (Ed.). **An introduction to language policy: theory and method**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006, p. 42-59.

TORQUATO, C. P. Os haitianos em Curitiba: novo contexto migratório, novas questões de políticas linguísticas. In: **Anais do VI Congresso Internacional de Letras**. Buenos Aires, v. 1., 2014, p. 1800-1809.

TRIVIÑOS, A. N. B. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

TRUZZI, O. M. S. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 110-140, 2001a.

TRUZZI, O. M. S. Etnias em convívio: o bairro Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 143-166, 2001b.

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. 1993. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1993.

TRUZZI, O. M. S. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Idesp/Ed. Sumaré, 1992.

UNESCO. Language vitality and endangerment. **International Expert Meeting on UNESCO Programme Safeguarding of Endangered Languages**. Paris, mar., 2003.

VAN DJIK, T. A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VIEIRA, G. O. Segurança Transfronteiriça e direitos humanos: desafios das migrações na Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu. In: BAENINGER, R.; CANALES, A. (coord.). **Migrações Fronteiriças**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, p. 475-484, 2018.

WATKINS, M. Invisible guests. In: ROMANYSHYN, R. D. **The wounded researcher: research with the soul in mind**. Nova Orleans: Spring Journal Books, 2013, p. 341.

WOLF, F. A. **Dr. Quantum's Little Book of Big Ideas: where science meets the spirit**. US: Red Wheel/Weiser, 2005.

WOLFF, F. O silêncio é a ausência de quê? In: NOVAES, A. (Org.). **Mutações: o silêncio e a prosa do mundo**. São Paulo: SESC, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Vozes, 2006, p. 7-72.

WOODWARD, K. **Identity and difference**. Londres: Sage, 1997.

WORTHAM, S. **Narratives in action: a strategy for research and analysis**. New York: Teachers College Press, 2001.

YANG, E. M. A **Geração 1.5 dos coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação**. 2011. 507 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo (USP), 2011.

YKEGAYA, T. G. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu: a construção de uma identidade étnica**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras). Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, (UNIOESTE), 2006.

ZAMBERLAN, J.; CORSO, G. (Org.). **Tendências da mobilidade humana nas Três Fronteiras: realidade migratória na Diocese de Foz do Iguaçu**. Porto Alegre: Renascença, 2006.

ZOPPI-FONTANA, M. G. **O Português do Brasil como língua transnacional**. Campinas: Editora RG, 2009.

#### **Matérias consultadas:**

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Comunidade árabe Iguaçuense ganha Dia Municipal do Povo Muçulmano, que será celebrado em 12 de maio**. 05 jul. 2013. Disponível em: [http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias\\_detalhes.php?&ID=MTg5](http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias_detalhes.php?&ID=MTg5). Acesso em: 09 nov 2018.

G1PR. **Muçulmanos da fronteira celebram o fim do mês sagrado do Ramadã**. 08 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/08/muculmanos-da-fronteira-celebram-o-fim-do-mes-sagrado-do-ramada.html>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

HOSPITAL MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU – HMFI. **Damas libanesas visitam pacientes da pediatria do HMFI**. 28 dez. 2010. Disponível em: <<http://bloghmfi.blogspot.com.br/2010/12/damas-libanesas-visitam-pacientes-da.html>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

JORNAL NACIONAL. **Muçulmanas querem manter o véu para fotos de documentos no Sul**. 20 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/09/muculmanas-querem-manter-veu-para-fotos-de-documentos-no-sul.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

QUADRA, D. **Escola de Foz do Iguaçu tem nota 8.6 no IDEB**. Disponível em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2018/09/04/escola-de-foz-do-iguacu-tem-nota-8-6-no-ideb/>. Acesso em: 09 nov. 2018.

RODRIGUES, M. F. **‘Ódio e censura são baseados no medo’, diz Judith Butler**. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,odio-e-censura-sao-baseados-no-medo-diz-judith-butler,70002072944>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SBI, Grupo Escoteiro Líbano-Brasil e a Escola Libanesa Brasileira na campanha contra a dengue. **Islamfoz**, 26 nov. 2013. Disponível em:

<<http://www.islamfoz.com.br/sbi-grupo-escoteiro-libano-brasileiro-escola-libanesa-brasileira-campanha-dengue/>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

WURMEISTER, F. Uso do véu islâmico em documento de identidade é liberado no Paraná. **G1**, 9 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/05/uso-do-veu-islamico-em-documento-de-identidade-e-liberado-no-parana.html>>. Acesso em: 9 mai. 2013.

### **Filmografia:**

**CASAMENTO GREGO.** Direção: Joel Zwich. Produção: Paul Brooks. Beverly Hills: Gold Circle Films, 2002. 95 min, son., color. [Canadá, Estados Unidos. Título original: My Big Fat Greek Wedding].

**O TEMPERO DA VIDA.** Direção:Tamas Boulmetis. Produção:Harry Antonopoulos.[S.I.]: Village Roadshow Productions, 2003. 108 min, son., color. [Grécia.Título original: Politiki Kouzina.]

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### I. Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Adultos



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Instituto de Estudos da Linguagem**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada**

**Projeto:** Memórias linguísticas, memórias de aprendizagem: políticas familiares de transmissão e uso da língua árabe em Foz do Iguaçu (título provisório)

**Pesquisadora:** Samira Abdel Jalil

**Orientadora:** Prof. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher

**Instituição:** Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, consinto livremente, tendo sido informado/a e esclarecido/a sobre o assunto, em participar da pesquisa **“Memórias linguísticas, memórias de aprendizagem: políticas familiares de transmissão e uso da língua árabe em Foz do Iguaçu”**, desenvolvida por Samira Abdel Jalil, sob orientação da Prof. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher (Departamento de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP).

Fui informado/a de que essa pesquisa consiste em um estudo cujo foco está na compreensão das políticas familiares de transmissão e uso (ou não) da língua árabe na sua comunidade de fala em Foz do Iguaçu, Paraná. Fui também informado/a de que serei entrevistado/a, gravado/a e, eventualmente, caso seja necessário, filmado/a. Fui ainda informado/a de que tenho toda liberdade para me recusar a participar da pesquisa e, até mesmo, de retirar meu consentimento em qualquer momento do desenvolvimento da mesma. A pesquisadora em questão garante total sigilo acerca de minha identidade, uma vez que todos os dados que me dizem respeito serão considerados confidenciais. Além disso, a participação na pesquisa não envolve riscos físicos ou morais previsíveis. Finalmente, fui informado/a de que os resultados desta pesquisa serão apresentados a uma banca de defesa de Tese de Doutorado, e que esta estará disponível para consulta na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem desta universidade.

Tendo recebido essas informações, concordo em participar desta pesquisa.

Sendo verdade, firmo o presente.

Telefones para contato: (45) 9918 5775 (Samira A. Jalil)

(19) 3256-2142 (Terezinha J. M. Maher)

Telefone do Comitê de Ética da UNICAMP: (19) 3521-8936

## II. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menores de Idade



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Instituto de Estudos da Linguagem**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada**

**Projeto:** Memórias linguísticas, memórias de aprendizagem: políticas familiares de transmissão e uso da língua árabe em Foz do Iguaçu (título provisório)

**Pesquisadora:** Samira Abdel Jalil

**Orientadora:** Prof. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher

**Instituição:** Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, consinto livremente, tendo sido informado/a e esclarecido/a sobre o assunto, em participar da pesquisa "**Memórias linguísticas, memórias de aprendizagem: políticas familiares de transmissão e uso da língua árabe em Foz do Iguaçu**", desenvolvida por Samira Abdel Jalil, sob orientação da Prof. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher (Departamento de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP).

Fui informado/a de que essa pesquisa consiste em um estudo cujo foco está na compreensão das políticas familiares de transmissão e uso (ou não) da língua árabe na sua comunidade de fala em Foz do Iguaçu, Paraná. Fui também informado/a de que serei entrevistado/a, gravado/a e, eventualmente, caso seja necessário, filmado/a. Fui ainda informado/a de que tenho toda liberdade para me recusar a participar da pesquisa e, até mesmo, de retirar meu consentimento em qualquer momento do desenvolvimento da mesma. A pesquisadora em questão garante total sigilo acerca de minha identidade, uma vez que todos os dados que me dizem respeito serão considerados confidenciais. Além disso, a participação na pesquisa não envolve riscos físicos ou morais previsíveis. Finalmente, fui informado/a de que os resultados desta pesquisa serão apresentados a uma banca de defesa de Tese de Doutorado, e que esta estará disponível para consulta na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem desta universidade.

Tendo recebido essas informações, concordo em participar desta pesquisa.

Sendo verdade, firmo o presente.

\_\_\_\_\_

Estou ciente da permissão dada acima por meu filho.

\_\_\_\_\_

Telefones para contato: (45) 9918-5775 (Samira A. Jalil)

(19) 3256-2142 (Terezinha J. M. Maher)

Telefone do Comitê de Ética da UNICAMP: (19) 3521-8936

## ANEXO 2

### Edição do dia 20/09/2012

20/09/2012 21h06 - Atualizado em 20/09/2012 21h17

#### **Muçulmanas querem manter véu para fotos de documentos no Sul**

*A Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, a cidade que abriga a segunda maior comunidade muçulmana do Brasil, está envolvida numa controvérsia.*

A Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, a cidade que abriga a segunda maior comunidade muçulmana do Brasil, está envolvida numa controvérsia. A Câmara de Vereadores quer que as mulheres muçulmanas não sejam obrigadas a tirar o véu ao fazer fotos para documentos.

São 22 mil pessoas de origem árabe na cidade. Quase todas muçulmanas. Por isso, é comum ver mulheres usando o hijab, o lenço que cobre a cabeça.

“Tem um monte, a gente já nem acha estranho mais”, disse uma mulher.

“O hijab não é ornamento, não é fantasia, é uma parte da vestimenta obrigatória para a vestimenta da mulher muçulmana”, ressaltou o líder religioso Mohsin Alhassani.

O problema é que na hora de tirar fotos para documentos como carteiras de identidade e de motorista, as muçulmanas têm que tirar o lenço, isso é determinação. No Instituto de Identificação do Paraná, por exemplo, são proibidos acessórios como brincos, piercings e lenços.

Nas fotos, têm que aparecer: as orelhas e o contorno do pescoço e dos ombros. O mesmo serve para a carteira de habilitação.

“O que nós podemos fazer e fazemos é isolar o local, colocar uma pessoa mulher, geralmente a nossa supervisora, que faz a captura da imagem”, afirmou chefe interina do Detran-PR Marta Matkiewicz.

Mas, para as muçulmanas isso não resolve o problema.

“Aí você dá a identidade virada, simplesmente ele olha na foto e olha na tua cara. Você fica constrangida, sério, é um constrangimento horrível”, disse a dona de casa Neiva Schaffer.

A exceção é a foto para passaporte.

“É permitido sem problema nenhum, a única exigência é que o rosto esteja bem à mostra”, revelou o delegado da PF-PR, Guilherme Biagi.

A câmara de vereadores de **Foz do Iguaçu** encaminhou um pedido ao Detran e ao Instituto de Identificação do Paraná para que as muçulmanas possam ficar com o lenço nas fotos dos documentos.

“Nada mais justo que o muçulmano possa expressar a sua religiosidade com a sua vestimenta”, afirmou o representante da comunidade muçulmana Faissal Ismail.

O Detran e o Instituto de Identificação têm 30 dias para responder ao pedido da Câmara.

MUÇULMANAS querem manter o véu para fotos de documentos no Sul. **Jornal Nacional**. 20 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/09/muculmanas-querem-manter-veu-para-fotos-de-documentos-no-sul.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

## ANEXO 3

8/08/2013 07h10 - Atualizado em 08/08/2013 10h47

### **Muçulmanos da fronteira celebram o fim do mês sagrado do Ramadã**

*Foz do Iguaçu (PR) concentra a segunda maior comunidade árabe do país. Mês sagrado começou no dia 10 de julho e terminou nesta quinta-feira (8).*

Do G1 PR, em Cascavel

Os muçulmanos que vivem na região de **Foz do Iguaçu**, no oeste do **Paraná**, celebram, nesta quinta-feira (8), o fim do Ramadã, mês sagrado para a religião islâmica em todo o mundo. Um café da manhã será servido a toda a comunidade islâmica. A confraternização marca o período de sacrifício, onde os muçulmanos jejuam do nascer do sol ao pôr do sol.

A programação está marcada para começar às 7h30, na Mesquita Omar libn Al-Khatab, com orações no Templo Sagrado. Em seguida, será servido o café da manhã com doces e salgados árabes. Foz do Iguaçu, concentra a segunda maior comunidade de língua árabe do país, com cerca de 22 mil imigrantes e descendentes, atrás apenas de São Paulo (SP). O mês sagrado para o Islamismo começou no dia 10 de julho.

saiba mais

- **Muçulmanos da tríplice fronteira iniciam período de jejum do Ramadã**

---

Durante o mês sagrado, os adeptos do islamismo – com exceção de crianças, idosos, mulheres grávidas e enfermos - jejuam e ficam proibidos de manter relações sexuais da alvorada ao entardecer. Nesta época, as mesquitas ficam cheias praticamente o dia todo para as cinco orações diárias. No início e no fim do Ramadã, os muçulmanos se reúnem para um grande café da manhã onde compartilham iguarias da cozinha árabe.

G1 PR. Muçulmanos da fronteira celebram o fim do mês sagrado do Ramadã. **G1**, 8 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/08/muculmanos-da-fronteira-celebram-o-fim-do-mes-sagrado-do-ramada.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

## ANEXO 4

Carta-convite para o evento em celebração da irmandade Foz do Iguaçu – Jericó.



**PREFEITURA DO MUNICÍPIO  
DE FOZ DO IGUAÇU**  
*Secretaria Municipal de Assuntos Internacionais*

Pt/CV



**SECRETARIA MUNICIPAL  
DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS**  
*Foz do Iguaçu - Pr.*

O Excelentíssimo Senhor Prefeito de Foz do Iguaçu, Paulo Mac Donald Ghisi, tem a honra de convidá-lo(a) a participar da assinatura do **"PROTOCOLO DE IRMANAÇÃO E COOPERAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE FOZ DO IGUAÇU /Pr-BRASIL E JERICÓ/PALESTINA"**, em detrimento ao contido na Lei Municipal 3.942/12, reconhecendo assim a importância e a vontade mútua de trabalharem em harmonia por ocasião da finalidade da promoção de um intercâmbio cultural, social, turístico e econômico.

A solenidade será realizada no dia 24 de Abril do corrente ano (Terça-Feira), às 10:00 (horário brasileiro) no plenário Ignácio de Sá Sottomaior, da Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu.

A participação de V. Exm<sup>a</sup>. é de suma importância para que possamos concretizar esse notável laço de identidade étnica na relação entre Foz do Iguaçu e Jericó, uma vez que a cultura árabe constituiu a etnia com o maior número de habitantes em nossa cidade.

Cordialmente;



**PAULO MAC DONALD GHISI**  
Prefeito do Município de Foz do Iguaçu – Pr/Brasil



**NILTON BOBATO**  
Vereador do Município de Foz do Iguaçu – Pr/Brasil



**SERGIO LOBATO DA MOTA MACHADO**  
Secretário Municipal de Assuntos Internacionais  
Foz do Iguaçu – Pr/Brasil



**FELIPE GONZALEZ**  
Secretário Municipal de Turismo  
Foz do Iguaçu – Pr/Brasil



**Secretaria Municipal de Assuntos Internacionais**  
Praça Getúlio Vargas, nº. 69, Centro, Foz do Iguaçu – Pr / Brasil, CEP: 85.851 – 340  
Fones: (55 45) 3521-1384 / FAX: 3521-1382.  
e-mail: [assint\\_sai@pmfi.pr.gov.br](mailto:assint_sai@pmfi.pr.gov.br)





## ANEXO 5

Cartaz de divulgação: Encontro de culturas Foz e Jericó. 24/04/2013

# ENCONTRO DE CULTURAS

## JERICÓ E FOZ DO IGUAÇU



**10.000** anos de história  
JERICÓ, A CIDADE MAIS ANTIGA DO MUNDO

Presença do Embaixador da Palestina  
Ibrahim Alzeben e do Prefeito de Jericó  
Hasan Hussein Saleh

**Dia 24 de abril às 19h30**  
Sala de Exposição Antônio Cabral de Mendonça  
Fundação Cultural

Realização




Apoio



## ANEXO 6

09/05/2013 14h47 - Atualizado em 09/05/2013 15h16

### Uso do véu islâmico em documento de identidade é liberado no Paraná

A foto com o lenço será permitida, mas deverá obedecer a algumas restrições. Medida foi anunciada nesta quinta (9) e é válida também para religiosas.

**FabiulaWurmeister**Do G1 PR, em Foz do Iguaçu



Polêmica sobre o uso do véu em documentos foi discutida em audiência pública na Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (Foto: Câmara Municipal de Foz do Iguaçu / Divulgação)

O véu islâmico poderá ser usado por mulheres do Paraná na fotografia para o documento de identidade. A decisão do Instituto de Identificação do Paraná foi anunciada nesta quinta-feira (9), um dia depois da audiência pública realizada na Câmara Municipal de **Foz do Iguaçu**, no oeste do estado, para discutir a proibição. A medida beneficia também freiras religiosas.

De acordo com o entendimento da Procuradoria Geral do Estado, as mulheres muçulmanas e as religiosas poderão fazer a foto com o véu, com o hábito ou qualquer indumentária religiosa, mas deverão obedecer a algumas restrições. “Em razão do dever/direito à segurança pública, devem estar perfeitamente visíveis nas fotografias a face, a testa, o queixo, bem como o contorno dos ombros.”

saiba mais

- **Comunidade árabe luta pelo uso do véu islâmico em documentos oficiais**
- **Audiência pública vai debater uso do véu islâmico em foto de documentos**

Ao **G1**, a vereadora AniceGazzaoui (PT), que encabeça a discussão na Câmara, a mudança atende a reivindicação da comunidade muçulmana, mas novos pedidos serão encaminhados a outros órgãos. “Avançamos e esperamos agora sensibilizar também o Detran para que considere o respeito à liberdade religiosa previsto na Constituição Federal”, comentou. Somente em Foz do Iguaçu, vivem mais de 22 mil descendentes e imigrantes de países de língua árabe.

Para o Departamento de Trânsito do **Paraná** (Detran-PR), que ainda obedece à resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran), o condutor não pode usar óculos, bonés, chapéus ou

qualquer outro item que cubra parte do rosto ou da cabeça na foto para a Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

### **Divergências**

O problema, aponta Anice, está nas diferentes interpretações da lei nos estados. Em **São Paulo**, que concentra a maior comunidade árabe do país, e no **Mato Grosso do Sul**, por exemplo, as mulheres islâmicas são autorizadas a usar o hijab na foto para a (CNH). “O véu não é apenas um adereço ou um enfeite, mas uma parte da indumentária da mulher muçulmana”, reforça.

Na audiência pública que reuniu representantes de vários órgãos e dezenas de muçulmanas ficou determinada a criação de uma comissão técnica para dar andamento às reivindicações. “Queremos levar esta discussão aos governos estadual e federal.”

WURMEISTER, Fabíola. Uso do véu islâmico em documento de identidade é liberado no Paraná. **G1**, 9 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2013/05/uso-do-veu-islamico-em-documento-de-identidade-e-liberado-no-parana.html>>. Acesso em: 9 mai. 2013.

## ANEXO 7

05/07/2013 - 22:21

SANÇÃO

### **Comunidade árabe Iguaçuense ganha dia Municipal do Povo Muçulmano, que será celebrado em 12 de Maio**

A lei, originada de uma proposição da Vereadora Anice, foi sancionada na noite desta sexta-feira (5) na Câmara

Diretoria



Na noite desta sexta-feira (5) a Câmara Municipal de Foz do Iguaçu foi cenário da comunidade árabe Iguaçuense. A 2º maior colônia da etnia do Brasil agora tem o Dia Municipal do Povo Muçulmano, fruto da aprovação do Projeto de Lei nº 53/2013, da Vereadora Anice (PT), que originou a Lei nº4.109/2013, sancionada pelo Prefeito Reni Pereira.

A Cerimônia pública contou com a participação da comunidade Iguaçuense; autoridades do Executivo e Legislativo; líderes religiosos e integrantes da Comunidade árabe. Segundo a vereadora Anice, a data será comemorada anualmente no dia 12 de maio. “Em São Paulo comemora-se na mesma data, queremos unificar este dia. E, mais do que isso, no ano em que Foz do Iguaçu celebra, o povo muçulmano terá seu dia para comemorar. É um reconhecimento a essas pessoas que contribuem para sociedade brasileira, sendo geradoras de emprego e renda”, enfatizou a proponente – Anice.

“O Brasil inteiro está tentando unificar este dia. É um marco em Foz do Iguaçu, a representação da homenagem aos muçulmanos de todo o mundo. Isso diz a todos somos muçulmanos dignos de respeito”, salientou o Sheik Mohamed Khalil. O Presidente do Legislativo – Zé Carlos reiterou a importância de se reconhecer um povo que é parte representativa e atuante na nação Brasileira.

Em seu discurso, o Prefeito Reni Pereira lembrou pontos de convergência entre a história da cidade e da comunidade árabe. “A trajetória do povo muçulmano em Foz se confunde com a

história do Município. Por esse motivo, faço questão de manifestar minha deferência a essa Lei. E, também em respeito a essa parcela importante da população Iguaçuense, que merece valorização, já adianto que teremos um bairro temático em homenagem à comunidade de Foz do Iguaçu”, finalizou Prefeito Reni Pereira.

CAMARA Municipal de Foz do Iguaçu. Comunidade árabe iguaçuense ganha Dia Municipal do Povo Muçulmano, que será celebrado em 12 de maio. Disponível em: [http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias\\_detalhes.php?&ID=MTg5](http://www.cmfi.pr.gov.br/noticias_detalhes.php?&ID=MTg5). Acesso em: 05jul. 2013.

## ANEXO 8

terça-feira, 28 de dezembro de 2010

### Damas Libanesas visitam pacientes da pediatria no HMFI



Os pacientes da ala pediátrica do Hospital Municipal de Foz do Iguaçu – Pró Saúde tiveram uma manhã diferente nesta quarta-feira (22). A União das Damas Libanesas esteve no hospital com presentes e muito carinho para distribuir entre os pequenos.

O grupo reuniu as crianças na brinquedoteca do HMFI, onde foram realizadas brincadeiras, pinturas de rosto e a distribuição dos brinquedos. “Nosso objetivo é distribuir um pouco de alegria para quem está precisando”, resumiu a voluntária Jinan Chafareddine. “Estamos fazendo nossa parte. Esperamos que as crianças gostem”.

Ao todo, 15 pequenos pacientes receberam presente das voluntárias. “Minha filha precisa caminhar para fortalecer os pulmões, mas ela estava sem motivação. A visita fez com que ela ficasse muito mais animada”, revelou Rose Lopes, acompanhante da filha Isabela Maria, de um ano e oito meses, internada há 14 dias.

Parte do grupo também visitou os pacientes da UTI pediátrica. A União das Damas Libanesas é um grupo com cerca de 13 voluntárias, que realiza trabalhos sociais na Tríplice Fronteira.

Disponível em: <http://bloghmfi.blogspot.com/2010/12/damas-libanesas-visitam-pacientes-da.html>. Acesso em: 09 nov. 2018.



## ANEXO 9

Capa: VEJA, São Paulo, ano 44, n. 14, ed. 2211, 6 abr. 2011.



## ANEXO 10

Cartaz de divulgação: Palestina Vive: I Ciclo de Debates e Mostra de Filmes sobre a Palestina

**PALESTINA VIVE**

**I CICLO DE DEBATES E MOSTRA DE FILMES SOBRE A PALESTINA**

**PROGRAMAÇÃO**

Terça- feira, 16/04

Abertura

**OCCUPATION 101 (2006)**

Quarta- feira, 17/04

**CHECK POINT (2003)**

Quinta- feira, 18/04

**5 CÂMERAS QUEBRADAS (2011)**

Sexta - feira 19/04

**BUDRUS (2009)**

Todos os dias a partir das 19 hs

Realização:

**CEBRA PAZ** Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta Pela Paz

**AMADEUS** Companhia De Teatro

**COMUNIDADE ARABE PALESTINA** FOZ DO IGUAÇU

Apoio:

**ITAIPU BINACIONAL**

**DIREITOS HUMANOS MEMÓRIA POPULAR**

**UNILA** Universidade Federal do Itaipu - Litoral-Paranaense

**Comunidade Arabe de Foz do Iguaçu**

**POLO IGUASSU** Instituto para desenvolvimento da região tripartida

Contato:  
e-mail [palestinavivefoz@gmail.com](mailto:palestinavivefoz@gmail.com)



## ANEXO 11

### Transcrição de trechos do filme *O Tempero da Vida*.

#### Cena 1:

FANIS: Mexilhões sempre me lembram o *hammam*. Toda vez que o tio Emilius chegava de uma viagem, íamos lá.

HOMEM 1: Por favor, entrem.

FANIS: Eu ouvia os mais velhos abrirem suas almas, como fazem os mexilhões, quando cozidos a vapor.

MICHALIS: Como vão as coisas, Emilius?

EMILIUS: Há alguns problemas em Chipre.

HOMEM 2: E dizem que a coisa está fervendo em Atenas...

EMILIUS: É, sempre dizem isso e jamais acontece nada

HOMEM 2: Eu estou preocupado...

FANIS: Eu entendi que além de alimentos, há outras coisas que podem ferver...

HOMEM 2: Outro dia, Osman Bei passou aqui e ele estava cheirando a alho. Se um diplomata cheira a alho, tem alguma coisa errada.

MICHALIS: AidinBei também passou aqui e disse uma coisa que não me agradou. Na verdade, o que ele disse me deixou terrivelmente preocupado. "As coisas não vão bem, Sr. Michalis.... Deve tomar muito cuidado." Seu cunhado é um cidadão grego, não é?

HOMEM 2: Temos uma criança aqui...

EMILIUS: Até onde eu me lembro, eles vivem dizendo a mesma coisa... Os turcos vão deportar vocês, os turcos vão fazer isso, vão fazer aquilo... São apenas palavras. Mas nós estamos bem, não estamos?

MICHALIS: Emilius, estava viajando na ocasião das atrocidades em setembro de cinquenta e cinco, não estava aqui.... Pra ver minha loja ser destruída pelas chamas. Vou vender tudo e voltar correndo pra Grécia. Preciso de paz.

[música ao fundo]

HOMEM 2: Só de pensar em ir embora, me dá uma dor aqui...

EMILIUS: Vi Thrasyvoulos em Atenas. Mandeí umas radiografias pra ele olhar. Uma noite, nos saímos, conversamos,

HOMEM 2: Há... Conversaram sobre o quê?

EMILIUS: Sobre Istambul e os velhos tempos.

HOMEM 2: Não seria melhor se eles pudessem falar sobre essas coisas aqui? Minha falecida esposa dizia que quando você deixa um lugar, deve falar sobre o lugar para onde

está indo, e não sobre o lugar que esta deixando pra trás. Eu... Eu também penso dessa maneira.

FANIS: Partir significa ir para um outro lugar, e isso, para nós, significava para a Grécia. No início, pensei que a Grécia ficasse na América. No entanto, logo a Geografia pôs os meus pés no chão.

JORNALEIRO: Edição especial, edição especial... Problemas com a Grécia, edição especial, problemas com a Grécia, pegue já o seu jornal. Cidadãos gregos serão deportados, edição especial, edição especial, problemas com a Grécia, edição especial, edição especial, problemas com a Grécia, pegue já o seu jornal, edição especial, edição especial...

JORNALISTA 1: Esta é a Radio Istambul com as últimas notícias.

JORNALISTA 2: Mais tensão entre a Grécia e a Turquia em consequência de recentes motins em Chipre. Enquanto isso, os cidadãos gregos em vias de serem deportados estão sendo informados a respeito do confisco de suas propriedades. Você está ouvindo a Radio Istambul.

#### Cena 2:

FANIS: Tenho medo de pessoas de uniforme... da polícia, do exército, da polícia rodoviária, dos bombeiros, mas sobretudo dos oficiais da imigração. No dia em que deixamos Istambul, aquela gente de uniforme machucou nossos escassos pertences com marcas de giz. Pareciam marcas de um deportado, já que os turcos nos mandaram embora como gregos, enquanto que os gregos nos receberam como turcos.

O TEMPERO da vida. Direção:TamasBoulmetis. Produção:Harry Antonopoulos.[S.l.]:Village Roadshow Productions, 2003. 108 min, son., color. [Grécia.Título original: PolitikiKouzina.]

## ANEXO 12

### Transcrição de trecho do filme *Casamento Grego*

TOULA: Conforme eu ia crescendo, eu percebia que era diferente. As outras meninas eram loiras e delicadas, e eu era uma moreninha de seis anos com pêlos no rosto. Eu queria tanto ser igual àquelas meninas... Sentadas, todas juntas, conversando, comendo seus sanduíches de pão de forma...

GAROTA 1: Que que é isso?

TOULA: É musakah.

GAROTA 1: Mus-caca [risos]

TOULA: E enquanto as meninas bonitas frequentavam as Brownies, eu ia para a escola grega.

[PROFESSOR: Frase em grego.]

[ALUNOS, EM CORAL: Frase em grego, repetindo o que o professor disse.]

TOULA: Na escola grega, eu aprendia lições valiosas, como se Nick tem uma cabra e Maria tem nome, em quanto tempo eles se casam? [Professor diz frase em grego para a turma.] Minha mãe sempre fazia pratos cheios de ternura e sabedoria.

MARIA (MÃE): Que cheiro bom!

TOULA: E nunca se esquecia do acompanhamento fumegante de culpa.

MARIA: Nicko, não brinca com a comida... Quando eu tinha a sua idade, nem tínhamos comida...

TOULA: Mãe

MARIA: O quê?

TOULA: Por que eu tenho que ir a escola grega?

MARIA: Quando você se casar, não vai querer saber escrever uma carta pra sua sogra? Nicko, coma.

TOULA: Morávamos em um bairro comum de classe média em Chicago, de casas modestas e de bom gosto. Nossa casa, entretanto, fazia o estilo Parthenon, com colunas coríntias e cercada de estátuas dos deuses. Se por acaso os vizinhos tivessem alguma dúvida a respeito das nossas origens, era só dar uma olhada no nosso sutil tributo a bandeira grega. Meu pai só acreditava em duas coisas: que os gregos deveriam ensinar os não-gregos a serem gregos, e que qualquer doença, de psoríase à hera venenosa poderia ser curada com *Windex*. Seis anos depois, eu tinha doze, Athena minha irmã mais velha e perfeita tinha quinze, e meu irmão Nick tinha onze.

SR. PORTOKALOS: Esse é meu filho!

TOULA: Toda manhã meu pai nos dava uma aula sobre a história do nosso povo, a grande civilização, os gregos.

SR. PORTOKALOS: Bem, agora me diga três coisas que os gregos fizeram primeiro.

ATHENA: Astronomia, filosofia e democracia.

SR. PORTOKALOS: Bravo, muito bem. Agora me de uma palavra, qualquer palavra, e eu lhe mostro como a raiz dessa palavra é grega.

GAROTA 2: Já vai começar...

TOULA: Ai, não...

SR. PORTOKALOS: Certo, que tal aracnofobia? Aracno, que é uma palavra grega que significa aranha; e fobia e fobia, que significa medo; então, medo de aranha. E isso aí!

GAROTA 3: Muito bem, Senhor Portokalos, e a palavra kimono?

GAROTA 2: Essa é boa, hein?

SR. PORTOKALOS: Ahn, kimono, kimono, kimono, kimono... Ha! É claro... Kimono vem da palavra grega *himona*, que significa inverno. E o que é que você usa na época do inverno para se aquecer? Um robe. Viram: robe, kimono, e isso aí! [risos] Tchauzinho!

GAROTAS 2 E 3: Tchau, Senhor Portokalos!


SR. PORTOKALOS: Toula... Deve ter orgulho de ser grega!

CASAMENTO grego. Direção: Joel Zwich. Produção: Paul Brooks. Beverly Hills: Gold Circle Films, 2002. 95 min, son., color. [Canadá, Estados Unidos. Título original: My Big Fat Greek Wedding.]

## ANEXO 13

Materiais visuais usados na geração dos dados

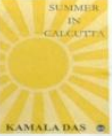





“Eu falo espanhol com Deus, italiano com as mulheres, francês com os homens e alemão com meu cavalo.” (Carlos V)

Por que não me deixam falar do  
 Jeito que eu quero? A língua que eu falo  
 Se torna minha, suas distorções, suas  
 esquisitices...  
 Toda minha, só minha. É metade Inglês, metade  
 Indiano, engraçada talvez, mas é honesta!  
 É tão humana quanto eu sou humana, percebe?  
 Ela expressa minhas alegrias, minhas tristezas,  
 minhas esperanças,  
 E ela é tão útil para mim quanto o grasnar  
 É para o corvo e os rugidos são para os leões...

( Kamala Das)







**AYMAN ZIBI**  
الأيمن زيبى  
Rojain  
SÁBADO 03/08/2012  
19h30

**صياما مقبولاً وإفطاراً شهياً وعيداً سعيداً**  
Jantar Árabe do Ramadan  
Buffet R\$ 27,00 por pessoa  
\* Cortesia para crianças até 06 anos  
50% crianças de 07 a 10 anos  
FOZ DO IGUAÇU

**فرقة**  
بمسرحية جديدة  
بمسطر وبن  
المسرحي  
LOCAL: TEATRO BOULEVARD  
DATA: 11 E 12 MAIO 2012  
HORARIO: 21hrs

**PALESTINA VIVE**  
CICLO DE DEBATES E MOSTRA DE FILMES SOBRE A PALESTINA  
CINEMA DO THEATRO BOULEVARD  
FOZ DO IGUAÇU

**ESCOLA ÁRABE BRASILEIRA**  
Foz de Iguaçu

**عرس الضيعة**  
Casamento na Aldeia  
العريس والعريسة  
Segunda Edição da FESTA tipicamente árabe.  
As mais belas danças (DABKE), pratos típicos deliciosos, além da alegria e generosidade típica deste povo acolhedor!

dia: **03 de Novembro de 2012**  
local: **Centro de Convenções / Av. dos Cabanos**  
horário: a partir das **19h00** (entrada)

**ENCONTRO DE CULTURAS**  
JERICÓ E FOZ DO IGUAÇU

10.000 anos de história  
Presença do Embaixador da Palestina Ibrahim Alzeben e do Prefeito de Jerico Hasan Hussein Saleh  
Dia 24 de abril às 19h30  
Sala de Exposição Antônio Cabral de Mendonça Fundação Cultural

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU**  
Secretaria Municipal de Assistência Social

0. Fundação Social, criada em Foz de Iguaçu, para atender às necessidades de assistência social, desenvolvimento comunitário e promoção da cidadania, através de projetos sociais, culturais, esportivos, educacionais e de lazer, visando a melhoria de vida da população em situação de vulnerabilidade social, com ênfase na promoção da cidadania, inclusão social, geração de emprego e renda.

**União**  
Associação Cultural e Comunitária

الإتحاد العربي  
الجمعية الثقافية والتربوية  
شارك إندسة الحياة، بفرحة مشاركة وإفطار الكرمي الذي يجمعنا  
يوم الأمل وروح الحركة العظمى  
الزمان: 09:30 - Av. 26, 1872  
Quarta-feira 21/03/2012 às 10:00 hrs  
الرجاء: رواد و مستأجر الأبنية  
RS 45,00

**JINAD M. ABOU GHOUHE**

**Fale árabe em 20 lições**

Veja 2 CDs com a proposta das palestras em árabe

**DIRIAL**

**Curso de Árabe**

Venha aprender sobre a cultura árabe!  
conversação, leitura, escrita, cultura e tradições.  
Turmas especiais para crianças, jovens e adultos.  
ensino bilíngue inclusivo.

**COLÉGIO BERTONI**  
Rua Angel Bertoni, 2.226, Centro  
Foz de Iguaçu / PR - CEP 80881-150



**31 anos O ISLAM**

Professor **Issmail Salimo**  
O Centro Cultural Beneficente Islâmica de Foz tem novos horários de aulas com Professor Issmail Salimo e Chaikh Abo Nasser

Masjid el Nabi na Mesquita de Foz

**Atenção:**  
Convidamos a todos para que façam aulas na mesquita, de língua árabe e religião com nosso querido Professor Issmail Salimo, sábado às 19h30 na Mesquita de Foz e poderemos abrir novas turmas sua interessada.  
telefone: 25731128

Site: [www.ccbf.org.br](http://www.ccbf.org.br)







**ANEXO 14**

Questionário geral para geração de dados

**INFORMAÇÕES GERAIS – PARTICIPANTES DA PESQUISA**

<b>NOME COMPLETO</b>	
<b>NOME FICTÍCIO</b>	
<b>DATA E LOCAL DE NASCIMENTO</b>	
<b>TELEFONE(S) FIXO(S)</b>	
<b>TELEFONE(S) CELULAR(ES)</b>	
<b>E-MAIL</b>	
<b>ESTADO CIVIL</b>	
<b>PAÍS DE ORIGEM DO CÔNJUGE</b>	
<b>NÚMERO DE FILHOS</b>	
<b>IDADE DOS FILHOS</b>	
<b>PAÍS DE ORIGEM DO PAI</b>	
<b>ANO DE IMIGRAÇÃO DO PAI PARA O BRASIL</b>	
<b>PAÍS DE ORIGEM DA MÃE</b>	
<b>ANO DE IMIGRAÇÃO DA MÃE PARA O BRASIL</b>	
<b>JÁ VISITOU OU MOROU NO PAÍS DE ORIGEM? QUANTO TEMPO?</b>	
<b>SE NÃO É DE FOZ, HÁ QUANTOS ANOS MORA AQUI.</b>	
<b>SUA(S) PRIMEIRA(S) LÍNGUA (S)</b>	

**LÍNGUAS QUE VOCÊ...**

<b>FALA</b>	<b>POUCO</b>	<b>RAZOAVELMENTE</b>	<b>BEM</b>

<b>COMPREENDE (ORALMENTE)</b>	<b>POUCO</b>	<b>RAZOAVELMENTE</b>	<b>BEM</b>


<b>LÊ</b>	<b>POUCO</b>	<b>RAZOAVELMENTE</b>	<b>BEM</b>

<b>ESCREVE</b>	<b>POUCO</b>	<b>RAZOAVELMENTE</b>	<b>BEM</b>

**DISPONIBILIDADE NA PRÓXIMA SEMANA PARA ENCONTROS COLETIVOS:**

<b>HORÁRIOS</b>	<b>DOMINGO (28/04)</b>	<b>SEGUNDA (29/04)</b>	<b>TERÇA (30/04)</b>	<b>QUARTA (01/05) [FERIADO]</b>	<b>QUINTA (02/05)</b>	<b>SEXTA (03/05)</b>
8h-10h						
10h-12h						
12h-14h						
14h-16h						
16h-18h						
18h-20h						
20h-22h						

Muito obrigada!